

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
MARIA VALERIA ESPINOS GUERRA MARTINS

STAN LEE, MARVEL E A CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO:
memória, dinâmicas midiáticas e a interpretação do fandom brasileiro

São Paulo
2025

MARIA VALERIA ESPINOS GUERRA MARTINS

STAN LEE, MARVEL E A CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO:
Memória, dinâmicas midiáticas e a interpretação do fandom brasileiro

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora,
como exigência para a obtenção do título de Doutora
do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área
de concentração em Comunicação Audiovisual da
Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da
Profa. Dra. Maria Ignês Carlos Magno.

São Paulo

2025

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UAM
Com os dados fornecidos pela autora

M344s Martins, Maria Valeria Espinos Guerra

Stan Lee, Marvel e a Construção de um legado: memória,
dinâmicas midiáticas e a interpretação do fandom brasileiro /
Maria Valeria Espinos Guerra Martins – 2025.

231f.: 30 cm.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Igues Carlos Magno.

Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Anhembí
Morumbi, São Paulo, 2025.

Bibliografia: f. 227-231.

1. Comunicação. 2. Memória Coletiva. 3. Stan Lee. 4. Marvel. 5. Legado.
6. Fandom. I. Título.

CDD 302

Bibliotecária Iara Neves CRB 8/8799

MARIA VALERIA ESPINOS GUERRA MARTINS

STAN LEE, MARVEL E A CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO:
Memória, dinâmicas midiáticas e a interpretação do fandom brasileiro

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora,
como exigência para a obtenção do título de Doutora
do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área
de concentração em Comunicação Audiovisual da
Universidade Anhembi Morumbi.

Prof. Dra. Maria Ignês Carlos Magno

Prof. Dra. Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Prof. Dr. Matheus Tagé Veríssimo Ribeiro

Prof. Dr. José Augusto Mendes Lobato

Prof. Dr. Rogério Ferraraz

São Paulo

2025

Para meus amores João, Paloma, Isabela, Camila e Antonio

Para minha mãe Maykar Guerra, minha super-heroína

Para meu pai Antonio Carlos Martins (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Quando entrei no doutorado, na primeira aula de recepção aos calouros, a Profa. Dra. Laura Canepa, então coordenadora do PPGCOM disse: comecem a escrever... comecem pelos agradecimentos para não esquecer de nada! Rascunhei os agradecimentos e guardei até este momento. Entrei no doutorado em plena pandemia da COVID-19. As primeiras vacinas começariam em janeiro daquele ano (2021). Passamos a viver em isolamento, assolados por notícias de morte, e a única certeza era a incerteza de sobrevivermos àquela situação. Por muitas vezes, me questionei se aquele seria o momento propício e se que eu conseguiria elaborar uma pesquisa significativa na área de estudos de comunicação.

E nas palavras encorajadoras da minha família, encontrei a motivação necessária para começar e não desistir ante as adversidades que se apresentariam, e não foram poucas!

À Paloma, meu amor, com seu olhar voltado para o futuro e cheio de esperança. Torço para que você seja uma grande pesquisadora e continue esta pesquisa de onde eu parei. E a você, Isabela, meu anjo, sua determinação me desafia a ser melhor e, sim, os “heróis podem enfrentar e superar desafios”.

João, meu eterno parceiro, confidente, mentor e amor da minha vida, agradeço por estar sempre ao meu lado, nos bons e nos maus momentos. Você segurou as pontas e me blindou da melhor forma que foi possível. Obrigada por assistir a todos os filmes da Marvel comigo e ficar atento a todas as notícias que saíam sobre lançamentos de livros, franquias e assinar o canal da Disney.

À minha mãe, Maykar Guerra, agradeço por cada abraço, por cada palavra de incentivo e por todo o amor em todas as nossas conquistas. Sua dedicação e seu exemplo de coragem me inspiraram a seguir adiante, mesmo nos dias mais que o medo é maior que a esperança. Obrigada por ser meu porto seguro, minha melhor conselheira e minha maior fã – sem você, eu não teria voado tão longe.

Ao meu pai Antonio Carlos, que já partiu, minha gratidão por me inserir no universo mágico das HQs. Minha irmã Luciana Guerra e a sua enorme torcida diária, agradeço por ter permanecido ao meu lado nos momentos mais tensos.

Ao meu neto Antonio, sua vinda me fez entender que precisaria ser a vovó mais descolada e antenada para ajudar a sua mamãe a lhe preparar para um mundo que vem cheio de “inteligências e de máquinas”, que jamais superarão a magia das boas histórias!

Meu primo Alexandre Martins, que durante esse tempo todo, refrescou a minha memória com as nossas aventuras na casa da minha bisavó. Stan Lee, sua vida me inspirou apesar de me sentir assombrada em sonhos, enquanto pesquisava a sua vida em seu acervo e você aparecia e me mandava “corrigir as coisas erradas”. Valeu pelas noites de insônia!

Minha gratidão também aos amigos e irmãos de coração, Flavia Waeny, Samantha Jones, Alciney Cautela, Anna Beatriz Cautela, Soraia Lima, Cristina Calligaris, Humberto Massareto, Humberto Maciel, Aldo Brunhara, Lafaiete Martins, Fred Pacheco, Daniel Galvão. Obrigada por segurarem a minha mão e não me deixarem desistir! André Azenha, por me apresentar ao Eduardo Pereira e ao Alexandre Morgado, que me ajudaram a conhecer mais sobre o universo da Marvel e abriram as portas dos fandoms.

Aos meus amigos de jornada, Celso Ronald, Júnior Parollo, Juliana Santoros Miranda, Vera Lucia Vieira – que escutaram todos os meus desabafos diários. Isac Chateaufneuf, Stephanie Watanabe, obrigada pelas longas conversas que me acalmavam sempre que eu entrava em pânico, quando as coisas pegaram fogo no final da escrita. Márcia Dias, que foi uma guerreira revisando esta tese e, claro, aos demais colegas do PPGCOM pelas risadas e piadas.

Toda a minha gratidão aos meus queridos orientadores, Prof. Dr. Daniel Gambaro e Prof.^a Dr.^a Nara Lya Scabin, que não estão mais no programa, mas me guiaram, cada um a seu modo, no início deste projeto. A minha amada Prof.^a Dr.^a Maria Ignês Carlos Magno, obrigada por me resgatar em todos os sentidos! Você é a minha musa inspiradora e sempre será! Com você aprendi as melhores lições de vida sobre humanidade e generosidade acadêmica e pessoal. Você nunca soube, mas, com uma espécie de sincronia fina, sempre me mandava um “oi” nos momentos que a aflição e o medo bateram à minha porta, dando-me esperanças com suas palavras carinhosas.

Aos queridos Prof. Dr. Rogério Ferraraz, Prof.^a Mônica Rebeca Ferrari Nunes, Prof. Dr. Matheus Tagé Verissimo Ribeiro e Prof. Dr. José Augusto Mendes Lobato expresso minha gratidão pela generosidade e pelo tempo investido na avaliação deste trabalho.

À Nossa Senhora de Fátima, Sua presença me lembrou, em cada passo, que os maiores desafios podem ser enfrentados com humildade, coragem e fé.



Fonte: https://www.instagram.com/p/DI_uibTLAP/

A definição de um herói é alguém que se preocupa com o bem-estar dos outros e se esforça para ajudá-los, mesmo que não haja nenhuma chance de recompensa. Aquele que ajuda os outros simplesmente porque deve ou precisa ser feito, e porque é a coisa certa a fazer, é, de fato, sem dúvida, um verdadeiro super-herói. (Stan Lee)

RESUMO

Este estudo investiga como o legado de Stan Lee, criador emblemático da Marvel Comics, é apropriado, ressignificado e disseminado pelo fandom brasileiro em ambientes digitais. A pesquisa parte do pressuposto de que a figura de Stan Lee transcendeu sua condição de autor para se tornar um ícone cultural global, cuja memória é constantemente negociada por fãs, plataformas midiáticas e corporações como a Disney. O objetivo central é compreender os processos comunicacionais e simbólicos que estruturam essa construção e seus desdobramentos na cultura midiática contemporânea. Trata-se de um estudo de caráter interdisciplinar, ancorado nos campos dos estudos culturais, da memória social e das práticas digitais. A metodologia adotada foi a triangulação, articulando três abordagens: (1) análise documental do acervo de Stan Lee na Universidade de Wyoming, com foco na construção histórica de sua persona pública; (2) *survey* aplicado a mais de mil fãs brasileiros, visando identificar percepções, práticas culturais e padrões de identificação com o universo Marvel; e (3) *social listening* em plataformas como X (antigo Twitter), Instagram e YouTube, mapeando homenagens, debates e conteúdos espontâneos relacionados à figura de Lee. Os resultados apontam que a memória de Stan Lee é amplificada por meio de estratégias narrativas que associam sua imagem a valores afetivos e éticos, alimentando um *ethos* que ultrapassa sua atuação criativa original. As redes sociais funcionam como espaços dinâmicos de produção de sentido, onde o fandom brasileiro atua como cocriador, reinterpretando o legado do autor a partir de experiências culturais próprias. A atuação da Disney, por sua vez, contribui para a padronização e globalização dessas narrativas, ainda que permita ressignificações locais. Elementos como a nostalgia, os memes e os *cameos* se destacam como dispositivos afetivos e narrativos centrais nesse processo. A principal conclusão é que o legado de Stan Lee constitui um fenômeno de memória em disputa, no qual se entrecruzam mediações institucionais, afetos coletivos e práticas de recepção criativa. Ao articular passado e presente por meio de tecnologias digitais, o estudo contribui para o entendimento das dinâmicas culturais da contemporaneidade e para o aprofundamento das reflexões sobre memória, fandom e comunicação nas sociedades midiaticizadas.

Palavras-chave: memória coletiva; Stan Lee; Marvel; legado; fandom.

ABSTRACT

This study investigates how the legacy of Stan Lee, the emblematic creator of Marvel Comics, is appropriated, reinterpreted, and disseminated by Brazilian fandom within digital environments. It assumes that Stan Lee's figure has transcended the status of author to become a global cultural icon, whose memory is constantly negotiated by fans, media platforms, and corporations such as Disney. The central objective is to understand the communicational and symbolic processes underlying this construction and its unfolding in contemporary media culture. This is an interdisciplinary study, grounded in the fields of cultural studies, social memory, and digital practices. The adopted methodology was triangulation, integrating three complementary approaches: (1) documentary analysis of Stan Lee's archive at the University of Wyoming, focusing on the historical construction of his public persona; (2) a *survey* conducted with over one thousand Brazilian fans, aiming to identify perceptions, cultural practices, and patterns of identification with the Marvel universe; and (3) *social listening* on platforms such as X (formerly Twitter), Instagram, and YouTube, mapping tributes, debates, and spontaneous content related to Lee's figure. The findings indicate that Stan Lee's memory is amplified through narrative strategies that associate his image with affective and ethical values, reinforcing an ethos that surpasses his original creative role. Social media platforms operate as dynamic spaces of meaning-making, where Brazilian fans act as co-creators, reinterpreting Lee's legacy through their own cultural experiences. Disney's influence contributes to the global standardization of these narratives, while still allowing for local reappropriations. Elements such as nostalgia, memes, and *cameos* stand out as central affective and narrative devices in this process. The study concludes that Stan Lee's legacy constitutes a contested field of memory, shaped by institutional mediations, collective affections, and practices of creative reception. By articulating past and present through digital technologies, this research contributes to a broader understanding of contemporary cultural dynamics and advances theoretical reflections on memory, fandom, and communication in mediatized societies.

Keywords: collective memory; Stan Lee; Marvel; legacy; fandom.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AHC	American Heritage Center
CEO	Chief Executive Officer
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CGI	Comitê Gestor da Internet no Brasil
CONEP	Conselho Nacional de Pesquisa
DIY	Do It Yourself (Faça Você Mesmo)
DOS	Disk Operating System (Sistema Operacional em Disco)
ETHOS	Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social
EUA	Estados Unidos da América
HQ	História em quadrinho
IP	Internet Protocol
LGBTQ	Lésbicas Gays Bissexuais Trans Queer
LGBTQIA	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexual, assexual e outros
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
MCU	Marvel Cinematic Universe
NY	Nova York
OS	Operating System
PLN	Processamento de Linguagem Natural
ROI	Retorno de Investimento
SLM	Stan Lee Media
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TV	Televisão
UCM	Universo Cinematográfico Marvel
USA	United States of America

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Troca de correspondências entre o pesquisador Arthur Asa Berger e Stan Lee (1974).....	24
Figura 2 – Jornal Village Voice 1º de abril de 1965	27
Figura 3 – Recorte de Jornal de 1968.....	32
Figura 4 – Primeira capa do Homem-Aranha (1962).....	33
Figura 5 – Matéria no NY Herald Tribune.....	34
Figura 6 – Stan Lee SoapBox.....	35
Figura 7 – Venda de quadrinhos da Marvel Comics (1964–1968)	39
Figura 8 – Stan Lee quando bebê (1923).	41
Figura 9 – Stan Lee no exército americano, onde era conhecido como “Playwright”	42
Figura 10 – Stan Lee e seu irmão Larry – aproximadamente 1953.....	43
Figura 11 – Stan e Joan Lee – 1950	44
Figura 12 – Captain America Comics #3, maio de 1941	47
Figura 13 – Carta de pai de criança para Stan.....	57
Figura 14 – Carta de fã.....	58
Figura 15 – Fotografia do acervo físico no American Heritage Center	59
Figura 16 – Mudança do visual de Stan Lee ao longo da década de 1967 a 1977 – quando sua imagem se consolida como o rosto da Marvel.	61
Figura 17 – Stan Lee dentro do acervo da Universidade	67
Figura 18 – Print da página da Universidade de Wyoming – Acervo de Stan Lee	67
Figura 19 – Detalhe do Acervo de Stan Lee	68
Figura 20 – Carta de Gene Gressley para Stan Lee e a primeira entrada de Stan Lee no AHC, 16/11/1978.	69
Figura 21 – Carta de Stan Lee para Gene Gressley, 1982. Coleções do American Heritage Center, Universidade de Wyoming.....	71
Figura 22 – Artigo de jornal sobre Stan Lee, “Lee belies comic’s image”	75
Figura 23 – Entrevistas com Stan Lee em jornais de época	77
Figura 26 – Ethos desenvolvido por Maingueneau	80
Figura 27 – Adaptação ao Ethos proposto por Maingueneau – Estrutura do Ethos e Incorporação (Modelo para Stan Lee)	82
Figura 26 – Franquias duradouras destacam nossa poderosa propriedade intelectual (IP) e capacidades únicas de monetização.....	87
Figura 27 – Fantastic Four No. 10 (1963).....	94
Figura 28 – Fantastic Four Annual #3 (1965).....	95
Figura 29 – What If? #11 (1978).....	97
Figura 30 – Stan Lee Meets Doctor Doom	99
Figura 31 – Conjunto de <i>cameos</i> de Stan Lee	104
Figura 32 – Análise de Sentimento em relação aos <i>Cameos</i> de Stan Lee 9 Aug 2024 - 15 Aug 2024.....	110
Figura 33 – Triangulação metodológica utilizada na pesquisa.	129
Figura 34 – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado na aplicação do <i>survey</i>	133
Figura 35 – Pavitr Prabhakar em Homem-Aranha: Através do Aranhaverso	147
Figura 36 – Tokio Comic Com – 2024	148
Figura 37 – MCM London Comic Con	149
Figura 38 – Bloco do super-heróis em Olinda	151
Figura 39 – Análise de Sentimento por Mídia Social (menções).....	164
Figura 40 – Legado de Stan Lee– Vídeo no Youtube	166
Figura 41 – Thread de Brasileiro no X.....	167
Figura 42 – Repercussão crítica à diversidade nos quadrinhos.....	168
Figura 43 – Meme visual exaltando Stan Lee como criador de lendas	169
Figura 44 – Comentário afetivo relacionando Stan Lee aos personagens do MCU	169

Figura 45 – Divulgação de HQ biográfica sobre Stan Lee.....	170
Figura 46 – Tweet memorial de Stan Lee viralizado após sua morte	171
Figura 47 – Nuvem de palavras sobre Stan Lee nas redes sociais brasileiras	172
Figura 48 – Repercussão de fã	176
Figura 49 – Quantidade e discussões no YouTube	178
Figura 50 – Conteúdos populares sobre Stan Lee	179
Figura 51 – Distribuição por idade e gênero	185
Figura 52 – Fãs de Stan Lee	188
Figura 53 – Faixa Etária/Gênero de Stan Lee	190
Figura 54 – Escala de fãs por região.	191
Figura 55 – Interação com Stan Lee por mídia	192
Figura 56 – Interação com Stan Lee por mídia/filmes e séries da Marvel	192
Figura 57 – Efetividade das adaptações de Lee para as novas gerações	194
Figura 58 – Relevância do Legado de SL na cultura Pop	195
Figura 59 – Preservação da Memória de Lee como parte da história cultural global.	196
Figura 60 – Contribuição de Lee para diversidade e inclusão na cultura pop.....	198
Figura 61 – Nuvem de palavras sobre Percepções sobre Stan Lee.	202
Figura 62 – Quanto você se considera fã da Marvel.	208
Figura 63 – Fãs da Marvel por faixa etária	209
Figura 64 – Comparação das médias de identificação.	210
Figura 65 – Satisfação com as Adaptações	214
Figura 66 – A Marvel mantém-se fiel aos ideais e visões originais de Stan Lee.	217
Figura 67 – A Marvel mantém-se fiel aos ideais e visões originais de Stan Lee	218
Figura 68 – Intenção de compra item colecionável de Stan Lee.....	220

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Aparições – <i>cameos</i> de Stan Lee	107
Tabela 2 – Distribuição por faixa etária da amostra.....	156
Tabela 3 – <i>Ranking</i> das principais plataformas.....	158
Tabela 4 – Temas mais discutidos no X.....	180

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise de Sentimento em relação aos <i>cameos</i> de Stan Lee 9 aug 2024 - 15 aug 2024	109
Quadro 2 – Comparativo entre plataformas e sentimentos de fãs	165

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
PARTE 1 – FRAGMENTOS DA MEMÓRIA	21
1 FRAGMENTOS DE MEMÓRIA	22
1.1 COMPREENDENDO A CULTURA POP SOB A LENTE DOS ESTUDOS CULTURAIS.....	23
1.1.1 Principais perspectivas teóricas sobre cultura	24
1.1.2 Contracultura: resistência à tecnocracia	25
1.1.3 Cultura de massa, cultura pop e o imaginário dos anos 1960.....	29
1.2 O SURGIMENTO DA MARVEL COMICS E STAN LEE	30
1.2.1 A Marvel e os dilemas dos anos 1960	31
1.2.1.1 Mudanças corporativas e impactos na Marvel	36
1.2.1.2 A Marvel e a relação com a contracultura	38
1.2.2 A construção da persona Stan Lee: figura pública, contradições privadas	40
1.2.2.1 Conflitos e tensões familiares.....	45
1.2.2.2 Stan Lee - a persona midiática.....	46
1.2.3 Stan sem Marvel: a persona e as disputas simbólicas	48
1.3 MEMÓRIA E PERFORMANCE NAS REDES: DISPUTAS SIMBÓLICAS EM TORNO DO LEGADO DE STAN LEE	52
1.3.1 A memória e seu papel na cultura midiática	53
1.3.1.1 Memória social e coletiva.....	54
1.3.1.2 Memória cultural e afetiva.....	56
1.3.2 Acervo de Stan Lee	59
1.3.2.1 Stan Lee entre a autolegitimação e a disputa por memória	61
1.3.2.2 Stan Lee e o American Heritage Center	65
1.3.3 A construção midiática de Stan Lee	73
1.3.3.1 A construção do mito.....	77
1.3.3.2 A construção do <i>ethos</i> discursivo	79
1.3.3.3 A tensão entre estratégia e memória cultural.....	83
1.4 O LEGADO CULTURAL DE STAN LEE: ENTRE O PASSADO E O FUTURO	85
1.4.1 Os 85 anos da Marvel Comics.....	86
1.4.2 O universo cinematográfico da Marvel – MCU	88
1.4.3 A adaptação das histórias em quadrinhos no cinema	89
1.4.3.1 A tensão entre fidelidade e inovação nas adaptações	91
1.4.4 <i>Cameos</i> de Stan Lee	93
1.4.4.1 Das páginas das HQs para a MCU	100
1.4.4.2 <i>Cameos</i> como reforço cultural.....	105
1.4.4.3 Análise da dinâmica emocional dos <i>cameos</i>	108
1.4.5 A marca de Stan Lee: tributo ou exploração comercial?	112
1.5 A RELAÇÃO DISNEY-MARVEL	115
1.5.1 Transformações estruturais e a lógica do investimento cultural.....	116
1.5.2 Disneyficação e as tensões criativas do MCU	118
1.5.3 A nostalgia como motor simbólico e mercadológico	120

PARTE 2 - ECOS DIGITAIS	123
2 ECOS DIGITAIS	124
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	126
2.1.1 Pesquisa documental: análise do acervo de Stan Lee	129
2.1.2 <i>Social listening</i> - análise de redes sociais com <i>YouScan</i>	130
2.1.2.1 Ferramenta utilizada	130
2.1.2.2 Análise dos dados coletados nas redes sociais	131
2.1.3 <i>Survey</i> (quantitativo-descriptivo)	132
2.1.4 TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	133
2.1.5 Aplicação e distribuição do <i>survey</i>	134
2.1.5.1 Estrutura do questionário	135
2.1.6 Análise qualitativa	136
2.1.7 Análise quantitativa	137
2.1.8 Apresentação geral dos resultados	138
2.2 OS FANDOMS E SEU IMPACTO CULTURAL	139
2.2.1 A evolução dos fandoms: da margem ao centro cultural	140
2.2.2 Fandoms como espaços de mediação cultural e participação simbólica	142
2.2.3 Práticas globais do Marvel Fandom: memória, performance e convergência	144
2.2.4 Geografias do Fandom Marvel	147
2.2.5 O fandom brasileiro da Marvel: afetos, apropriação e a reinvenção do legado	150
2.3 ECOS DIGITAIS E O <i>SOCIAL LISTENING</i>	153
2.3.1 Recepção cultural e percepção dos fãs brasileiros nas mídias sociais	154
2.3.2 Análise de sentimento	164
2.3.3 Conteúdos virais de Stan Lee nas mídias sociais	174
2.3.4 Detalhamento das análises por tipo de plataforma	177
2.3.5 Análise global do <i>social listening</i>	181
2.4 ECOS DIGITAIS – ANÁLISES QUANTITATIVAS DA <i>SURVEY</i>	183
2.4.1 Análise sociodemográfica	184
2.4.2 Análise do Bloco 2 - personalidade midiática de Stan Lee	187
2.4.3 Análise do bloco 3 - sobre a Marvel e a MCU	207
2.4.4 Análise do bloco 4 - sobre Stan Lee e o seu legado na Marvel	215
CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
REFERÊNCIAS	225

INTRODUÇÃO

Nasci e cresci na década de 1970, uma época em que o Brasil vivia sob a Ditadura Militar, um período marcado por desafios e restrições que moldaram profundamente o cotidiano das pessoas. As brincadeiras e os momentos de lazer eram restritos. Alguns dos meus momentos favoritos eram preenchidos com gibis e desenhos animados. No porão da casa da minha bisavó, havia uma caixa de papelão com gibis do Tio Patinhas e da Marvel, que foram do meu pai e dos meus primos — uma espécie de relíquia que se tornou parte doce da minha infância.

Naquele tempo, os gibis da Marvel eram vistos como “gibis de meninos”, e meninas raramente os liam, sendo mais incentivadas a consumir histórias da Disney ou narrativas voltadas a um público considerado feminino. Mesmo assim, eu me encantava com as aventuras de super-heróis como Homem-Aranha, Namor e Hulk, além de heroínas como Mulher-Maravilha e Poderosa Isis, que também estavam presentes nos desenhos animados transmitidos pela então moderna TV colorida. Nos gibis, havia também a Turma da Mônica, mas eu não gostava da ideia de ser comparada a ela. Eu definitivamente preferia os heróis! Essa preferência, de alguma forma, moldou meu imaginário e minha visão sobre as possibilidades de representação.

Às vezes, eu me sentia uma heroína de verdade: subia em muros, tentava voar e, claro, vivia me machucando. Mas era um universo fascinante, no qual cada pessoa, mesmo com suas falhas, podia ser uma super-heroína. Anos mais tarde, já adulta, reencontrei Stan Lee, um dos criadores daqueles personagens que tanto marcaram minha infância. Gostava daquele “velhinho” e de suas falas, sempre conectadas às transformações do mundo no pós-guerra, ao tempo em que ele se consolidava como ícone midiático.

Quando Stan Lee faleceu, em novembro de 2018, senti um vazio simbólico. Sua partida provocou uma onda global de homenagens, que destacaram sua influência cultural: “Stan era um super-herói quando se tratava de criar grandes personagens e contar histórias memoráveis”, afirmou Bob Iger, CEO da Disney. “Stan foi um visionário cuja paixão pela arte e por contar histórias deixou um impacto duradouro na cultura pop e no entretenimento”, acrescentou Clark Gregg, ator de uma série de TV da Marvel. Mark Hamill, de Star Wars, confessou nunca ter superado a influência de Lee; Sana Amanat, editora da Marvel Comics, chamou-o de um dos pais fundadores da mitologia americana (*apud* Riesman, 2021, p. 15).

Naquele momento, concordei com essas falas, pois elas refletiam o impacto emocional e cultural que Lee exerceu sobre minha geração. Para muitos, ele foi mais do que um contador de histórias, tornou-se a personificação de sonhos e aspirações. Mas, por trás da lenda, havia

um homem. Um homem imperfeito, com medos, contradições e angústias. Alguém bem distante da imagem inspiradora que ele mesmo ajudou a construir e a manter, muitas vezes com um controle quase obsessivo, até a morte de sua esposa Joan.

Como, então, Stan Lee conseguiu equilibrar a figura carismática com a fragilidade do indivíduo Stanley Martin Lieber? A pergunta ecoa com mais força quando lemos Larry Lieber, seu irmão, que não compareceu ao funeral, e encerra sua participação no livro de Riesman (2021, p. 348) com a frase: “Quando a lenda se torna realidade, publique a lenda.” A partir dessa afirmação, passei a refletir sobre o processo de construção midiática de Stan Lee. Como ele usou a mídia tradicional para criar essa imagem e gerar tantas memórias durante décadas? Quem se beneficiou de quem? Como se deu a separação entre o homem e a figura midiática durante tanto tempo?

Essa inquietação é o ponto de partida desta tese. Trata-se de investigar como o legado de Lee foi construído, consolidado e, mais recentemente, ressignificado pelo fandom brasileiro em um contexto de transformações digitais, onde memórias culturais são reconfiguradas a cada interação *on-line*.

A hipótese central é que o legado de Stan Lee, mediado por suas criações e pela persona midiática que cultivou, é continuamente reinterpretado. Esse processo vai além do consumo: envolve participação ativa e criativa dos fãs e dos conteudistas que administram as memórias oficiais de Lee, revelando uma dinâmica onde identidade, cultura e plataformas se entrelaçam.

Como garantir a imparcialidade de uma pesquisadora que também é fã? Como capturar de forma confiável a percepção do fandom brasileiro sobre Stan Lee e o universo Marvel? Essas reflexões me levaram a buscar abordagens metodológicas que equilibrassem o rigor analítico e o engajamento emocional. Inspirada por autores como Bukatman (2011) e LaMarre *et al.* (2011), que reconhecem o entusiasmo como ponto de partida legítimo, adotei a triangulação metodológica como estratégia.

A pesquisa foi estruturada em três etapas complementares: (I) Análise documental: acervo de Stan Lee na Universidade de Wyoming, (II) *Social listening*¹: interações em redes sociais (X, Instagram, YouTube) e (III) *Survey*²: 1.050 fãs brasileiros.

¹ *Social listening* refere-se ao monitoramento sistemático de interações, menções e tendências em redes sociais, a fim de identificar padrões discursivos e percepções sobre temas, marcas ou personalidades. O uso do termo em inglês também se justifica por sua consolidação como conceito técnico amplamente reconhecido em pesquisas nacionais e internacionais.

² *Survey* é uma técnica de pesquisa quantitativa baseada na aplicação de questionários estruturados, com o objetivo de coletar dados sobre comportamentos, opiniões ou características de um grupo de indivíduos. O termo foi mantido em inglês por se tratar de uma expressão consagrada no campo acadêmico e no mercado internacional.

A articulação desses dados possibilitou compreender como memórias e narrativas de Stan Lee continuam sendo ativadas e disputadas nas plataformas digitais. A abordagem triangulada também permite aplicar a proposta a outros objetos semelhantes.

A tese divide-se em duas partes: "Fragmentos de Memória" e "Ecos Digitais", cujos capítulos, com os ajustes conceituais e teóricos solicitados pela banca assim se apresentam:

Parte 1 - Fragmentos de Memória

Na Parte 1, investiga-se a construção simbólica de Stan Lee a partir do entrelaçamento entre sua trajetória biográfica e sua projeção pública como persona midiática.

Seção 1.1 – Compreendendo a cultura pop sob a lente dos estudos culturais: contextualiza-se o surgimento da Marvel Comics, abordando as transformações culturais da década de 1960 e discutindo os conceitos de cultura e a emergência dos quadrinhos como linguagem.

Seção 1.2 – O surgimento da Marvel Comics e Stan Lee: separa-se o homem do mito, enfocando a vida pessoal de Stanley Lieber e as estratégias de midiaticização empregadas para consolidar a figura pública de Stan Lee.

Seção 1.3 – Memória e performance nas redes: disputas simbólicas em torno do legado de Stan Lee: apresentam-se as relações entre memória, *ethos* e cultura midiática, examinando como arquivos, biografias e discursos construíram uma imagem idealizada do autor.

Seção 1.4 – O legado cultural de Stan Lee: entre o passado e o futuro: analisam-se as adaptações cinematográficas da Marvel e os mecanismos de consagração simbólica de Stan Lee, com destaque para os *cameos* como dispositivos afetivos e metalinguísticos.

Seção 1.5 – A relação Disney-Marvel: analisa-se essa relação destacando-se como a aquisição da editora reconfigurou sua estrutura simbólica e narrativa. A partir do conceito de “disneyficação”, discute-se a padronização criativa do MCU e o uso estratégico da nostalgia como ferramenta de mercado. O capítulo evidencia as tensões entre lógica corporativa e memória cultural no processo de ressignificação do legado de Stan Lee.

Parte 2 – Ecos Digitais

Na Parte 2, o foco desloca-se para a recepção contemporânea.

Seção 2.1 – Procedimentos metodológicos: apresenta-se o detalhamento dos métodos e ferramentas utilizados para o desenvolvimento desta tese da pesquisa documental às análises.

Seção 2.2 – Os fandoms e seu impacto cultural: investiga-se o comportamento do fandom brasileiro e suas práticas identitárias em torno do legado de Lee.

Seção 2.3 – Ecos digitais e o *social listening*: analisa-se a ressignificação de narrativas nas redes sociais, explorando como memes, homenagens e debates moldam a memória coletiva; e os resultados do *social listening*, destacando-se os padrões emergentes nas interações digitais.

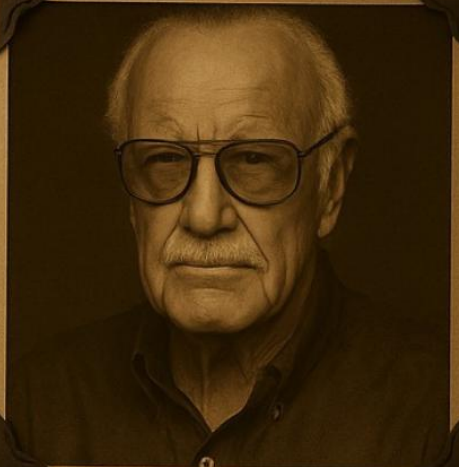
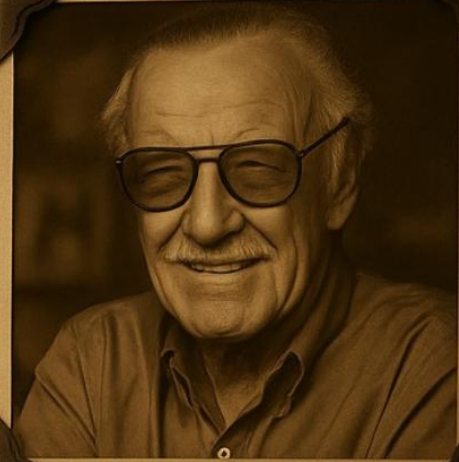
Seção 2.4 – Análises quantitativas da *survey*: apresentam-se as análises sociodemográficas, da personalidade de Stan Lee, da relação Marvel e MCU e do legado de Stan Lee.

Ao articular memória cultural, narrativas midiáticas e práticas digitais, esta tese contribui para ampliar a compreensão sobre como figuras midiáticas como Stan Lee são construídas, apropriadas e ressignificadas por diferentes audiências. A originalidade desta investigação reside em sua abordagem interdisciplinar, que conecta teoria da memória, estudos culturais e metodologias digitais aplicadas a um objeto empírico ainda pouco explorado no Brasil. O uso inédito do acervo de Stan Lee na Universidade de Wyoming, aliado à triangulação metodológica envolvendo *survey*, análise documental e *social listening*, posiciona esta pesquisa como uma contribuição relevante e inovadora para o campo da comunicação e dos estudos de cultura pop. Não foram identificadas pesquisas similares nas bases ProQuest, Scopus e Web of Science, o que reforça seu caráter pioneiro no que se refere à análise da recepção de Stan Lee pelo fandom brasileiro no contexto das redes sociais digitais.

Cada capítulo é um convite para compreender uma época através da vida de um homem que, ao longo de sua trajetória, se tornou sinônimo da cultura pop. Explorar sua história é ir além de conhecer os detalhes de sua existência, trata-se de entender como suas escolhas e legado ajudaram a moldar o imaginário coletivo de gerações. Em última análise, como sempre digo para meus alunos, a ideia é revisitar o passado, refletir sobre o presente e, quem sabe, sonhar como esta construção pode nos ajudar a transformar no futuro. E, como o próprio Stan diria, com sua característica empolgação: “Excelsior!”

Parte 1

I want to tell you a story.. In fact, I've spent my life telling stories: some were suspenseful, some humorous, some uplifting and others pensive. But there's always one story I've saved for last, the one that will pull all the others together and make sense of them one day.. - Stan Lee



FRAGMENTOS DA MEMÓRIA

1 FRAGMENTOS DE MEMÓRIA

O termo “fragmentos de memória” é empregado aqui para ilustrar a busca por peças dispersas de um passado que, embora repleto de significado, permanece em grande parte oculto ou negligenciado. Esses fragmentos não são apenas vestígios de uma história incompletamente registrada ou preservada, eles constituem tentativas de reconstrução que, ao serem revividas, revelam novas conexões e interpretações possíveis.

Vasculhar o passado de Stan Lee é como montar um quebra-cabeça cujas peças, por vezes extraviadas no tempo, ao serem reencontradas e articuladas, compõem uma imagem mais densa e multifacetada de sua relevância cultural. Essa busca ultrapassa o campo do resgate histórico: trata-se de reviver e reimaginar a presença de Lee, atualizando sua trajetória à medida que novas gerações se apropriam de sua obra.

Os “fragmentos de memória” não são meramente registros de um tempo que passou — eles ressoam no presente, permitindo que se mantenha vivo o legado de Stan Lee por meio de sua reinterpretação e recontextualização em diferentes tempos e culturas. Mais do que isso, oferecem a oportunidade de refletir sobre como o impacto de sua obra transcende o seu tempo, ecoando de forma persistente na cultura pop e nas narrativas contemporâneas que seguem sendo configuradas por sua visão criativa.

Tais fragmentos evidenciam não apenas Stan Lee como criador e ícone cultural, mas também a maneira como sua trajetória se articulou com as conjunturas históricas e socioculturais de sua época, influenciando diretamente os caminhos que suas criações tomaram. Cada pedaço desse legado, quando resgatado e reinscrito na contemporaneidade, convida à compreensão do impacto contínuo de suas contribuições e à reflexão sobre como elas transformaram — e continuam transformando — a maneira como heróis, narrativas e cultura popular são percebidos.

Ao reunir esses fragmentos, não se está apenas tentando entender um indivíduo, mas também o alcance duradouro de sua obra na constituição de uma linguagem cultural que atravessa fronteiras geográficas e temporais, perpetuando-se como fenômeno global em constante reinvenção.

1.1 COMPREENDENDO A CULTURA POP SOB A LENTE DOS ESTUDOS CULTURAIS

Os anos 1960, nos Estados Unidos da América (EUA), testemunharam uma colisão entre a cultura dominante, ancorada em valores de consumo de massa e estabilidade familiar, e as forças emergentes que buscavam redefinir a identidade americana. Nesse cenário de efervescência cultural, como as histórias em quadrinhos, a música pop e a televisão se tornaram não apenas produtos de entretenimento, mas veículos de ideologias concorrentes e plataformas para o questionamento do *status quo*?

A análise desse período é um convite a repensar as dicotomias simplistas entre alta e baixa cultura, resistência e cooptação. A cultura pop dos anos 1960, incluindo os quadrinhos da Marvel, emerge como um campo complexo, no qual as tensões sociais da época foram tanto refletidas quanto ativamente negociadas e contestadas. Ao se explorar esse período, impõe-se o desafio de questionar: até que ponto a cultura pode ser um instrumento de mudança social e, simultaneamente, um mecanismo de manutenção do poder estabelecido?

Frederic Jameson (1997) destaca que o pós-modernismo não elimina o passado, mas o reinscreve de maneira híbrida, em um processo que ele chama de “pastiche”. Na cultura dos anos 1960, isso se manifesta no rompimento com os paradigmas modernistas em favor de formas culturais que dialogavam com múltiplas tradições. Nos EUA, essa ruptura é evidente na contracultura, que reapropriava elementos da cultura dominante (música folk, psicodelia, quadrinhos) para criar formas de expressão e resistência.

A ascensão de movimentos sociais — como os direitos civis e o feminismo — também gerou formas culturais que problematizavam as narrativas lineares e universais do modernismo, introduzindo uma pluralidade de vozes. Os quadrinhos da Marvel, novamente, exemplificam esse hibridismo ao mesclar a mitologia heroica com as complexidades do cotidiano, desafiando a idealização típica do modernismo heroico anterior.

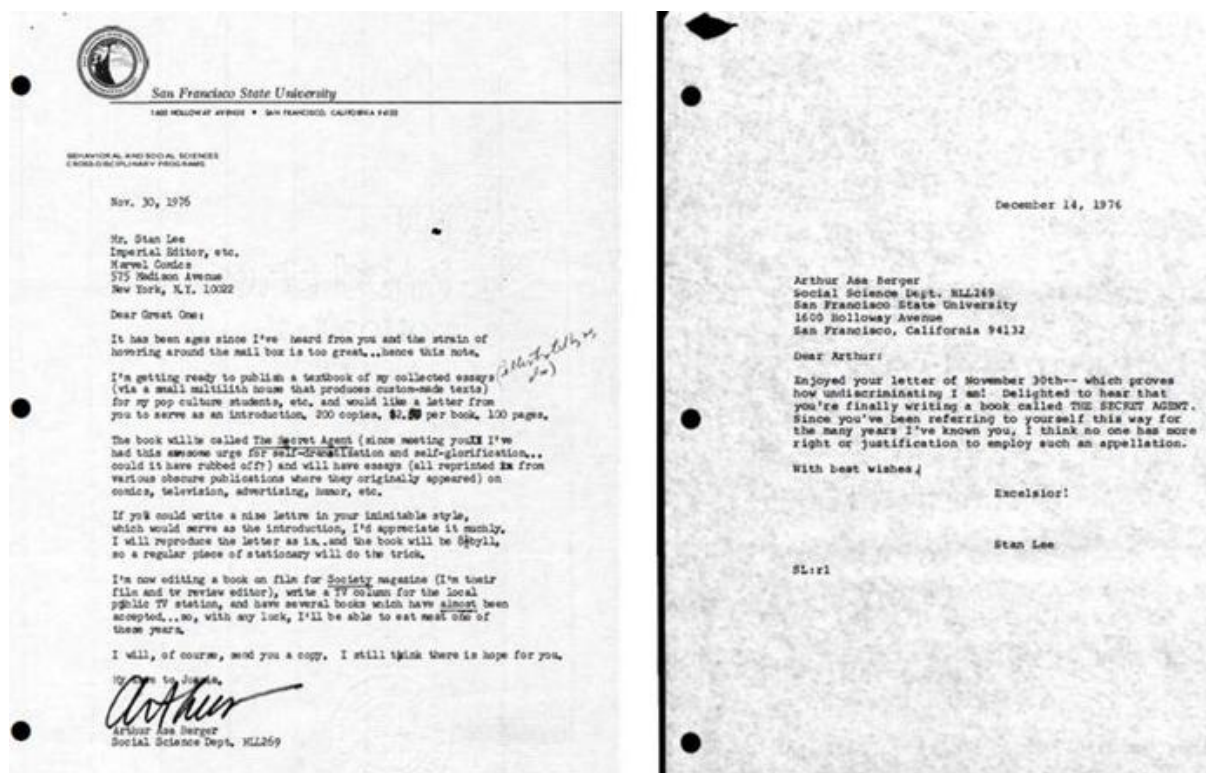
Como os movimentos contraculturais, o feminismo e a luta pelos direitos civis conseguiram desafiar e remodelar o tecido cultural de uma nação profundamente enraizada no sonho americano e nos valores tradicionais? A resposta a esta pergunta reside na compreensão da cultura não apenas como um conjunto de práticas e artefatos, mas como um terreno vivo onde significados são constantemente negociados e disputados.

1.1.1 Principais perspectivas teóricas sobre cultura

A presença de artigos acadêmicos sobre cultura pop no acervo pessoal de Stan Lee, localizado no American Heritage Center da Universidade de Wyoming, sugere que o autor não apenas acompanhava como a cultura pop vinha sendo tematizada no meio universitário, mas também dialogava com pesquisadores interessados em compreender suas implicações sociais.

A correspondência entre Lee e intelectuais como Arthur Asa Berger (1974) (Figura 1) revela uma interlocução ativa com os debates sobre os significados e funções da cultura nas sociedades contemporâneas. Essa relação entre prática criativa e reflexão teórica fornece uma entrada pertinente para a discussão sobre o conceito de cultura e suas transformações ao longo do tempo.

Figura 1 – Troca de correspondências entre o pesquisador Arthur Asa Berger e Stan Lee (1974)



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 13, Folder 7).

Durante o século XIX, predominava uma concepção elitista de cultura, vinculada à educação erudita e à produção artística das elites. A partir do século XX, com a expansão dos meios de comunicação de massa — como rádio, cinema e televisão —, essa visão foi desafiada. A cultura integrou práticas populares e cotidianas, deslocando-se para o centro das dinâmicas sociais modernas.

A emergência da cultura de massa contribuiu para o desenvolvimento de abordagens críticas que rejeitam a separação rígida entre “alta” e “baixa” cultura. Raymond Williams foi pioneiro ao propor que a cultura deve ser entendida como um “modo de vida integral” (1979, p. 11), incorporando práticas, valores e significados compartilhados por diferentes grupos sociais. Essa visão amplia o campo de análise e permite compreender a cultura como prática social historicamente situada.

Essa concepção é aprofundada por Stuart Hall, que enxerga a cultura como um campo de lutas simbólicas, onde sentidos e identidades são continuamente negociados. Para Hall, a cultura “é o local das lutas por significação” (2003, p. 235), sendo atravessada por relações de poder que influenciam os sistemas de representação e as disputas ideológicas. Cultura, portanto, não é estática nem consensual, mas um espaço de conflito e transformação.

Pierre Bourdieu (1992) complementa essa perspectiva ao situar a cultura no interior de um campo social estruturado por relações de força. As práticas culturais, segundo ele, operam como mecanismos de distinção simbólica e de reprodução das hierarquias sociais. Nesse processo, o gosto cultural se torna uma expressão das desigualdades de classe, funcionando como marcador de pertencimento e exclusão.

Jameson oferece uma leitura crítica da cultura no contexto do capitalismo tardio, destacando como as expressões culturais mais disruptivas são absorvidas pelas lógicas de mercado. Segundo o autor, “a cultura se tornou uma indústria que comercializa experiências simbólicas, mas esvazia sua potência transformadora” (1997, p. 18). Ao transformar resistência em estilo, o capitalismo integra a crítica cultural ao circuito do consumo, produzindo simulacros que enfraquecem a contestação.

Ao articular essas contribuições, torna-se possível compreender a cultura como um campo dinâmico, atravessado por disputas simbólicas e estruturado por relações de poder. Essa abordagem será essencial para a análise da produção cultural da Marvel Comics e da construção simbólica em torno da figura de Stan Lee, ambas inseridas em um ambiente histórico no qual resistência e mercado se entrelaçam de forma complexa e contínua.

1.1.2 Contracultura: resistência à tecnocracia

A década de 1960 foi um marco para o surgimento de movimentos que questionaram a lógica racionalista, produtivista e tecnocrática do mundo ocidental. A chamada contracultura norte-americana emergiu como resposta à crescente especialização técnica e à padronização da vida promovida pela sociedade industrial avançada. Nesse contexto, jovens urbanos, estudantes

e artistas passaram a experimentar formas alternativas de viver, rejeitando os modelos dominantes de progresso, consumo e autoridade.

A crítica à tecnocracia — compreendida como a dominação exercida por especialistas, técnicos e burocratas — foi central na formulação da contracultura. Roszak (1969) analisa esse movimento como uma resposta crítica ao domínio da racionalidade instrumental, que, em seu entendimento, alienava as dimensões humanas, afetivas e espirituais da vida social. Para o autor, a contracultura propôs uma revalorização da experiência sensível, dos vínculos comunitários e das práticas de resistência simbólica, promovendo experimentações que iam da arte psicodélica à vida comunal, das espiritualidades alternativas à crítica política direta.

O movimento contracultural, embora heterogêneo, compartilhou um impulso comum: recusar a autoridade do discurso dominante e propor novas formas de estar no mundo. Nesse sentido, pode ser compreendido como um fenômeno cultural de resistência, que ativou imaginários sociais e disputou simbolicamente o futuro. A cultura pop, especialmente o rock psicodélico, o cinema de vanguarda e os quadrinhos, tornaram-se meios privilegiados para a veiculação dessas visões críticas e utópicas.

No interior desse cenário, os quadrinhos da Marvel começam a ganhar destaque entre os leitores jovens, por apresentarem personagens complexos, com dilemas morais, angústias existenciais e questões identitárias. O surgimento do Homem-Aranha, em 1962, é um exemplo desse deslocamento. Diferente dos super-heróis invulneráveis da era anterior, Peter Parker era um adolescente inseguro, órfão, exposto aos conflitos do cotidiano e ao peso da responsabilidade. A recepção crítica do personagem por veículos alternativos, como o jornal *Village Voice* — que o descreveu como “o neurótico dos neuróticos”³ — evidencia a identificação da juventude com esse novo modelo de herói.

Essa recepção pode ser observada, por exemplo, na reportagem publicada no *Village Voice* em 1965 (Figura 2), que destaca o impacto cultural do Homem-Aranha e a ruptura que sua caracterização provocou em relação aos arquétipos tradicionais de heróis das histórias em quadrinhos. Esse episódio ilustra como a Marvel, naquele momento, começava a ser reconhecida como uma força cultural capaz de dialogar com as sensibilidades emergentes da contracultura.

³ A expressão “o neurótico dos neuróticos” foi utilizada por Sally Kempton, jornalista do *Village Voice*, em artigo de 1965. Kempton descreveu o Homem-Aranha como um herói que nunca salvou a raça humana da aniquilação, mas cujas batalhas eram pessoais e travadas contra forças sociais que ameaçavam sua segurança. Ela destacou que Peter Parker lutava com armas puramente defensivas, sem apoio externo e sem a sensação reconfortante de um propósito nobre, retratando-o como um “herói absurdo” em meio às dificuldades da vida cotidiana. (University of Wyoming, s.d.)

Figura 2 – Jornal Village Voice 1º de abril de 1965

the village VOICE, April 1, 1965 Page Five

LITTLE KNOWN FACTS ABOUT CURRENT BOOKS
SEND FOR FREE COPY OF
BOOK BRIEFS
ART BRUCKMAN PUBLICATIONS
P.O. BOX 68
JACKSON HEIGHTS 72, N.Y.

JOHN GIELGUD AND EDWARD ALBEE TALK ABOUT THE THEATRE
in the April Atlantic Monthly
THE Atlantic
NOW ON SALE at your newsstand

"A simply marvelous book..."
The Academy Awards
A PICTORIAL HISTORY by PAUL MICHAEL
Foreword by David O. Selznick
A treasury of over 300 memorable photographs, with commentary, covering the winners of the 36 annual awards...
"A simply marvelous book, good for browsing, good for reference, and good for just plain reading."
—The Hollywood Reporter
"A treasure of sentiment and fact for every film buff."
—Brooklyn Star Book
"...a beautiful piece of work whose dimensions are greater even than those of the greatest motion picture screen."
—J. A. Harold Newman
at all bookstores \$7.95
Bobbs-Merrill

NEW ARRIVALS IN PAPERBACK

BLUES PEOPLE — LEROY JONES	\$1.45
THE DEAD LECTURES — FANNY BY LEROY JONES	\$1.45
THE DAY THE WHITES CAME OUT TO PLAY TENNIS — ARTHUR KOPEL	\$1.75
IN SEARCH OF THE MIRACULOUS — P. B. OUSPENSKY	\$2.45
THE COPEL ACCORDING TO FEARS — ROBERT L. BUCKET	\$1.50
THE DRINKING MAN'S DIET	\$1.50
RENDIE: HIS FANTASY — JEAN RENDIE	\$2.45
ROCKEFELLER REPORT ON THE PERFORMING ARTS	\$1.95
ONE COPY OF THE NIGHT'S PEOPLE'S GUIDE TO N.Y. —	\$1.00

Intro. by JEAN RENDIE
mailed anywhere in U.S. postage free

1485 Broadway, Times Bldg.
175 N. St. St. (Opp. Carnegie Hall)
2 N. 40 St. (Opp. Public Lib.)
24th Grand Concourse (in. Franklin St.)

HAPPENINGS
An Illustrated Anthology
Written and Edited by MICHAEL KIRBY
Scripts and productions by Jim Dine, Red Grooms, Allan Kaprow, Claes Oldenburg, Robert Whitman

The first book to explain and analyze the most exciting new theatre-art form of the decade—with actual working scripts of the fourteen most significant Happenings and production notes, comments by the artist-dramatists themselves and 79 remarkable photographs. \$6.95

E.P. DUTTON & CO.

Spiderman's Dilemma
Super-Anti-Hero In Forest Hills
by Sally Kempton

Cult-spotting, a branch of the old science of trend-spotting, became a national sport in the days of the old American Mercury, when H. L. Mencken and George Jean Nathan first made fashionable the cultivation of trivia. Mencken and Nathan probably invented Pop as well, but since people had other things to think about in those days, nobody else bothered to record it.

Today, the press having finally caught up with Mencken and Nathan, both trivia-cultivation and cult-spotting have risen again to public prominence. Their latest manifestation is pop cult spotting, which began in earnest in 1964 when Time magazine spotted the long-established Harvard Bogart Cult. Since then no trivia-cultist has been safe from the feature writer's predatory eye.

Realizing that if Time was onto a trend the trend must be in its death-throes, other magazines rushed to spot newer pop-cults. The New Yorker came up with the Sunday-Afternoon-Remains-of-the-Lone-Ranger-Cult. The Tribune noted that a small coterie of "stay-at-home intellectuals" was watching daytime television. The Times began doing textual analyses of homosexual publications. At this point the whole thing got out of hand and, in a desperate effort to stay a step ahead of the incognoscent, the press turned to cult-creation. Defining pop as any object of which a normal aesthetic judgment would disapprove, the press took to describing the 18th-century painter Fragonard as the object of a pop cult. And, "Everybody on the social scene is working on pop movies," crowed Eugenia Sheppard last October in the Tribune. By "everybody," she meant the girls in Andy Warhol's "13 Most Beautiful Women" film.

Master Stroke
But the Tribune made its master stroke of pop-cult creation a few weeks later when it discovered the Golden Age of Comics and announced that "everybody" is buying old Batman and Superman magazines. Now the Paperback Gallery has put a six-foot poster of the Phantom in its window, and the Old Comics Cult is, presumably, fact. Two college girls, passing the window last week, looked reverently at the poster. "That's the ultimate in pop art," one of them exclaimed, and with these words delivered fashion's coup de grace upon the literature of her childhood.

Real pop or not, the Old Comic Books Cult has got to be a fake. Reading old comic books is hard work; it is possible to enjoy Batman only if you roommatically remind yourself that you liked him when you were 12. As for the new issues of Batman and Superman, they are this even by comic-book standards. Superman's only concession to modernity has been the formation of a league of super-heroes, a dubious improvement at best, and he is still as addicted to time machines as he was in 1960. Batman has not even attempted to come up to date. He still travels by Batmobile and Batplane; where is his Batcopter? and why has no one thought to equip him with radioactive Batbreath? No, reading Batman, like listening to Lone Ranger (re-run, is merely a Freudian memory trick, a device for creating a state of mind conducive to numbing up the

childhood self. There is a real Comic Books Cult, but it has nothing to do with the old heroes, and it has claims on our attention other than those of nostalgia.

Three Rules
I realize that in making the above statement, I risk costing my lot with Eugenia Sheppard and the Cult-Spotting Guild. Nonetheless, it must be said, for the Marvel Comics Cult is, under the existing Rules of Pop-Cult Spotting, ripe for exposure. It conforms to the first rule of pop (see above) and also to rules two ("Your cult must replace a previous, inferior cult") and three ("No one else must have publicly spotted your cult"). Furthermore, it is a legitimate cult. College students interpret Marvel Comics. A Cornell physics professor has pointed them out to his classes. Beatniks read them. Schoolgirls and housewives dream about the Marvel heroes. I myself was deeply in love with a Marvel hero-villain for two whole weeks. The fact is that Marvel Comics are the first comic books in history in which a post-adolescent escapist can get personally involved. For Marvel Comics are the first comic books to evoke, even metaphorically, the Real World.

Stories Signed
The Marvel Comics Group has been in existence less than five years, and during that time their circulation has risen to about six million a year. As hefty pop literature in a pop-mad world, the Marvel books are highly self-conscious. Their covers announce adventures dedicated to "The New Breed of Comic Readers," and two pages on the inside of each magazine are given over to advertisements for the Marvel fan club, the Merry Marvel Marching Society. All the stories are signed ("Earth-shaking Script by Stan Lee, Breath-taking Illustrations by Jack Kirby, Epoch-making delineation by Chick Byrne"), and the heroes, who range in style from traditional action types like Captain

DUN-RITE PRINTING OFFSET & XEROX
COMMERCIAL & SOCIAL
106 UNIVERSITY PL. AL 3-7342
(Between 120 & 125th Street)

"WHAT'S NEWS?"
Guide Book by Jere L. Kellik How to use step by step procedures to take in writing for newspapers. Analyses wrong and right material submitted to editors.
"It is certainly a highly useful book for those who are writing for newspapers."
—Paul J. Adams, N.Y. Times
"A real 'What's News'!"
—Paul J. Adams, N.Y. Times
The American University
1245 TAP, apt. 261 Broadway, N.Y.C. 10007

MUSIC OF RUSSIA
On Records Imported from USSR
Russian Operas, Folk Songs, Classical Music
ALSO: Graminet Records and other's. Singles or records in Russian. ALSO: Russian Art Reproductions in color and black & white. Graminet Reproductions and Arts & Crafts. Come in one brown or white for Graminet Records. Phone CH 5-5555. STONE MUSIC, One One One Ave. S.W. 5 to 6 P.M. Thurs. to 7 P.M.
Four Continent Book Corp.
Dept. 444, 154 S. Ave. NY 10, NY

ENCYCLOPEDIA OF POETRY and POETICS
edited by Alex Preminger
Just published by the Princeton University Press. Over 900 pages. Special advance price of \$20.
"GREENWICH VILLAGE'S FAMOUS BOOKSHOP"
EIGHTH STREET BOOKSHOP
New York, New York
17 WEST EIGHTH ST.

Harper's THE SOUTH TODAY
and FROM AFTER APPALACHIA
A New Edition
1. New Edition
2. New Edition
3. New Edition
4. New Edition
5. New Edition
6. New Edition
7. New Edition
8. New Edition
9. New Edition
10. New Edition
11. New Edition
12. New Edition
13. New Edition
14. New Edition
15. New Edition
16. New Edition
17. New Edition
18. New Edition
19. New Edition
20. New Edition
21. New Edition
22. New Edition
23. New Edition
24. New Edition
25. New Edition
26. New Edition
27. New Edition
28. New Edition
29. New Edition
30. New Edition
31. New Edition
32. New Edition
33. New Edition
34. New Edition
35. New Edition
36. New Edition
37. New Edition
38. New Edition
39. New Edition
40. New Edition
41. New Edition
42. New Edition
43. New Edition
44. New Edition
45. New Edition
46. New Edition
47. New Edition
48. New Edition
49. New Edition
50. New Edition
51. New Edition
52. New Edition
53. New Edition
54. New Edition
55. New Edition
56. New Edition
57. New Edition
58. New Edition
59. New Edition
60. New Edition
61. New Edition
62. New Edition
63. New Edition
64. New Edition
65. New Edition
66. New Edition
67. New Edition
68. New Edition
69. New Edition
70. New Edition
71. New Edition
72. New Edition
73. New Edition
74. New Edition
75. New Edition
76. New Edition
77. New Edition
78. New Edition
79. New Edition
80. New Edition
81. New Edition
82. New Edition
83. New Edition
84. New Edition
85. New Edition
86. New Edition
87. New Edition
88. New Edition
89. New Edition
90. New Edition
91. New Edition
92. New Edition
93. New Edition
94. New Edition
95. New Edition
96. New Edition
97. New Edition
98. New Edition
99. New Edition
100. New Edition

The Drinking Man's Diet 1.00
The I Hate to Cook Book .50
Picasso and Pie 1.00
The Alice B. Toklas Cook Book 1.45

The greenwich village bookshop
210 So. 4th
4th Street, New York
books, records, records and things around

by America's leading collagist—
THE PAPER SNAKE
by Ray Johnson
\$5.47 from the Gotham Book Mart, 8th Street Bookshop, and Wittenborn's in New York City.
For further information, write The Something Else Press, 160 Fifth Avenue, New York 10010.

Essas narrativas dialogavam com o espírito da época, capturando as inquietações de uma geração marcada por protestos contra a Guerra do Vietnã, lutas pelos direitos civis e questionamentos sobre o papel das corporações, da mídia e da ciência. A Marvel, sob a liderança editorial de Stan Lee, soube captar essa sensibilidade e reorganizar seus roteiros, estilos visuais e estruturas editoriais para responder a essa demanda por personagens mais ambíguos, falíveis e humanos.

Contudo, essa aproximação com a contracultura não era isenta de contradições. Os quadrinhos da Marvel circulavam dentro de uma indústria cultural consolidada, guiada por interesses comerciais e submetida a regimes de censura como o Comics Code Authority⁴. A incorporação de temas progressistas convivia com a necessidade de manter-se dentro dos limites de um produto vendável e compatível com a moral pública. Assim, a mesma Marvel que inovava em sua representação de conflitos morais e diversidade, também operava mecanismos de contenção, evitando rupturas mais radicais com o *mainstream*.⁵

A contracultura, nesse sentido, exemplifica um fenômeno típico das sociedades capitalistas avançadas: a capacidade de absorver e reconfigurar forças de contestação em produtos culturais consumíveis. Como analisa Roszak (1969), essa apropriação dos movimentos críticos pelo mercado revela as ambivalências da resistência cultural em um sistema altamente adaptável. A tensão entre crítica e integração é central para compreender o modo como certas formas de cultura pop, como os quadrinhos da Marvel, transitam entre resistência e reprodutibilidade. Essa ambiguidade não invalida seu potencial político, mas exige uma análise que considere os limites e possibilidades da ação simbólica em contextos marcados pela mercantilização da cultura.

A leitura da contracultura como um espaço de disputa simbólica permite, portanto, situar os quadrinhos da Marvel dentro de um campo ampliado de práticas culturais críticas. O impacto de personagens como o Homem-Aranha vai além de sua trama ficcional: ele opera como um catalisador de identificação, reflexão e deslocamento de sentidos dentro da juventude da época.

⁴ O Comics Code Authority foi um órgão de autorregulamentação da indústria de quadrinhos dos EUA, criado em 1954 para censurar conteúdos considerados inadequados, como violência excessiva, sexualidade, crítica a autoridades e representações de minorias. Sua atuação impactou diretamente a narrativa e o desenvolvimento de personagens nas décadas seguintes.

⁵ *Mainstream* é um termo utilizado para designar as tendências culturais, artísticas e de consumo amplamente aceitas e promovidas pelas instituições dominantes, como grandes mídias, corporações e mercados globais. Refere-se àquilo que é hegemônico, popular e estabelecido no gosto público.

A análise desse processo permite que se compreenda como a cultura pop, mesmo quando inserida em circuitos industriais, pode se tornar um veículo de tensões, desejos e reconfigurações sociais mais amplas.

1.1.3 Cultura de massa, cultura pop e o imaginário dos anos 1960

A compreensão da trajetória da Marvel Comics e da construção simbólica de Stan Lee exige distinguir três conceitos fundamentais: cultura de massa, cultura pop e cultura de mídias. A cultura de massa, conforme analisado por Adorno e Horkheimer (1985), refere-se à produção padronizada de bens culturais destinada ao consumo em larga escala, moldada por lógicas industriais que visam à reprodução de valores dominantes e à homogeneização dos conteúdos.

Em contrapartida, a cultura pop emerge da apropriação ativa desses produtos por públicos diversos, que ressignificam narrativas e imagens em práticas identitárias e de resistência simbólica. Fiske (2017) destaca que a cultura popular é construída a partir da capacidade dos públicos de negociar sentidos, transformando produtos da cultura de massa em expressões de suas próprias experiências sociais.

Já a cultura de mídias contemporânea, caracterizada pela convergência tecnológica, amplia essas possibilidades de participação. Jenkins (2009) observa que o ambiente digital descentralizou a produção e a circulação de significados, criando espaços interativos em que os consumidores também atuam como produtores culturais.

Esses três conceitos fornecem as bases para entender o "caldeirão cultural" dos anos 1960 nos EUA, um período caracterizado por profundas transformações sociais e culturais. A luta pelos direitos civis, o feminismo da segunda onda, a oposição à Guerra do Vietnã e a emergência da contracultura configuraram um cenário de contestação às normas tradicionais e às estruturas de poder estabelecidas. As práticas culturais dessa década foram marcadas pela tensão entre resistência e assimilação, evidenciando a capacidade do capitalismo avançado de incorporar e neutralizar formas de crítica social, como argumenta Kellner (2001).

A contracultura rejeitou os valores da sociedade tecnocrática, propondo alternativas de vida que valorizavam a experiência sensível, a coletividade e a liberdade individual. A música, o cinema, a literatura e os quadrinhos tornaram-se veículos privilegiados para a expressão dessas novas sensibilidades. No centro desse processo, a cultura pop desempenhou um papel estratégico, funcionando como espaço de negociação entre a crítica social e as lógicas de mercado.

É nesse contexto que a Marvel Comics e seus personagens, especialmente o Homem-Aranha, se consolidam como símbolos de um novo imaginário cultural. Rompendo com os arquétipos tradicionais de super-heróis, a Marvel apresentou figuras mais humanas, vulneráveis e complexas, capazes de refletir as angústias e aspirações de uma geração em transformação. Assim, compreender as relações entre cultura de massa, cultura pop e cultura de mídias permite situar a produção da Marvel e a figura de Stan Lee no centro das disputas simbólicas que marcaram o período.

A partir dessa análise, é possível perceber como a cultura pop não apenas refletiu as tensões dos anos 1960, mas também se tornou um terreno estratégico para a redefinição de identidades e para a construção de novas formas de resistência cultural. Como argumenta Kellner (2001), as culturas midiáticas funcionam como arenas onde identidades, significados e valores políticos são continuamente produzidos, negociados e disputados. Nesse sentido, a cultura pop atua tanto como esfera de entretenimento quanto campo de disputas políticas simbólicas, influenciando a formação de imaginários coletivos e reconfigurando práticas sociais em processos contínuos de resistência e transformação. Esta perspectiva tornou-se fundamental para a análise apresentada nesta tese, da ressignificação do legado de Stan Lee nas práticas do fandom⁶ contemporâneo.

1.2 O SURGIMENTO DA MARVEL COMICS E STAN LEE

Nos anos 1960, sob a liderança editorial de Stan Lee e com a colaboração de artistas como Jack Kirby e Steve Ditko, a Marvel Comics passou a explorar temas sociais de forma mais explícita, estabelecendo uma relação direta com os dilemas vivenciados por uma juventude em transformação. Mais do que apenas refletir tensões sociais, as narrativas da editora passaram a dialogar com os desafios éticos e afetivos da época, ao mesmo tempo em que identificavam um potencial de mercado para essas abordagens. Questões como discriminação, alienação e responsabilidade foram incorporadas à linguagem dos quadrinhos, permitindo à editora conquistar uma nova base de leitores e consolidar-se como força cultural e comercial.

⁶ “Utilizamos o termo fandom por se tratar de um conceito consolidado na literatura internacional para designar comunidades organizadas de fãs em torno de produtos culturais.”

1.2.1 A Marvel e os dilemas dos anos 1960

Wolk (2021) propõe uma divisão da história da Marvel em fases datadas, sendo a primeira correspondente ao período entre 1961 e 1968. Esse momento foi marcado por um contexto geopolítico de nacionalismo norte-americano, tensões com o bloco comunista e otimismo em relação aos avanços tecnológicos. Esses elementos influenciaram diretamente a criação de personagens cujas origens estavam atreladas à ciência e ao imaginário da era atômica, como o Quarteto Fantástico e o Hulk. No caso de Bruce Banner, por exemplo, a exposição à radiação gama e sua transformação no Hulk incorporam, simultaneamente, os temores e as esperanças despertadas pela tecnologia nuclear.

Como argumenta Howe (2013), a introdução de personagens mais ambíguos e socialmente marcados foi parte de uma estratégia deliberada da equipe editorial da Marvel para revitalizar um mercado em estagnação. No início dos anos 1960, as histórias em quadrinhos vinham sendo marcadas por fórmulas previsíveis e arquétipos idealizados que já não dialogavam com os desafios de uma sociedade em processo de mudança. Nesse cenário, Stan Lee e sua equipe editorial perceberam a emergência de um novo público — adolescentes e jovens adultos — que experienciavam os impactos da modernização, das transformações culturais e dos movimentos sociais. Como destaca Wolk (2021, p. 427), as manchetes dos jornais passaram a ser utilizadas como termômetro temático: “onde a cultura registra o que é importante para ela”.

Figura 3 – Recorte de Jornal de 1968

The Occidental
Occidental College

LOS ANGELES, FRIDAY, JANUARY 26, 1968

The Funnies

Zonked? Come to Marvel Country

By Paul Sanford

Want to learn something you won't hear about in Civ? Take one before you read further. This article may lead you to commit anti-social acts. I shall caution to you a movement which will not promise you success. It is more difficult than watching television. There is very little sex in it. It won't get you into grad school. People will laugh at you. The movement is called:

"FUNKY BOOKS"

Remember the ten-cent books you read when you were a pre-teen? Comic books. I remember them. They were the stock for a kid and brand and were safe. There in the store was a rack full of shiny-covered, brightly colored pulp magazines, starting Little Lads, Tarzan, and the Junior Woodchuck Manual. What books of course you enjoyed, looking at the pictures while the mind wandered.

Well, friends, comic books have come full circle. No longer simply a vehicle for Charles Atlas or Superman, the comic medium has reached beyond the Little League and Army barracks to the world's most sophisticated grown, college students. Publisher, Jerry Goodman (remember Mad magazine?) has produced a package which has kicked the fancy of bright young intellectuals everywhere. They are called Marvel Comics, and they are the biggest legal turn-on on campus.

For those who like statistics: Last year, 7,000,000 copies of Fantastic Four (the World's Greatest Comic Magazine) were printed. Marvel's top title had a paid circulation of almost three million for December. In 1966 over 10,000 college students belonged to the Merry Marvel Marching Society. A Buffalo, N.Y. professor used them in a course on contemporary American Literature, reported to Marvel: "I know the comic will dig them, and I hope that in short they will see various archetypal and psychological patterns at work which could give them better insight to where things are today."

Stan Lee, author, editor, creator, and resident genius of Marvel, spoke at Princeton in a lecture series that included Robert Kennedy, Will Sargent, and Wayne Morse. At Bard he shadowed former President Eisenhower.

Marvel Comics are perfectly suited to appeal to college students. Every effort is made to present heroes youth can identify with. Can you identify with Superman? He's completely inaccessible — how interesting are photos about a guy who never can live? He's a complete success — as respectable as Walter White or Bob Hope. Metropolis has Super-

man, but he wants to be accepted as though Clark Kent, whom he's really Superman. Marvel heroes are people first, then heroes.

Marvel characters suffer complex identity crises. Their heroes take off their time and energy. None of them is capable of making vital existential decisions. Their lives are in fact, because they can't decide whether to live their own lives or serve mankind. Like tragic heroes, their greatest gifts compromise the good outcomes.

If you had super powers, you probably would still get up half

Not surprisingly, there is tremendous support between the readers and the creators of Marvel. The heavy two-way correspondence helps determine story line and general tone in Marvel. Writing a letter to an editor is like having it answered, related, and take effect has a very strong attraction for people in an often impersonal society.

Comics are also a tremendous escape mechanism. Many writers and first-reading plots hold the interest, almost the mind. You can escape into a world which holds simple, finalistic action to take themselves seriously. They have their own brand of humor. Spiderman was born by a radioactive spider, so he can hang upside-down from the walls. It can't be discovered. The scientific explanation for Thor's powers? He's a god, stupid! A mistake is a mistake, and if they get caught they try to be their way out of it. Why is Captain America's costume a purple red, white, and blue? "Because we like red, white and blue."

Superheroes are full of snappy sayings. "What lesser opportunities drive me to risk my life as Daredevil, sacrificing my happiness? Oh well, it helps me out in the fresh air." As the doctor tries to kick him in the face, Spidey says, "Have you ever considered medical help because of your anti-social tendencies?" and later, "Why is it that everyone I fight is over-coming with genetic hostility?"

The reader, in constantly, knows that he's reading a comic book. In Avengers 50 we read: "It's time that we make full use of our literary and scientific and see what has happened Hercules." In one issue Thor-eyed Benjamin Grimm paralyzes the wall (though) knocking a small hole in it. In the next panel he says: "Bang! I must be

stupid. I never got into a BARROOM or at least a Pa-Kow."

In the end, the popularity of Marvel may be explained because they are intellectually justifiable. Reading them gives the impression of dealing with clever people. They present a cogent philosophy and social commentary.

Stan Lee is a stern moralist. His world is divided between good and evil. Evil men are those who use their gifts for selfish or hostile purposes. Stan Lee understands sociology, but understands no new scientific theory. Every individual has the responsibility to rise above what he is. The worth of the individual is affirmed. The most potent force in Marvel is the human brain. It provides the only lasting solution.

Social issues are openly discussed. The battles are divided but articulate on war, even in their war comics. Marvel is one of the few companies which regularly portrays Negroes. The only Negro superhero, the Black Panther, is a Marvel creation. The Hulk, scorned and hated because he is different, symbolizes man's search for meaning in a hostile world not of his own making.

Marvel comics have created an intricate and fascinating world. Like J.R.R. Tolkien's and Ray Bradbury's works, Marvel combines science, fantasy, and the supernatural to create a literary world.

Way read Marvel comics? Read them for enjoyment, for pleasure. Read while time ticks. Find that wonderful world where the imagination runs free and the mind begins to see. We call it, Marvel Country.

Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 2, Folder 6).

A criação do Homem-Aranha (Figura 4) ilustra de maneira exemplar essa mudança de abordagem. Peter Parker era um jovem comum, enfrentando dilemas éticos, dificuldades financeiras e inseguranças emocionais — temas raramente tratados em super-heróis até então. Essa dimensão humana possibilitou que os leitores se identificassem com o personagem, tornando-o um espelho para as ansiedades e aspirações da juventude da época. A frase marcante “[...] com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, atribuída ao Tio Ben, funcionou como metáfora da transição para a vida adulta em um mundo incerto (Tucker, 2017, p. 24).

Figura 4 – Primeira Capa do Homem-Aranha (1962)



Fonte: Marvel Comics (1962)

Além do impacto narrativo, essa reformulação dos personagens trouxe à Marvel novas possibilidades comerciais, permitindo que a editora deixasse de ser associada exclusivamente ao público infantil e passasse a dialogar com leitores mais velhos e críticos. A introdução dos X-Men, em 1963, reforça essa proposta. A metáfora dos mutantes perseguidos por sua diferença ecoava os debates sobre os direitos civis e outros processos de exclusão social. Como observa Howe (2013), os X-Men representavam uma maneira de abordar, dentro do universo dos quadrinhos, temas como intolerância, pertencimento e diversidade. Essa conexão simbólica contribuiu para que os quadrinhos se tornassem, também, uma arena de discussão cultural, sem perder sua natureza comercial e midiática.

A adoção de temas sociais ampliou a relevância simbólica da Marvel e atraiu novos leitores, mas também gerou oportunidades para a expansão midiática da marca (Figura 5). O crescente interesse por seus personagens levou à atenção de produtores de TV, cineastas e indústrias de brinquedos, inaugurando um ecossistema comercial multiformato. Conforme analisa Douglas Kellner (2001), a cultura de mídias promove a convergência entre plataformas e permite que produtos culturais adquiram novas camadas de sentido e de valor mercadológico. No caso da Marvel, seus heróis deixaram de ser apenas protagonistas de revistas em quadrinhos para se tornarem marcas exploradas em animações, filmes e produtos licenciados.

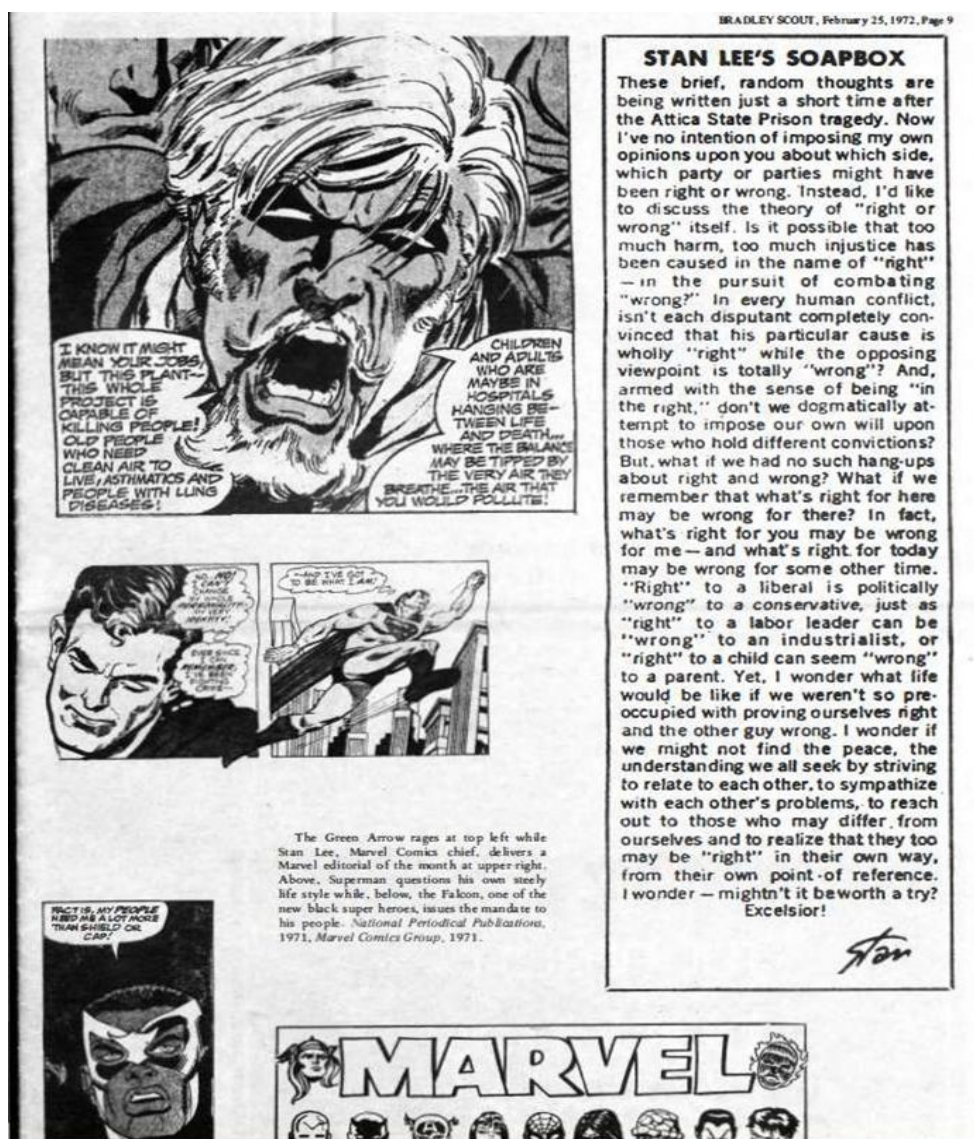
Figura 5 – Matéria no NY Herald Tribune



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 4, Folder 13).

Essa conexão com os movimentos sociais também foi incorporada como estratégia editorial e discursiva. As colunas “Stan’s Soapbox”⁷ (Figura 6), escritas por Stan Lee a partir de 1967, são um exemplo claro desse posicionamento. Nelas, o editor abordava diretamente temas como racismo, intolerância e inclusão, reforçando a imagem da Marvel como alinhada aos valores progressistas da juventude em transformação. Ao articular entretenimento e engajamento cívico, essas colunas ampliaram o capital simbólico da editora, fortalecendo seu apelo perante um público que buscava referências culturais alinhadas às novas sensibilidades.

Figura 6 – Stan Lee SoapBox



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 2, Folder 6).

⁷ *Stan's Soapbox* foi uma coluna editorial escrita por Stan Lee publicada nas páginas finais dos quadrinhos da Marvel entre 1967 e 1980. Por meio dessa coluna, Lee comentava temas sociais, defendia causas como tolerância e igualdade e se comunicava diretamente com os leitores, aproximando-se de um *ethos* progressista. Para uma seleção representativa dessas colunas (Lee, 2007).

Contudo, é importante ressaltar que essa postura progressista coexistia com as exigências de mercado e com a necessidade de respeitar as normas do Comics Code Authority, o que impunha limites às possibilidades de crítica mais radical. A Marvel, como parte da indústria cultural, operava dentro de um sistema que sabia absorver e neutralizar parcialmente os impulsos de contestação. Como argumenta Kellner (2001), os produtos culturais de massa podem funcionar simultaneamente como espaços de resistência e como mecanismos de integração ideológica.

Dessa forma, a produção da Marvel nos anos 1960 deve ser lida como resultado de uma negociação complexa entre demandas comerciais, sensibilidades culturais emergentes e disputas simbólicas no interior do capitalismo midiático. Sua relevância, naquele período, decorre justamente da capacidade de capturar as contradições sociais e transformá-las em narrativas acessíveis, engajadas e comercializáveis — um traço que marcaria profundamente o legado de Stan Lee e a consolidação da Marvel como referência da cultura pop global.

1.2.1.1 Mudanças corporativas e impactos na Marvel

A partir de 1968, a Marvel Comics passou por um processo significativo de reestruturação corporativa, com a venda da empresa por Martin Goodman à *Perfect Film and Chemical Corporation*, mais tarde renomeada *Cadence Industries*. Segundo Howe (2013), apesar de permanecer como *publisher*⁸ até 1972, Goodman assinou um acordo que previa sua substituição por Stan Lee, enquanto seu filho, Chip Goodman, assumiria o cargo de diretor editorial. Stan Lee, embora receba um contrato com aumento salarial, não participa dos lucros da venda — situação que ilustra a assimetria entre os interesses financeiros do antigo proprietário e as contribuições criativas de seus colaboradores.

Essa mudança de comando não se limita a uma transição administrativa. Ela marca o início de uma nova fase na Marvel, em que a tensão entre criatividade e lógica corporativa se torna cada vez mais evidente. Se, na década anterior, a editora havia consolidado uma abordagem editorial inovadora, voltada para temas sociais e narrativas inclusivas, o novo cenário empresarial sinaliza um deslocamento progressivo para uma racionalidade de mercado, na qual os quadrinhos passam a ser também produtos estratégicos dentro de um conglomerado industrial.

⁸ O termo *publisher* refere-se ao profissional responsável pela direção editorial e comercial de uma editora. No contexto norte-americano dos quadrinhos, o *publisher* atua como figura central na tomada de decisões sobre linha editorial, licenciamento e estratégias de mercado, com atribuições que combinam liderança executiva e curadoria do catálogo publicado.

Entre 1968 e 1980, período que Wolk (2021) identifica como a segunda fase da Marvel, nota-se um reposicionamento temático dos personagens diante das transformações sociopolíticas dos EUA. À medida que evoluem o contexto da Guerra Fria e a Guerra do Vietnã, surgem vilões como Mefisto, que deslocam o conflito de uma dicotomia político-ideológica para dilemas morais, subjetivos e existenciais. A Marvel passa, assim, a dialogar com uma nova sensibilidade cultural, ao mesmo tempo em que responde às pressões de mercado por narrativas mais densas e complexas — capazes de manter o interesse de um público cada vez mais adulto.

Esse movimento se intensifica nos anos 1980, quando a Marvel já não podia mais reivindicar o status de editora alternativa ou outsider. A transição da contracultura para a cultura de consumo massificada impôs à editora o desafio de conciliar legados criativos com as exigências de um mercado em expansão. Nas palavras de Howe (2013), a Marvel já não era mais um “azarão” combativo, era uma empresa consolidada, em busca de novas formas de rentabilidade.

Durante os anos 1990, sob a liderança de Ron Perelman, essa tensão atinge seu ápice. A Marvel é levada a priorizar estratégias financeiras especulativas — como a aposta no mercado de cartões colecionáveis e o aumento indiscriminado no número de títulos — em detrimento da coesão narrativa e da inovação estética. Como observa Wolk (2021), os personagens tornam-se caricaturas hiperbólicas de si mesmos, enquanto os enredos se fragmentam. A crítica de Neil Gaiman à época, apontando o empobrecimento criativo do mercado de quadrinhos em função de uma lógica especulativa, é um sintoma dessa crise.

Esse processo culmina na falência da editora em 1996, com uma dívida de US\$ 600 milhões, levando ao leilão de direitos de personagens centrais como Homem-Aranha e X-Men. A Marvel, nesse momento, exemplifica os riscos da mercantilização desenfreada da cultura pop, revelando o quanto a expansão de mercado, se não acompanhada de um projeto artístico e editorial coerente, pode comprometer a identidade de uma marca cultural.

Entretanto, esse colapso financeiro também gerou uma oportunidade de reconfiguração. Sob a liderança de Avi Arad e Isaac Perlmutter, a Marvel inicia um processo de reconstrução que culminaria na criação do Marvel Cinematic Universe (MCU), uma das estratégias de transmidiação mais bem-sucedidas do século XXI. A trajetória da Marvel, nesse sentido, evidencia como a cultura pop não é apenas reflexo das transformações sociais, mas também um campo ativo de disputa entre inovação estética e racionalidade mercantil.

1.2.1.2 A Marvel e a relação com a contracultura

No final dos anos 1960, a Marvel Comics consolidou uma postura narrativa que dialogava diretamente com as angústias e contradições da contracultura. Sem abandonar sua inserção no mercado editorial tradicional, a editora criou personagens e enredos que repercutiam valores emergentes de contestação — ainda que de forma ambígua. O caso do Surfista Prateado é exemplar: introduzido em 1966, ele encarna a figura de um exilado filosófico, capaz de expressar críticas ao materialismo e ao belicismo, temas caros à juventude engajada da época. Tucker (2017) observa que suas histórias tangenciam espiritualidade, ecologia e individualismo ético, articulando um discurso que se aproxima das utopias alternativas que marcaram aquele período.

Essa tensão entre engajamento e mercantilização é perceptível em toda a produção da Marvel dos anos 1960 e 1970. Personagens como os X-Men, que simbolizam as lutas por direitos civis e enfrentam discriminação por serem “diferentes”, operam em um plano alegórico que permite abordar temas delicados sem confrontar diretamente a ordem institucional. O que também se aplica ao Homem-Aranha, cujos dilemas cotidianos — financeiros, afetivos, morais — constituem uma forma de humanização do super-herói, alinhada à experiência juvenil em contextos urbanos.

Essa abordagem, no entanto, sempre esteve condicionada às limitações do mercado. Como destaca Kellner (2001), as indústrias culturais possuem um duplo potencial: ao mesmo tempo que reproduzem ideologias dominantes, também oferecem espaços de resistência simbólica. A Marvel se insere nesse limiar. Suas histórias questionam, mas também acomodam; ampliam o debate público, mas o fazem dentro de parâmetros editoriais e comerciais bastante rígidos.

O exemplo do “Soapbox” de Stan Lee, no qual o editor publicava editoriais defendendo a tolerância e os direitos civis, ilustra bem essa ambivalência. A Marvel se posicionava publicamente como uma empresa progressista, ao mesmo tempo em que mantinha sua compatibilidade com os códigos da indústria cultural e da moral pública — submetendo-se, inclusive, até os anos 1980, às diretrizes do *Comics Code Authority*.

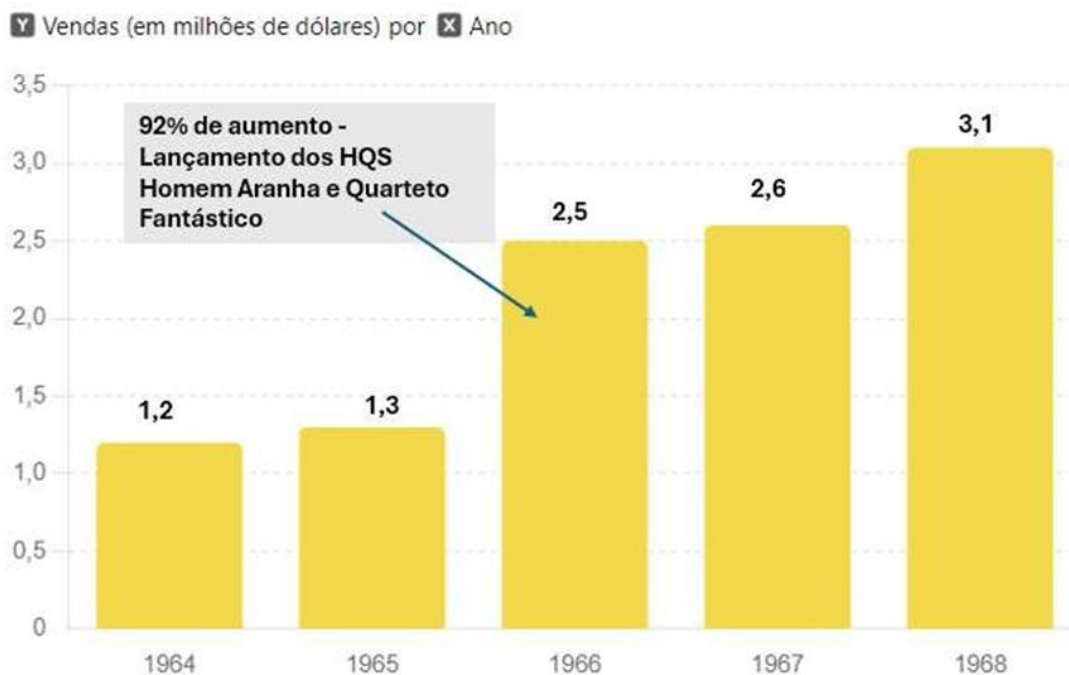
A ambientação dos quadrinhos em cenários reais, como Nova York, e a representação de heróis falíveis e socialmente inseridos — como o Demolidor ou o próprio Peter Parker — ampliaram a empatia dos leitores e evidenciaram a tentativa de inserir os quadrinhos da Marvel nas disputas contemporâneas por representação e legitimidade cultural. O aumento expressivo nas vendas entre 1964 e 1968 (de US\$ 1,2 milhão para US\$ 3,1 milhões, segundo dados da

Universo HQ (Gusmão, 2023) revela que essa aposta em complexidade narrativa e engajamento simbólico funcionou também como uma estratégia comercial bem-sucedida.

Nesse sentido, a relação da Marvel com a contracultura deve ser compreendida não como oposição entre arte e mercado, mas como um campo de negociação contínua. A editora soube captar as sensibilidades emergentes, incorporá-las a seu universo ficcional e, ao mesmo tempo, traduzi-las em produtos culturais altamente vendáveis. Essa dialética entre crítica e mercado é o que confere à trajetória da Marvel sua relevância histórica — e torna sua análise essencial para qualquer reflexão sobre as ambivalências da cultura pop contemporânea

Além do impacto simbólico e discursivo, as transformações editoriais da Marvel tiveram reflexo direto no desempenho comercial da empresa. O gráfico a seguir (Figura 7) apresenta o crescimento das vendas da Marvel Comics entre 1964 e 1968, período em que a editora apostou na criação de personagens mais realistas, alinhados aos anseios da juventude urbana e crítica da época.

Figura 7 – Venda de Quadrinhos da Marvel Comics (1964–1968)



Fonte: Universo HQ (Gusmão, 2023)

A análise do gráfico evidencia um salto significativo de vendas: de aproximadamente US\$ 1,2 milhão em 1964 para US\$ 3,1 milhões em 1968, representando um crescimento superior a 150% em apenas quatro anos. O maior aumento percentual ocorre entre 1965 e 1966, com 92% de crescimento, impulsionado pelo sucesso de personagens como Homem-Aranha, Demolidor e Quarteto Fantástico — figuras que, ao incorporar angústias, dilemas morais e

conflitos sociais, captaram a atenção de um novo público: jovens leitores com maior poder de consumo e identificação subjetiva com os enredos.

Esse dado não é apenas um indicador econômico, ele reforça a hipótese de que a estratégia editorial de Stan Lee — ao humanizar os super-heróis e conectar os roteiros a questões contemporâneas — elevou não apenas o prestígio cultural da Marvel, mas também consolidou seu modelo de negócios direcionado ao mercado jovem, reposicionando os quadrinhos como produtos midiáticos transgeracionais. O gráfico, assim, atua como documento histórico e comercial, corroborando a tese de que a Marvel, ao adotar uma postura ambígua entre resistência simbólica e pragmatismo mercadológico, conseguiu transformar o engajamento cultural em capital econômico.

1.2.2 A construção da persona Stan Lee: figura pública, contradições privadas

A trajetória de Stanley Martin Lieber — que viria a se tornar o célebre Stan Lee — é frequentemente narrada por meio de uma lente que alterna entre o anedótico e o heroico. No entanto, para compreender a figura pública que emergiu nos circuitos midiáticos, é necessário considerar as tensões, contradições e dispositivos de visibilidade que atravessaram sua formação pessoal e profissional. Nascido em um contexto de instabilidade econômica e marcado por experiências familiares complexas, Lee se construiu como símbolo de uma era, tanto como produto quanto produtor das narrativas que o consagraram.

Nesta seção, busca-se examinar não apenas os episódios biográficos, mas também o modo como estes contribuíram para a consolidação de um *ethos* midiático que transcende a figura do homem.

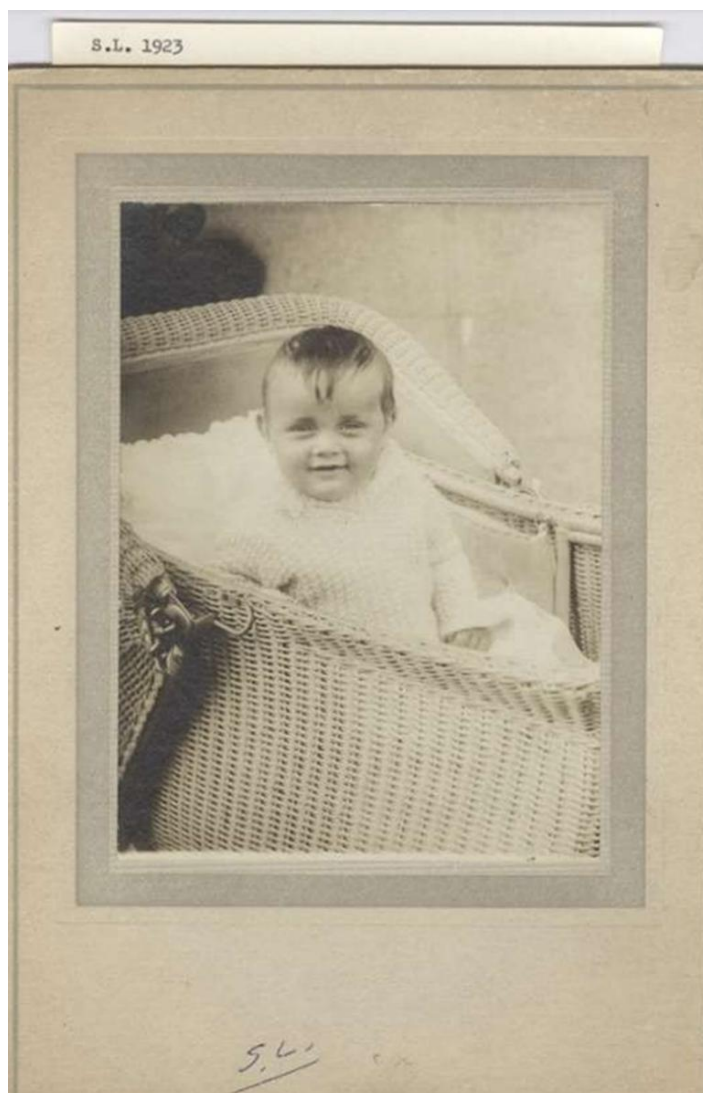
Stan Lee, nascido Stanley Martin Lieber, em 28 de dezembro de 1922, no bairro do Bronx, em Nova York, é frequentemente lembrado como uma das figuras mais carismáticas e influentes da cultura pop do século XX. No entanto, por trás da imagem midiática do criador visionário e bem-humorado, revela-se uma trajetória marcada por ambiguidades e tensões, tanto no âmbito familiar quanto profissional.

Neste sentido, objetiva-se nesta seção refletir criticamente sobre a construção dessa figura, articulando sua biografia a um processo gradual de mediatização e mercantilização de sua imagem pública, sem perder de vista os conflitos que permearam sua vida privada.

Filho de imigrantes judeus romenos e criado em meio às dificuldades econômicas da Grande Depressão, Stan cresceu em um ambiente modesto, o que o levou a desenvolver, desde cedo, uma aspiração por segurança financeira e reconhecimento social. Como argumenta Riesman (2021), esse desejo de ascensão e estabilidade tornou-se um traço permanente em sua

personalidade, guiando suas escolhas pessoais e profissionais ao longo da vida. A fotografia de Stan Lee ainda bebê, datada de 1923 (Figura 8), preservada no American Heritage Center, remete não apenas à intimidade de seu núcleo familiar, mas também à maneira como a figura do criador seria, mais tarde, construída em camadas — da esfera doméstica à corporativa.

Figura 8 – Stan Lee quando bebê (1923).



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 196).

Lee iniciou sua trajetória profissional aos 16 anos e, em 1939, ingressou na Timely Comics graças à ajuda de seu tio. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi convocado pelo exército e integrado à Divisão de Filmes de Treinamento, onde produziu manuais, cartuns e filmes instrucionais. A experiência reforçou sua habilidade de comunicação com grandes públicos e o treinou na construção de narrativas eficazes — competência que se tornaria central em sua futura carreira como editor e roteirista de quadrinhos. Curiosamente, Lee foi um dos poucos a receber oficialmente o título de *playwright* pelo exército americano (Figura 9), uma

designação que já apontava para seu talento como arquiteto de discursos e criador de sentidos — característica que marcaria toda a sua atuação posterior como figura pública.

Figura 9 – Stan Lee no exército americano, onde era conhecido como “Playwright”



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 196).

A construção da imagem pública de Stan Lee foi atravessada por tensões familiares. Sua relação com o irmão Larry Lieber, também roteirista de quadrinhos, revela dinâmicas de proximidade e distanciamento que marcaram sua vida privada. Embora Larry tenha contribuído para a criação de personagens relevantes como Thor e Homem de Ferro, os conflitos interpessoais eram frequentes. A exclusão de Larry do círculo íntimo de Stan em seus últimos anos de vida, a ponto de não ser sequer foi informado da morte do irmão pela família, simboliza o processo de isolamento enfrentado por Lee.

Em um depoimento pungente, Larry questiona: “É possível perder alguém que nunca se teve?” (Riesman, 2021, p. 348), evidenciando o distanciamento afetivo entre os irmãos, apesar da proximidade profissional (Figura 10). Larry soube do falecimento por meio de uma ligação inesperada de um repórter. Para ele, essa foi a primeira notícia sobre o ocorrido, uma vez que nem Joan Celia Lee, ou JC — filha de Stan Lee com Joan Clayton Boock Lee — nem outros membros do seu círculo próximo haviam se comunicado com ele. A notícia gerou sentimentos contraditórios. O primeiro foi de alívio por Stan, como ele próprio expressou:

Ele se livrou da ilha, que poderia enlouquecer qualquer um, pelo que eu soube. No entanto, o segundo pensamento trouxe um questionamento mais profundo e inquietante: ‘Eu penso cá comigo mesmo, o que sou eu... Ele partiu. É possível perder alguém que nunca se teve? Eu alguma vez tive o Stan?’. Após uma breve pausa, Larry concluiu com um misto de dúvida e reflexão: ‘Não sei’ (Riesman, 2021, p. 348).

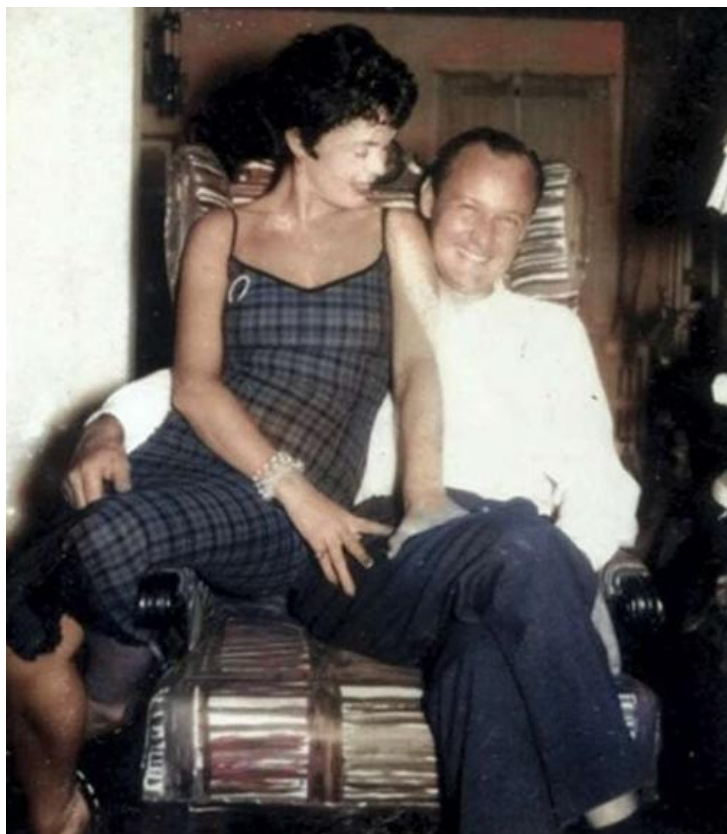
Figura 10 – Stan Lee e seu irmão Larry – aproximadamente 1953



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 196).

Esse afastamento também aparece, com outras nuances, em sua relação com Joan Boocock Lee, com quem se casou em 1947. Joan, uma mulher de personalidade marcante e gosto pelo luxo, foi ao mesmo tempo uma inspiração e um apoio constante. Lee frequentemente creditava a ela a ideia inicial de criar o Homem-Aranha como um herói jovem e vulnerável, aspecto que contribuiu decisivamente para o sucesso do personagem. No entanto, relatos indicam que Joan apresentava comportamentos impulsivos, por vezes explosivos, sobretudo quando sob efeito de álcool — um traço que, embora raramente comentado publicamente, é mencionado por fontes próximas em biografias autorizadas e documentos pessoais (Figura 11).

Figura 11 – Stan e Joan Lee – 1950



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 196).

Na década de 1980, o casal se mudou de *Long Island* para Los Angeles, quando Stan começou a explorar oportunidades em Hollywood. Essa mudança marcou uma transição significativa em sua vida e carreira, com Stan buscando estabelecer a Marvel e seus personagens no mercado de entretenimento audiovisual. Joan acompanhou essa mudança de perto, participando de eventos e ajudando Stan a se consolidar como a figura pública carismática que ficou conhecida.

A morte de Joan em julho de 2017, aos 95 anos, devido a complicações de um acidente vascular cerebral, foi um golpe devastador para Stan. Após sete décadas de casamento, sua ausência deixou Stan profundamente fragilizado, tanto emocional quanto fisicamente. Ele passou a enfrentar uma série de desafios, incluindo disputas legais e alegações de exploração financeira por parte de pessoas próximas.

A morte de Joan, em 2017, foi um divisor de águas na vida de Stan, agravando sua vulnerabilidade emocional e abrindo espaço para disputas em torno de sua tutela e imagem pública.

1.2.2.1 Conflitos e tensões familiares

A figura de sua filha, Joan Celia Lee, é outro ponto de tensão relevante. Sustentada financeiramente por Stan durante toda a vida, JC, como era chamada, protagonizou diversas controvérsias nos últimos anos do pai. Há registros de conflitos, alegações de abuso psicológico e relatos de manipulação envolvendo sua relação com o pai, gerando grande repercussão midiática e colocando em xeque a rede de apoio à qual Stan estava submetido. A pesquisa de Riesman (2021) detalha esses episódios, apontando para o isolamento progressivo vivido por Lee nos últimos anos, quando se viu cercado por advogados, empresários e figuras da indústria cultural que buscavam se beneficiar de sua reputação.

O que se observa, portanto, é um contraste marcante entre a imagem pública de Stan Lee — carismática, afável e promotora de ideais como otimismo, criatividade e perseverança — e os relatos sobre sua vida íntima. A persona construída pela Marvel e amplificada pelos meios de comunicação foi, em grande escala, como uma operação de *branding*, cuja função era projetar uma figura carismática capaz de atrair fãs e investidores. Como sugere Goffman (2011), toda performance pública é mediada por bastidores nem sempre harmoniosos, e a figura de Lee exemplifica essa lógica em sua forma mais emblemática.

Ainda que este trabalho não se debruce com profundidade sobre os conflitos familiares e legais ocorridos no fim da vida de Stan Lee, por estarem fora do escopo principal da pesquisa, é relevante destacar que esses episódios revelam muito sobre a gestão da persona pública de uma celebridade — por vezes, à revelia da própria pessoa. Ao optar por não aprofundar tais disputas, a pesquisa mantém seu foco analítico na forma como o legado de Stan Lee é interpretado, apropriado e ressignificado por fãs no contexto digital contemporâneo.

A frase de Larry Lieber: “Morre o homem, mas a lenda continua viva” sintetiza com precisão essa duplicidade. A lenda de Stan Lee é não apenas um produto de sua obra criativa, mas também resultado da apropriação corporativa e afetiva de sua figura. Enquanto autor, ele é celebrado; enquanto homem, foi sujeito às contradições que atravessam qualquer existência marcada por disputas afetivas, instabilidade emocional e controle simbólico. Deste modo, o capítulo fecha não apenas uma reflexão biográfica, mas uma crítica à própria lógica da celebridade na cultura pop, que transforma sujeitos em ícones e, depois, em marcas.

1.2.2.2 Stan Lee - a persona midiática

Stanley Martin Lieber ingressou na Timely Comics em 1939, aos 16 anos, após concluir o ensino médio, graças à intermediação de seu tio Robbie Solomon. A editora, voltada inicialmente para revistas pulp⁹ e histórias em quadrinhos, viria a ser rebatizada décadas depois como Marvel Comics.

Em 1942, Lieber foi promovido ao cargo de editor, assumindo responsabilidades editoriais amplas ainda muito jovem. Nesse período, adotou o pseudônimo de “Stan Lee”, nome que acabou se tornando sua identidade legal. A escolha do nome artístico sinalizava, segundo ele próprio, o desejo de reservar seu nome — Stanley Lieber — para futuras ambições literárias, mais sérias (Lee; Mair, 2002). No entanto, é justamente sob o nome artístico — Stan Lee — que ele construiria sua persona pública, iniciando o processo de mediação entre sua figura individual e o sistema midiático que o consagraria.

A criação dessa persona — compreendida aqui como um processo performativo de exposição e de elaboração estratégica de uma identidade pública — consolidou-se ao longo de décadas. Esse processo foi alimentado tanto por sua atuação direta nos bastidores da Marvel quanto por sua visibilidade quanto por sua visibilidade como narrador e apresentador de si mesmo.

Conforme assinala Goffman (2011), toda apresentação de si em espaços públicos é marcada por performances, e Lee soube transformar sua trajetória pessoal em um enredo midiático articulado com os valores da indústria cultural, forjando uma imagem simultaneamente criativa, acessível e autorreferente.

Durante as décadas de 1940 e 1950, um período marcado por instabilidade econômica e reformulações na indústria editorial, a editora, então renomeada como Atlas Comics, enfrentava grandes desafios. Nesse contexto, Lee foi responsável por séries como *The Witness*, *The Destroyer*, *Jack Frost*, *Whizzer* e *Black Marvel*. Seu primeiro trabalho publicado foi o conto *Captain America Foils the Traitor's Revenge*, com arte de Jack Kirby, na revista *Captain America Comics* #3 (maio de 1941), cuja inovação foi apresentar o escudo do Capitão América como uma arma de arremesso — recurso que se tornou uma das marcas registradas do personagem. A figura 12 apresenta essa edição histórica.

⁹ Revistas pulp ou pulp magazines foram publicações populares dos Estados Unidos, muito difundidas entre as décadas de 1890 e 1950, impressas em papel barato feito de polpa de celulose — daí o nome *pulp*.

Figura 12 – Captain America Comics #3, maio de 1941



Fonte: Marvel Fandom [s.d.].

Esse início editorial já revelava uma habilidade narrativa alinhada ao espírito da época, ainda que distante da construção da figura midiática que Lee viria a encarnar. Quando Joe Simon e Jack Kirby deixaram a Timely Comics, no final de 1941, após um desentendimento com o editor-chefe Martin Goodman, Stan Lee foi nomeado editor interino da empresa, com apenas 19 anos. Essa ascensão precoce à liderança editorial consolidou sua autoridade no campo dos quadrinhos e serviu como base para a construção simbólica de sua persona como “arquiteto do Universo Marvel”.

Na década de 1950, Lee diversificou ainda mais sua atuação, trabalhando em diferentes gêneros: romance, faroeste, humor, ficção científica, aventura medieval, horror e suspense (Wright, 2003). Colaborou com artistas como Dan DeCarlo, cocriando a tira de jornal *My Friend Irma*, inspirada em um popular programa de rádio.

Apesar do volume expressivo de produção, há registros de sua insatisfação com a repetição das fórmulas narrativas e o baixo reconhecimento artístico dos quadrinhos como forma cultural legítima. Em diversos depoimentos, Lee afirmou que cogitou abandonar os quadrinhos e buscar outra forma de expressão (Howe, 2013).

Esse período anterior à revolução dos super-heróis, embora menos celebrado, é essencial para compreender a gestação da persona Stan Lee: um autor/editor que, mesmo diante de um mercado instável, já ensaiava os traços de um narrador carismático e de um mediador entre a indústria e o público. Como observa Goffman (2011), a construção da imagem pública depende da gestão dos bastidores e da apresentação estratégica de si mesmo. Lee dominaria essa técnica como poucos, especialmente a partir da década de 1960, quando passa a assinar colunas, conceder entrevistas e se apresentar como o porta-voz não apenas da Marvel, mas de toda uma geração de leitores.

A escolha por adotar um pseudônimo, o domínio da linguagem promocional e a presença constante em espaços midiáticos são elementos centrais na constituição da persona Stan Lee. Trata-se de uma figura pública moldada na interface entre a atuação editorial e o espetáculo midiático, cuja construção é gradualmente estratégica. A análise de sua trajetória pré-Marvel revela os fundamentos dessa persona: trabalho árduo, pragmatismo diante do mercado, domínio das linguagens culturais populares e, sobretudo, uma compreensão aguda das dinâmicas de reconhecimento na indústria cultural.

Com isso, Stan Lee não apenas sobreviveu às turbulências de um mercado volátil, mas posicionou-se como um agente de legitimação dos quadrinhos enquanto prática cultural. A persona midiática que surgia nesse período seria consolidada nas décadas seguintes, a partir de sua atuação como editor, porta-voz da Marvel e ícone pop.

As próximas seções examinarão com mais profundidade como essa figura se estabiliza, se torna objeto de culto e é ressignificada nas práticas do fandom contemporâneo.

1.2.3 Stan sem Marvel: a persona e as disputas simbólicas

A saída de Stan Lee da Marvel Comics, em meio à reestruturação da empresa após a declaração de falência em 1998, representou uma ruptura contratual e a inauguração de uma nova fase em sua trajetória — marcada por sua transformação de roteirista em persona midiática

e marca registrada. De acordo com Riesman (2021), seu contrato foi rescindido nesse período, o que abriu caminho para uma reinvenção que deslocaria Lee do papel de criador para o de símbolo explorável nos mercados culturais.

Essa transição deve ser compreendida à luz dos conceitos de *persona midiática*¹⁰ (Goffman, 2011; Fausto Neto, 2001), que se refere à construção de identidades públicas que operam nos circuitos comunicacionais a partir de performances reiteradas. A figura de Stan Lee, até então associada à produção editorial e ao campo dos quadrinhos, passa a circular como um “sujeito midiático”, dissociado de sua biografia e reconfigurado por aparições públicas, colaborações audiovisuais e participações institucionais. Ao mesmo tempo, conforme argumenta Kellner (2001), a mercantilização da imagem¹¹ opera quando a identidade de um sujeito é convertida em ativo simbólico, sendo gerida como marca, passível de ser licenciada, reproduzida e apropriada por diferentes atores do mercado.

Em uma reunião com Isaac Perlmutter, então proprietário da Marvel, Lee recebeu a proposta de um novo contrato de dois anos, no valor anual de 500 mil dólares — significativamente inferior ao que recebia anteriormente. Como relatado por Peter Paul, seu futuro parceiro empresarial, Lee teria chorado, alegando que não poderia manter seu padrão de vida e os gastos de sua esposa e filha com tal remuneração. A recusa em contratar um advogado, ainda segundo Paul, reflete tanto uma fragilidade na gestão de sua própria carreira quanto um possível traço de sua personalidade, marcada por informalidade nas negociações e resistência a confrontos legais.

Esse episódio inaugura a ambiguidade que marcará os últimos anos da vida pública de Stan Lee. Se, por um lado, ele buscava autonomia criativa e econômica por meio de novos empreendimentos, por outro, expunha-se à manipulação de agentes externos que viam em sua imagem uma fonte de capital simbólico e financeiro. Assim, Lee torna-se um emblema daquilo que Bourdieu (1992) classificaria como “capital simbólico apropriado” — sua autoridade enquanto criador passa a ser mobilizada em nome de empreendimentos cujo controle real era, muitas vezes, limitado.¹²

¹⁰ Persona midiática é um conceito derivado dos estudos de Erving Goffman e, posteriormente, desenvolvido na área da comunicação por pesquisadores como Fausto Neto. Refere-se à construção pública de uma identidade performática que se destaca do sujeito biográfico, operando como figura simbólica nos circuitos da mídia.

¹¹ A mercantilização da imagem, conforme discutido por Douglas Kellner, implica a transformação de indivíduos em marcas comercializáveis, cujo valor está associado à sua capacidade de gerar capital simbólico e econômico nos mercados culturais.

¹² O conceito de capital simbólico, elaborado por Pierre Bourdieu, refere-se ao prestígio, reconhecimento e autoridade acumulados por um indivíduo ou instituição, e que pode ser convertido em vantagens sociais ou econômicas.

A fundação da Stan Lee Media, em parceria com Paul, tinha o objetivo de transformar Lee em uma marca global, lançando novos super-heróis e narrativas para múltiplas plataformas. No entanto, práticas financeiras ilegais envolvendo Peter Paul e Stephan Gordon levaram a empresa à falência em 2001.

Embora Stan Lee não tenha sido formalmente implicado, sua associação à companhia gerou danos à sua reputação, levantando dúvidas sobre sua capacidade de discernimento e supervisão empresarial. A reação da mídia e de parte do fandom à falência foi ambígua: ao mesmo tempo em que muitos lamentavam o envolvimento de Lee em um escândalo, também surgiam manifestações que o viam como vítima de um sistema que explorava sua imagem sem lhe garantir proteção.

Em 2001, Lee fundou a POW! Entertainment, ao lado de Gill Champion e Arthur Lieberman, com o objetivo de desenvolver propriedades intelectuais para cinema, televisão e videogames. A série animada *Stripperella* (Spike TV), voltada para o público adulto, ilustra tanto a ousadia quanto a tentativa de reposicionar a figura de Stan Lee em sintonia com um público mais diverso e com os discursos de mercado vigentes. Contudo, essa movimentação, marcada por múltiplas frentes de atuação (literatura, animação, YouTube, cultura geek), também demonstrava a tentativa de Lee em manter-se relevante em um cenário de midiatização acelerada.

Ao longo da década de 2000, Lee expandiu seu portfólio com iniciativas como o canal *World of Heroes* no YouTube e a graphic novel *Romeo & Juliet: The War*. Nesse contexto, sua figura já não operava apenas como autor ou editor, mas como ícone midiático que ativava um capital afetivo e nostálgico no público. Essa lógica de mercantilização da imagem é compatível com a cultura convergente descrita por Jenkins (2009), em que marcas e ícones culturais são reposicionados continuamente em novas mídias e formatos para manter sua relevância e valor de mercado.

A reação do público às novas empreitadas variava. De um lado havia admiração pelo esforço contínuo de Lee em inovar e dialogar com as transformações midiáticas. De outro, surgiam críticas quanto à superficialidade de alguns projetos e à apropriação comercial de sua imagem. Fãs mais antigos, por exemplo, viam com estranhamento sua presença em conteúdos de apelo mais sensacionalista, como *Stripperella*. Já outros celebravam sua adaptabilidade como sinal de genialidade e longevidade criativa.¹³

¹³ A recepção das iniciativas empreendidas por Stan Lee no período pós-Marvel foi marcada por ambivalência: enquanto parte do fandom celebrou sua tentativa de reinvenção, críticas sobre a diluição criativa e o uso excessivo de sua imagem foram recorrentes em fóruns e na imprensa especializada.

Contudo, o uso comercial da imagem de Lee também foi judicializado. Disputas legais envolvendo a Stan Lee Media (revitalizada por Jim Nesfield) alegavam que o autor havia transferido indevidamente os direitos sobre personagens à empresa, o que resultou em processos contra a Marvel e o próprio Lee. Embora as decisões judiciais tenham favorecido o roteirista, os episódios revelam como sua persona — transformada em marca — passou a operar em um ambiente jurídico-corporativo permeado por interesses e apropriações.

A própria criação de *Heroman*, em parceria com o estúdio japonês Bones, expressa esse momento em que Lee, já enquanto ícone globalizado, explora as fronteiras entre cultura pop¹⁴ ocidental e oriental, em busca de novos mercados e linguagens.

O uso reiterado de sua imagem e assinatura — mesmo em produtos nos quais sua participação era meramente simbólica — evidencia o grau de esvaziamento do sujeito biográfico em favor da persona mercadológica. Nos anos 1960, Stan Lee era o editor que escrevia colunas como *Stan's Soapbox* para se comunicar com os leitores. No século XXI, ele se torna um selo de legitimidade pop, ativado em diferentes contextos com funções variáveis, mas quase sempre subordinado à lógica do capital cultural e da nostalgia.

Nesse sentido, o percurso de Stan Lee no pós-Marvel não deve ser lido apenas como uma história de superação ou decadência, mas como um caso paradigmático da captura simbólica de personas midiáticas¹⁵. Sua imagem foi esculpida não apenas por suas ações, mas pelas estratégias de produção, recepção e circulação que acompanharam sua trajetória. O público — elemento essencial nesse processo — desempenhou um papel ativo na consolidação e na contestação dessa figura. Seja por meio de homenagens, memes ou críticas, os fãs também participaram da negociação simbólica que manteve Lee no centro do imaginário cultural contemporâneo.

Ao final de sua vida, Stan Lee havia se tornado mais do que um criador de personagens: era, ele próprio, um personagem, performando uma identidade pública cuidadosamente calibrada para atender às exigências do mercado e às expectativas dos fãs. Sua trajetória, ao mesmo tempo inspiradora e contraditória, revela os mecanismos de apropriação, recirculação e capitalização que definem o funcionamento da cultura pop na era da convergência midiática.

¹⁴ A figura de Stan Lee como “marca global” se intensifica na transição do século XX para o XXI, num contexto de globalização da indústria cultural, no qual os criadores são convertidos em franquias transmidiáticas, conforme argumenta Henry Jenkins.

¹⁵ A noção de captura simbólica, discutida na teoria crítica da comunicação, sugere que sujeitos midiáticos podem ser transformados em signos circulantes, que escapam do controle do indivíduo e passam a operar dentro da lógica do capital.

1.3 MEMÓRIA E PERFORMANCE NAS REDES: DISPUTAS SIMBÓLICAS EM TORNO DO LEGADO DE STAN LEE

A memória, longe de ser um repositório neutro do passado, é uma prática discursiva, seletiva e em constante negociação. Ela opera não apenas pelo que se lembra, mas, sobretudo, pelo que se escolhe esquecer. Como destaca Pollak (1989), a memória social é construída por grupos em conflito, que disputam legitimidade e visibilidade simbólica nos circuitos de representação¹⁶. Nesse sentido, lembrar é também uma forma de se posicionar, de marcar território discursivo em meio às narrativas hegemônicas e às versões marginais dos acontecimentos.

No caso de Stan Lee, o processo de construção e reconstrução de sua memória ocorre em múltiplos níveis: editorial, midiático, institucional e, sobretudo, digital. Não se trata apenas de rememorar sua trajetória criativa ou seus feitos na indústria dos quadrinhos, mas de disputar, reinterpretar e performar sua imagem em espaços de visibilidade pública — como redes sociais, fanpages, fóruns e plataformas de *streaming*. Essa memória é performada, modulada e amplificada por um ecossistema midiático em que a figura de Lee circula como ícone, produto e enunciador ausente.

Tal dinâmica insere-se no que Hall (2003) compreende como luta pelo significado: a cultura é o espaço em que os sentidos são constantemente disputados, e a memória figura como um dos campos privilegiados dessa batalha. Em vez de se fixar em um passado estático, a memória cultural se atualiza a cada nova evocação, contaminada pelas demandas do presente e pelos interesses de seus mediadores. É nesse jogo que se inscreve a memória de Stan Lee: entre o afeto do fandom, o *branding* da Marvel, as campanhas de marketing da Disney e as práticas espontâneas de usuários nas redes.

Por isso, neste capítulo, propõe-se uma abordagem da memória como um dispositivo comunicacional, operado na intersecção entre narrativas afetivas, disputas simbólicas e performances digitais. Em vez de buscar uma verdade biográfica sobre Stan Lee, o objetivo é compreender os modos como sua imagem é apropriada, circulada e ressignificada no espaço público contemporâneo. Como apontam autores como Fausto Neto (2008) e Santoro (2015), a

¹⁶ Michael Pollak entende a memória como um território conflituoso, em que grupos sociais mobilizam o passado como forma de afirmação política e simbólica, frequentemente silenciando ou suprimindo narrativas concorrentes.

memória midiática é um processo de mediação de sentidos, no qual diferentes agentes sociais, plataformas e audiências produzem versões concorrentes da história.¹⁷

A partir dessa perspectiva, a análise recai sobre o legado de Stan Lee enquanto construção simbólica em disputa. Essa disputa ocorre em práticas como homenagens espontâneas de fãs, memes, posts nostálgicos, tributos institucionais e usos comerciais de sua imagem após sua morte. A memória, aqui, não é apenas aquilo que se preserva, mas aquilo que se performa — e que, ao ser performado, ganha novas camadas de sentido. Em um tempo de hipervisibilidade e constante reatualização narrativa, o legado de Stan Lee transforma-se em território de contenda, onde os limites entre tributo, apropriação e exploração tornam-se cada vez mais difusos.

1.3.1 A memória e seu papel na cultura midiática

A memória coletiva não é um mero repositório de lembranças partilhadas, mas um campo de disputas simbólicas, continuamente reconfigurado conforme as demandas do presente. Em contextos midiáticos, em que imagens, narrativas e discursos circulam em alta velocidade, a memória torna-se uma prática cultural estratégica, sujeita a seleções, esquecimentos e reencenações. Maurice Halbwachs (2013) propõe que a memória individual só se efetiva dentro de "quadros sociais" que lhe conferem inteligibilidade e estabilidade. Lembrar, nesse sentido, não é apenas recuperar o passado, mas situar-se em um campo de significações compartilhadas.

Essa leitura é aprofundada por Bosi (2005), ao afirmar que a memória se ancora na materialidade — no espaço, nos gestos, nos objetos e nas imagens — tornando-se tangível e transmissível. A doação do acervo pessoal de Stan Lee ao American Heritage Center da Universidade de Wyoming ilustra essa dimensão concreta da memória. Não se trata apenas de um gesto de preservação, mas de uma operação de visibilidade simbólica, em que o passado é moldado para continuar a interpelar o presente. A constituição de um arquivo, como observa Nunes (2024), é sempre uma prática de edição: “fragmentos são ordenados a partir das perguntas que fazemos ao passado”¹⁸.

A curadoria de uma trajetória, nesse caso, não é neutra. A escolha dos materiais doados — correspondências, roteiros, discursos, fotografias — compõe um mosaico intencional,

¹⁷ Fausto Neto e Santoro analisam a memória midiática como um campo de disputas interpretativas em que a comunicação atua como mediadora de versões, reconstruções e apagamentos, especialmente em contextos de circulação massiva de sentidos.

¹⁸ Informação verbal na banca de qualificação da autora desta tese.

voltado para a construção de um legado. Trata-se de uma memória projetada, na qual Stan Lee, consciente de sua posição no campo cultural, colabora ativamente com a maneira como será lembrado. Como sustenta Gondar (2015, p. 45), “a memória não reconstrói o passado em si, mas o atualiza conforme as inquietações do presente”¹⁹. Nesse sentido, o acervo não apenas documenta, mas performa uma identidade.

A figura de Stan Lee se inscreve, assim, em um processo de musealização da cultura pop, em que a memória é simultaneamente celebração e operação política. A conversão de sua trajetória em patrimônio mobiliza não só o reconhecimento de sua contribuição à indústria dos quadrinhos, mas também sua capitalização simbólica. Jameson (1997) observa que, no capitalismo tardio, a memória e a cultura tornam-se mercadorias, incorporadas às dinâmicas de consumo. A imagem de Lee, amplamente disseminada em licenciamentos, produtos e homenagens, é tanto resultado de sua ação quanto da apropriação institucional e mercadológica de sua persona.

Ao transformar seu passado em acervo e sua trajetória em legado, Lee insere-se em uma lógica midiática que converte sujeitos em signos e histórias em marcas. Como discutido em seções anteriores, essa lógica de apropriação atravessa a cultura pop, em que as narrativas são reencenadas e as figuras públicas viram dispositivos de memória compartilhada. Assim, a preservação de seu acervo não apenas institucionaliza sua presença na história dos quadrinhos, mas também alimenta sua contínua atualização como referência cultural, moldando o que se lembra, como se lembra e quem se autoriza a lembrar.

1.3.1.1 Memória social e coletiva

Na seção anterior, examinou-se o contexto sociocultural dos anos 1960, destacando como a Marvel Comics, sob a liderança editorial de Stan Lee, assumiu um papel estratégico na produção de narrativas que ressoavam com os dilemas de seu tempo. Agora, é preciso compreender como essas narrativas funcionaram como instrumentos de construção de memória social, ao articular identidades, valores e tensões coletivas em linguagem gráfica e ficcional.

Halbwachs (2013) define memória social como o conjunto de representações construídas e legitimadas em grupo, condicionadas pelos quadros sociais que delimitam o que é lembrado, esquecido ou reconfigurado. A memória não é espontânea nem individualizada, ela está ancorada em estruturas coletivas que moldam a seleção e circulação dos sentidos. É nesse

¹⁹ Para Gondar (2015), a memória é uma construção mediada pelas questões que nos mobilizam no presente. O passado, portanto, não é recuperado tal como foi, mas reconstruído a partir de uma inquietação atual.

sentido que os quadrinhos da Marvel deixaram de ser apenas um entretenimento, consolidando-se como artefatos culturais que participam ativamente da construção simbólica de seu tempo.

Personagens como os X-Men e o Pantera Negra foram mobilizados por Stan Lee e seus colaboradores para narrar, de forma alegórica, os conflitos relacionados à exclusão, ao preconceito e à alteridade. Ainda que essas representações evitassem o engajamento direto com agendas políticas específicas, funcionavam como metáforas eficazes das lutas por reconhecimento social. Como argumenta Fingerroth (2021), a força dos personagens da Marvel advém de sua capacidade de projetar conflitos éticos, afetivos e políticos de maneira acessível, ao mesmo tempo em que cultivam vínculos emocionais com os leitores, “os novos quadrinhos da Marvel conquistaram a fama porque suas histórias, mesmo criadas às pressas, dialogavam com questões que definiam sua época” (p. 111).

A materialidade dos quadrinhos — seus traços, roteiros e diálogos — desempenha um papel fundamental nesse processo. Como destaca Bosi (2005), a memória se ancora no gesto, na imagem e no objeto. Os quadrinhos, enquanto formas gráficas organizadas sequencialmente, funcionam como suportes tangíveis da memória social, permitindo que valores e experiências sejam não apenas representados, mas também preservados e recirculados. Assim, os gibis da Marvel tornam-se vetores de lembrança compartilhada, mesmo quando relidos ou reinterpretados por novas gerações.

Contudo, essa memória não é neutra nem homogênea. Como lembra Halbwachs (2013), todo grupo social seleciona o que deve ser rememorado, omitido ou ressignificado de acordo com os interesses do presente. A própria imagem pública de Stan Lee, amplificada por sua habilidade de autopromoção e seu carisma midiático, acabou, por vezes, ofuscando a importância de cocriadores como Jack Kirby e Steve Ditko. Essa assimetria na distribuição do crédito evidencia o funcionamento seletivo da memória cultural, orientada tanto por disputas internas quanto pelas estratégias comunicacionais do mercado editorial.

A Marvel, por sua vez, soube explorar essa ambivalência. Como empresa, operava em uma zona híbrida entre crítica social e lógica de mercado. Os X-Men, embora encarnassem a experiência da marginalização, eram cuidadosamente configurados para evitar vinculações explícitas com lideranças ou causas do mundo real, o que ampliava seu alcance e tornava a crítica palatável a diferentes segmentos do público. Essa postura refletia uma tensão permanente entre engajamento simbólico e neutralidade estratégica — uma das marcas da memória coletiva mediada por dispositivos culturais como as HQs²⁰.

²⁰ HQ é a sigla para “histórias em quadrinhos”, também conhecidas como comics.

Ao propor narrativas que tematizavam responsabilidade, identidade e pertencimento, a Marvel construiu um repertório simbólico que alimentou o imaginário de gerações, criando laços de reconhecimento entre leitores. Como observa Bosi (1993), a memória social também atua como elo entre gerações, oferecendo referências que ajudam os sujeitos a situarem-se na história coletiva. Nesse sentido, os quadrinhos operaram como mediadores culturais entre pais, filhos e netos, favorecendo uma partilha de sentidos em torno de figuras heroicas que, mesmo ficcionais, articulavam experiências afetivas e sociais concretas.

Por fim, cabe ressaltar que a memória construída pelas narrativas da Marvel não apenas registrou as inquietações de uma época, ela ajudou a conformar um *ethos* cultural que perdura até hoje. A recepção continuada desses personagens, seja em relançamentos editoriais, em adaptações cinematográficas ou em discussões em redes sociais, atesta sua potência como dispositivos de memória. Em torno deles, novos sentidos são constantemente ativados, reafirmando que a memória social, longe de um arquivo estático, é um campo vivo de disputas, reinterpretações e pertença.

1.3.1.2 Memória cultural e afetiva

A memória afetiva, entendida aqui não como categoria psicológica, mas como fenômeno cultural e socialmente compartilhado, revela-se um elemento fundamental na constituição dos vínculos entre fãs e narrativas midiáticas. Ao considerar o fandom da Marvel, particularmente no Brasil, percebe-se que objetos como cartas de fãs, revistas em quadrinhos e personagens icônicos funcionam como gatilhos emocionais que conectam experiências pessoais a um imaginário coletivo.

Esses elementos evocam lembranças individuais, e como assinala Halbwachs (2013), estão sempre inseridos em quadros sociais que estruturam e organizam o que é lembrado: “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros” (p. 39). A rememoração, portanto, não é um ato isolado, é mediado por estruturas culturais que fornecem sentidos compartilhados às experiências e moldam sua interpretação ao longo do tempo.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também (sic) no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 2013, p. 39).

Esse fenômeno estende-se intergeracionalmente. Como explicam Jan e Aleida Assmann (*apud* Dourado, 2013), a memória cultural é sustentada por rituais, narrativas e símbolos que carregam não apenas significados, mas também emoções. O consumo das narrativas Marvel, suas recriações em diferentes mídias e o hábito de colecionar ou revisitar materiais antigos tornam-se rituais que reforçam a coesão do grupo e mantêm viva a memória de Stan Lee e seus personagens. Nesse processo, consolidam-se práticas que garantem a transmissão simbólica entre gerações.

Figura 14 – Carta de fã



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 13, Pasta 9).

No entanto, esse processo não é neutro. A centralização da figura de Stan Lee tanto nesse acervo quanto nas estratégias de preservação da memória da Marvel revela disputas narrativas latentes. As cartas de fãs reforçam sua imagem como figura central do universo Marvel, ao mesmo tempo em que silenciam, ainda que indiretamente, as contribuições de outros criadores como Jack Kirby e Steve Ditko. Nesse sentido, o acervo não é apenas um testemunho afetivo, mas também uma construção simbólica e instrumento de legitimação de uma determinada memória institucional.

Assim, a análise das cartas e das memórias que evocam revela a complexa relação entre memória individual, memória coletiva e estratégias midiáticas. Ao mesmo tempo em que testemunham a importância cultural da Marvel e o impacto emocional de suas histórias, esses

registros iluminam os mecanismos pelos quais figuras como Stan Lee são transformadas em símbolos duradouros de uma memória cultural em disputa.

1.3.2 Acervo de Stan Lee

A existência de um acervo dedicado a Stan Lee ultrapassa a função de simples repositório documental. Trata-se de um gesto político de curadoria, no qual seleciona-se o que merece ser preservado, interpretado e transmitido. Mais do que reunir registros de uma trajetória profissional, o acervo atua como dispositivo de legitimação de uma narrativa específica sobre Lee — uma narrativa que o posiciona como arquétipo do criador visionário e eloquente da cultura pop norte-americana (Figura 15).

Como observam autores como Halbwachs (2013) e Bosi (2005), a memória é sempre socialmente estruturada e permeada por disputas simbólicas. No caso do acervo de Stan Lee, essa dinâmica se evidencia na centralidade conferida à sua figura como autor e mediador cultural, em detrimento de outras vozes da história da Marvel. A seleção dos documentos — correspondências, roteiros, registros pessoais, contratos, fotos e objetos promocionais — revela uma intencionalidade narrativa: projetar um legado. Essa curadoria estratégica organiza uma imagem coerente e estável, mesmo que em desacordo com as contradições e disputas que marcaram sua carreira.

Figura 15 – Fotografia do acervo físico no American Heritage Center



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming.

O acervo atua, portanto, como um mediador entre passado e presente. A organização e disponibilização dos documentos instituem uma leitura específica do papel de Lee na história dos quadrinhos, reforçando sua persona pública. Como destaca Gondar (2015), o ato de curar um arquivo é também um ato de interpretar o tempo e o espaço: “a memória não é aquilo que resta, mas o que é convocado no presente como vestígio do passado” (p. 45). O arquivo, nesse sentido, não é neutro, é um artefato de poder simbólico.

Entre os materiais de maior impacto no acervo estão as cartas de fãs e os registros de interações com leitores, que funcionam como testemunhos afetivos da recepção popular de suas criações. Esses documentos carregam a legitimidade do cotidiano e da experiência compartilhada, reforçando o vínculo entre autor e público, ao mesmo tempo em que cristalizam a figura de Lee como o rosto acessível e afetuoso da Marvel Comics. Eles reforçam o que Guillaume (2003) chama de “vestígios do efêmero”, como já mencionado, ou seja, elementos materiais que capturam o efeito emocional de uma época.

A materialidade do acervo, com seus envelopes, datilografias, margens anotadas e desenhos à mão livre, remete a uma estética da memória construída sobre a autenticidade. Em um contexto em que a cultura pop circula cada vez mais em formatos digitais e descartáveis, a permanência desses registros físicos reforça seu valor simbólico. Como aponta Bosi (2005), “a memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto”, e essa ancoragem na materialidade confere densidade à lembrança.

Embora o acervo seja uma fonte riquíssima para pesquisadores e fãs, ele também convoca a pensar criticamente sobre os silêncios e ausências que o compõem. Onde estão os documentos que registram os conflitos com Ditko ou Kirby? E os vestígios das disputas legais e das divergências editoriais? A memória ali instituída não é total, ela é parcial, editada e direcionada. Trata-se de uma curadoria que afirma um *ethos* heroico — transformando o próprio Lee em superpersonagem — e que, ao fazer isso, desativa ou suaviza tensões históricas.

Nesse sentido, o acervo, além de documentar a trajetória de um criador, ativa uma pedagogia da memória. Ensina o que lembrar e como lembrar, oferecendo uma gramática simbólica do sucesso, da criatividade e da liderança midiática. Ao organizar o arquivo para destacar sua trajetória como autor e figura pública carismática, Stan Lee ou os responsáveis por seu legado constroem um espaço onde a memória é constantemente reinscrita como valor cultural e comercial.

Como observou Jameson (1997), a cultura no capitalismo tardio se organiza pela lógica do simulacro e da mercantilização. A memória, nesse contexto, torna-se também uma mercadoria simbólica — ela circula, acumula valor, é negociada. O acervo de Stan Lee, ao ser institucionalizado em uma universidade de prestígio, cumpre essa multifunção: preserva e promove, arquiva e monumentaliza, documenta e mitifica.

1.3.2.1 Stan Lee entre a autolegitimação e a disputa por memória

A presença recorrente de Stan Lee em entrevistas, colunas editoriais, participações especiais e campanhas publicitárias evidencia sua atuação como *persona midiática*. Uma figura que, segundo Goffman (2011) e Fausto Neto (2008), resulta da articulação entre performance individual e legitimação discursiva em esferas públicas. Sua imagem foi construída por meio de práticas reiteradas de autodeclaração, mas também impulsionada pelas estratégias institucionais da Marvel, que o consolidaram como o “rosto oficial” da editora, tensionando continuamente os limites entre identidade privada e representação pública.

Nesse contexto, a noção de curadoria da memória mostra-se especialmente útil. Como aponta Gondar (2015), curar memórias é preservar objetos do passado, assim como selecionar, organizar e atribuir sentido simbólico aos registros da experiência, operando uma lógica de permanência que envolve tanto lembranças quanto esquecimentos.

O caso de Stan Lee, essa curadoria simbólica não se restringe ao acervo físico, ela se desdobra na performatividade pública de certos traços reiterados ao longo de sua trajetória — o humor autodepreciativo, a devoção aos fãs, a narrativa do “homem comum entre deuses”. Esses elementos definiram sua imagem enquanto estava vivo, e seguiram em circulação e ressignificação mesmo após sua morte, promovidos tanto por fãs quanto por estratégias comerciais da Marvel e da Disney.

Essa performance sustentada contribuiu para consolidar uma narrativa afetiva e acessível, capaz de atravessar gerações e ganhar novo fôlego nas mídias digitais. A imagem de Stan Lee, portanto, permanece ativa, sendo reciclada por memes, tributos e aparições póstumas, compondo uma memória viva em constante disputa.

Como parte desse esforço de autopreservação simbólica, Lee também promoveu transformações estéticas — o uso de óculos escuros, vestuário moderno e, possivelmente, recursos capilares artificiais — buscando alinhamento com uma imagem jovial e contemporânea. Entre 1967 e 1977, conforme indicado na Figura 16, tais mudanças coincidem com o momento em que sua projeção como emblema da Marvel se consolida.

Figura 16 – Mudança do visual de Stan Lee ao longo da década de 1967 a 1977 – quando sua imagem se consolida como o rosto da Marvel.



Fonte: Reddit (2021)

A consciência que Lee parecia ter sobre sua representação pública e sua relação com os fãs revela um esforço deliberado de influenciar os modos pelos quais sua trajetória seria lembrada. Ainda que não se possa atribuir a ele controle absoluto sobre sua memória pública — já que a memória coletiva é social, relacional e permeada por disputas — é inegável que Lee mobilizou estratégias discursivas eficazes para consolidar-se como ícone da cultura pop. Mesmo em momentos de menor relevância criativa, sua presença se manteve constante e reverberou como referência central no universo dos quadrinhos.

Essa estratégia de reafirmação pode ser observada em obras como *Origins of Marvel Comics*, nas quais Lee transforma episódios banais em narrativas épicas, repletas de hipérboles e exaltações à Marvel. Um de seus trechos mais citados demonstra bem essa retórica: “Marvel Comics. Deixemos saborear o som dessas palavras reconfortantes. Deixemos nos deleitar no brilho do prazer que elas prometem. Marvel Comics. Não tanto um grupo de revistas, mas um humor, um movimento, uma loucura leve e momentânea” (Lee, 1974 *apud* Beard, 2019).

Críticos apontaram essa linguagem como um exemplo da autoglorificação característica de Lee, sugerindo que seu discurso não visava apenas entreter, mas também fixar sua posição como figura carismática e indispensável na história editorial da Marvel. Em colunas como o “Stan’s Soapbox”²¹ e boletins como o “Bullpen Bulletin”²², ele construiu um vínculo direto com os leitores, utilizando uma linguagem informal, marcada por aliterações e apelidos afetivos como “Smiling Stan Lee” e “Jolting Jack Kirby”. A autodenominação como “The Man” e a consagração de Kirby como “The King” tornaram-se, desde então, marcos afetivos e simbólicos da cultura dos quadrinhos.

A retórica de Lee era não apenas um estilo de comunicação, mas uma prática de legitimação de sua própria autoridade narrativa. Exemplo disso está em frases como citadas a seguir, nas quais pode-se notar que a hipérbole e o tom messiânico reforçam seu papel como porta-voz da marca, enquanto ampliam sua autoimagem como artífice da “mania Marvel”.

²¹ *Stan’s Soapbox* era uma coluna editorial publicada mensalmente nas revistas da Marvel Comics entre 1967 e 1980, escrita por Stan Lee. Servia como espaço de comunicação direta com os leitores, combinando reflexões sociais, posicionamentos éticos e estratégias de engajamento da marca. Considerada uma ferramenta de construção de *ethos*, a coluna consolidou a figura pública de Lee como porta-voz da Marvel e defensor de valores como diversidade, inclusão e responsabilidade social.

²² *Bullpen Bulletins* era uma seção editorial incluída nas revistas da Marvel a partir dos anos 1960, que trazia atualizações sobre os bastidores da editora, lançamentos futuros, comentários internos e celebrações do “espírito Marvel”. Redigida majoritariamente por Stan Lee e outros editores, a seção cultivava uma sensação de proximidade e pertencimento entre os leitores, fomentando uma cultura de fãs coesa e participativa.

Mas, mesmo enquanto escrevo estas palavras imperecíveis, um pensamento incômodo me atormenta. Em algum lugar lá fora, furtivamente se esgueirando entre os membros do *Marveldom*²³ reunido, será que existe alguma alma infeliz que ainda não provou o néctar inebriante da mania Marvel? (Lee, 1974 *apud* Beard, 2019)

Contudo, é preciso resistir a leituras que absolutizam sua autonomia. A trajetória de Lee enquanto figura pública esteve marcada por ambivalências. Se por um lado ele protagonizava sua própria narrativa, por outro, foi também instrumentalizado pela lógica corporativa, que o transformou em ativo simbólico valioso. Sua visibilidade, nesse sentido, servia tanto à construção de um legado quanto aos interesses empresariais que capitalizavam sobre sua imagem.

A doação de seu acervo ao American Heritage Center, por exemplo, pode ser interpretada duplamente: como gesto de preservação cultural e como movimento estratégico de legitimação institucional. Essa tensão entre protagonismo e captura exige uma leitura crítica que compreenda sua atuação como situada em um campo simbólico em constante negociação, em que a memória não é algo que se possui, mas algo que se disputa.

Em 1977, Stan Lee iniciou sua relação com o AHC, instituição vinculada à Universidade de Wyoming, onde passou a depositar gradualmente seu acervo pessoal. Esse gesto, que à primeira vista poderia ser interpretado como uma simples prática de organização documental, revela, à luz de uma análise crítica, uma operação simbólica mais complexa. Não se tratava apenas de preservar registros, mas de garantir que determinados aspectos de sua trajetória fossem institucionalizados, ou seja, fixados em uma narrativa autorizada — legitimada por uma instância acadêmica.

A escolha de um centro universitário para abrigar seu acervo reforça a ideia de que Lee não buscava apenas uma valorização afetiva da sua própria história: havia ali um gesto de inserção cultural e patrimonial, um esforço para reposicionar os quadrinhos — e a si mesmo — em um novo regime de valor. Como observa Kellner (2001), em contextos de mediação avançada, figuras públicas tornam-se recursos simbólicos mobilizados por instituições para legitimar narrativas culturais. Nesse sentido, o arquivo de Stan Lee transcende a condição de um repositório de papéis, documentos, é um vetor de consagração.

²³ Comunidade de fãs. Ele foi popularizado por Stan Lee em publicações da própria editora, especialmente nas páginas das revistas em quadrinhos, onde ele cultivava um senso de pertencimento entre os leitores. Na década de 1960, Stan Lee utilizou o termo *Marveldom Assembled* para descrever a crescente base de fãs da Marvel, incentivando uma cultura participativa e um sentimento de exclusividade entre seus leitores. Esse conceito se conecta diretamente à construção de uma identidade coletiva em torno da editora e seus personagens, antecipando elementos do que mais tarde seria formalmente estudado como cultura de fãs (*fandom*).

A consolidação desse acervo foi acompanhada por frequentes correspondências com Gene Gressley, diretor do AHC, nas quais Lee demonstrava tanto humor quanto zelo em relação à preservação dos materiais enviados. Ainda que os relatos sejam permeados por brincadeiras — como ao chamar os documentos de “papéis fantasmagóricos” —, suas atitudes indicam uma preocupação real com a conservação e curadoria da própria imagem. A prática de enviar caixas cuidadosamente selecionadas, a sistematização dos documentos e a atenção às narrativas que esses registros possibilitavam revelam uma estratégia de organização da memória voltada à posteridade.

A relevância desse gesto se intensifica após o incêndio nas instalações da Marvel Productions, ocorrido em 1984, que destruiu parte significativa dos arquivos corporativos. Esse episódio evidenciou a precariedade da memória institucional e reforçou a importância da ação de Lee, que, ao antecipar tal perda, já havia garantido que parte substancial de sua trajetória estivesse resguardada em uma instituição externa, sob seus próprios termos.

Após sua saída da Marvel, em 1998, Lee tentou se reinventar como empreendedor digital com a criação da Stan Lee Media (SLM). A proposta era ambiciosa: utilizar a internet como plataforma para lançar personagens e expandir sua atuação autoral, agora desvinculada da Marvel. No entanto, o projeto fracassou tanto comercial quanto juridicamente. Acusações de fraude e má gestão culminaram na falência da empresa, manchando sua imagem pública e revelando os limites de sua atuação no campo corporativo fora do ecossistema da Marvel. A derrocada da SLM desvela um aspecto frequentemente encoberto da persona de Lee: sua vulnerabilidade diante do mercado e suas dificuldades como gestor autônomo.

A tentativa de recuperar sua imagem após esse insucesso culminou na publicação da autobiografia *Excelsior! The Amazing Life of Stan Lee* (2002), escrita em coautoria com George Mair. A obra representou o fechamento de um ciclo de autoafirmação iniciado ainda nos anos 1970, quando Lee havia ensaiado escrever uma autobiografia, porém sem sucesso. A versão publicada, no entanto, foi duramente criticada por adotar um tom autoindulgente, silenciando responsabilidades e oferecendo justificativas unilaterais para seus fracassos. Como observa Riesman (2021), a narrativa biográfica reforça a imagem de um Lee “injustiçado”, que teria confiado demais nas pessoas erradas, omitindo elementos fundamentais como a própria convivência com os rumos da SLM.

Esse reposicionamento narrativo, baseado na vitimização e no apagamento de conflitos, serve como um reflexo do projeto de curadoria que Lee exercia sobre sua própria trajetória. O que se preserva, o que se omite, o que se ressignifica — tudo se articula em torno de uma performance de si mesmo como lenda, mesmo que às custas da complexidade real de sua trajetória. Como lembra Halbwachs (2013), a memória é socialmente construída e não pode ser reduzida à intenção de um único indivíduo. Ainda assim, Lee soube mobilizar recursos simbólicos e institucionais para tentar influenciar os sentidos futuros de sua memória, transformando-a em ativo cultural e mercadológico.

Ao longo dos anos, sua figura continuou a aparecer em contextos diversos: de participações em eventos e entrevistas até sua presença constante em *cameos*²⁴ nos filmes do MCU, já sob a gestão da Disney. Essas aparições, inicialmente cômicas ou metalinguísticas, transformaram-se, com o tempo, em rituais de evocação — formas simbólicas de marcar sua permanência mesmo após sua morte, reforçando a ideia de que, mais do que um criador, Stan Lee se tornou um signo flutuante da marca Marvel.

1.3.2.2 Stan Lee e o American Heritage Center

A sistematização do acervo pessoal de Stan Lee em uma instituição de prestígio como o American Heritage Center (AHC) revela mais do que uma prática de preservação documental, trata-se de um processo simbólico de monumentalização de sua figura pública. Stan Lee não foi apenas um criador de personagens, ele se converteu em uma marca cultural — expressão que sintetiza sua trajetória enquanto símbolo mobilizável pela indústria do entretenimento. Como observa Kellner (2001), em contextos de midiaticização avançada, figuras públicas passam a operar como “recursos simbólicos”, cujo valor transcende a obra produzida e reside na capacidade de sua imagem ser ativada por instituições, corporações e narrativas midiáticas.

Nesse sentido, a figura de Stan Lee adquire uma função estratégica: ele encarna a narrativa fundadora da Marvel, incorporando atributos como criatividade, proximidade com o público e protagonismo visionário. Essa personalização não apenas legitima sua presença nas instâncias culturais, como também facilita a conversão de sua memória em valor de mercado — ilustrando como a cultura pop opera na encruzilhada entre memória, mito e mercadoria.

²⁴ No contexto audiovisual, *cameo* refere-se a uma breve aparição de uma figura conhecida — como o autor, diretor ou celebridade — interpretando a si mesmo ou um personagem menor.

A análise das correspondências entre Stan Lee e Gene Gressley, diretor do AHC, permite problematizar a natureza desse gesto arquivístico. Longe de uma ação meramente prática ou casual, o envio metódico de documentos indica uma consciência, por parte de Lee, do valor simbólico de preservar sua própria versão dos fatos. Ainda que marcado por seu conhecido humor e por certa teatralidade — como ao descrever sua secretária como uma “curadora improvisada” —, o tom leve dessas cartas não obscurece a intenção subjacente: garantir que sua trajetória fosse registrada sob parâmetros que ele próprio ajudou a definir.

As interações com o AHC extrapolam a lógica tradicional entre doador e instituição arquivística. Desde o início, Lee parece ter compreendido que o centro não era apenas um repositório, mas um espaço simbólico capaz de conferir legitimidade histórica e cultural. A escolha de uma instituição acadêmica como guardiã de seu acervo não foi, portanto, inocente, ela reflete a tentativa de deslocar sua imagem do campo do “entretenimento descartável” — estigma frequentemente associado aos quadrinhos — para o campo do patrimônio cultural respeitável.

Nesse movimento, a ideia de uma “biografia de documentos”, mencionada por Gressley em uma das cartas, parece ter entusiasmado Lee exatamente por corresponder ao seu desejo de organizar sua trajetória em termos públicos, reconhecíveis e institucionalizados. A construção desse arquivo lhe permitia não apenas preservar materiais, mas também participar da curadoria de seu próprio legado — o que não significa, como alertam Halbwachs (2013) e Assmann (2008), exercer um controle absoluto sobre as formas futuras de lembrança. A memória pública é, afinal, um campo de disputas, no qual as intenções do sujeito são apenas uma das forças em jogo.

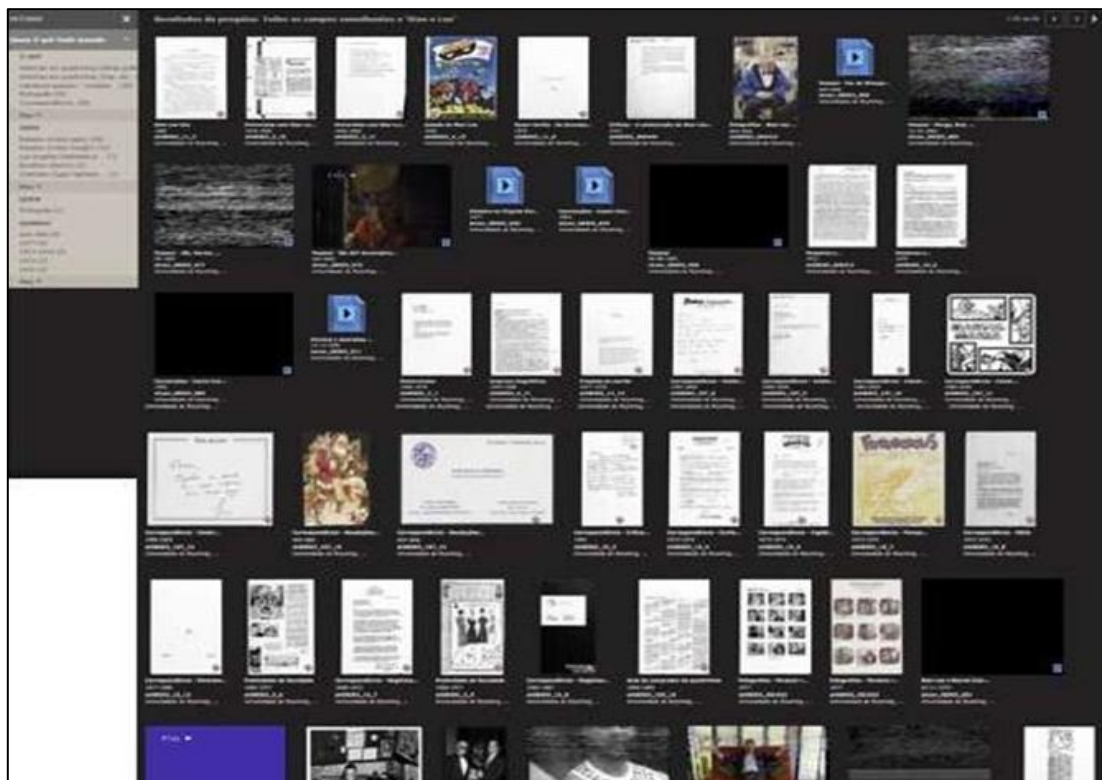
Os “Stan Lee Papers” refletem mais do que um gesto de preservação. Com uma coleção de aproximadamente 200 caixas contendo cerca de 150 mil documentos – incluindo cartas de fãs, relatórios institucionais da Marvel, notas sobre novos personagens, convites e até filmes caseiros. Essa amplitude sugere não apenas a intenção de preservar sua trajetória, mas também o reflexo de um comportamento acumulativo, onde até mesmo documentos aparentemente triviais encontraram espaço em seu arquivo pessoal, um comportamento típico dos anos de 1970, como mostram as figuras 17 e 18.

Figura 17 – Stan Lee dentro do acervo da Universidade



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming.

Figura 18 – Print da página da Universidade de Wyoming – Acervo de Stan Lee



Fonte: Universidade de Wyoming.

Talvez Lee tivesse entendido a sua importância histórica, ou ainda quisesse simplesmente guardar os documentos da empresa que passava por grandes mudanças acionárias e tivesse alguma intenção futura de se proteger?

No entanto, é possível questionar: como esse acervo foi constituído ao longo dos anos, ele reflete um planejamento minucioso ou simplesmente o resultado de um hábito de guardar documentos e materiais relacionados à sua carreira.

Figura 19 – Detalhe do Acervo de Stan Lee



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming.

Essa dualidade — entre intencionalidade estratégica e práticas inicialmente espontâneas — é central para compreender a relação de Stan Lee com o American Heritage Center (AHC). Ainda que suas interações com Gene Gressley e a escolha da instituição como destino de seu acervo indiquem uma preocupação clara com a construção de sua narrativa, o próprio conteúdo arquivado revela a complexidade de suas motivações. É plausível supor que um gesto inicialmente cotidiano de preservação tenha se transformado, gradualmente, em uma oportunidade estratégica de consolidação de sua trajetória como figura histórica da cultura pop.

Em uma indústria tradicionalmente marcada pelo estigma do “entretenimento descartável”, transferir seu arquivo pessoal para uma instituição acadêmica respeitável não apenas garantia a sobrevivência documental de sua obra, mas também a reconfigurava como objeto digno de memória cultural. Nesse gesto, observa-se mais do que uma preservação prática: trata-se de um movimento de legitimação simbólica, projetando seu nome para além das flutuações do mercado e da efemeridade midiática, como um dos principais ícones culturais do século XX.

As correspondências trocadas entre Stan Lee e Gene Gressley evidenciam que essa relação ultrapassava a formalidade entre doador e arquivista. Desde o início, Gressley, na condição de diretor do AHC, parece ter reconhecido em Lee uma figura de valor estratégico para o enriquecimento do acervo, dada sua importância cultural e midiática. Lee, por sua vez, não considerava o AHC apenas um espaço de guarda, mas um ambiente de consagração

institucional — um lugar onde sua trajetória poderia ser fixada sob condições mais controladas, à margem das disputas autorais e das lógicas corporativas da Marvel.

A troca de cartas entre ambos é marcada por um tom de camaradagem e pelo humor típico de Lee. Em uma carta de 1982, por exemplo, ele brinca sobre o volume de documentos enviados e o fato de que sua secretária teria se tornado uma “curadora improvisada” no processo de organização do material. Embora tais passagens revelem leveza retórica, elas não obscurecem a intencionalidade presente em suas ações. Lee não estava apenas limpando seus arquivos, estava, também, selecionando, editando e moldando, peça por peça, a narrativa documental que sustentaria sua memória pública. Cada caixa enviada ao AHC ultrapassava o valor de registro e assumia o papel de elemento constituinte de uma biografia simbólica cuidadosamente mediada — como se observa na Figura 20.

Figura 20 – Carta de Gene Gressley para Stan Lee e a primeira entrada de Stan Lee no AHC, 16/11/1978.

November 16, 1978

Mr. Stan Lee, Publisher
Marvel Comics Group
575 Madison Avenue
New York, New York 10022

Dear Mr. Lee:

As you may recall, in 1977 we had some correspondence relating to the possibility of our Division of Rare Books and Special Collections becoming the repository for some of the material relating to our interest in the development of twentieth century popular culture. In your most gracious letter of May, 1977 you indicated an interest in our program and willingness to discuss the matter further.

I am planning on being in New York very briefly the week of December 4th. If convenient, I would very much enjoy stopping by for a short visit.

Cordially,

Gene M. Gressley
Director

GMG/sm

Lee, Stan
RB

Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 13, Folder 9)

O incêndio nas instalações da Marvel Productions, em 1984, evidenciou a precariedade da memória institucional, como já mencionado, e reafirmou a relevância da parceria que Stan Lee havia estabelecido com o American Heritage Center (AHC). Após o incidente, Lee intensificou o envio de documentos à instituição, demonstrando crescente preocupação com a preservação de sua trajetória — agora visivelmente ameaçada pela volatilidade dos registros corporativos.

Em carta enviada a Gene Gressley, Lee expressa alívio pelo fato de que parte de seu material já se encontrava sob a guarda do AHC. Refere-se aos documentos como “papéis fantasmagóricos” — expressão que, embora marcada por seu habitual tom espirituoso, carrega uma ambiguidade significativa. Ao empregar essa metáfora, Lee sugere que os documentos resguardados representavam não apenas arquivos salvos, mas também vestígios frágeis de um passado que por pouco não se perdeu.

A imagem dos “fantasmas”²⁵ confere ao acervo um estatuto liminar: nem plenamente presente, nem inteiramente ausente, mas assombrado pela possibilidade de apagamento. A partir desse episódio, torna-se evidente que o arquivo pessoal passou a operar, para Lee, como um mecanismo de resistência à fragilidade da memória institucional.

Esse momento se configura, portanto, como um ponto de inflexão simbólica: a destruição parcial do acervo da Marvel acentuou a consciência de que a memória, especialmente em contextos corporativos, está sujeita a apagamentos não apenas involuntários, mas também estruturais. A parceria com o AHC, nesse sentido, oferecia não apenas um espaço físico de conservação, mas uma forma de amparo simbólico, conferindo estabilidade e legitimidade à narrativa que Lee buscava preservar — como mostra a Figura 21, a seguir.

²⁵ A expressão “papéis fantasmagóricos”, utilizada por Stan Lee em carta a Gene Gressley, denota simultaneamente o humor típico de sua persona e uma inquietação mais profunda com a fragilidade da memória documental, especialmente após o incêndio que atingiu parte do acervo da Marvel em 1984. A metáfora revela a oscilação entre leveza performática e consciência da impermanência histórica, resignificando os documentos enviados como vestígios simbólicos de um passado a ser preservado sob curadoria autorizada.

Figura 21 – Carta de Stan Lee para Gene Gressley, 1982.
Coleções do American Heritage Center, Universidade de Wyoming.



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (pasta não identificada).

Embora Stan Lee nunca tenha declarado explicitamente que a parceria com o American Heritage Center (AHC) visava à perpetuação de sua memória, suas ações indicam uma preocupação constante com os modos pelos quais sua trajetória seria lembrada. Essa colaboração teve início ainda nos anos 1970, quando sua figura pública não havia alcançado a visibilidade global que viria com o advento do Universo Cinematográfico Marvel (MCU). Ainda assim, Lee tomou medidas deliberadas para assegurar que partes significativas de sua trajetória fossem preservadas — antecipando, talvez, os riscos de apagamento histórico e de reconfigurações narrativas promovidas por instâncias corporativas.

Os documentos disponíveis sugerem que a escolha do AHC como depositário de seu acervo ultrapassava o interesse em uma simples salvaguarda documental. Em um campo cultural frequentemente marginalizado como “entretenimento descartável”, vincular sua história a uma instituição acadêmica reconhecida funcionava como um gesto de legitimação simbólica. Mais do que arquivar papéis, tratava-se de inscrever sua imagem no horizonte da memória cultural institucionalizada.

Essa decisão também pode ser lida como parte de uma estratégia de autopromoção e de construção simbólica de autoridade. Ao centralizar seus materiais no AHC, Lee não apenas protegia seu legado, mas participava ativamente da definição dos parâmetros sob os quais esse legado seria acessado. Essa seletividade revela um esforço de curadoria identitária, no qual sua versão da história — com ênfase em sua centralidade criativa — ganhava protagonismo. Tal prática, contudo, deve ser compreendida dentro da ambiguidade inerente às narrativas de memória: ao mesmo tempo em que Lee preservava sua trajetória, ele também a organizava de modo a afirmar sua posição como o arquiteto da Marvel.

Um exemplo ilustrativo dessa dinâmica ocorreu após o incêndio de 1984 nas instalações da *Marvel Productions*. Em correspondência com Gene Gressley, Lee expressa alívio por já ter encaminhado parte de seu acervo ao AHC. A metáfora, apesar do tom espirituoso, revela uma consciência aguda da efemeridade da memória institucional e do valor simbólico dos documentos que resistem ao esquecimento. Nesse contexto, os arquivos ganham não apenas valor histórico, mas também estatuto de vestígios frágeis de uma narrativa em disputa.

A análise do acervo aponta para uma clara ênfase na valorização de sua própria contribuição, muitas vezes em detrimento das colaborações que moldaram o universo Marvel. Essa operação seletiva evidencia o que Halbwachs (2013) conceitua como memória coletiva: um processo social de rememoração no qual grupos — e indivíduos situados em posições estratégicas — escolhem o que lembrar e o que esquecer, de acordo com interesses, disputas e condições contextuais.

Bosi (1993), ao tratar da memória como construção cultural situada, reforça que o registro do passado nunca é neutro, mas mediado por valores e por disputas de sentido. Ao confiar seu legado ao AHC, Lee não apenas o preservava; ele participava ativamente da elaboração das fronteiras de sua própria memória pública.

A leitura da parceria com o AHC como um gesto puramente altruísta de preservação cultural, portanto, seria ingênua. O arquivo representa também uma tentativa de influenciar a forma como sua história seria narrada no futuro — uma maneira de proteger-se das incertezas e controvérsias que permeavam sua trajetória, especialmente no que diz respeito às disputas de autoria. Sua posição como “o rosto da Marvel”, embora estratégica, era também vulnerável, sujeita a reconfigurações e reapropriações que escapavam ao seu controle direto. Nesse sentido, a centralização do acervo pode ser vista como um gesto de autodefesa simbólica.

Nem todas as decisões de Lee no processo de arquivamento devem ser interpretadas como parte de um cálculo estratégico. Em entrevistas, ele chegou a justificar sua escolha pelo AHC mencionando sua admiração por Jack Benny, cuja documentação também se encontra

preservada na mesma instituição. Esse comentário, aparentemente trivial, revela a sobreposição entre o plano afetivo e o simbólico nas decisões de curadoria. Sua relação com o AHC oscilava, assim, entre lógica institucional, memória afetiva e oportunidades de consagração cultural.

Com o tempo, Lee passou a utilizar o AHC não apenas como um repositório. Ele participou de eventos acadêmicos, visitou o campus da Universidade de Wyoming e defendeu publicamente o valor dos quadrinhos como expressão cultural legítima. Essas ações, embora alinhadas a um projeto de valorização do campo, também podem ser compreendidas como parte de sua performance midiática: um esforço contínuo para reforçar sua imagem como figura central da história dos quadrinhos, em contraste com as controvérsias envolvendo coautores como Jack Kirby e Steve Ditko.

O arquivo do AHC, portanto, não deve ser interpretado apenas como um gesto de preservação documental, mas como uma prática de curadoria simbólica que combina memória afetiva, estratégias de reconhecimento e disputas por autoridade narrativa. Sua existência atesta não um controle absoluto de Lee sobre sua própria história, o que seria ilusório, mas a consciência de que a memória é um campo de forças no qual o sujeito pode atuar, mas jamais dominar. A narrativa registrada no AHC é testemunho e construção, uma tentativa de inscrever sua trajetória no cânone cultural com os contornos que ele próprio ajudou a delinear.

1.3.3 A construção midiática de Stan Lee

A partir dos anos 1970, a mídia desempenhou um papel fundamental na reconfiguração da imagem pública de Stan Lee, contribuindo decisivamente para sua consolidação como o “rosto da Marvel” e, posteriormente, como uma figura de destaque na cultura pop ocidental. Esse processo não deve ser compreendido como mera projeção espontânea, nem como produto exclusivo da vontade do sujeito. Trata-se de uma construção simbólica que articula intencionalidade estratégica, dispositivos midiáticos e a lógica de circulação do capital cultural.

O contexto da época foi marcado pela ascensão da televisão como meio dominante, pela força ainda presente da imprensa impressa e a crescente profissionalização da comunicação institucional nas editoras. Inserido nesse ambiente, Stan Lee tornou-se um operador habilidoso das plataformas disponíveis — *talk shows*, matérias em jornais e revistas, colunas assinadas e aparições públicas — tornaram-se arenas de visibilidade, por meio das quais ele ampliava sua persona pública. Como afirma McLuhan (1974), “o meio é a mensagem”, a escolha do canal e da linguagem molda o conteúdo transmitido e sua recepção social. Lee compreendeu essa dinâmica e a utilizou para projetar uma imagem que reunia carisma, autoridade criativa e conexão afetiva com o público leitor.

Esse processo de construção midiática opera, conforme Barthes (1980), pela transformação de um personagem histórico em mito moderno — ou seja, uma figura que naturaliza significados socialmente construídos. Stan Lee foi paulatinamente inscrito em um regime simbólico que o elevou da condição de editor a emblema institucional da Marvel. A recorrência de sua imagem — tanto nas páginas das revistas como em sua coluna *Soapbox*, quanto em entrevistas e eventos públicos — reforçava esse *ethos* carismático, performando um sujeito acessível e visionário. Como observa Maingueneau (2005), o *ethos* não é um dado, mas um efeito construído discursivamente. Lee acionava, com intencionalidade, elementos como a linguagem informal, o uso de apelidos e um tom entusiástico para sustentar uma figura de autoridade simpática.

A figura do “mito midiático”, contudo, carrega uma ambivalência inerente. Joseph Campbell (1997) já advertia que figuras públicas, ao se tornarem objeto de projeção coletiva, passam a ser mitologizadas, assumindo funções simbólicas de orientação e inspiração. Nas sociedades contemporâneas, essa mitologização é operada pela mídia — que substitui a tradição oral como principal mediadora da circulação de narrativas exemplares. Assim, o mito moderno não desaparece; ele se adapta, e a mídia passa a operar como a principal instância de produção, difusão e reatualização dessas figuras.

Ainda assim, é necessário reconhecer os limites dessa ascensão. O *ethos* midiático de Lee foi edificado a partir do silenciamento de outras vozes, especialmente dos coautores com quem dividiu a criação de personagens icônicos. Figuras como Jack Kirby e Steve Ditko foram gradualmente deslocadas das narrativas hegemônicas que creditavam a Lee a totalidade das criações. Como argumenta Amaral (2013), a visibilidade midiática é sempre assimétrica e regulada por dispositivos de poder simbólico. Nesse contexto, o apagamento de colaboradores favoreceu a unificação da marca em torno de um único rosto, convertendo Lee em símbolo e porta-voz da indústria.

Essa dinâmica pode ser interpretada à luz do conceito de capital simbólico, formulado por Bourdieu (1992), como a capacidade de converter prestígio em autoridade legítima dentro de um campo cultural. A exposição midiática de Lee não se resumia à promoção da Marvel, ela também legitimava sua posição como figura central do universo dos quadrinhos, deslocando-o de um lugar marginal da cultura de massa para uma posição de respeitabilidade pública. Um exemplo claro desse movimento pode ser visto no artigo apresentado na Figura 22, no qual Lee desafia a noção dos quadrinhos como arte inferior ao afirmar que preferia “ler uma boa HQ a assistir uma ópera ruim” — um gesto retórico que buscava redefinir os limites da legitimidade cultural por meio de sua própria persona.

Ao longo dessas décadas, Stan Lee não apenas acompanhou a transformação da indústria, ele a performou. Sua imagem tornou-se um operador simbólico capaz de condensar valores como criatividade, rebeldia domesticada e otimismo, configurando uma narrativa de sucesso acessível — mas, paradoxalmente, inatingível. A persona de Lee inscreveu-se assim no imaginário coletivo: como autor e como mito moderno, que longe de ser espontâneo ou desinteressado, foi cuidadosamente cultivado no entrecruzamento: discurso, mídia e mercado.

Figura 22 – Artigo de jornal sobre Stan Lee, “Lee belies comic’s image”

Kritique:
Lee belies comic's image

By KRIS CARLSON

His set comfidence in the chair, dark glasses on, even though he was inside. His short sleeves were rolled up and his hair was graying, yet his moustache was still neatly dark. He is left-handed, of average build, and speaks with an almost nasal quality.

Funny, it's really not how I pictured him when I was 12. I imagined him to be somehow abnormal—really, how could an intelligent grown man make a living writing comic books?

But even though people like Marvel comics and their superheroes, are comics art?

There are actually some people who may not think it appropriate for Stan Lee, now publisher of Marvel Comics (since art director, editor, etc.), to be a guest at our Houston Film Arts Festival.

I, however, disagree, and Lee expressed the same feeling when he commented that anything creative is art, that quality is the only big determining factor in media qualification.

In fairness to the comic book opposition forces, Lee admitted that it is following the government's propaganda against communism during the Red Scare. However, he also observed that "Marvel Comics is never having to say you're sorry."

With each change in the country's mood, so did the mood of Marvel change.

Back to the value of comic books: their effectiveness as a means of communication can't be overlooked either. Movies may have the greatest impact, but you can't carry them with you or study them at your own pace.

By changing the method of instructing army officers in World War II from reading ordinary manuals to reading about the comic book adventures of Freddy Finson, Stan Lee and the army condensed the learning period from six months to six weeks.

Obviously, the instructional as well as the entertainment value of comics is often underestimated.

Finally, Lee made the interesting observation that comic books are the last weapon against "television."

Comics show young people how enjoyable reading and the printed word can be. Surely this function alone legitimates the existence of comics as one of the most important social institutions of all times.

'I'd rather read a good comic than go to a bad opera'

Yet Stan Lee is intelligent. Far from a better adjective, he's a smart man. He has a sense of humor, he's knowledgeable, he's likable and he's created some people's best friends, like Spiderman and the Hulk.

Remember those friends of our youth? The Fantastic Four, Thor, Silver Surfer and Captain America? Who did we like them so much? Why are they still so popular? Lee, who appeared at James Madison University Thursday, suggested a few reasons why he thought superheroes dominate today's comic book scene, which was at one time dominated by westerns, then romances, etc.

First, he noted in reference to a quote he made in the 1960s, that any visual or verbal communication reflects characteristics of the times: "Marvel reflects our greediness—we only do books that sell!" People are interested in superheroes.

So why are Marvel heroes so popular? Because they're human, they're all dimensional. Lee observed that the fact that his characters have some emotional or physical flaw makes them more popular, unlike with DC comic heroes, where they are "lovely concocted with plot manipulation."

Lee also felt that a major reason for Marvel's success was that Marvel came across as honest, sincere, and as having a sense of humor. Lee said young people are tired of being lied to, and that they like people who can admit to making mistakes, which Marvel does.

"I'd rather read a good comic than go to a bad opera," he said.

Comic books make just as many social contributions, if not more, than some movies, plays, operas, photographs, etc.

For example, Marvel even broke the Comics Code Authority (a censoring body) when it ran a subtle lecture against drug use in three issues of one of its reigning popular series, a social contribution by anyone's standards.

Marvel was also in the forefront in the introduction of blacks into comic books, and is even now experimenting with more minority exposure such as with Oriental and women superheroes.

STAN LEE, publisher of Marvel Comics, spoke here Thursday as part of the 1981 Film Arts Festival. Lee started, pages two, five and eleven.

Angela Hayes-Parker



Fonte: American Heritage Center da Universidade de Wyoming (Box 3, Folder 4).

A construção da imagem pública de Stan Lee pode ser compreendida como um processo de mitificação mediado por estratégias discursivas que acionam tanto os dispositivos da mídia quanto os repertórios simbólicos da cultura pop. Conforme Barthes (1980, p. 132), o mito moderno não se limita à oralidade tradicional, mas se inscreve em múltiplos suportes: “a fala nada mais é que a mensagem: pode, portanto, não ser oral; pode ser formada por escritas ou por representações. O discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, o espetáculo, a publicidade, tudo isso pode servir de suporte para a fala mítica”. Os meios de comunicação, nesse sentido, operam como vetores da mitologização, construindo narrativas que extrapolam o factual para criar figuras que funcionam como espelhos e modelos da experiência social contemporânea.

No caso de Stan Lee, a construção de uma persona midiática não se deu apenas como forma de promoção editorial, mas como uma resposta simbólica às expectativas do público. O “ídolo midiático”, tal como delineado por Schwartzberg (1978), representa não aquilo que o sujeito é, mas aquilo que os admiradores desejam ser: “O herói desbanaliza e remitifica o poder. Transforma-o em algo transcendental, fascinante, misterioso. Uma atividade estranha e sagrada, exercida em meio ao sagrado e à distância” (p. 15). Nessa lógica, o herói moderno não nasce apenas da ação; ele é produzido por uma rede de significados que o posiciona como intermediário entre o ordinário e o extraordinário.

A imagem de Lee foi moldada por esse regime simbólico: seu entusiasmo, seu vocabulário carregado de bordões — como o célebre “Excelsior!” — e sua insistente valorização da criatividade e da perseverança são elementos que contribuíram para apresentá-lo como uma figura aspiracional. Não se tratava apenas de um editor ou roteirista; sua performance pública evocava o arquétipo do guia inspirador, aquele que, como os heróis que ajudou a criar, oferecia ao público um modelo de superação e imaginação criativa.

Esse *ethos*, cuidadosamente construído, foi reforçado pela recorrência de suas aparições em mídias diversas, nas quais sua imagem era reencenada como símbolo da própria Marvel. Ao mesmo tempo acessível e distante, simpático e visionário, Lee se posicionava como uma figura de autoridade emocional. Sua trajetória pessoal era mobilizada como prova viva do sonho possível — e sua própria presença pública funcionava como legitimação dessa narrativa.

Entretanto, é preciso resistir à tentação de naturalizar essa mitologização como algo espontâneo ou puro. A persona de Lee foi forjada em meio a um sistema de midiatização que, ao mesmo tempo em que o promovia, o posicionava estrategicamente dentro de um campo simbólico altamente competitivo. Sua imagem, portanto, deve ser lida como resultado de múltiplas mediações: entre o sujeito e a instituição, entre o discurso e o público, entre a memória

e a performance. Se, por um lado, ele remetia o poder à fantasia — “remitificando-o”, nos termos de Schwartzenberg —, por outro lado, sua figura operava como instrumento de legitimação e capitalização simbólica da própria marca Marvel.

Figura 23 – Entrevistas com Stan Lee em jornais de época



Fonte: Acervo digitalizado do American Heritage Center, Universidade de Wyoming.

1.3.3.1 A construção do mito

Na década de 1970, a mídia ocupava um lugar central na ampliação e consagração de figuras públicas, em um contexto em que a fama era menos instantânea e mais trabalhada por ações recorrentes e alinhadas à lógica da visibilidade gradual. A construção da persona midiática de Stan Lee reflete esse processo de mitificação paulatino, mas sustentado. Sua projeção não foi fruto de uma única estratégia deliberada, mas do entrecruzamento entre sua atuação performática, o crescimento comercial da Marvel e o papel legitimador da mídia em transformar sujeitos em signos culturais.

Stan Lee foi se moldando e sendo moldado, como o rosto da editora. Sua presença constante em programas de televisão, jornais, convenções e colunas públicas contribuiu para a formação de uma narrativa simbólica em que ele aparecia não apenas como criador, mas como figura visionária e entusiasta da arte dos quadrinhos. Esse *ethos* foi sendo reiterado por ele

próprio em discursos que enfatizavam sua paixão pela arte sequencial e sua capacidade de perseverança diante das dificuldades.

Ao longo das décadas, Lee não apenas participou da transformação da indústria dos quadrinhos, ele performou esse processo. Sua narrativa pessoal de superação, ao falar de momentos em que quase deixou a indústria antes de criar o Quarteto Fantástico, ou de sua insistência em desenvolver o Homem-Aranha, estrutura-se como uma versão moderna da jornada do herói.

Como observa Campbell (1997), é na superação dos testes que o herói conquista o reconhecimento. Ao posicionar-se como alguém que enfrentou o descrédito e mesmo assim persistiu, Lee ativava arquétipos familiares e se alinhava com esse imaginário.

Essa mitificação, entretanto, exigiu o constante gerenciamento da imagem. Em várias etapas de sua carreira, Lee enfrentou críticas e disputas, especialmente em torno da autoria das criações da Marvel. O modelo de "herói" que ele representava, conforme Schwartzberg (1978), está sujeito ao desgaste simbólico e ao cansaço coletivo. "Como viver permanentemente em plena epopeia?" (p. 31), questiona o autor ao tratar da queda dos mitos midiáticos. Lee, contudo, soube incorporar esses momentos de crise como parte de sua narrativa pública, recorrendo ao humor e à autoironia para humanizar-se diante do público. Bordões como "Excelsior!", e apelidos como "Stan the Man" e "Stiltin' Stan", ao mesmo tempo em que reforçavam seu carisma, funcionavam como estratégias discursivas para desviar críticas e consolidar sua empatia popular.

Essa relação entre vulnerabilidade performática e consagração simbólica é central para compreender o lugar de Lee no imaginário coletivo. Como aponta Barthes (1980), o mito se estrutura como um discurso que naturaliza o arbitrário, transformando a figura humana em signo. A imagem de Lee como o "pai dos super-heróis" consolidou-se não apenas por suas contribuições criativas, mas, sobretudo, pela repetição midiática dessa narrativa, em detrimento das complexidades do processo colaborativo.

A discussão sobre a construção do mito também se beneficia da contribuição de Kellner (2001), ao destacar que a cultura da mídia é o espaço privilegiado onde se travam disputas pela representação social. Para o autor, a mídia molda não apenas gostos, mas define o que é percebido como autoridade, legítimo e memorável. No caso de Lee, a mídia funcionou como campo simultâneo de consagração e apagamento: ao mesmo tempo em que amplificava sua imagem como ícone, silenciava os demais colaboradores, favorecendo uma narrativa hegemônica centrada em sua figura.

A transformação de Stan Lee em mito moderno, portanto, resulta da combinação entre suas ações performáticas, a dinâmica da cultura da mídia e as operações seletivas da memória coletiva. Sua imagem foi e continua sendo mobilizada como signo de inspiração, persistência e visão criativa, mas também como produto de uma arquitetura simbólica que privilegia rostos identificáveis em detrimento de processos complexos. A consagração de Lee é, em última instância, um sintoma da forma como a cultura pop organiza seus ídolos: entre a performatividade do carisma, a simplificação narrativa e a disputa por autoridade simbólica.

1.3.3.2 A construção do *ethos* discursivo

A construção da persona midiática de Stan Lee foi um processo profundamente estratégico, que envolveu a mobilização de diferentes dimensões do *ethos*, conforme analisado por Maingueneau (2005). Na retórica, o conceito de *ethos* refere-se à imagem de credibilidade e caráter que o locutor projeta durante o ato comunicativo. Essa imagem é uma construção fundamental para persuadir o público, pois estabelece uma relação de confiança entre enunciador e destinatário.

O *ethos* não se limita ao que o público já sabe sobre o locutor (sua reputação ou trajetória prévia), mas é continuamente construído e reafirmado dentro do próprio discurso. Esse *ethos* está ligado à própria enunciação, e não a um saber extradiscursivo sobre o locutor. Eis o ponto essencial: persuasão pelo caráter [= *ethos*] ocorre quando o discurso confere ao orador a condição de digno de fé, pois as pessoas honestas inspiram confiança. Porém, essa confiança deve ser o efeito do discurso, e não uma previsão sobre o caráter do orador (Maingueneau, 2005).

Essa construção do *ethos* é composta por três dimensões interconectadas: o *ethos* pré-discursivo, relacionado à reputação prévia do enunciador; o *ethos* discursivo, formado por aquilo que o locutor comunica diretamente; e o *ethos* mostrado, que se manifesta através de sua performance visual e comportamental. No caso de Stan Lee, essas dimensões foram mobilizadas de forma estratégica para estabelecer e reforçar sua imagem como o “rosto” da Marvel Comics, além de legitimar sua posição como o criador central do universo Marvel.

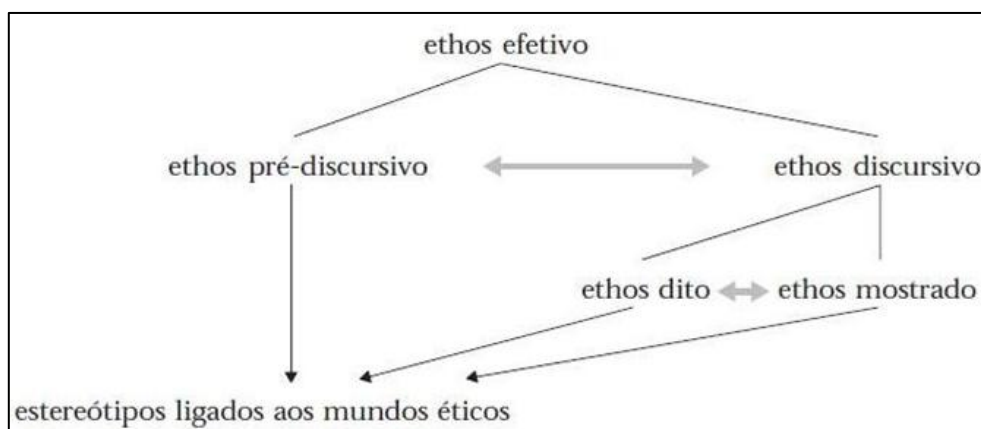
Barthes (1970) esclarece que o *ethos* está diretamente ligado à impressão que o orador projeta no público, independentemente de sua sinceridade: “São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para dar uma boa impressão [...] O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: eu sou isto aqui, não aquilo lá” (*apud* Maingueneau, 2005, p. 212).

A eficácia do *ethos*, como aponta Barthes (1980), está em sua sutileza: ele se infiltra em toda enunciação sem precisar ser declarado de forma explícita, funcionando como uma camada subjacente que influencia a percepção do público sobre quem fala.

Maingueneau (2005) propõe que a “incorporação” não é apenas um ato de recepção, mas um processo ativo que envolve interação, apropriação e recriação de sentidos. Essa ideia é particularmente interessante quando se analisam figuras como Stan Lee, cuja construção de *ethos* atravessou a esfera individual para se consolidar como um fenômeno coletivo e cultural:

Propus designar com o termo ‘incorporação’ a maneira como o intérprete – audiência ou leitor – se apropria desse *ethos*. Convocando de maneira pouco ortodoxa a etimologia, podemos fazer render essa ‘incorporação’ sob três registros: – a enunciação da obra confere uma ‘corporalidade’ ao fiador, ela lhe dá corpo; – o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitando seu próprio corpo; – essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso. (Maingueneau, 2005).

Figura 24 – Ethos desenvolvido por Maingueneau



Fonte: Maingueneau (2005)

A estrutura original de Maingueneau (2008) foca a interação entre *ethos* pré-discursivo, discursivo (dito e mostrado) e efetivo, mas não enfatiza suficientemente o papel ativo do público e da comunidade imaginária no processo de incorporação.

O *ethos* pré-discursivo de Stan Lee se baseava em sua história pessoal — um jovem de origem humilde que começou na *Timely Comics* como assistente e ascendeu ao cargo de editor-chefe. Essa narrativa apelava diretamente ao imaginário do “sonho americano”, apresentando Lee como um exemplo de superação, criatividade e trabalho árduo. Conforme Bourdieu (1992) essa etapa configura-se como acúmulo de capital simbólico. Antes mesmo de falar, Lee já se beneficiava de uma reputação construída por suas conquistas e sua posição na indústria. Esse

ethos pré-discursivo serviu como alicerce para as próximas dimensões de sua estratégia midiática, embora tenda a apagar a colaboração de outros agentes.

No tocante ao *ethos* discursivo, Stan Lee utilizava suas colunas editoriais, entrevistas e palestras para reforçar ativamente sua imagem como o arquiteto criativo da Marvel. Narrava com frequência sua participação na criação de personagens como Homem-Aranha, X-Men e Quarteto Fantástico, consolidando sua posição como o principal responsável pelo universo Marvel. Aqui, Barthes (1980) ajuda a compreender como essas narrativas funcionavam como “mitos modernos”. A construção de Lee como o criador visionário simplificava o processo criativo colaborativo e relegava outros participantes a papéis coadjuvantes. Embora Lee reconhecesse as contribuições de Kirby e Ditko, ele se posicionava como a força motriz por trás dos personagens icônicos.

Além disso, Maingueneau (2008) destaca a importância do *ethos* dito, ou seja, aquilo que o enunciador afirma sobre si mesmo. Lee utilizava metáforas e narrativas de superação para reforçar sua imagem, apresentando-se como um amigo e aliado dos leitores, o que facilitava sua identificação com o público.

O *ethos* mostrado de Stan Lee — sua performance pública e visual — desempenhou um papel elementar na construção de sua imagem. Suas características marcantes, como os óculos de aviador, o bigode e o bordão “Excelsior!”, criavam uma figura reconhecível e simpática. Esses elementos reforçavam sua imagem como uma personalidade vibrante e carismática. Essa performance visual também se traduzia em suas participações no Universo Cinematográfico Marvel. As aparições especiais de Lee nos filmes funcionavam como um *ethos* mostrado consistente, reafirmando sua conexão com a Marvel e atualizando continuamente sua imagem para novas gerações.

A ideia de “incorporação”, conforme desenvolvida por Maingueneau (2008), refere-se ao processo pelo qual o destinatário se apropria do *ethos* do enunciador. Nesse sentido, esse processo se desdobra em três níveis:

- 1) A corporalidade do enunciador: as narrativas e performances de Lee deram “corpo” à sua figura pública, tornando-o mais que um criador de quadrinhos. Ele tornou-se uma representação tangível dos valores da Marvel, como criatividade, otimismo e imaginação.

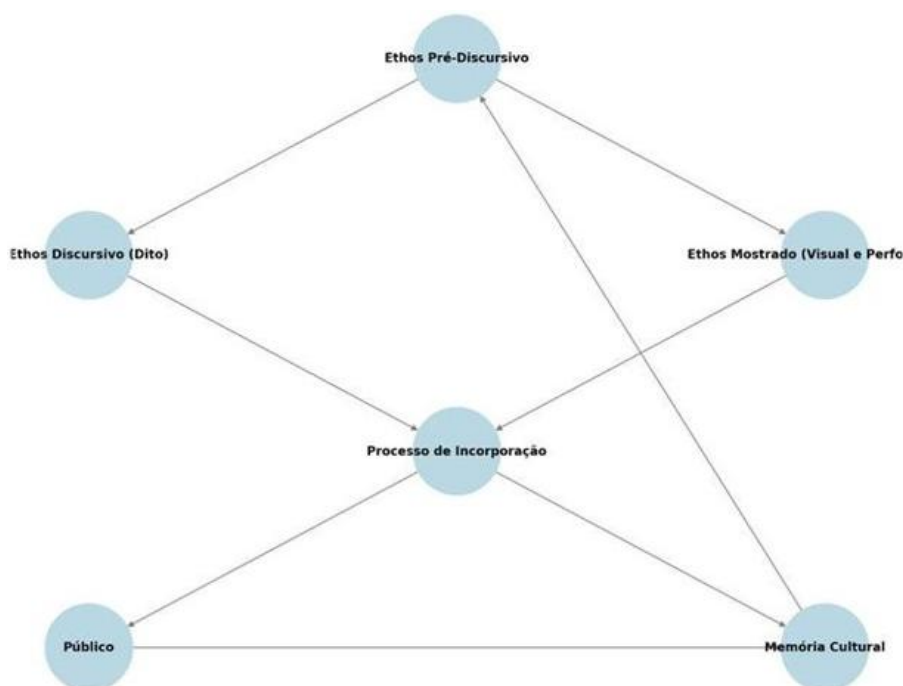
- 2) A assimilação pelo destinatário: o público internalizou os esquemas éticos e culturais promovidos por Lee, vendo nele um exemplo de resiliência e inovação. Trata-se de um claro processo de decodificação, em que o público ativamente interpretava e aceitava os valores transmitidos por Lee.

3) A formação de uma comunidade imaginária: essa incorporação também permitiu a formação de uma comunidade global de fãs, conectados por uma visão compartilhada do universo Marvel e pela figura de Stan Lee, cuja narrativa coletiva criava uma sensação de pertencimento, mesmo entre indivíduos que nunca se encontraram.

Assim, readaptando o esquema produzido por Maingueneau (2008), faz sentido introduzir o “Processo de Incorporação” como um nó central que conecta os elementos do *ethos* ao público e à memória cultural. Isso reflete a importância de entender não apenas como o *ethos* é projetado, mas também como ele é assimilado e transformado pelo público, especialmente em figuras públicas como Stan Lee. Além disso, a inclusão de “Público” e “Memória Cultural” como elementos explícitos reforça a dimensão coletiva do processo.

Enquanto o *ethos* projetado por Stan Lee dava corpo à sua imagem pública (corporalidade), o público desempenhava um papel ativo na internalização dos valores e na formação de uma comunidade imaginária que perpetua sua influência cultural. Nessa perspectiva, a estrutura redesenhada captura melhor o impacto longitudinal da construção do *ethos*, mostrando como ele se cristaliza em uma memória cultural seletiva, perpetuando narrativas dominantes e apagando, em muitos casos, colaborações e complexidades. A mudança, portanto, alinha-se mais diretamente ao estudo da memória cultural e do *ethos* como processos dinâmicos e sociais no escopo deste projeto.

Figura 25 – Adaptação ao Ethos proposto por Maingueneau
– Estrutura do Ethos e Incorporação (Modelo para Stan Lee)



Fonte: elaborada pela autora

1.3.3.3 A tensão entre estratégia e memória cultural

O *ethos* efetivo de Stan Lee — isto é, a imagem consolidada no imaginário público — foi construído em um processo discursivo marcado pela articulação entre diferentes camadas: *ethos* pré-discursivo, discursivo e mostrado (Maingueneau, 2005). Essa construção não se deu de forma espontânea nem exclusivamente individual, mas em constante tensão com disputas institucionais, interesses mercadológicos e dinâmicas seletivas da memória cultural. Como adverte Andreas Huyssen (2000), a memória é sempre uma operação seletiva: lembrar é também esquecer. A centralização de Stan Lee como o rosto da Marvel envolveu, portanto, o silenciamento progressivo de colaborações fundamentais, como as de Jack Kirby e Steve Ditko.

Kellner (2001) enfatiza que a cultura da mídia transforma figuras em "produtos simbólicos", mobilizados para gerar valor comercial e identitário. Stan Lee não foi apenas autor de roteiros, mas também a personificação institucional da marca. A sua figura tornou-se um "emblema" midiático que vendia tanto quadrinhos quanto uma ideia aspiracional de criatividade e liderança visionária. Nesse sentido, sua projeção está menos ancorada na produção textual em si e mais na capacidade de organizar sentidos no interdiscurso.

Conforme argumenta Silva Neto (2022), é a partir da inscrição do sujeito em uma formação discursiva que ele pode exercer a função-autor. O sentido, nesse processo, é sempre efeito do interdiscurso, que funciona como espaço de memória no qual os significados circulam sem autoria definida. O *ethos* de Stan Lee se ancora precisamente nesse ponto: sua imagem foi sendo reiterada em uma rede discursiva que a naturalizou como incontestável. Ao mesmo tempo, essa memória discursiva excluiu ou subordinou os sentidos concorrentes que poderiam ter evidenciado a participação coletiva na criação da mitologia Marvel.

Nesse processo, como mostra Riesman (2021), o maior "crédito" de Lee não foi apenas cocriar personagens, mas construir uma narrativa que o posicionava como elo entre a criatividade dos artistas e as exigências da indústria. Seu papel é ambíguo: não apenas mediador, mas também protagonista. Sua presença constante nos meios de comunicação e sua habilidade retórica o consolidaram como figura inseparável da marca editorial, enquanto seus colegas viam seus nomes progressivamente apagados da narrativa oficial.

Riesman (2021) observa que, ao mesmo tempo em que Stan Lee contribuía para a construção de um "universo compartilhado" na ficção, ele também organizava sua própria imagem mitificada: cabelos prateados, bigode inconfundível, óculos escuros e entusiasmo permanente. Essa performatividade visual e discursiva se harmoniza com a observação de

Franchini e Segnanfredo (2003), segundo a qual, o mito é menos uma forma fixa do que uma estrutura maleável, que carrega tanto legados ancestrais quanto marcas do presente.

A mitificação de Lee passou também pela construção de uma narrativa sobre os heróis como "imperfeitos, humanos e complexos". Isso funcionava como espelho de sua própria persona pública: um sujeito acessível, falível, mas inspirador. Seu humor autodepreciativo — com apelidos como "Stan the Man" — era também uma forma de contornar críticas e reforçar sua empatia simbólica com o público.

Contudo, o mito também encobre tensões. Como mostra a análise de Campbell (1997), o herói é admirado não por sua perfeição, mas por sua capacidade de enfrentar o sofrimento. Lee se apropriou dessa dinâmica simbólica, narrando a si mesmo como aquele que resistiu ao descrédito, que reergueu a Marvel e representou a persistência criativa. No entanto, essa mesma narrativa deslocava para segundo plano os atritos institucionais, a hierarquização da autoria e a dissidência dos artistas que contestaram a centralização autoral. Steve Ditko, por exemplo, foi uma figura que se retirou da editora — ou foi progressivamente marginalizado — por não aceitar a função subordinada que lhe foi atribuída.

Essas tensões revelam a complexidade do processo de construção de um legado simbólico. A imagem de Stan Lee resulta de um jogo de forças entre a performance pública, a institucionalização da memória e a gestão discursiva de sentidos. Sua mitificação não se deu sem resistências, mas soube operar com estratégias narrativas que ocultavam dissensos em nome de uma visão hegemônica da história da Marvel.

A memória cultural, conforme Halbwachs (2013), é coletiva, mas organizada a partir de interesses sociais. No caso de Lee, essa memória foi cuidadosamente modulada para apresentá-lo como herói da cultura pop, mesmo que essa construção tenha requerido o silenciamento de complexidades.

Portanto, compreender a imagem de Stan Lee exige reconhecer a tensão entre estratégia discursiva e inscrição na memória cultural. Para além do criador de personagens, ele foi um personagem de si mesmo — uma figura performada, editada e distribuída em nome de um projeto simbólico que reflete tanto sua inteligência comunicacional quanto as lógicas excludentes da cultura da mídia.

1.4 O LEGADO CULTURAL DE STAN LEE: ENTRE O PASSADO E O FUTURO

O Marvel Cinematic Universe (MCU)²⁶ não se limita a uma sequência de produções audiovisuais de super-heróis; trata-se de uma sofisticada engrenagem simbólica que atua como um dos mais eficazes vetores contemporâneos de exportação cultural dos EUA. Sob a liderança de Kevin Feige, o MCU articulou narrativas que ressoam com temas universais — como liberdade, justiça, identidade e pertencimento — mas que permanecem enraizadas em uma matriz cultural profundamente norte-americana. A força simbólica dessa construção não reside unicamente nos personagens ou nas tramas, mas na maneira como tais valores são estrategicamente adaptados a um público internacional, consolidando uma política de afetos que se ancora tanto na ação quanto na memória.

Nesse sentido, torna-se essencial compreender o papel que Stan Lee desempenha — mesmo postumamente — na conformação desse universo compartilhado. A ideia de “universo narrativo interconectado”, que remonta aos quadrinhos e foi sistematizada por Lee no início da década de 1960, é radicalmente reconfigurada no MCU como uma matriz transmidiática. Hutcheon (2011), ao discutir os mecanismos da adaptação, ressalta que todo processo adaptativo é, ao mesmo tempo, repetição e recriação. O que o MCU realiza, portanto, é uma operação estética e política que transforma fragmentos da memória dos quadrinhos em um novo léxico visual e discursivo global, reconstruindo a figura de Stan Lee como ícone autoral, mesmo em sua ausência física.

A trajetória de Lee, assim, é incorporada à *diegese*²⁷ do MCU por intermédio de seus famosos *cameos*. Longe de serem meras aparições cômicas ou homenagens pontuais, esses momentos funcionam como dispositivos de coesão narrativa e emocional, inserindo a figura do criador como um elo contínuo entre o passado e o presente da franquia. Eles ativam a memória afetiva dos fãs, segundo Halbwachs (2013), reforçando uma identidade coletiva construída a partir de referências partilhadas. Cada *cameo* torna-se, simbolicamente, uma assinatura, uma espécie de *performance* de autoria que legitima a adaptação e confere continuidade histórica ao projeto Marvel.

Contudo, o controle sobre essa memória não é neutro. Após a aquisição da Marvel pela Disney, o legado de Stan Lee passou a ser gerenciado como um ativo simbólico e econômico.

²⁶ O termo MCU refere-se ao universo compartilhado criado pela Marvel Studios a partir de 2008, integrando personagens, eventos e narrativas interconectadas em produções cinematográficas e televisivas.

²⁷ No campo dos estudos narrativos, *diegese* refere-se ao universo ficcional no qual os eventos da narrativa ocorrem. Contrasta-se com o *extradieético* (fora da história) e o *metadieético* (histórias dentro de histórias).

A Disney, enquanto corporação transnacional, inscreve-se plenamente na lógica apontada por Adorno e Horkheimer (1985) sobre a indústria cultural: aquilo que antes poderia remeter à criação e à experimentação torna-se parte de um sistema de reiteração e consumo. O *ethos* de Lee é, nesse contexto, reeditado, suavizado e reconfigurado para dialogar com agendas institucionais e expectativas de mercado.

Jenkins (2009) apresenta um caminho relevante para pensar essa dinâmica. Em sua teoria da cultura da convergência, destaca que a circulação de narrativas e símbolos em diferentes mídias é acompanhada por disputas de poder e controle: entre fãs e produtores, entre memória e mercadoria. O legado de Lee encontra-se justamente nesse ponto de tensão — simultaneamente celebrado como “pai da Marvel” e apropriado como peça-chave de uma estratégia de *branding* transnacional. A nostalgia, nesse jogo, cumpre uma dupla função: conecta gerações pela afetividade e pacífica a crítica, oferecendo um passado idealizado como antídoto às fraturas do presente.

Dessa forma, a proposta desta seção é investigar como a figura de Stan Lee foi (e continua sendo) mobilizada pelo MCU e pela Disney como um elo entre tradição e reinvenção. Por meio da análise das estratégias narrativas, dos *cameos* e do reposicionamento institucional de sua imagem, busca-se compreender os mecanismos que transformaram um criador de quadrinhos em um ícone global, moldado pelas lógicas do espetáculo e da memória gerenciada. Afinal, o que está em disputa quando se homenageia Stan Lee? Sua memória está sendo preservada ou, paradoxalmente, está sendo reproduzida sob os interesses de uma indústria que transforma o luto em lucro e o afeto em algoritmo?

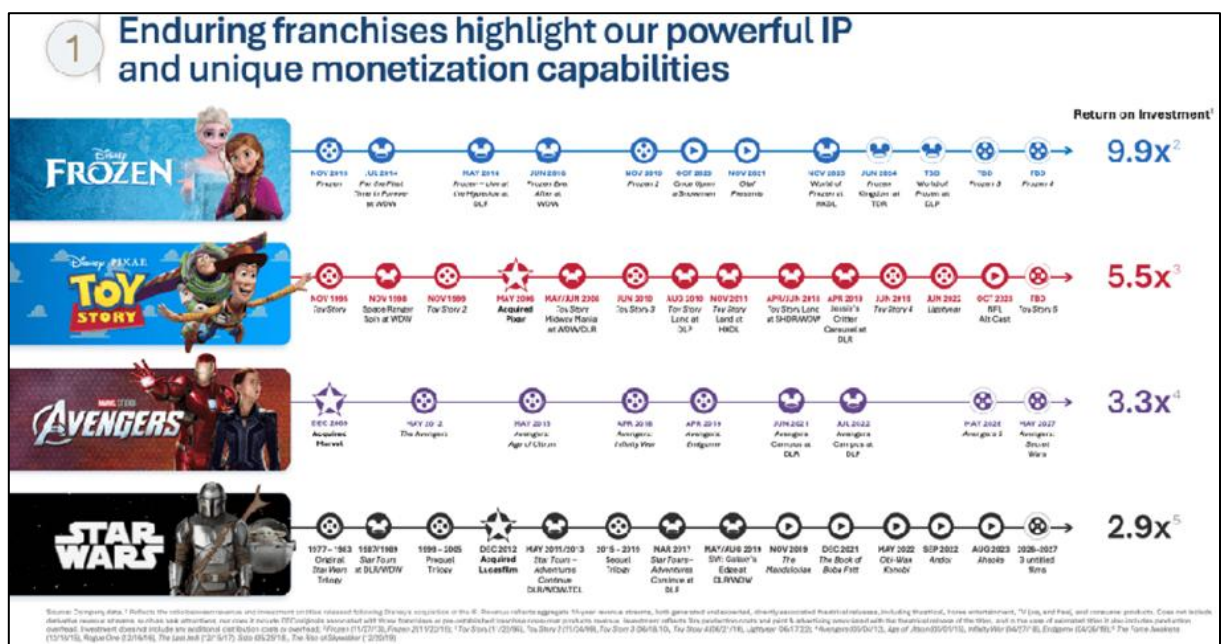
1.4.1 Os 85 anos da Marvel Comics

Em 2024, a Marvel comemorou seus 85 anos de existência. A efeméride foi celebrada em diversas plataformas, com um conteúdo especial, relançamentos de edições clássicas, eventos transmidiáticos e uma ampla circulação de material institucional comemorativo. No entanto, mais do que uma data simbólica ou um marco histórico, os “85 anos da Marvel” operam como um dispositivo de consagração e legitimação do protagonismo da empresa enquanto produtora hegemônica de narrativas culturais no século XXI. Como alerta Huyssen (2000), os regimes de memória no mundo contemporâneo não são apenas voltados para a preservação do passado, mas profundamente atravessados por interesses culturais, políticos e mercadológicos do presente.

A comemoração dos 85 anos mobiliza uma memória seletiva que consolida o protagonismo da Marvel como pioneira e inovadora, ao mesmo tempo em que silencia ou dilui aspectos menos consensuais de sua trajetória. O destaque concedido à figura de Stan Lee nesse processo — seja em campanhas promocionais, entrevistas de arquivo, ou na reedição de materiais clássicos — aponta para a centralidade da memória de Lee na narrativa institucional da empresa. Sua lembrança é, nesse contexto, instrumentalizada como marca de origem e autenticidade, funcionando como selo de legitimidade em um mercado saturado de produções audiovisuais de super-heróis.

A Figura 26, extraída do relatório corporativos da The Walt Disney Company – Fiscal Year 2024, ilustra como a memória da Marvel — e, por extensão, de Stan Lee — é apresentada como parte de um portfólio de propriedades intelectuais valiosas, destacando sua durabilidade, capital afetivo e potencial de monetização. Trata-se de uma retórica visual que associa a longevidade da marca a uma noção de excelência e confiabilidade, ocultando os conflitos, disputas autorais e apagamentos históricos que marcaram sua trajetória.

Figura 26 – Franquias duradouras destacam nossa poderosa propriedade intelectual (IP) e capacidades únicas de monetização



Fonte: The Walt Disney Company (2024).

Nesse sentido, os 85 anos da Marvel não são apenas uma celebração histórica, mas constituem uma narrativa de autoafirmação institucional. Ao reposicionar a memória de Stan Lee como um dos principais pilares dessa longevidade, a empresa promove um processo de curadoria da memória (Gondar, 2015), no qual o passado é moldado para legitimar as ações presentes e sustentar estratégias futuras. Esse tipo de curadoria simbólica não opera de maneira

neutra: implica escolhas, omissões e ênfases que orientam o modo como o público perceberá a história da Marvel e o papel de seus criadores.

A naturalização dessa trajetória comemorativa sustenta o que Hall (2003)²⁸ denomina estratégias de representação: mecanismos discursivos que organizam e estabilizam sentidos sobre identidades e instituições. No caso da Marvel, a representação de seus 85 anos como um contínuo de inovação e sucesso consolida a marca e o *ethos* de Stan Lee como figura fundadora e legitimadora da cultura pop globalizada. Esse *ethos*, performado em vida e amplificado postumamente, será retomado, adaptado e comercializado ao longo desta seção — ora como homenagem, ora como mercadoria.

1.4.2 O universo cinematográfico da Marvel – MCU

O lançamento de *Iron Man* (2008), filme inaugural do Universo Cinematográfico da Marvel (MCU), marca a nova fase da Marvel Studios e inaugura uma lógica narrativa que redefine os parâmetros da indústria audiovisual global. A articulação de um universo compartilhado — que interliga personagens, tramas e temporalidades — consolidou o MCU como um dos mais ambiciosos projetos de convergência midiática do século XXI, conforme a conceituação de Jenkins (2009). Essa convergência não se limita ao plano técnico; ela representa uma forma de reestruturação das práticas culturais, em que narrativas, públicos e plataformas se entrelaçam na construção de uma experiência contínua e emocionalmente envolvente.

O MCU foi planejado desde sua origem como uma matriz simbólica capaz de operar simultaneamente em múltiplas frentes: entretenimento, pedagogia moral, identidade nacional e exploração mercadológica. A combinação entre roteiro, espetáculo visual e *ethos* heroico articula o que Bordwell (2013) identificou como uma “narrativa intensificada” — caracterizada por uma lógica de coesão interna e de interdependência entre os filmes. O resultado é a produção de um espaço diegético unificado, que exige do espectador, além de atenção ao enredo de cada filme, conhecimento prévio da totalidade do universo narrativo. A audiência, nesse contexto, é reposicionada como “colaboradora interpretativa”, na medida em que sua compreensão da história está condicionada à capacidade de navegar entre diferentes mídias e produções.

Essa lógica, embora inovadora sob a perspectiva da engenharia narrativa, implica uma série de tensões ideológicas. O MCU opera como um dispositivo de reforço simbólico de valores culturais estadunidenses, ainda que adaptados para o consumo global. A narrativa

²⁸ Tradução livre de: “Representation is the production of meaning through language. It is an essential part of the process by which meaning is produced and exchanged between members of a culture.” (Hall, 2003, p. 15).

heroica típica do MCU não é neutra, pois ela reforça ideais de liberdade individual, sacrifício pessoal, combate ao mal e excepcionalismo, constituindo aquilo que Hall (2003) nomeia como uma estratégia de representação cultural — um conjunto de signos que estrutura percepções de mundo, legitimando identidades, papéis e discursos de poder.

A estrutura do MCU também exemplifica o que Hutcheon (2011)²⁹ define como “adaptação como palimpsesto”: a reescrita contínua e estratégica de fontes anteriores — neste caso, os quadrinhos — para atender às demandas de novas audiências, plataformas e contextos históricos. A fidelidade ao material original é, assim, relativizada em nome de uma lógica de universalização narrativa. O que se observa é uma operação estética que reconstrói temas originalmente norte-americanos em formatos mais palatáveis ao público global, promovendo uma padronização do imaginário, mas recoberta por uma aparência de diversidade.

Nesse processo de reconfiguração da narrativa, o legado de Stan Lee é mobilizado como um elo entre as origens do universo Marvel e sua reinterpretação contemporânea. Sua presença simbólica nos bastidores e nos *cameos* — tema que será aprofundado na seção seguinte — funciona como uma espécie de “aval histórico” ao projeto. Como já discutido, a Disney apresenta o MCU como um ativo intelectual estratégico, cuja durabilidade está diretamente associada à capacidade de manter viva uma memória afetiva que legitime a continuidade do projeto.

Por fim, o sucesso do MCU evidencia a eficácia de um modelo industrial que combina mitologia popular, estratégia de marketing e performance cultural. O universo compartilhado não apenas entretém, mas também disciplina o olhar, organiza afetos e orienta formas de pertencimento. O MCU, ao transformar a experiência de assistir a filmes em uma prática de culto narrativo e emocional, se consolida como uma gramática simbólica que ultrapassa as telas e se inscreve na memória coletiva contemporânea.

1.4.3 A adaptação das histórias em quadrinhos no cinema

A adaptação das histórias em quadrinhos da Marvel para o cinema representou mais do que uma simples transposição de linguagem, constituiu uma operação complexa de reinterpretação narrativa, estética e cultural. No caso do MCU, as histórias em quadrinhos deixaram de ser apenas fontes de inspiração para se tornarem matrizes simbólicas a serem reconfiguradas de acordo com as exigências da indústria cinematográfica global e os novos regimes de recepção do público contemporâneo.

²⁹ Tradução livre de: “Adaptation is repetition, but repetition without replication.” (Hutcheon, 2011, p. xvi).

O processo de adaptação empreendido pela Marvel Studios implica um duplo movimento. Por um lado, busca-se preservar os elementos centrais da mitologia original — personagens icônicos, arcos narrativos clássicos, dilemas morais e valores heroicos. Por outro, há uma rearticulação significativa desses elementos para atender às novas expectativas de consumo, diversidade e performance narrativa. Hutcheon (2011) argumenta que toda adaptação é uma forma de “repetição com variação”, ou seja, uma prática intertextual que dialoga com o texto-fonte, mas não se submete passivamente a ele. Essa lógica é evidente nas adaptações do MCU, que equilibram fidelidade e inovação como parte de sua estratégia estética e mercadológica.

É nesse ponto que o MCU se destaca como um projeto transmidiático sofisticado. As adaptações são concebidas dentro de um sistema que privilegia a continuidade narrativa entre filmes, séries, jogos e produtos licenciados. Essa estrutura de interconectividade, como destaca Jenkins (2009), caracteriza-se pela convergência de mídias e pela participação ativa dos fãs, que operam como leitores plurais e produtores de sentidos. A fidelidade ao cânone dos quadrinhos, portanto, é constantemente negociada em função da expansão do universo narrativo e da capacidade de alcançar novas audiências, o que implica adaptações estruturais e temáticas.

Além disso, a adaptação dos HQs para o cinema envolve uma sofisticada engenharia emocional. Ao trazer para as telas personagens com histórias densas e arquétipos familiares, os filmes da Marvel atualizam mitos contemporâneos e reforçam laços afetivos com o público. A trajetória de figuras como o Capitão América, o Homem de Ferro e a Viúva Negra é moldada por dilemas éticos, perdas e sacrifícios que ecoam dramas humanos universais, mesmo quando apresentados em contextos fantásticos ou futuristas. Esses elementos funcionam como dispositivos de identificação simbólica, ampliando o alcance emocional da narrativa.

No entanto, ao mesmo tempo em que promove essa aproximação afetiva, o MCU também normatiza e homogeneiza o material de origem, apagando nuances críticas presentes em certas versões dos quadrinhos. A própria diversidade de estilos artísticos e experimentações narrativas das HQs é, muitas vezes, substituída por uma estética cinematográfica padronizada, visualmente grandiosa, mas previsível em sua estrutura dramatúrgica. Nesse sentido, pode-se afirmar que há um deslocamento da linguagem visual dos quadrinhos para uma gramática do espetáculo, conforme discutido por autores como Bordwell (2013) e Hutcheon (2011), que veem nas adaptações audiovisuais uma tendência à espetacularização em detrimento da complexidade formal.

Esse movimento de transformação não deve ser interpretado como uma perda, mas como uma reformulação criativa. A Marvel Studios conseguiu estabelecer um modelo de adaptação que respeita a essência das histórias originais, ao mesmo tempo em que as reposiciona em novas camadas de significação. O sucesso dessa estratégia reside justamente na habilidade de construir um novo cânone cinematográfico, capaz de dialogar com públicos distintos, sem perder o vínculo com a tradição dos quadrinhos.

Nesse panorama, a adaptação das HQs para o cinema, no contexto do MCU, revela-se como uma prática que articula memória, mediação e mercado. Ao mesmo tempo em que celebra sua origem, a Marvel reescreve a própria história, transformando seus heróis em ícones globais e suas narrativas em dispositivos de pertencimento cultural. Essa dialética entre fidelidade e inovação, entre raiz e reinvenção, constitui um dos eixos centrais da longevidade e do impacto do legado de Stan Lee no audiovisual contemporâneo.

1.4.3.1 A tensão entre fidelidade e inovação nas adaptações

No universo das histórias em quadrinhos de super-heróis, os leitores precisam se ajustar a um modelo mental distinto da narrativa clássica, na qual a realidade é concebida como linear e estável, para assimilar a lógica do multiverso e sua dinâmica plural. Esse processo, contudo, nem sempre ocorre de forma fluida, pois determinadas situações inesperadas, introduzidas pelos roteiristas, podem gerar resistência, sobretudo quando se distanciam das convenções previamente estabelecidas nas HQs.

Umberto Eco (2007, p. 22) observa que “quanto mais fanáticos são os fãs, mais decepcionados eles podem ficar”, já que ao consumir produtos adaptados de obras conhecidas, espera-se tanto a inovação quanto a preservação de elementos familiares. Essa tensão entre novidade e reconhecimento é, segundo Eco, um dos principais dilemas enfrentados nos processos de adaptação.

Renovar as narrativas de super-heróis impulsiona a criação de novas versões, o que exige do público uma reconfiguração constante de suas expectativas. Produtores e espectadores conscientes dessa lógica seguem atentos às marcas de diferença no previsível gênero de super-heróis — mesmo em contextos que prometem fidelidade. O MCU, nesse sentido, propõe uma nova forma de sobrevivência do herói por meio da estrutura de um universo alternativo que se expande por diferentes mídias e se sustenta autonomamente, sem depender diretamente dos cânones das HQs originais.

A adaptação fílmica realiza essas transformações não apenas com os recursos próprios da linguagem audiovisual, mas também através de um complexo conjunto de filtros e negociações que envolvem política dos estúdios, escolhas ideológicas, interesses comerciais e regimes de produção tecnológica. Stam (2000) enumera esses fatores — como a política e o estilo dos estúdios, os modelos ideológicos, as estratégias mercadológicas, a influência das celebridades e o avanço das tecnologias — como condicionantes fundamentais da adaptação. Burke (2015), por sua vez, acrescenta que a maior familiaridade dos atuais produtores e roteiristas com os quadrinhos, devido ao fato de terem crescido consumindo essas histórias, contribui para um maior domínio das convenções e expectativas do gênero.

Ainda assim, nem todos os fãs recebem essas mudanças de maneira positiva. Muitas vezes, as adaptações rompem com um acordo tácito construído ao longo de décadas de leitura e interpretação. Se anteriormente tais frustrações se manifestavam em cartas inflamadas enviadas às redações, hoje se amplificam nas redes sociais e ressoam em veículos especializados, configurando um campo público de debate sobre o que seria ou não uma adaptação “legítima”.

Stam (2000) auxilia a compreender por que a noção de “fidelidade” frequentemente se mostra inadequada como critério avaliativo das adaptações. O sentimento de “traição” ao texto-fonte está ligado ao caráter desejante e subjetivo da leitura, que projeta uma encenação mental idealizada do que seria a adaptação “perfeita”:

A noção de fidelidade ganha força persuasiva a partir de nossa percepção de que algumas adaptações são de fato melhores do que outras, e que algumas falham em realizar ou materializar o que nós mais apreciamos nas histórias. Nesse sentido, palavras como infidelidade ou traição traduzem nossos sentimentos, quando amamos um livro, de que a adaptação não foi digna daquele amor. Lemos uma novela por meio de nossos desejos, esperanças e utopias interiores, e, à medida que lemos, produzimos nossa própria encenação imaginária em nossas mentes. (Stam, 2000, p. 54, tradução nossa)³⁰

O universo dos super-heróis, ao se integrar à lógica da convergência dos meios, exemplifica o que Jenkins *et. al.* (2015, p. 148) descreve como a ampliação da cultura de franquias, que se espalham por diferentes formatos e contextos. Ainda que muitas dessas adaptações rompam com os moldes tradicionais, elas visam atender tanto ao público fiel quanto

³⁰ “The notion of fidelity gains its persuasive force from our sense that some adaptations are indeed better than others, that some fail to realize or ‘do justice to’ what we most appreciated in the source novels. In this sense, terms like ‘infidelity’ or ‘betrayal’ translate our subjective feelings—when we love a novel—of being let down by a film adaptation. We read a novel through our desires, hopes, and utopian expectations, and as we read we stage it in our minds, casting characters and imagining scenes, forming a mental mise-en-scène that is then contested by the film’s realization.” (Stam, 2000, p. 54.)

aos novos consumidores, ampliando o alcance das narrativas e maximizando o potencial de monetização.

Como Jenkins *et. al.* (2015, p. 146) observam, a indústria se vale da popularidade acumulada para atrair múltiplas audiências, que consomem tanto pelo vínculo emocional (nostalgia) quanto pela expectativa de novidade. Como enfatizado por Dupont (2011, p. 7), “Hollywood é uma indústria que não gosta de incertezas”.

O caminho traçado para os próximos arcos do MCU indica a intensificação da exploração dos direitos sobre as franquias de entretenimento, especialmente no setor cinematográfico, no qual a longevidade das marcas torna-se um ativo estratégico. Em um cenário em que o entretenimento é modelado por ciclos de consumo rápidos e experiências imersivas, o gênero dos super-heróis oferece a Hollywood o que a indústria mais deseja: propriedade intelectual rentável, facilmente adaptável e com capacidade de engajamento multigeracional.

1.4.4 Cameos de Stan Lee

As aparições (*cameos*) de Stan Lee nos quadrinhos iniciaram-se como simples inserções feitas por artistas da Marvel, que as usaram como piadas internas ou “*easter eggs*” para leitores atentos. No início, esses *cameos* eram discretos e pouco mais do que referências sutis à presença de Lee no processo criativo dos quadrinhos. No entanto, com o crescimento de sua popularidade e o aumento de sua relevância dentro da Marvel, essas inserções evoluíram significativamente ao longo das décadas, tornando-se uma parte integral do estilo e da narrativa da editora.

Durante as décadas de 1960 e 1970, os *cameos* de Lee passaram a ter uma qualidade mais metatextual. A ideia de quebrar a quarta parede, em que o criador interage diretamente com os personagens e com a realidade ficcional do universo, foi uma prática raramente vista antes dessa época no gênero de super-heróis. Uma das primeiras e mais notáveis dessas inserções ocorreu em “*Fantastic Four no. 10*” (1963), (Figura 27) quando o Doutor Destino visita Lee e Jack Kirby em seu estúdio. Esse momento não apenas marcou a presença de Lee dentro do próprio universo da Marvel, mas também revelou seu crescente status como uma figura importante e até mesmo uma celebridade dentro de seu próprio universo de criação. A interação entre criador e criação foi uma característica central do trabalho de Lee.

Figura 27 – Fantastic Four No. 10 (1963)



Fonte: Marvel

Esse tipo de interação continuou a se expandir, como evidenciado em “*Fantastic Four Annual #3*” (1965) (Figura 28), em que Lee e Kirby tentam interromper o casamento de Reed Richards e Sue Storm. Aqui, Lee e Kirby aparecem dentro da narrativa, com seus próprios personagens tentando realizar uma ação no mundo dos heróis. Essa autossuficiência na construção de suas aparições tornou-se uma marca registrada de Lee. Ele não era mais apenas uma figura de bastidores, mas uma presença ativa na história, com sua participação diretamente ligada ao enredo dos quadrinhos.

Figura 28 – *Fantastic Four Annual #3* (1965)



Fonte: Marvel [s.d.].

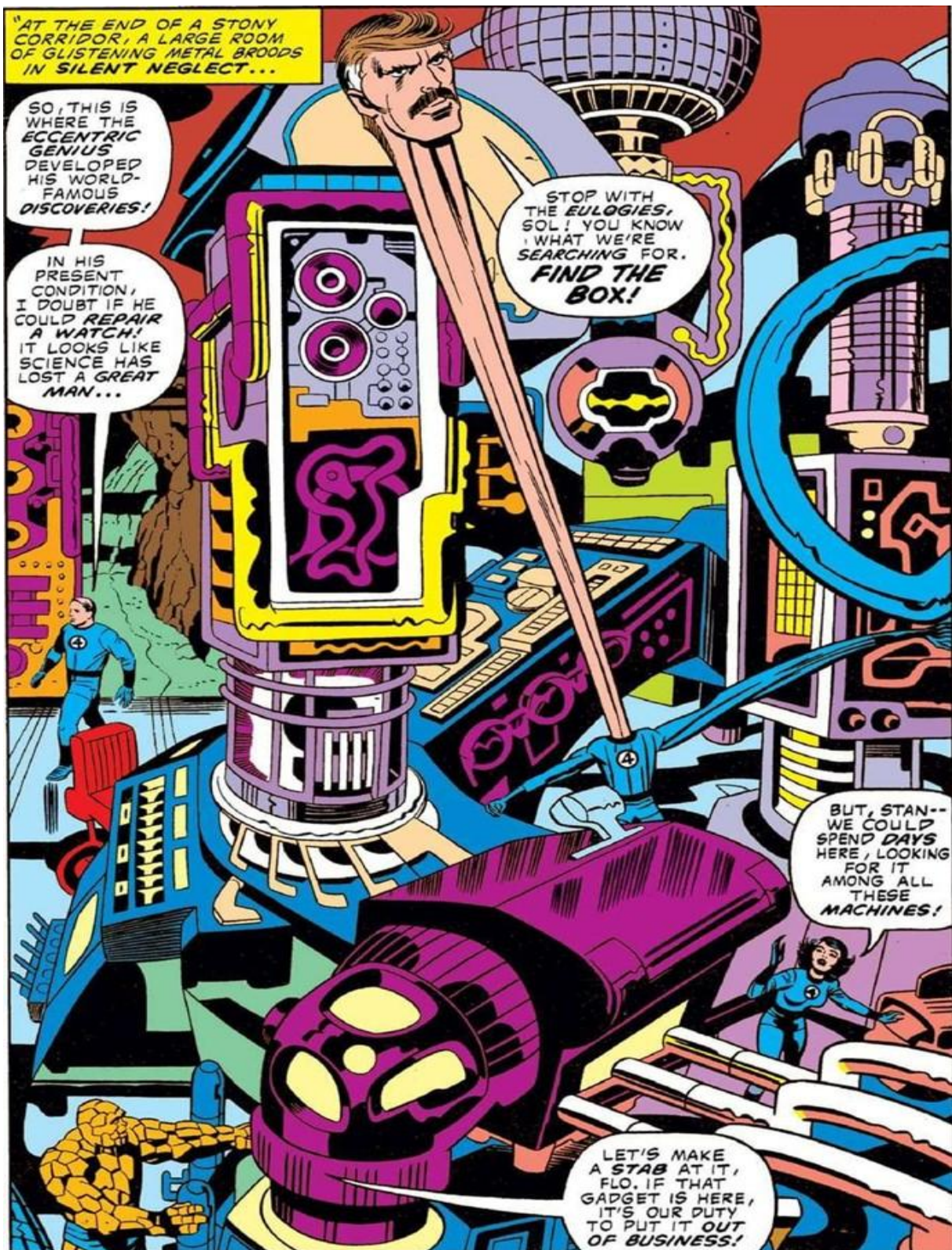
Nos anos subsequentes, a Marvel começou a incorporar elementos metanarrativos mais explícitos. Durante esse período, lançou uma série de edições anuais que apresentavam elementos de “documentação dos bastidores” das histórias, como forma de destacar o processo criativo por trás dos quadrinhos. Essas edições frequentemente retratavam Lee interagindo com os artistas, muitas vezes de maneira irônica e autocrítica.

Por exemplo, em “*Amazing Spider-Man Annual No. 1*” (1964), Steve Ditko expressa sua frustração com Lee, dizendo: “O que você quer dizer com ‘nós’? Eu desenho enquanto você pratica assinar seu nome por toda parte!” Esse tipo de humor e autocrítica tornou-se um elemento central nas aparições de Lee, refletindo a relação tanto colaborativa quanto de tensão que ele compartilhava com os artistas da Marvel.

A introdução do conceito de “metaficção” nas histórias da Marvel trouxe uma nova camada de complexidade para as aparições de Lee, à medida que ele passou de uma simples inserção humorística para uma reflexão sobre seu próprio papel como criador dentro do universo Marvel.

Em “*What If? #11*” (1978) (Figura 29), por exemplo, Lee aparece com outros membros da equipe da Marvel em uma história ambientada em uma realidade alternativa. Essa história funde o conceito de “*Bullpen*”, o apelido dado aos escritores da Marvel, com o Quarteto Fantástico. Lee assume o manto do Sr. Fantástico, enquanto outros membros da equipe, como Jack Kirby, são transformados em personagens conhecidos do universo Marvel. Essa aparição não só brinca com o conceito de identidade, mas também destaca a natureza colaborativa do processo criativo dentro da Marvel.

Figura 29 – What If? #11 (1978)



Fonte: Marvel (1978).

Com o passar do tempo e à medida que a visibilidade pública de Lee aumentava, suas aparições nos quadrinhos tornaram-se mais autorreflexivas. Em “*Stan Lee Meets Spider-Man*” (2006), Lee interage diretamente com *Homem-Aranha* refletindo sobre a criação e evolução do personagem. A partir dessa série, os *cameos* de Lee passaram a ser mais do que simples participações: eles se tornaram uma maneira de ele explorar sua própria relação com os personagens que ajudou a criar, oferecendo uma reflexão mais profunda sobre seu legado no universo Marvel.

O momento de maior autorreferência em suas aparições nos quadrinhos ocorre na série “*Stan Lee Meets...*”, na qual os heróis aparecem para pedir conselhos ou ajuda de Lee. Um exemplo é “*Stan Lee Meets Doctor Doom*” (Figura 30), o vilão, ao interagir com Lee, e novamente quebra completamente a quarta parede ao reconhecer Stan como seu criador.

Ao confrontar Lee sobre sua representação como vilão, o Doutor Destino exige respostas, questionando a maneira como foi retratado nas histórias. Essa interação exemplifica o papel de Lee como uma figura central não apenas no universo Marvel, mas também como uma espécie de entidade metafísica que, até mesmo seus próprios vilões, deveriam respeitar. Essa capacidade de ver Lee não apenas como um criador, mas como uma figura quase divina dentro de seu próprio universo narrativo, reflete a importância de suas aparições tanto para os fãs quanto para a construção de uma mitologia em torno do trabalho da Marvel.

Figura 30 – Stan Lee Meets Doctor Doom



Fonte: Marvel (2006).

Esses *cameos*, inicialmente simples e humorísticos, com o tempo, passaram a ser um elemento fundamental na formação da identidade da Marvel Comics. Eles desempenhavam o papel de diversão e interação com os fãs, e funcionavam como um meio de reforçar a ligação entre criador e criação, além de oferecer uma reflexão crítica sobre a indústria dos quadrinhos.

A evolução das aparições de Lee demonstrou como ele se tornou uma figura central na construção do universo Marvel, contribuindo significativamente para a construção do seu legado cultural e para a manutenção da conexão entre os leitores e os personagens que ele ajudou a criar.

A transição dos *cameos* de Lee de simples inserções humorísticas para momentos autorreflexivos e críticos pavimentou o caminho para suas futuras aparições no cinema, nas quais o processo de inserção direta no enredo se consolidaria como um traço característico das mídias subsequentes. Essas participações divertiram os fãs e ajudaram a estabelecer um vínculo contínuo entre o criador e o universo que ele ajudou a criar, transformando Lee em um ícone cultural cujas aparições continuariam a ter um impacto duradouro na indústria de quadrinhos e entretenimento, como abordado a seguir.

1.4.4.1 Das páginas das HQs para a MCU

A inserção recorrente de Stan Lee nos filmes do Universo Cinematográfico Marvel pode ser analisada através da lente da “autoconsciência textual” ou “*textual self-awareness*”. Esse conceito descreve a consciência da própria estrutura da narrativa, na qual elementos internos do texto são trazidos à tona, interagindo diretamente com o espectador e fazendo com que ele se reconheça como parte dessa construção ficcional. Em seus estudos sobre convergência cultural, Jenkins *et. al.* (2015) sugerem que essas aparições funcionam como uma forma de conectar diferentes manifestações da Marvel, dos quadrinhos ao cinema, criando uma continuidade narrativa que transcende a mídia. Essas inserções reforçam a unidade dentro da diversidade do universo Marvel, articulando suas múltiplas adaptações e expansões da marca.

Lee não era apenas um elemento de entretenimento efêmero, sua presença nos filmes do MCU representava uma espécie de narrador onisciente, uma constante que se estendia entre as diferentes fases desse universo. Como uma figura fundamental da Marvel, sua participação simbólica, além de contratual, tornava-se quase mitológica dentro do imaginário coletivo dos fãs. A natureza quase sagrada de suas aparições era marcada por um status venerado, que os fãs esperavam e celebravam com entusiasmo, transformando cada momento em um reconhecimento formal da sua monumental contribuição à cultura pop. Isso vai além de uma simples homenagem, pois essas participações também solidificam seu legado como criador e

figura central para a Marvel, algo ressaltado por Fingerroth (2021) em sua análise sobre o impacto dos pioneiros dos quadrinhos.

Em aparições públicas, Stan Lee era frequentemente representado como um “doce velhinho amável”. No entanto, no MCU, ele não era apenas um adorno. Sua presença nos filmes tinha mais do que um caráter contratual, ele havia assinado um contrato vitalício com a Marvel, garantindo sua participação nas produções até a sua morte. Essa participação carregava um significado simbólico, sendo uma marca registrada de sua associação ao universo cinematográfico.

Segundo Brooker (2012), os *cameos* de Lee vão além da simples nostalgia, são integrações que acrescentam profundidade à narrativa, ampliando o impacto emocional que a história poderia gerar no público.

Lee foi reconhecido por sua vasta contribuição à indústria dos quadrinhos e, como resultado, recebeu vários prêmios e homenagens ao longo de sua carreira, incluindo sua indicação ao *Will Eisner Award Hall of Fame*, em 1994, e ao *Jack Kirby Hall of Fame*, em 1995. Em 2008, recebeu a *National Medal of Arts*, uma das mais altas honrarias que um artista pode alcançar nos EUA. Essas distinções refletem o reconhecimento da sua influência nos quadrinhos e no desenvolvimento de uma cultura pop que ultrapassou as páginas dos quadrinhos.

Stan Lee, entretanto, representa uma figura dúbia. Sua persona pública era complexa, misturava a linha entre sua imagem como criador com seus instintos empresariais. Embora, inicialmente, não fosse um fã de quadrinhos no sentido tradicional – como muitos artistas e escritores que colaboraram com ele – Lee se tornou, sem dúvida, o maior defensor dos quadrinhos da Marvel. Como editor-chefe e, posteriormente, como *publisher*³¹, Lee foi um defensor incansável da Marvel, promovendo seus personagens e histórias como pilares de uma nova forma de entretenimento, mesmo quando já não estava mais à frente da empresa. Ele compreendeu as dinâmicas do mercado e soube integrar sua figura à criação e promoção de produtos essenciais para o crescimento e expansão do MCU.

³¹ O termo *publisher* refere-se a uma entidade responsável pela publicação e distribuição de conteúdo, podendo abranger livros, revistas, jornais, quadrinhos, videogames e mídias digitais. No contexto das histórias em quadrinhos, um *publisher* desempenha um papel central na definição da linha editorial, na curadoria de artistas e roteiristas, e na estratégia comercial de seus títulos. Empresas como a Marvel Comics e a DC Comics exemplificam esse modelo, operando não apenas como editoras, mas também como gestoras de propriedades intelectuais que transcendem os quadrinhos e se expandem para o cinema, televisão e produtos licenciados.

À medida que o MCU se consolidou e se expandiu, as participações de Stan Lee nos filmes tornaram-se mais frequentes e, conseqüentemente, mais celebradas. Como sugere Andersen (2020), os *cameos* podem ser entendidos como “participações especiais de celebridades”, momentos que interrompem a narrativa para inserir algo do mundo real e convidar o espectador a refletir sobre as implicações dessas inserções dentro da história.

No caso de Stan Lee, suas aparições não apenas reconheciam sua importância histórica, mas também reforçavam a continuidade entre os quadrinhos e as adaptações cinematográficas. Cada *cameo* se tornava um ponto de intersecção entre o universo fictício da Marvel e a vida real, proporcionando uma camada adicional de significados e memórias afetivas, especialmente para os fãs de longa data.

De acordo com Mathijs (2013), um *cameo* é “uma breve aparição de uma pessoa conhecida publicamente que é instantaneamente reconhecível”. No contexto do MCU, isso se aplica com precisão a Stan Lee, cuja imagem estava tão intimamente associada ao universo Marvel que sua presença no filme se tornou quase uma garantia de reconhecimento imediato do seu papel como criador.

Ainda que em suas aparições menores, Lee sempre foi facilmente identificado, transformando-se em uma figura pública de peso que o público aguardava ansiosamente para ver, como se esperasse o reconhecimento de uma autoridade dentro da narrativa. Em muitas dessas participações, ele não apareceu apenas como um observador ou coadjuvante, mas como uma parte integrante da história, conectando o universo fictício e o real.

Essas participações especiais, especialmente no MCU, sempre apontavam para o mundo fora do filme, proporcionando uma reflexão sobre o entrelaçamento entre a realidade e a ficção. No entanto, os *cameos* de Lee não eram apenas uma forma de chamar a atenção para o fato de que ele era um “criador”, mas também para revelar a interconexão entre a cultura de celebridades e a cultura participativa dos fãs.

O espectador não apenas reconhecia Stan Lee como um criador, mas também como uma figura pública, um ícone da cultura pop, parte da construção do próprio universo Marvel. Esses *cameos*, mais do que simples aparições, se tornaram momentos de transgressão da quarta parede, convidando o espectador a refletir sobre a construção e os bastidores do próprio universo Marvel.

Em seu auge no MCU, Lee também se tornou um símbolo de homenagem não apenas para os fãs, mas também para os próprios personagens do universo Marvel. Ele deixou de ser apenas o criador para se tornar um observador ativo daquilo que ajudou a construir. A forma como ele foi retratado no filme, como um observador cósmico, dentro e fora da narrativa, refletiu o impacto contínuo de sua contribuição, enquanto sua imagem também era celebrada como um ícone dentro do próprio universo ficcional.

Mesmo após sua morte, sua presença foi mantida como uma homenagem póstuma em filmes como *Deadpool & Wolverine* (2024), reforçando o vínculo entre a ficção e a realidade, que sempre caracterizou seus *cameos*. Essas aparições especiais não apenas proporcionam momentos de entretenimento para os fãs, mas também simbolizam a continuidade do MCU e reafirmam a centralidade de Stan Lee na história da Marvel. Sua presença nos filmes transcende as barreiras do texto ficcional, consolidando-se como um elemento essencial da experiência do público. Lee atuou como uma ponte entre o criador e a criação, estabelecendo-se como figura permanente no universo Marvel e assegurando que sua contribuição fosse perpetuada em diferentes formatos e mídias (Figura 31), desde os quadrinhos até as adaptações cinematográficas.

Figura 31 – Conjunto de *cameos* de Stan Lee

Fonte: Everett (2018).

1.4.4.2 *Cameos como reforço cultural*

As participações de Lee funcionam como memórias que conectam os espectadores a uma tradição contínua dentro do universo Marvel, criando uma identidade coletiva e reforçando o legado cultural e histórico dos personagens e das histórias.

Nunes (2001) explica que “a memória organizada é formada no seio da semiose³², que se arranja e se processa como fenômeno midiático, comportando-se como um traço evolutivo expandido na semiosfera”³³ (p. 23). Lembrar não se separa da sensação da memória³⁴ produzida pelo próprio corpo, por meio de um arranjo intrínseco de memórias, cujos fatos atuam na cultura. O corpo gera informações para organizar a memória coletiva, que compartilha as representações culturais inscritas nela.

Na maioria de suas aparições nos filmes da Marvel, Stan Lee fazia breves piscadelas ou, na melhor das hipóteses, tinha uma ou duas falas. Essas aparições serviam a um propósito maior, funcionando como uma espécie de selo de aprovação para os filmes. Embora não tenha aparecido em todos os filmes, esteve presente em cada uma das principais produções do Universo Cinematográfico Marvel, e sua ausência foi notada em *Quarteto Fantástico* (2015).

Questionado sobre o fracasso do filme, durante um evento de lançamento, quando um fã também questionou sobre sua ausência, Lee, com sua típica sagacidade, respondeu: “Bem, provavelmente é porque eu não tive uma aparição nele. Eles não me pediram para estar lá!” (Wolk, 2018). A frase se espalhou pela internet, ganhando status de meme e sendo frequentemente utilizada como uma forma leve de comentar sobre a onipresença de Stan Lee nas produções da Marvel. Apesar do tom de brincadeira, a declaração reflete o poder da celebridade de Lee, cuja falta em um filme seria retroativamente como um indicador de qualidade.

³² Semiose é um processo contínuo e dinâmico de produção e interpretação de significados, envolvendo a interação entre signos, objetos e interpretantes, conforme a teoria de Charles Sanders Peirce (1839-1914). No contexto dos mecanismos da memória, a semiose é importante, pois os significados são continuamente recriados e reinterpretados com base em novas experiências e conhecimentos. A memória, assim, não é apenas um depósito de informações, mas um processo ativo de significação.

³³ Semiosfera é um termo cunhado por Iuri Lotman (1981-1990), refere-se ao espaço semiótico onde ocorrem os processos de semiose. Esse espaço é caracterizado pela coexistência de múltiplos sistemas de signos e pela interação entre eles. No contexto da memória, a semiosfera representa o ambiente cultural e social que influencia e é influenciado pelos processos de memória. As memórias são formadas e recuperadas dentro desse espaço dinâmico, onde diferentes sistemas de significação interagem e se sobrepõem.

³⁴ A sensação de memória refere-se à experiência subjetiva de lembrar algo, envolvendo aspectos cognitivos e emocionais. Não é apenas a recuperação de informações, mas também a vivência das emoções e contextos associados à lembrança. Essa sensação é influenciada pelo corpo e pela mente, formando uma ligação entre o passado e o presente, onde a memória é reexperimentada de maneira viva e significativa. Ela desempenha um papel importante na identidade coletiva, ajudando a formar e reforçar memórias compartilhadas dentro de um grupo cultural.

A cada novo suporte no qual se deposita a memória “natural”, a cada veículo comunicativo criado que possa, porventura, expandir, reprimir ou simplesmente não provocar qualquer efeito no modo de representar e mediar o mundo, a reação corrente está no modo de representação da linguagem e em suportes e técnicas da comunicação e, não raro, asseverar que o homem está a perder sua “humanidade” (Nunes, 2001, p. 30).

O crescimento dos meios de produção de linguagem, aptos a armazenar e conservar os signos fora do cérebro, atestaria, aparentemente, a inutilidade dos grandes sistemas de memória ou, quem sabe, da própria memória. Essa discussão se alastra pela história e, ainda hoje, podem-se ouvir muitos ruídos que bradam contra a velocidade com a qual as tecnologias armazenam os signos visuais, sonoros, verbais, roubando a memória humana (Nunes, 2001, p. 30).

A memória social é entendida como o meio pelo qual uma sociedade articula seu presente com seu passado, influenciando a forma como os indivíduos se percebem, suas produções e suas relações. Neste contexto, a memória constitui o campo das representações coletivas. Avançar no conceito de memória social requer, portanto, questionar a relação entre ela e as ideias inter-relacionadas que a compõem (Gondar, 2015).

Estimativas indicam que ele realizou aproximadamente 60 participações documentadas em filmes, séries de televisão, animações e outros formatos. Esse número reflete tanto sua habilidade em consolidar sua imagem quanto a insistência da indústria em reforçar sua centralidade no imaginário cultural da Marvel.

No Universo Cinematográfico da Marvel (MCU), Stan Lee participou de 22 filmes, começando com *Homem de Ferro* (2008) e encerrando com *Vingadores: Ultimato* (2019). Em outros projetos, ele também apareceu em produções como *X-Men* (Fox), *Homem-Aranha* (Sony) e *Quarteto Fantástico* (Fox).

Fora desse escopo, Lee realizou participações em mídias diversas, como videocliques, jogos eletrônicos e até produções não relacionadas à Marvel. Algumas dessas aparições, notavelmente póstumas, foram viabilizadas por meio de gravações anteriores ou efeitos digitais, evidenciando que nem mesmo a morte escapou ao papel contínuo de Stan Lee como um “*cameo* eterno”. A Tabela 1 demonstra um resumo estimado das participações de Lee e evidencia a integração de sua imagem como um símbolo constante, tanto dentro quanto fora do universo Marvel.

Tabela 1 – Aparições – *cameos* de Stan Lee

Categoria	Número estimado de participações
Universo Cinematográfico da Marvel	22
Outras franquias Marvel (<i>X-Men</i> etc.)	25+
Séries de TV, animações e videoclipes	10+
Participações em jogos eletrônicos	3+
Total Aproximado	60+

Fonte: elaborada pela autora.

Lee continuou ativo na cena das convenções, até 2016, fazendo aparições em várias convenções, explicando, “é que os fãs ainda se importam. Eu gosto de todas as convenções de quadrinhos: As menores são mais fáceis, as maiores são emocionantes” (Cavna, 2016).

Em certo sentido, Lee tornou-se uma figura desatualizada. Sua defesa dos quadrinhos como arte foi comumente aceita dentro da cultura dominante, enquanto seu cuidado com o fandom dos quadrinhos iniciais desapareceu com o passar das gerações. Talvez tenha alcançado uma vitória maior do que poderia ter esperado, embora tenha assumido o papel de um estadista idoso, em vez do novato impetuoso que desempenhou por décadas.

Não ficou evidente onde Stanley Lieber, o homem, terminava, e em que ponto Stan Lee, a celebridade, começava. Lee foi um performer constante e consistente: não houve um fim ou começo claro para seu meio século de engajamento social. Essa dicotomia se expressava tanto em seu papel como produtor de mídia quanto como fã de quadrinhos, inclusive de suas próprias criações.

Os fãs de quadrinhos, por sua própria natureza, são insulares, como todas as comunidades de fãs tendem a ser. Bourdieu (1992) lembra que “o gosto classifica, e classifica o classificante. Os sujeitos sociais, classificados por suas classificações, distinguem-se pelas distinções que faziam, entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar, nas quais sua posição nas classificações objetivas era expressa ou traída” (p. 502).

No contexto dos quadrinhos, o gosto por determinadas narrativas, personagens ou estilos pode atuar como critério de inclusão ou exclusão dentro da comunidade de fãs. Aqueles que demonstram conhecimento aprofundado da cronologia ou que possuem coleções raras tendem a ocupar posições de maior prestígio, enquanto novos leitores ou consumidores de adaptações audiovisuais podem ser considerados menos legítimos no fandom. Assim, o gosto não apenas reflete uma identidade cultural, mas também delimita fronteiras simbólicas e reforça a hierarquia e a insularidade desse universo.

Lee precisou negociar cuidadosamente seus papéis como produtor e fã. Um deslize e ele ficaria marcado como um intruso incômodo ou simplesmente como mais uma faceta dos poderes estabelecidos. Jenkins (2009) lembra que “a relação entre fã e produtor nem

sempre é feliz ou confortável e muitas vezes é carregada de suspeita mútua, senão de conflito aberto” (p. 32). Enquanto o fã consome e propõe o objeto de mídia para seus próprios fins, o produtor procura controlar o objeto para seus próprios fins (criativos, econômicos ou outros).

Lee posicionou-se como o rosto da Marvel, independentemente de sua posição real dentro da empresa. Simultaneamente, manteve-se como fã, codificando essa situação em seus vários engajamentos com a maior comunidade de fãs da Marvel.

Suas aparições serviram para solidificar sua posição como uma figura de culto dentro da cultura pop, ao mesmo tempo que destacavam sua habilidade de navegar entre os mundos de produtor e fã. Entre os fãs suscitaram grandes teorias, segundo as quais Lee seria a versão cinematográfica do Vigia – uma criatura milenar que habita o Multiverso da Marvel com o único objetivo de observar e acompanhar os planetas onde há vida inteligente. Por isso, ele aparece em tantos lugares simultaneamente, mesmo em filmes de diferentes distribuidoras, como Fox, Sony e Disney. A cena de *Guardiões da Galáxia vol. 2* reforçou essa hipótese. “Sempre achamos que seria divertido”, afirmou Kevin Feige, presidente da Marvel Studios (apud Weintraub, 2017).

1.4.4.3 Análise da dinâmica emocional dos *cameos*

Ao realizar análise de sentimento dos fãs de Stan Lee, especialmente nos posts associados à recirculação dos *cameos* no perfil oficial do Instagram de Stan Lee nas páginas X, Facebook e Instagram e Reddit, é possível compreender o impacto contínuo de sua imagem na cultura digital contemporânea.

O processo de análise de sentimentos é amplamente utilizado para entender como o público reage a determinados temas, sendo essencial no estudo das reações aos *cameos* de Stan Lee. O primeiro passo desse método consiste na coleta de menções sobre o tema em plataformas digitais, incluindo redes sociais (X, Facebook e Instagram e Reddit), sites de notícias, blogs e espaços de discussão como YouTube e Reddit.

Para esse monitoramento, são utilizadas ferramentas especializadas, como o BrandMentions. Elas são empregadas para rastrear palavras-chave relacionadas ao assunto, capturando uma ampla variedade de reações. Essa abordagem garante uma visão abrangente do contexto em que o tema está sendo discutido.

Com as menções coletadas, a etapa seguinte é a classificação de sentimentos. Por meio de algoritmos de processamento de linguagem natural (PLN), as reações são categorizadas como positivas, negativas ou neutras, com base nas palavras e expressões utilizadas.

Comentários como “Os *cameos* de Stan Lee são incríveis!” são classificados como positivos, enquanto críticas como “Já cansei dessas aparições” são identificadas como negativas. Já os textos informativos ou sem carga emocional clara são categorizados como neutros. Esse processo automatizado permite a análise de grandes volumes de dados de forma eficiente e objetiva.

Após essa etapa, os dados coletados passam por um processo de refinamento. As menções irrelevantes ou duplicadas, como spam ou publicações fora de contexto, são removidas, garantindo que apenas informações relevantes e pertinentes sejam analisadas. Deste modo, assegura-se que os resultados finais sejam precisos e reflitam as emoções predominantes do público.

Na sequência, os dados são organizados em categorias (positivas, negativas e neutras) e agregados por períodos específicos, como dias ou semanas, buscando facilitar a identificação de padrões e tendências, como variações no volume de sentimentos ao longo do tempo.

Por fim, os dados são contextualizados em relação a eventos externos que podem ter influenciado as reações do público. Lançamentos, homenagens ou polêmicas são analisados para explicar picos ou quedas nas emoções registradas. Nessa etapa final busca-se compreender não apenas o que o público sentiu, mas também porque esses sentimentos surgiram.

A análise apresentada a seguir aplica esse método para examinar as reações aos *cameos* de Stan Lee entre os dias 9 e 15 de agosto de 2024, oferecendo informações sobre como essas aparições continuaram a impactar o imaginário coletivo. Percebe-se que Lee ocupa um lugar de destaque entre os entusiastas de HQs e cinéfilos. Para essas análises preliminares, foram utilizadas a ferramenta *BrandMentions*, com foco na análise de sentimentos. O Quadro 1 apresenta o resumo das reações coletadas:

Quadro 1 – Análise de sentimento em relação aos *cameos* de Stan Lee 9 aug 2024 - 15 aug 2024

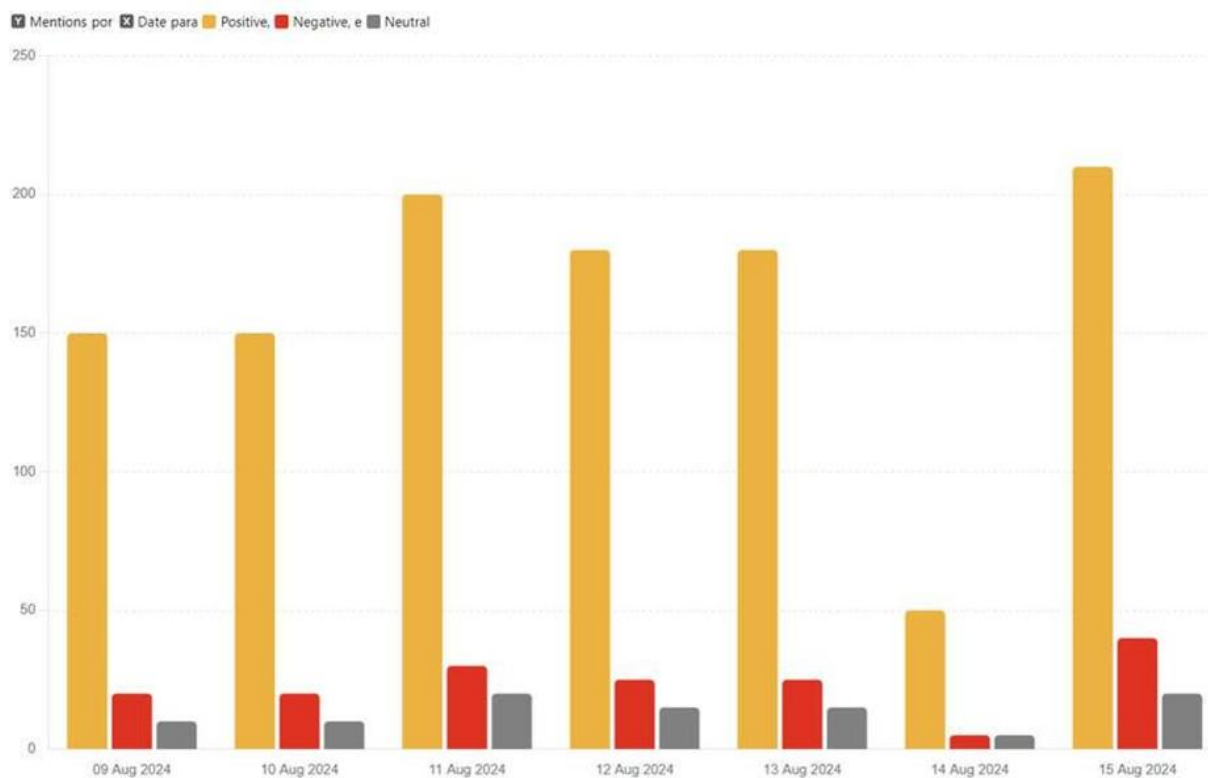
Sentimento Positivo	Uma parte significativa das discussões sobre Stan Lee é positiva. Os fãs frequentemente expressam admiração por suas contribuições criativas, apreciação por suas aparições nos filmes da Marvel e tristeza por seu falecimento.
Nostalgia e Gratidão	Muitos posts refletem um sentimento de nostalgia e gratidão. Os fãs lembram-se com carinho das aparições de Stan Lee e de sua personalidade exuberante.
Sentimento Negativo	Embora o sentimento geral seja esmagadoramente positivo, há menções negativas, relacionadas a controvérsias específicas ou críticas sobre certos enredos, ou desenvolvimentos de personagens. No entanto, essas instâncias são relativamente raras em comparação com os sentimentos positivos expressos.

Fonte: elaborado pela autora

Os dados analisados em gráficos de sentimentos (Figura 32) indicam uma predominância de reações emocionais positivas associadas a Stan Lee, com 994 menções favoráveis registradas durante o período da análise. Essas menções destacam o vínculo emocional que seus *cameos* criavam com o público, funcionando como um lembrete constante de sua importância histórica e afetiva.

Contudo, é significativo observar também a presença de 195 menções negativas, indicando uma dimensão crítica nas percepções. Parte dessas críticas aponta para o risco de uma centralização excessiva de sua figura, em detrimento de outros colaboradores criativos da Marvel, como Jack Kirby e Steve Ditko.

Figura 32 – Análise de sentimento em relação aos *cameos* de Stan Lee 9 aug 2024 - 15 aug 2024



Fonte: desenvolvido pela autora

Ao analisar as reações dos fãs às homenagens póstumas, observa-se como a memória cultural se mantém viva por meio da perpetuação de imagens e ações simbólicas. Em suas análises sobre como a cultura popular se apropria de figuras públicas para continuar a disseminar suas ideias e influências, Hall (2003) argumenta que os símbolos culturais estão em constante negociação e reinterpretação. No caso de Stan Lee, suas aparições póstumas nos filmes funcionam como símbolos culturais, reinterpretados por sucessivas gerações de fãs. Mesmo aqueles que não vivenciaram sua atuação nos quadrinhos podem construir uma conexão afetiva com sua figura por meio dos filmes e das constantes referências a ele no MCU.

Além disso, o fato de as homenagens póstumas serem amplamente celebradas em várias mídias (como filmes, séries, quadrinhos e internet) evidencia o fenômeno de memória cultural intergeracional, como proposto por Hirsch (1997).

Fãs mais jovens, que cresceram com o MCU, não têm o mesmo contato e vínculo com a história dos quadrinhos, como as gerações anteriores, mas ainda assim compartilham dessa memória cultural coletivamente transmitida por meio dos filmes e das aparições de Lee.

Dessa forma, mesmo após sua morte, Stan Lee assume uma posição transcendente, cujos *cameos* representam uma ponte entre gerações, fortalecendo o legado da Marvel e contribuindo para a consolidação de uma identidade coletiva no imaginário cultural contemporâneo.

As reações dos fãs em plataformas como X, Facebook e Instagram e Reddit refletem não apenas atos de celebração de sua memória, mas também uma negociação ativa entre os fãs e o legado da Marvel, evidenciando como a cultura de fã continua a ter um papel ativo na manutenção do status de figuras públicas, mesmo após sua morte.

Nesse contexto, o uso de Stan Lee como uma espécie de “Vigia” no MCU, conforme recorrentemente sugerido por fãs, reflete essa dinâmica de preservação e renovação da memória cultural. Mesmo após sua morte, a figura de Lee continua sendo uma presença marcante, com os fãs respondendo a essa presença com uma mistura de nostalgia, reconhecimento e, frequentemente, reverência.

A constante reiteração de sua imagem como parte do MCU, seja através de *cameos* póstumos ou de homenagens nas redes sociais, reforça a ideia de que, mesmo após a morte, o legado de uma figura pode continuar moldando o cenário cultural de um universo mais amplo.

Os *cameos* de Stan Lee funcionam mecanismos significativos de construção de memória social, contribuindo para a continuidade e renovação do seu legado no imaginário coletivo dos fãs da Marvel. Suas aparições exemplificam como elementos da cultura pop podem servir como veículos para a preservação e transmissão de memórias, conectando o passado ao presente de maneira dinâmica e significativa.

Ao longo do último século, os *cameos* de Hollywood refletiram as percepções mutáveis da celebridade, à medida que os fãs buscavam se aproximar mais intimamente das estrelas admiradas. Em última análise, o *cameo*, nesse contexto, posiciona o público não apenas como consumidor de celebridades e cultura de massa, mas também como agente ativo na criação de significados, ao reconhecer e refletir sobre quem é celebrado e por quê.

Desde as suas primeiras aparições nas HQs até suas últimas no formato de *cameos* no MCU, como em *X-Men* (2000) e *Homem-Aranha* (2002), Stan Lee encarnava uma dualidade simbólica: ele era tanto o criador reverenciado quanto o fã entusiasta, aparecendo brevemente

na tela para agradar os fãs e reforçar sua conexão com o universo que ajudou a criar, como já abordado.

A figura midiática de Stan Lee tornou-se uma presença esperada e celebrada nos filmes, contribuindo para a narrativa de maneira única, servindo como um “selo de aprovação” e uma ligação direta com as origens das histórias em quadrinhos. Essas inserções proporcionavam uma sensação de continuidade e legitimidade ao universo cinematográfico. O impacto dessas aparições não se restringiu ao público casual, geral; porém, para os fãs de longa data, os *cameos* eram um lembrete tangível de que Lee permanecia conectado às histórias que ajudou a criar, mesmo quando sua participação criativa já havia diminuído.

No final, os *cameos* de Stan Lee encapsulam a dualidade de seu impacto, consolidando sua imagem como o “pai” da Marvel, e gerando as dinâmicas seletivas da memória cultural. Essa estratégia o transformou em um ícone permanente, cuja presença transcende o entretenimento e se integra à cultura pop global. Mais do que criar heróis, Lee garantiu que sua própria figura se tornasse parte do mito que ajudou a construir — um legado emoldurado, muitas vezes literalmente, na tela.

1.4.5 A marca de Stan Lee: tributo ou exploração comercial?

A morte de Stan Lee, em 2018, não encerrou sua trajetória na cultura pop. Ao contrário, deu início a uma nova etapa de apropriação simbólica, em que sua imagem passou a operar como um dispositivo estratégico de memória e mercado. Nesse novo cenário, Lee deixa de ser apenas lembrado como criador de personagens icônicos e passa a ser reposicionado como *marca* — um signo multifuncional, pronto para ser ativado conforme as demandas da indústria do entretenimento. A figura do autor é, nesse processo, transformada em ativo, e sua memória em capital cultural.

A Marvel Studios e, sobretudo, a The Walt Disney Company, tornaram-se gestoras desse legado. Tal como em outros casos de mitificação pós-morte (Elvis Presley, Walt Disney, Steve Jobs), a figura de Stan Lee passou a ser mobilizada por estratégias narrativas e comerciais que atuam na intersecção entre homenagem e reprodução espetacularizada da memória.

Kellner (2001), ao analisar a cultura de mídia, argumenta que os produtos culturais contemporâneos não apenas representam o mundo, mas o constroem sob uma lógica ideológica. No caso de Lee, o que está em jogo é a transformação de sua trajetória e imagem pública em um repertório simbólico moldado pelos interesses de uma corporação global.

As homenagens póstumas prestadas a Lee — desde os créditos especiais nos filmes, passando por documentários e exposições, até a especulação sobre aparições digitais — articulam uma estética da nostalgia com fins econômicos.

Como alerta Guy Debord (1997), no contexto da sociedade do espetáculo, tudo aquilo que era vivido se distancia e se converte em representação. A presença de Stan Lee é continuamente reinscrita como simulacro³⁵: uma imagem sem corpo, mas com valor de mercado. Mesmo sem fala ou ação, sua silhueta, sua assinatura e seu rosto operam como garantias de autenticidade para a franquia.

Esse processo de espetacularização póstuma reflete a lógica de curadoria simbólica, retomada por Gondar (2015), que organiza o passado de modo a torná-lo funcional no presente.

A ambiguidade dessa operação encontra eco na crítica de Hall (2003) às formas pelas quais a cultura popular é constantemente apropriada, ressignificada e reinserida em contextos que lhe retiram seu potencial crítico. A memória de Stan Lee, celebrada como legado criativo, também é editada, suavizada e enquadrada em uma narrativa que enfatiza o heroísmo, a genialidade e o carisma — apagando contradições, disputas autorais e complexidades da trajetória editorial da Marvel.

Jenkins (2009) observa que o culto à autoria e à continuidade é uma das marcas centrais da cultura participativa. Contudo, esse culto pode ser redirecionado: da participação para o consumo, da memória para o produto. A celebração ostensiva de Stan Lee, nesse contexto, opera como um dispositivo de segurança emocional — algo que confere identidade, familiaridade e conforto a uma franquia em constante expansão e transformação. A figura de Lee, portanto, funciona como ponto de ancoragem em meio ao caos narrativo dos multiversos, reafirmando o *ethos* da marca Marvel.

Cabe, então, a pergunta que dá título a esta seção: é este um genuíno tributo ou de uma sofisticada forma de exploração comercial? A resposta não é simples, pois ambas as dimensões coexistem e se retroalimentam. A comoção real gerada por sua morte não pode ser descartada, mas tampouco se pode ignorar o modo como essa emoção foi imediatamente convertida em narrativa institucional e, posteriormente, em ativo mercadológico. Como conclui Debord (1997, p. 11), no espetáculo, “o que aparece é bom, e o que é bom aparece”.

Em última instância, o legado de Stan Lee permanece em disputa: entre a memória afetiva dos fãs e a lógica de monetização das corporações, entre o passado vivido e o futuro

³⁵ O termo “simulacro”, aqui associado à crítica de Guy Debord (1997), refere-se à representação que perde a conexão com sua origem e passa a valer por si mesma, típica das lógicas de espetáculo na sociedade contemporânea.

projetado por algoritmos e franquias. Preservar a memória de Lee implica, portanto, não apenas reverenciá-lo, mas problematizar criticamente as formas pelas quais essa memória é instrumentalizada, espetacularizada e vendida sob o rótulo de homenagem.

O percurso realizado neste capítulo revelou como o legado de Stan Lee ultrapassa a condição de criador de histórias em quadrinhos para se consolidar como signo polivalente — ao mesmo tempo homenageado e explorado, celebrado e reconfigurado. A celebração dos 85 anos da Marvel, a estrutura narrativa do MCU, os processos adaptativos e os *cameos* são expressões de uma lógica de curadoria simbólica que transforma memória em estratégia, emoção em produto, autoria em franquia. Nas palavras de Andreas Huyssen (2000, p. 25), esta é uma era em que “a cultura da memória se tornou parte da cultura da mercadoria”.

Ao reposicionar Stan Lee como figura central da mitologia midiática do século XXI, a Marvel e a Disney operam sob uma lógica que Hall (2003, p. 93) descreveu como “representação interessada”: não se trata de refletir o real, mas de produzir sentidos a partir de uma determinada posição ideológica. Assim, a memória de Lee é construída como um “arquivo emocional” cuidadosamente editado para sustentar a continuidade simbólica da marca. Jenkins (2009) ao tratar da cultura da convergência, alerta que “as histórias e os personagens que se estendem por múltiplas plataformas também carregam múltiplas camadas de interpretação, manipulação e controle” (p. 148).

As adaptações dos quadrinhos para o cinema, ao mesmo tempo que atualizam os mitos fundadores da Marvel, reformatam suas dimensões críticas para alinhar-se a uma estética de espetáculo. Linda Hutcheon (2011, p. 9) lembra que “toda adaptação é uma forma de apropriação”, e nesse caso, trata-se de uma apropriação que envolve tanto a linguagem quanto os afetos. A presença insistente — e, após sua morte, a ausência programada — de Stan Lee nos filmes funciona como uma assinatura que atravessa tempos, formatos e públicos. Como afirmou Halbwachs (2006, p. 71), “a memória coletiva se organiza sempre a partir de quadros sociais que orientam o que deve ser lembrado e como deve ser lembrado”.

No limite, a figura de Stan Lee converte-se em simulacro, no sentido proposto por Guy Debord (1997, p. 22): “tudo o que antes era vivido diretamente tornou-se uma representação”. A memória de Lee, moldada pela cultura do entretenimento, permanece viva não apenas pelas histórias que contou, mas pelo modo como sua imagem continua sendo contada, recontada e comercializada.

Esta seção, ao articular memória, mercado e representação, apontou para uma contradição fundacional do legado de Stan Lee: sua capacidade de permanecer icônico em um ambiente que simultaneamente o consagra e o consome. Como se verá na seção seguinte, essa

dinâmica de ressignificação e disputa não se encerra na indústria do cinema, mas se prolonga nas práticas culturais e midiáticas dos fãs, nas reapropriações digitais e nas negociações contínuas em torno do que significa lembrar — e lucrar com — Stan Lee.

1.5 A RELAÇÃO DISNEY-MARVEL

A aquisição da Marvel Entertainment pela The Walt Disney Company, em 2009, representou um dos movimentos mais estratégicos da indústria cultural contemporânea. Avaliada à época em 4 bilhões de dólares. A transação não envolveu apenas a compra de um portfólio de personagens — como *Homem de Ferro*, *Capitão América*, *Thor* e os *X-Men* —, mas a apropriação de um sistema narrativo consolidado, de uma base de fãs globalizada e de uma mitologia audiovisual em expansão.

O interesse da Disney pela Marvel ultrapassa o aspecto financeiro, trata-se de incorporar à lógica corporativa um legado simbólico carregado de valor afetivo e de potencial mercadológico de longa duração.

Nesta seção, analisam-se as implicações dessa incorporação, com foco nas transformações estruturais, narrativas e simbólicas que redefiniram a Marvel sob o comando da Disney. Mais do que descrever as mudanças administrativas ou os recordes de bilheteria, o que está em jogo aqui é compreender como o *ethos* da marca Marvel foi ressignificado para atender às demandas de uma corporação cuja expertise histórica reside na gestão de afetos e na construção de memórias brandificadas.

Nas palavras de Kellner (2001), a cultura midiática não apenas reflete a sociedade, mas participa ativamente na construção de identidades, valores e desejos. Sob essa perspectiva, a “disneyficação”³ da Marvel deve ser entendida como um processo de reconfiguração do simbólico em favor de uma narrativa hegemônica globalizada.

A convergência entre Marvel e Disney também pode ser pensada, conforme propõe Jenkins (2009), como uma nova ecologia cultural, na qual narrativas, plataformas e audiências são articuladas em um sistema de controle estético e econômico altamente integrado. A Marvel, que já vinha operando com uma lógica transmidiática desde o início do MCU, viu essa dinâmica ser potencializada sob o comando da Disney, com o aumento da padronização narrativa, do controle sobre os direitos autorais e da expansão das franquias em mercados diversos — do cinema aos parques temáticos, das séries televisivas aos serviços de *streaming*.

Esse movimento também implica a reorganização da memória e da história da editora. A Disney, ao assumir o controle da marca, torna-se também curadora de sua trajetória simbólica. Hall (2003) ressalta que as representações não são meras reproduções do real, mas

construções ativamente mobilizadas a partir de interesses específicos. Nesse sentido, o que a Disney preserva, atualiza ou omite na narrativa oficial da Marvel revela não apenas escolhas editoriais, mas estratégias de mercado e disputas de sentido.

A operação de compra da Marvel, portanto, não deve ser analisada apenas como aquisição de negócios, mas como um caso exemplar de como as corporações contemporâneas incorporam legados culturais e os adaptam às suas estruturas de poder simbólico. O que está em questão não é apenas a rentabilidade de uma franquia, mas o modo como as emoções, os afetos, bem como as memórias coletivas associadas a ela são reorganizadas, reembaladas e redistribuídas em novos formatos de consumo.

Como observa Debord (1997), na sociedade do espetáculo, “tudo o que antes era vivido diretamente tornou-se uma representação” — e o legado da Marvel, sob a Disney, passa a operar como representação estratégica, capitalizável e transnacional.

Ao longo desta seção, analisa-se como essa relação entre Disney e Marvel se configura em torno de três eixos centrais: a reestruturação corporativa e financeira da Marvel; a padronização narrativa e estética das produções do MCU; e a ativação da nostalgia como ferramenta comercial e de fidelização do público. Ao articular essas dimensões, busca-se compreender como a Disney opera não apenas como distribuidora de conteúdo, mas como engenheira simbólica do imaginário global; e como a figura de Stan Lee, mesmo após sua morte, continua a ser um elemento-chave nesse processo.

1.5.1 Transformações estruturais e a lógica do investimento cultural

Antes de mergulhar nas transformações corporativas, narrativas e simbólicas desencadeadas pela união entre Disney e Marvel, vale perguntar: o que significa, hoje, adquirir não apenas personagens e franquias, mas também memórias coletivas e afeto geracional? Sob o olhar de Kellner (2001) e Jenkins (2009), é possível entender como essa aliança reposicionou ambas as marcas – conferindo à Disney um universo narrativo transgeracional e à Marvel a solvência simbólica de uma corporação experiente na arte de construir memórias brandificadas.

A seguir, exploram-se três eixos centrais dessa relação: a reestruturação institucional, a padronização estética do MCU e o uso calculado da nostalgia como motor de engajamento.

Esse movimento deve ser compreendido no marco da transformação contemporânea das grandes corporações de mídia em conglomerados de gestão de propriedades intelectuais. A Disney não adquire apenas histórias ou personagens, mas estruturas complexas de valor simbólico e mitológico.

Como aponta Kellner (2001), a cultura de mídia opera como instrumento de construção de sentidos, produzindo identidades, desejos e visões de mundo. A compra da Marvel, nesse contexto, é uma aquisição de ativos simbólicos, com vistas a sua posterior reconfiguração e rentabilização global.

Ao contrário da imagem espontânea do artista-criador, difundida em torno de Stan Lee, o processo de absorção da Marvel mostra-se cuidadosamente planejado. A Disney vislumbrou na Marvel não apenas uma marca de sucesso, mas uma plataforma de narrativas serializadas, com apelo intergeracional e grande capacidade de desdobramento em produtos, parques temáticos, jogos, *streaming* e licenciamentos. Esse modelo, baseado na lógica do “universo expandido”, permite o prolongamento indefinido das franquias — o que Jameson (1997) identifica como uma das características do capitalismo cultural tardio: a recirculação de signos sob novas embalagens, em ciclos contínuos de consumo.

Nesse sentido, o investimento na Marvel pode ser lido como uma aposta de longo prazo na constituição de uma infraestrutura emocional de consumo, baseada na familiaridade simbólica e na continuidade narrativa. A rentabilidade, portanto, não se mede apenas em bilheteria ou licenciamento direto, mas pelo controle progressivo sobre o imaginário coletivo. Esse controle é articulado pela Disney por meio de um modelo corporativo que integra criação, distribuição, marketing e recepção em um só circuito. Jenkins (2009) descreve esse processo como convergência midiática — não apenas de formatos e plataformas, mas de interesses e estratégias de poder.

Importa, aqui, destacar que essa reconfiguração institucional operada pela Disney não neutraliza, mas, ao contrário, intensifica o uso da memória como ativo estratégico. A Marvel é apresentada como uma herança valiosa, e Stan Lee como seu “guardião original”. O passado editorial da empresa é reorganizado em retrospectiva como parte de um “*continuum* histórico” que justifica e legitima os produtos atuais. Trata-se, como aponta Nora (1993), de um processo de institucionalização da memória, no qual o passado é transformado em marca registrada e reposicionado conforme os interesses do presente.

Embora os resultados financeiros da Marvel sob a Disney sejam amplamente divulgados e celebrados — como recordes de bilheteria mundial e domínio em *rankings* de franquias cinematográficas —, o dado mais relevante para esta análise é a transformação qualitativa da empresa em uma engrenagem simbólica transnacional.

O *ethos* criativo e editorial que a Marvel cultivou ao longo do século XX é absorvido e ressignificado sob a lógica da performance corporativa, da previsibilidade narrativa e da

eficiência mercadológica. A fantasia, nesse novo arranjo, é disciplinada por planilhas e orientada por algoritmos.

Com a Marvel agora inserida em um aparato corporativo voltado à curadoria de afetos, abre-se um novo terreno de disputa criativa: como conciliar a diversidade de vozes originárias dos quadrinhos com a necessidade de formatos narrativos perfeitamente ajustados ao modelo Disney? É justamente essa tensão — entre pluralidade de conteúdo e padronização estética — que o conceito de disneyficação busca capturar.

Na seção seguinte, aborda-se como esse processo moldou o *ethos* do MCU, gerando atritos e redefinindo os contornos da criatividade dentro do universo Marvel.

1.5.2 Disneyficação e as tensões criativas do MCU

A incorporação da Marvel pela Disney não significou apenas a ampliação de investimentos ou a diversificação de produtos, implicou uma reconfiguração profunda do *ethos* criativo e do repertório simbólico da marca Marvel. Esse processo pode ser analisado à luz do conceito de “disneyficação”, entendido aqui como a operação cultural que transforma conteúdos complexos em experiências narrativas padronizadas, altamente espetaculares, emocionalmente controladas e mercadologicamente rentáveis.

Sob a lógica da Disney, o Marvel Cinematic Universe (MCU) passou a seguir um modelo narrativo progressivamente homogêneo. A diversidade temática e estilística presente nas histórias em quadrinhos deu lugar a uma gramática audiovisual voltada à acessibilidade global, à manutenção da coerência serial e à redução de ambiguidade. Como aponta Hutcheon (2011), adaptações não são cópias, mas recriações em novos contextos — e o MCU, nesse sentido, recria o universo Marvel sob o filtro da previsibilidade narrativa, da moralidade unívoca e da valorização do heroísmo como espetáculo moral.

Essa padronização não é casual: ela serve à construção de um universo expandido funcional, no qual cada filme deve operar tanto como produto autônomo quanto como peça de uma engrenagem maior. Jenkins (2009) observa que as franquias de convergência demandam consistência estrutural e emocional, o que frequentemente implica a neutralização de elementos dissonantes ou controversos. O resultado é um sistema narrativo em que o risco criativo é subordinado à lógica do engajamento contínuo, no qual a inovação estética cede lugar à manutenção de uma identidade de marca facilmente reconhecível.

A “disneyficação” do MCU também se manifesta na construção dos personagens e dos conflitos. As zonas cinzentas éticas, as narrativas de ambiguidade moral e os finais abertos — tão presentes nos quadrinhos — tendem a ser substituídos por arcos de redenção, estruturas de

jornada do herói e resoluções satisfatórias. Como observa Eco (2007), o leitor de narrativas seriadas busca simultaneamente a repetição e a variação. O MCU capitaliza essa tensão ao entregar novas histórias com rostos familiares, promovendo uma sensação de mudança controlada, em que a ilusão de ruptura é sempre acompanhada pela reafirmação da ordem simbólica.

Esse modelo tem eficácia comercial comprovada, mas gera tensões com parcelas do público — especialmente os fãs mais antigos e engajados. Esses espectadores, habituados à multiplicidade de abordagens dos quadrinhos, frequentemente percebem uma “perda de identidade” nos produtos pós-aquisição. As críticas relativas ao excesso de humor, da simplificação das motivações ou da padronização visual dos filmes são manifestações dessa disputa simbólica, em que a fidelidade às origens editoriais é constantemente negociada com as exigências da nova lógica corporativa.

A própria trajetória de personagens como *Thor*, *Hulk* ou *Doutor Estranho* evidencia esse processo: figuras originalmente ambíguas ou filosóficas são reconfiguradas para se adequar ao tom leve e palatável que marca a maior parte das produções Disney-Marvel. Ainda que haja exceções pontuais — como os filmes *Pantera Negra* (2018) ou *Eternos* (2021), que exploram temas identitários e culturais com maior densidade —, a tônica dominante permanece a da uniformidade narrativa e estética.

No plano institucional, essa homogeneização também se reflete no controle criativo exercido pelos executivos da Disney sobre diretores, roteiristas e atores. Como apontam análises críticas da indústria cinematográfica contemporânea, há uma crescente subordinação do trabalho autoral aos imperativos das franquias. A saída de diretores como Edgar Wright (*Homem-Formiga*) ou a polêmica sobre a tonalidade dos filmes dos Irmãos Russo são indicativos de que a criatividade individual é frequentemente sacrificada em nome da coerência serial e da expectativa mercadológica.

Dessa forma, o MCU pós-Disney configura-se como exemplar de um novo regime de produção cultural, no qual a liberdade criativa é calibrada por métricas de engajamento, e a construção simbólica dos heróis torna-se parte de um sistema de governança emocional. Como alerta Hall (2003), as representações não são inocentes: elas carregam valores, normatizam condutas e organizam identidades. O MCU, ao apresentar-se como entretenimento universal, veicula também uma visão de mundo específica, marcada por um liberalismo afetivo, um individualismo heroico e um consenso moral que espelha os interesses de seu controlador corporativo.

1.5.3 A nostalgia como motor simbólico e mercadológico

No universo corporativo da Disney, a nostalgia não é apenas um efeito colateral da memória afetiva dos fãs, mas um recurso deliberado de mobilização simbólica, articulado com estratégias de *branding*, fidelização e expansão transgeracional das franquias. No caso da Marvel, esse mecanismo adquire contornos ainda mais complexos: a figura de Stan Lee, os heróis clássicos e os traços editoriais das primeiras fases da editora são evocados não apenas como homenagem, mas como instrumentos de reposicionamento simbólico da marca, ancorados em valores reconhecíveis e emocionalmente marcantes.

A memória coletiva, segundo Halbwachs (2013)³⁶ — é sempre reconstruída socialmente, vinculada aos quadros simbólicos que organizam o que é lembrado e como é lembrado. A nostalgia operada pela Disney, nesse sentido, não resgata um passado tal como ele foi, mas constrói uma versão idealizada, simplificada e afetivamente potente do passado da Marvel. Essa curadoria seletiva da memória — conceito explorado por Gondar (2015)³⁷ — transforma elementos históricos em ativos narrativos, estrategicamente acionados para gerar pertencimento, continuidade e legitimidade.

A presença contínua de Stan Lee nos filmes do MCU, mesmo após sua morte, é exemplar dessa dinâmica. Suas aparições, como já abordadas nesta primeira parte da tese, deixaram de ser apenas *cameos* e passaram a funcionar como selos de autenticidade simbólica, pontos de ancoragem emocional para o público.

Com o avanço das tecnologias de inteligência artificial e Computer-Generated Imagery (CGI)³⁸, especula-se sobre o uso póstumo de sua imagem digitalizada, o que apenas intensifica os debates sobre a instrumentalização da memória e a propriedade da persona pública. A memória de Lee, neste contexto, é tratada como um bem herdado e manipulável, integrado à lógica do espetáculo³⁹.

A nostalgia também se manifesta no resgate de tramas e estéticas visuais ligadas às décadas de 1960 a 1990 — período considerado "clássico" pelos fãs — e à proliferação de

³⁶ Memória coletiva é um conceito desenvolvido por Maurice Halbwachs, segundo o qual a lembrança não é uma atividade individual e isolada, mas socialmente construída a partir dos quadros simbólicos e relacionais que organizam o passado em cada grupo ou sociedade (Halbwachs, 2013).

³⁷ A ideia de “curadoria simbólica da memória” é discutida por Gondar (2015) como a ação institucional, cultural ou midiática de selecionar, organizar e apresentar elementos do passado, não apenas como registro, mas como narrativa moldada para públicos e contextos específicos.

³⁸ Computer-Generated Imagery (CGI) refere-se a imagens geradas por computador, amplamente utilizadas no cinema para criar efeitos visuais, personagens digitais e reconstruções de pessoas falecidas, como no caso das projeções póstumas de Stan Lee.

³⁹ O conceito de “espetáculo”, formulado por Guy Debord (1997), aponta para uma sociedade em que as relações humanas são mediadas por imagens e representações, convertendo a experiência direta em consumo simbólico.

conteúdos que mimetizam estilos antigos com tecnologias atuais. Filmes como *WandaVision* (2021) ou *Homem-Aranha: Sem Volta para Casa* (2021) mobilizam referências intergeracionais⁴⁰ como forma de ativar camadas distintas da memória afetiva do público. Ao fazê-lo, reforçam o papel da nostalgia como mecanismo de coesão emocional e comercial: antigos personagens são reintroduzidos, antigos atores são reaproveitados, e antigos conflitos são revisitados — mas sempre sob o controle da estrutura narrativa Disney.

Como lembra Debord (1997, p. 22), “a nostalgia se torna um produto padronizado, um consumo do passado reformatado para os moldes do presente espetacular”. A Disney, ao administrar o legado Marvel, oferece uma nostalgia pré-fabricada, na qual o “passado” é curado, estetizado e convertido em espetáculo serializado. Essa operação é perceptível na construção dos *trailers*, nos materiais promocionais e nas peças institucionais, que frequentemente evocam a trajetória da editora como linha de tempo heroica, desprovida de conflitos, contradições ou disputas autorais.

A lógica nostálgica também atua na configuração das narrativas transversais do MCU, que insistem em estabelecer conexões com filmes anteriores, personagens esquecidos ou situações marcantes. A ideia de “universo compartilhado”⁴¹ opera como uma memória narrativa automatizada, na qual cada novo lançamento atualiza e ressignifica eventos passados. Isso reforça, na audiência, a sensação de pertencimento e continuidade, e condiciona o consumo ao reconhecimento de padrões e referências — uma espécie de “memória guiada”⁴² como critério de legibilidade.

A nostalgia, nesse sentido, transforma-se em motor simbólico porque estrutura afetivamente o vínculo do público com a franquia; e em motor mercadológico porque fundamenta a longevidade dos produtos, a fidelização dos consumidores e o licenciamento contínuo de personagens, marcas e narrativas. A memória, aqui, deixa de ser registro e consolida-se como performance: algo que se encena, se dramatiza e se capitaliza.

Essa domesticação da memória, embora eficaz em termos de mercado, implica riscos simbólicos: silencia disputas históricas, marginaliza vozes dissonantes e transforma o passado em um terreno neutro, funcional ao presente. A nostalgia, então, deixa de ser uma experiência

⁴⁰ Narrativa transgeracional, no contexto das franquias, refere-se à capacidade de uma marca ou universo ficcional dialogar simultaneamente com diferentes faixas etárias, por meio de referências afetivas compartilhadas, recicladas ou atualizadas.

⁴¹ O termo “universo compartilhado” designa uma estrutura narrativa em que múltiplas histórias, personagens e eventos coexistem em um mesmo espaço ficcional, permitindo interconexões e continuidade serial. O MCU é o exemplo paradigmático desse modelo.

⁴² O conceito de “memória guiada” é aqui utilizado para descrever a prática das franquias de cinema de estruturarem suas narrativas com base em referências prévias, exigindo do público um reconhecimento ativo de elementos anteriores para plena compreensão e engajamento emocional.

espontânea de pertencimento e torna-se uma ferramenta de gerenciamento da cultura, calibrada por algoritmos e validada por audiências treinadas na linguagem da marca. Ao reencenar continuamente sua própria história, a Disney-Marvel converte a memória coletiva dos fãs em instrumento de fidelização e extração de valor, operando no limiar entre afeto e espetáculo, lembrança e consumo.

Parte 2



ECOS DIGITAIS

2 ECOS DIGITAIS

A expressão “ecos digitais” é aqui mobilizada para pensar os modos como o legado de Stan Lee ressoa no ambiente da cultura midiática contemporânea, especialmente em sua vertente conectada, fluida e participativa.

Inspirado na metáfora acústica, o termo evoca reverberações — sons que retornam, ganham novos contornos e se propagam —, sendo particularmente eficaz para compreender como a figura de Stan Lee continua a circular, ser lembrada, remixada e ressignificada nas redes sociais e em outros dispositivos digitais. Esses ecos não são meros vestígios do passado, mas sinais ativos de uma memória em trânsito, atravessada por tecnologias, afetos e disputas simbólicas.

Para compreender esse fenômeno, é necessário situar esta parte da tese no campo das teorias da memória coletiva e da cultura participativa. Conforme Halbwachs (2013), a memória coletiva se constitui socialmente, mediada pelos grupos e instituições que moldam aquilo que é lembrado e esquecido. Ela é sempre atualizada, sendo reorganizada conforme os contextos e os sujeitos que a evocam. No ambiente digital, como observa Jenkins (2009), essa memória se articula com a lógica da convergência midiática, que envolve não apenas a circulação de conteúdos por múltiplas plataformas, mas também a participação ativa das audiências na produção e curadoria do sentido. O que emerge daí é uma memória interativa, transmidiática e, muitas vezes, tensionada entre apropriação e mercantilização.

Como argumenta Hills (2002), o envolvimento afetivo dos fãs com ícones da cultura pop ultrapassa a esfera do consumo, tornando-se parte de uma identidade coletiva e, em muitos casos, de um investimento emocional prolongado. Hills cunha o termo *hyperdiegesis* para descrever a construção de mundos ficcionais expansivos e detalhados, nos quais os fãs se engajam não apenas como leitores ou espectadores, mas como curadores simbólicos, criando significados próprios a partir dos fragmentos narrativos que recebem. Essa noção será fundamental ao longo dessa Parte 2, pois os “ecos digitais” de Stan Lee são menos sobre o que ele disse ou criou, e mais sobre o que os fãs fazem com isso agora.

A partir dessa perspectiva teórica, os “ecos digitais” referem-se à forma como a figura pública de Stan Lee — bem como suas ideias, aparições e produtos associados — continua a reverberar na cultura *on-line*. Em vídeos, memes, fanarts, homenagens, fóruns de discussão ou até mesmo no reaproveitamento de sua imagem nos filmes do MCU, percebe-se que Lee permanece em circulação ativa: não mais como sujeito histórico pleno, mas como signo reconfigurado, moldado pelas dinâmicas da recepção e pelas tecnologias de visibilidade digital.

Essa dinâmica foi desvendada por meio de uma triangulação metodológica que reuniu: (1) a análise de seu acervo pessoal (documentos, roteiros e entrevistas); (2) o mapeamento de discursos em mídias sociais através de ferramentas de *social listening*; e (3) os dados coletados via *survey* com 1.050 respondentes brasileiros. Essa combinação permitiu compor um panorama amplo, com foco nos modos como Stan Lee é percebido, atualizado e apropriado pelas audiências brasileiras.

A escolha por esse caminho metodológico buscou iluminar a tensão entre presença e ausência, entre o luto e a permanência simbólica, entre o autor e sua transformação em marca.

A memória na cultura pop se organiza não apenas por narrativas oficiais, mas por disputas de sentido, por performances afetivas e por fluxos informacionais em constante recombinação. No espaço digital, essa lógica se intensifica: as plataformas não apenas registram memórias, mas as reprogramam, amplificando certos sentidos e eclipsando outros de forma algorítmica.

Dessa forma, a Parte 2 desta tese se organiza em torno de três eixos: primeiro, uma introdução crítica às origens e transformações dos fandoms na cultura midiática, com atenção especial ao papel da internet nesse processo; em seguida, um panorama das práticas globais do fandom Marvel, considerando como os fãs constroem pertencimentos e significados compartilhados; por fim, o foco recai sobre o fandom brasileiro, explorando tanto os dados empíricos levantados quanto as estratégias interpretativas que revelam como Stan Lee é apropriado, celebrado ou tensionado no Brasil.

O que se busca, portanto, não é apenas mapear manifestações digitais, mas compreender como elas se inserem na lógica maior da memória cultural.

Os “ecos digitais” de Stan Lee são, nesse sentido, mais do que homenagens — são modos de reinscrever sua figura no presente, sob novas mediações, linguagens e disputas.

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Stan Lee e a Marvel nunca foram fenômenos lineares ou facilmente categorizáveis. Eles são múltiplos e polifônicos. É justo, portanto, que a metodologia escolhida reflita essa multiplicidade.

Durante o processo de qualificação desta tese, uma das questões levantadas pela banca levantou algumas reflexões à sua autora. Como manter a imparcialidade sendo também uma fã? Como evitar que os vínculos emocionais que conectam a autora a Stan Lee e ao universo Marvel comprometessem a tese?

Para além desse quadro, havia a própria inquietação da autora, em como demonstrar a percepção do fandom brasileiro em relação a Stan Lee e à Marvel por meio de uma abordagem que garantisse o necessário distanciamento analítico.

As questões, levantadas pela banca reforçaram a necessidade de encontrar uma metodologia que tornasse possível lidar com esse dilema com a devida responsabilidade investigativa.

Em busca de periódicos e estudos de recepção, foi possível perceber que essa preocupação não era apenas da autora desta tese, mas a coleta de informações e os resultados demonstraram essa recorrência nos Estudos de Quadrinhos, um campo que frequentemente precisa justificar sua legitimidade enquanto lida com objetos de estudo populares.

Entre os diversos estudos, surge entre o material coletado uma discussão moderada por Greg M. Smith no *Cinema Journal*, com os estudiosos de quadrinhos Thomas Andrae, Scott Bukatman e Thomas LaMarre, publicada em 2011, em que esse dilema havia sido abordado de forma direta (La Marre *et. al.*, 2011)

LaMarre *et al.* (2011) destacam que os Estudos de Quadrinhos enfrentam um “duplo problema”: ainda formam campo jovem e lidam com um objeto de estudo frequentemente desvalorizado. Além disso, muitas análises acabam presas em abordagens previsíveis, como as discussões sobre “representações de” ou a ideia dos quadrinhos como “mitologia moderna”⁴³.

Em meio a essas limitações, Bukatman (2011) propôs algo que soou como um alívio e uma provocação: a fascinação pessoal pode — e deve — ser um ponto de partida legítimo para a análise acadêmica. E argumenta que o rigor teórico e analítico consegue equilibrar essa subjetividade inicial, legitimando, assim, a integração entre o olhar do fã e a análise crítica.

⁴³ A expressão “mitologia moderna” é frequentemente utilizada por autores como Umberto Eco e outros teóricos da cultura de massa para descrever como os quadrinhos constroem arquétipos e estruturas simbólicas comparáveis às narrativas míticas tradicionais.

LaMarre *et al.* (2011) critica que os estudos de quadrinhos frequentemente priorizam o “o que” das narrativas — como conteúdos e representações — em detrimento do “como”, ou seja, das estruturas formais e dos mecanismos específicos do meio. Isso leva a uma análise que oscila entre questões éticas e representativas, sem explorar plenamente as especificidades estéticas e narrativas dos quadrinhos, conforme a distinção proposta por Rancière (2014) entre os regimes ético e representativo da imagem⁴⁴.

Segundo Lopes (1990), a escolha metodológica é sempre um exercício de equilíbrio. A abordagem qualitativa é especialmente atraente por sua capacidade de captar nuances, subjetividades e significados culturais. Essa metodologia é indispensável para desvendar dinâmicas simbólicas e interpretações midiáticas que emergem do engajamento dos sujeitos com os conteúdos (Lopes, 2004). No entanto, essa abordagem traz consigo suas próprias limitações: os resultados podem ser difíceis de replicar e a interpretação do pesquisador pode acabar introduzindo vieses. Um contexto que levantou a seguinte reflexão: como encontrar um caminho que equilibre sensibilidade interpretativa com validade e confiabilidade?

E sob esse prisma, esta pesquisa não poderia usar somente o método qualitativo. Embora busque algo além de padrões numéricos ou generalizações, o objetivo desta tese é compreender como os fãs interpretam os conteúdos midiáticos de Stan Lee e como eles reverberam na Marvel — como esses conteúdos ressoam em suas vidas e são recirculados, especialmente nas redes sociais. Essa ambição, no entanto, exige uma abordagem metodológica que não se limite a um único método.

Dessa forma, a triangulação metodológica deixou de ser apenas uma escolha coerente, tornando-se uma exigência para lidar com a complexidade do objeto investigado. Ao combinar métodos qualitativos e quantitativos, foi possível explorar as nuances das experiências dos fãs e, simultaneamente, identificar padrões que ajudassem a construir um panorama mais amplo sobre as percepções do fandom brasileiro a respeito dos conteúdos midiáticos produzidos sobre Stan Lee. É como olhar para o mesmo fenômeno a partir de diferentes ângulos, permitindo que cada método compense as limitações do outro.

A metodologia desta pesquisa foi inicialmente planejada com duas etapas principais: a aplicação de um *survey* (pesquisa) para captar as percepções dos fãs brasileiros e a realização de uma análise de redes sociais por meio do *social listening* (monitoramento automatizado de menções e interações em plataformas digitais), com a ferramenta YouScan. Essas duas frentes

⁴⁴ Jacques Rancière distingue o regime ético (em que a imagem é julgada por seu conteúdo e efeitos morais) do regime representativo (em que a imagem é avaliada pela fidelidade à realidade representada). Sua proposta busca abrir espaço ao que ele denomina regime estético, no qual a forma, a percepção e a ruptura tornam-se centrais.

iniciais buscavam compreender como o legado de Stan Lee é percebido e ressignificado no contexto contemporâneo, tanto na subjetividade dos fãs quanto nas dinâmicas digitais. O *survey* ofereceu uma visão ampla sobre os significados atribuídos a Stan Lee pelos fãs brasileiros, enquanto o *social listening* mapeou como essas narrativas circulam nas redes sociais, revelando tendências, divergências e temas recorrentes.⁴⁵

Durante o desenvolvimento da pesquisa, localizou-se o acervo documental de Stan Lee, disponibilizado pela Universidade de Wyoming⁴⁶, o que permitiu incorporar uma nova camada de análise e ampliar a abordagem inicial. A descoberta do acervo documental trouxe a possibilidade de relacionar as percepções contemporâneas dos fãs com os registros originais deixados por Stan Lee, como correspondências, discursos e listas de personagens. Essa nova etapa foi integrada à pesquisa para oferecer uma perspectiva histórica complementando as dimensões subjetivas e sociais já investigadas.

Embora não tenha sido prevista desde o início, a análise do acervo fortaleceu a abordagem metodológica ao conectar os registros históricos com os dados contemporâneos obtidos por meio do *survey* e das interações digitais extraídas via *social listening*. Essa integração permitiu explorar de forma mais ampla as intenções de Stan Lee na construção de sua imagem pública e a maneira como seus valores e narrativas continuam a ser apropriados pelos fãs e pelas redes sociais. A inclusão dessa etapa evidenciou a importância de adaptar o percurso da pesquisa para aproveitar oportunidades que ampliam a compreensão do objeto de estudo.

O termo triangulação pode parecer técnico, mas sua essência é quase poética. Assim como na navegação, em que ângulos de dois pontos conhecidos ajudam a localizar algo desconhecido, na pesquisa, essa abordagem permite que se explorem diferentes dimensões do fenômeno. Como explica Figaro (2014), a triangulação aumenta a confiança nos resultados ao cruzar descobertas oriundas de diferentes perspectivas, proporcionando uma visão mais rica e completa.

Jensen e Jankowski (1993) detalham quatro tipos principais de triangulação: de dados, de investigador, de teoria e de métodos. No caso desta tese, adotou-se a triangulação

⁴⁵ Optou-se por manter os termos “*survey*” e “*social listening*” por se tratar de expressões consagradas no mercado e na literatura internacional, com ampla aceitação em pesquisas científicas e corporativas.

⁴⁶ O acervo de Stan Lee está disponível no American Heritage Center (AHC) da University of Wyoming, instituição que abriga coleções documentais de figuras públicas ligadas à cultura norte-americana. O conjunto inclui correspondências, roteiros, manuscritos, recortes de imprensa, discursos e itens promocionais relacionados à trajetória de Lee na Marvel. Trata-se de uma das mais completas coleções sobre o autor fora do circuito editorial e do mercado de entretenimento. Cf. Inventário em: Stan Lee Papers em: <https://www.uwyo.edu/ahc/>

metodológica, que utiliza múltiplos métodos de coleta e análise de dados. Essa abordagem oferece um caminho mais robusto para lidar com as complexidades do objeto de estudo.

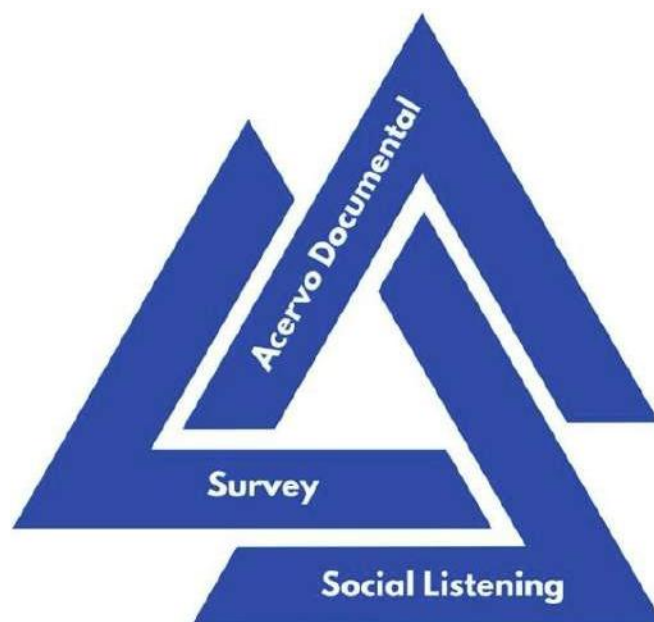
Denzin e Lincoln (2006, p. 35) argumentam que a triangulação permite “revelar realidades múltiplas e refratadas”, convidando os leitores a explorar essas visões concorrentes e a construir novas realidades. Assim, a integração de múltiplos métodos permitiu a seguinte triangulação:

1) *Acervo documental*: acessar uma base histórica e simbólica que evidencia as intenções originais de Stan Lee e sua construção como figura midiática.

2) *Survey*: capturar a percepção contemporânea e subjetiva dos fãs brasileiros, explorando como esses significados se traduzem em valores e identificações.

3) *Social listening*: tecer uma análise das redes sociais com YouScan, sendo que nessa etapa, entraram as análises de perspectivas complementares e divergentes coletadas nas mídias sociais, assegurando maior validade e profundidade aos resultados, conforme ilustrado na Figura 33.

Figura 33 – Triangulação metodológica utilizada na pesquisa.



Fonte: elaborado pela autora.

2.1.1 Pesquisa documental: análise do acervo de Stan Lee

A pesquisa documental foi uma etapa central da metodologia, realizada a partir dos documentos originais de Stan Lee, disponíveis na Universidade de Wyoming. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa documental é adequada para a análise de fontes primárias

não elaboradas especificamente para fins de pesquisa, mas que oferecem dados valiosos sobre o tema investigado.

O processo incluiu as seguintes etapas:

1) Inventário do acervo: identificação e organização dos documentos disponíveis, como correspondências, fotografias, manuscritos e documentos institucionais relacionados à Marvel.

2) Critérios de seleção: os materiais foram selecionados com base na relevância temática e cronológica, priorizando documentos que abordassem diretamente a construção do legado de Stan Lee, sua relação com os fãs e sua visão sobre a Marvel.

3) Análise temática: os documentos selecionados foram submetidos a uma leitura exploratória para identificação de padrões e categorias, como “mensagens aos fãs”, “valores éticos”, “colaboração criativa” e “posicionamento público”. A análise seguiu os preceitos da análise de conteúdo propostos por Bardin (2011), buscando identificar as narrativas e os significados atribuídos à figura de Stan Lee em diferentes contextos históricos e comunicacionais.

2.1.2 Social listening - análise de redes sociais com YouScan

A terceira etapa consistiu na coleta e análise de dados em redes sociais para capturar menções espontâneas sobre Stan Lee e a Marvel. A análise de redes sociais com ferramentas de *social listening*, como o *YouScan*, constitui uma metodologia de caráter misto, com predominância da abordagem quantitativa. Essa estratégia foi instrumental para mapear tendências de percepção e sentimentos relacionados ao objeto de estudo. Nessa etapa, adotou-se uma abordagem combinada:

1) Abordagem quantitativa: análise do volume de menções, distribuição por plataforma e análise de sentimento, com extração de métricas gerais.

2) Abordagem qualitativa: exploração de narrativas emergentes com base nas menções coletadas, identificando temas relevantes e conectando-os aos objetivos da pesquisa.

2.1.2.1 Ferramenta utilizada

A ferramenta utilizada nesta etapa foi o *YouScan*, trata-se de uma plataforma especializada em *social listening* e análise automatizada de dados provenientes de redes sociais. Desenvolvida com tecnologia de inteligência artificial, a ferramenta permite o monitoramento em tempo real de menções, sentimentos, *hashtags*, imagens e interações relacionadas a palavras-chave previamente definidas. Sua aplicação é amplamente reconhecida em pesquisas

de mercado, comunicação digital e análise de reputação, sendo particularmente eficaz para capturar tendências discursivas espontâneas em ambientes digitais.

No contexto desta pesquisa, o YouScan foi selecionado por sua capacidade de processar grandes volumes de dados, oferecer filtros analíticos detalhados e apresentar resultados estruturados em métricas quantitativas e qualitativas, o que o torna especialmente adequado para o mapeamento de percepções, afetos e narrativas em torno da figura midiática de Stan Lee no ecossistema digital.

A coleta de dados foi realizada no período de 1º de janeiro de 2023 a 30 de junho de 2024, abrangendo um intervalo de tempo suficientemente amplo para captar percepções e debates relacionados ao tema. Para isso, foi utilizada uma query de busca específica, construída para maximizar a identificação de conteúdos pertinentes.

A formulação incluiu termos como “Stan Lee”, “legado”, “influência”, “impacto”, “saudades”, “obras”, “criador da Marvel” e “pai da Marvel”, combinados com expressões relacionadas ao universo da marca, como “Marvel”, “universo Marvel”, “personagens”, “heróis”, “MCU”, “filmes da Marvel” e “quadrinhos Marvel”. Essa abordagem garantiu a abrangência necessária para coletar dados qualitativos e quantitativos que refletissem as múltiplas dimensões do legado de Stan Lee e sua relação com o fandom e o universo Marvel.

Como resultado da aplicação da query⁴⁷ construída, foram capturadas 11.778 menções espontâneas relacionadas a Stan Lee e ao universo Marvel em diferentes plataformas digitais. Diante do grande volume de dados, foi selecionada uma amostra de 5.000 menções para análise qualitativa e quantitativa, com base em critérios de diversidade temática, engajamento e relevância discursiva. Essa seleção permitiu aprofundar a investigação sobre os sentidos atribuídos à figura de Stan Lee, suas representações simbólicas nas redes sociais e os padrões de circulação de seu legado no contexto digital brasileiro.

2.1.2.2 Análise dos dados coletados nas redes sociais

A análise dos dados provenientes das plataformas digitais foi conduzida em três etapas principais, oferecendo uma visão ampla e detalhada das interações e discursos relacionados ao legado de Stan Lee nas plataformas digitais.

⁴⁷ Query é o termo técnico utilizado para designar a formulação de comandos de busca estruturados, compostos por palavras-chave, operadores booleanos e critérios de filtragem, com o objetivo de refinar a coleta automatizada de dados em plataformas digitais. Na etapa de *social listening* desta pesquisa, a query foi elaborada para maximizar a identificação de conteúdos relevantes sobre Stan Lee e o universo Marvel, assegurando abrangência temática e precisão semântica.

A primeira etapa focou na avaliação da frequência e do volume de menções em plataformas como X (antigo Twitter), Facebook, Instagram, TikTok e YouTube, identificando os canais com maior engajamento sobre Stan Lee e o universo Marvel. Em seguida, foi realizada uma análise de sentimento, classificando as menções em positivas, negativas ou neutras, conforme o tom das interações, o que possibilitou captar percepções e emoções associadas à figura de Lee. Por fim, a terceira etapa envolveu a identificação de *hashtags* e temas recorrentes, refletindo as principais narrativas em circulação nas redes sociais.

Esse procedimento está alinhado com a abordagem proposta por Recuero (2009), que destaca a relevância das redes sociais como espaços de produção, circulação e ressignificação de sentidos. Analisar padrões de interação e engajamento é essencial para compreender como os discursos sobre Stan Lee e seu legado são construídos, disseminados e negociados nesses ambientes digitais, nos quais fãs e admiradores atuam ativamente na formação de narrativas.

2.1.3 Survey (quantitativo-descritivo)

Paralelamente à escuta social, a pesquisa também incluiu uma etapa quantitativa-descritiva por meio da aplicação de um *survey* com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre as percepções dos fãs brasileiros a respeito de Stan Lee e da Marvel. Adotou-se um delineamento quantitativo-descritivo, privilegiando a coleta de dados primários com foco em fornecer uma visão passível de extrapolação sobre o universo dos fãs. Esse método é reconhecido na literatura como adequado para investigações que buscam mapear opiniões e comportamentos em larga escala (Gil, 2008).

O questionário foi desenvolvido com base em categorias teóricas predefinidas, relacionadas à memória, ao legado midiático e à identificação dos fãs com as narrativas de Stan Lee e da Marvel. A amostra contou com 1.050 respondentes, garantindo representatividade para a análise, considerando a diversidade do público-alvo. A abordagem quantitativa permitiu a mensuração precisa de aspectos como o grau de identificação com as mensagens de Stan Lee e a relevância atribuída à Marvel como mediadora cultural.

Os dados obtidos fornecem subsídios para futuras análises qualitativas, contribuindo para um entendimento mais aprofundado sobre as dinâmicas culturais e midiáticas que sustentam o legado de Stan Lee. Segundo Creswell (2010), a integração de abordagens quantitativas em estudos culturais amplia as possibilidades de interpretação, criando bases sólidas para a triangulação de métodos

2.1.4 TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um instrumento ético fundamental que assegura a transparência na relação entre os pesquisadores e os participantes de uma pesquisa. No caso da *survey* aplicada neste projeto, o TCLE foi elaborado com base nas diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e nas exigências da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei nº 13.709/2018), garantindo o sigilo e a confidencialidade das informações coletadas.

O documento informa aos participantes os objetivos do estudo — compreender como os fãs interpretam os conteúdos midiáticos relacionados a Stan Lee e como essas representações reverberam na imagem da Marvel — detalhando a dinâmica da coleta de dados e seus possíveis impactos. Além disso, assegura que a participação é voluntária e que os respondentes podem desistir a qualquer momento, sem penalizações.

O TCLE também descreve os benefícios esperados da pesquisa, como sua contribuição para o avanço dos estudos sobre comunicação e cultura, e explicita as medidas adotadas para proteger os dados dos participantes. A inclusão do TCLE no processo reforça o compromisso ético da pesquisa, permitindo que os participantes decidam de forma informada sobre sua participação, conforme demonstrado na Figura 34:

Figura 34 – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado na aplicação do *survey*.

Pesquisa Doutorado

Você está sendo convidado(a) a participar voluntariamente desta pesquisa científica, que tem como objetivo compreender como os fãs interpretam os conteúdos midiáticos relacionados a Stan Lee e como esses conteúdos reverberam na imagem da Marvel. O estudo busca explorar as mediações, apropriações e ressignificações realizadas pelas novas gerações de fãs brasileiros sobre representações de Stan Lee no circuito cultural, especialmente nas redes sociais.

Sua participação consistirá no preenchimento de um questionário com 15 perguntas, incluindo 5 questões de perfil sociodemográfico. O tempo estimado para responder a todas as questões é de aproximadamente 6,5 minutos. Pedimos que responda de forma sincera e precisa, refletindo sua maneira atual de interpretar os conteúdos relacionados a Stan Lee. A participação é completamente voluntária, e você poderá interromper ou abandonar o questionário a qualquer momento, sem necessidade de justificativa ou qualquer penalidade.

A pesquisa não envolve nenhum tipo de risco significativo. O máximo que você poderá sentir é um leve cansaço ou aborrecimento ao responder o questionário. Em contrapartida, sua participação contribuirá para o avanço do conhecimento na área de comunicação, especialmente no estudo das interações entre mídia, cultura e fandoms no Brasil.

Todas as suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo absoluto. O tratamento dos dados seguirá as diretrizes estabelecidas pela Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD - Lei nº 13.709/2018), sendo utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Caso deseje esclarecer dúvidas, fazer sugestões, ou conhecer os resultados ao término da pesquisa, entre em contato com a pesquisadora responsável, Profª Valéria Guerra, pelo e-mail prof.valeriaguerra@gmail.com. A pesquisadora é vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi – UAM-SP.

Ao prosseguir e responder ao questionário, você confirma que leu e compreendeu as informações acima e concorda em participar da pesquisa de forma voluntária. Agradecemos sua colaboração!

Valéria Guerra
prof.valeriaguerra@gmail.com

* Obrigatória

1. Termo de Concordância * ☐

☐ Aceito participar da pesquisa

☐ Não aceito participar da pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora.

2.1.5 Aplicação e distribuição do *survey*

A aplicação do *survey* foi direcionada a fãs da Marvel e indivíduos familiarizados com a figura midiática de Stan Lee. Para alcançar esse público, o questionário foi distribuído em comunidades *on-line* voltadas ao universo Marvel, especialmente em plataformas como Instagram e Facebook, garantindo maior proximidade com o perfil do público-alvo. Antes da aplicação, foi realizado um pré-teste com cinco participantes, cujo objetivo foi ajustar a redação das questões e eliminar possíveis ambiguidades interpretativas.

Utilizou-se a técnica de amostragem por conveniência, uma abordagem não probabilística em que a seleção dos participantes é determinada pela acessibilidade e disponibilidade. Segundo Marconi e Lakatos (2003), esse tipo de amostragem é particularmente eficaz em estudos exploratórios, pois permite alcançar, com agilidade, sujeitos que atendam aos critérios do objeto de estudo, ainda que sem garantir representatividade estatística. A escolha desta técnica se justificou pela necessidade de engajar participantes profundamente familiarizados com o universo Marvel e com a persona midiática de Stan Lee.

Para garantir a efetividade da coleta, a distribuição do questionário foi estrategicamente conduzida em comunidades virtuais dedicadas ao universo Marvel, cuja atuação nas redes sociais evidencia alto engajamento e representatividade entre os fãs brasileiros. A seleção desses espaços levou em consideração sua relevância no cenário digital e sua capacidade de atrair perfis diversos de admiradores de Stan Lee, abrangendo tanto fãs casuais quanto participantes mais ativos e especializados. Entre os grupos escolhidos, destacam-se páginas como *Marvel Brasil*, *Marvel 616* e *Curiosidades Marvel Brasil*, que concentram discussões, conteúdos informativos e interações cotidianas sobre quadrinhos, filmes e o legado da marca.

A seleção dessas comunidades teve como critério sua capacidade de atrair perfis variados de fãs, desde os mais casuais até os altamente engajados. Essa estratégia possibilitou alcançar respondentes alinhados ao perfil desejado, assegurando diversidade de experiências, faixas etárias e níveis de familiaridade com o objeto da pesquisa. De acordo com Gil (2008), a seleção estratégica de participantes em pesquisas sociais é essencial para garantir a adequação e relevância dos dados coletados em relação aos objetivos do estudo.

A integridade ética da pesquisa foi assegurada em todas as etapas, conforme os princípios estabelecidos na Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regula pesquisas em ciências humanas e sociais. A participação foi voluntária, e os respondentes foram informados sobre os objetivos do estudo, a

confidencialidade das informações e o direito de desistência a qualquer momento, garantindo transparência e respeito aos princípios éticos.

A pesquisa também se encontra dispensada de registro e análise pelo sistema CEP/CONEP, conforme previsto no parágrafo único do artigo 1º da Resolução nº 510/2016, por se enquadrar nas categorias de pesquisa com dados de domínio público e participantes não identificáveis⁴⁸.

2.1.5.1 Estrutura do questionário

O instrumento de pesquisa foi estruturado em cinco blocos temáticos, com o objetivo de contemplar diferentes aspectos relacionados ao perfil e às percepções dos respondentes. O primeiro bloco abordou o perfil sociodemográfico, incluindo questões sobre idade, localização, gênero, orientação sexual e nível de escolaridade, permitindo uma caracterização detalhada da amostra.

O segundo bloco buscou aferir o grau de envolvimento dos participantes com Stan Lee e o universo Marvel, utilizando escalas de 1 a 5 para medir o nível de engajamento afetivo e simbólico. Em seguida, o terceiro bloco concentrou-se na percepção sobre Stan Lee, por meio de duas perguntas abertas: “Como você descreveria Stan Lee em poucas palavras?” e “Como você compara Stan Lee com outros criadores de quadrinhos ou franquias de entretenimento?”. Essas questões visaram captar respostas qualitativas e subjetivas sobre o criador.

O quarto bloco foi dedicado ao conhecimento sobre a Marvel e o Universo Cinematográfico Marvel (MCU), com questões voltadas à avaliação da familiaridade e do consumo de conteúdos relacionados à franquia. Por fim, o quinto bloco abordou o reconhecimento do legado de Stan Lee, utilizando escalas de Likert para aferir, entre outros

⁴⁸ Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução.

Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

- I. pesquisa de opinião pública com participantes não identificados;
- II. Pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;
- III. Pesquisa que utilize informações de domínio público;
- IV. Pesquisa censitária;
- V. Pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual;
- VI. Pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica; e
- VII. Pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente, na prática, profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito. (Resolução CSN 510/2016).

aspectos, a disposição dos participantes em adquirir itens colecionáveis e a relevância atribuída à sua figura como símbolo cultural.

Alinhou-se a organização do questionário com as recomendações metodológicas de Marconi e Lakatos (2003), que destacam a importância de categorizar os instrumentos de coleta de forma clara e funcional. Essa estrutura favorece a obtenção de dados organizados, coerentes com os objetivos do estudo e compatíveis com sua posterior análise integrada, tanto em termos estatísticos quanto interpretativos.

2.1.6 Análise qualitativa

A segunda etapa da pesquisa concentrou-se na análise qualitativa das narrativas e significados associados à figura de Stan Lee, com base nas respostas abertas do *survey* (questões 9 e 10) e nas menções coletadas nas redes sociais. As perguntas abertas complementaram as análises quantitativas realizadas anteriormente, permitindo uma investigação mais aprofundada dos aspectos simbólicos e culturais que compõem a imagem midiática de Stan Lee.

A questão 9 buscou captar a percepção espontânea dos respondentes, explorando as associações imediatas evocadas por sua figura pública. Já a questão 10 incentivou uma comparação reflexiva entre Stan Lee e outros criadores ou franquias de entretenimento, proporcionando uma visão crítica sobre sua relevância no campo cultural.

Para analisar essas respostas, adotou-se uma estratégia de codificação e categorização temática. Todas as respostas foram lidas integralmente para identificação de padrões e recorrências semânticas. Na codificação inicial, emergiram, para a questão 9, termos como “criador de heróis”, “pai da Marvel”, “figura carismática” e “presença nostálgica”.

No caso da questão 10, os temas incluíram comparações com criadores como Walt Disney e Jack Kirby, reconhecimento do impacto cultural de Stan Lee e críticas relacionadas à divisão de créditos criativos. Essas ideias foram agrupadas em categorias analíticas que sintetizaram os sentidos atribuídos à sua imagem.

Com as categorias definidas, as respostas foram examinadas em profundidade, a fim de identificar narrativas dominantes e possíveis tensões entre os participantes.

No tocante aos principais eixos temáticos, destacou-se o reconhecimento de Stan Lee como criador influente e símbolo cultural transgeracional, além de debates sobre sua colaboração com outros artistas.

As respostas qualitativas foram posteriormente integradas aos dados quantitativos, como os escores nas escalas Likert (1932)⁴⁹ e os perfis sociodemográficos dos respondentes, para explorar correlações e complementaridades. Por exemplo, investigou-se se os participantes com maior nível de engajamento (nível 5, na questão 8) tendiam a descrever Stan Lee de forma mais nostálgica, ou se as percepções variavam conforme idade, gênero ou grau de instrução. Após categorizadas, as respostas foram analisadas em profundidade para:

1) Identificar narrativas dominantes sobre Stan Lee, como seu papel como criador e símbolo cultural.

2) Explorar tensões entre os respondentes, como elogios à sua criatividade em contraste com críticas à partilha desigual de créditos com outros artistas.

Essa triangulação entre os dados abertos e os quantitativos permitiu um entendimento mais abrangente e sensível sobre os significados atribuídos a Stan Lee pelos fãs brasileiros, respeitando as distintas dimensões culturais, afetivas e sociais envolvidas na construção de sua memória

2.1.7 Análise quantitativa

A análise dos dados coletados foi realizada em múltiplos níveis, permitindo uma compreensão abrangente e aprofundada das informações obtidas. Em um primeiro momento, foi conduzida uma análise descritiva, envolvendo o cálculo de frequências, médias e distribuições de respostas, com o objetivo de fornecer um panorama geral dos padrões predominantes entre os respondentes. Segundo Richardson (2017), a abordagem descritiva é fundamental para sintetizar os dados e evidenciar tendências gerais de maneira clara e objetiva.

Em seguida, procedeu-se à análise correlacional, voltada a investigar possíveis relações entre variáveis específicas, como o nível de escolaridade e o grau de engajamento no fandom, ou ainda a idade dos participantes e a percepção sobre o legado de Stan Lee. Conforme destaca Earl (1999), análises desse tipo são fundamentais para identificar padrões de associação entre fatores sociodemográficos e interpretações simbólicas, ampliando a profundidade interpretativa da pesquisa.

⁴⁹ As escalas Likert são instrumentos de mensuração amplamente utilizados em pesquisas sociais e comportamentais para aferir atitudes, percepções e níveis de concordância. Desenvolvidas por Rensis Likert na década de 1930, essas escalas organizam as respostas dos participantes em gradientes geralmente de 5 ou 7 pontos, variando de “discordo totalmente” a “concordo totalmente” (Likert, 1932).

Complementarmente, as respostas às perguntas abertas do *survey* também foram analisadas qualitativamente, por meio de codificação temática, visando verificar categorias recorrentes e narrativas significativas sobre Stan Lee. Essa etapa qualitativa enriqueceu os achados quantitativos, revelando padrões interpretativos compartilhados pelos participantes. Como argumenta Creswell (2010), a integração de métodos quantitativos e qualitativos potencializa a complexidade analítica e permite uma abordagem mais completa do objeto de estudo.

Esse conjunto articulado de procedimentos analíticos garantiu uma abordagem metodológica consistente, coerente com as melhores práticas em pesquisas interdisciplinares na área da comunicação e dos estudos culturais.

2.1.8 Apresentação geral dos resultados

As respostas qualitativas obtidas — especialmente por meio das perguntas abertas do *survey* e das interações analisadas nas redes sociais — foram exploradas por meio de citações ilustrativas, recurso metodológico que valoriza a voz dos respondentes e confere densidade ao tratamento dos dados. Como observam Bauer e Gaskell (2017, p. 24), “a apresentação de citações qualitativas contextualiza as categorias analíticas e enriquece a interpretação, permitindo que o leitor acesse diretamente o material empírico”.

As declarações mais representativas de cada categoria foram destacadas com o objetivo de exemplificar padrões recorrentes e *insights* emergentes, contribuindo para a compreensão ampliada do fenômeno investigado.

Os dados qualitativos foram organizados em gráficos e tabelas de frequência, permitindo a visualização das categorias temáticas conforme sugerem Miles e Huberman (1994), para quem “visualizações claras e concisas são ferramentas poderosas para sintetizar dados qualitativos e comunicar padrões de forma acessível”.

Essa organização gráfica integra-se à discussão dos resultados, articulando os dados empíricos à literatura teórica mobilizada na pesquisa, proporcionando uma análise crítica mais consistente sobre os sentidos atribuídos a Stan Lee no contexto do fandom brasileiro.

2.2 OS FANDOMS E SEU IMPACTO CULTURAL

A cultura dos fandoms constitui uma das dimensões mais dinâmicas da recepção midiática na contemporaneidade. No contexto da Marvel, essas práticas ganham contornos particularmente complexos por envolverem não apenas o consumo de narrativas seriadas e interconectadas, mas também uma intensa participação afetiva, criativa e discursiva por parte dos fãs.

Jenkins (2009, p. 148) explica que “os fãs não são apenas consumidores; eles são também produtores culturais em potencial, moldando o fluxo de mídia enquanto o consomem, comentam e reconfiguram”.

Nesta seção, abordam-se os fandoms Marvel como formas de comunidades interpretativas e práticas sociais de mediação simbólica. A análise parte da premissa de que tais comunidades não apenas compartilham um repertório comum de referências, mas também produzem sentidos específicos, muitas vezes em diálogo, assim como em tensão, com as narrativas oficiais da franquia.

Como destaca Hills (2002), o fandom não é um simples agrupamento de consumidores fiéis, mas um campo heterogêneo de performances identitárias e de regimes de afiliação emocional, no qual a relação com o objeto de culto pode oscilar entre a celebração e a crítica.

Para sistematizar o debate, é necessário retomar três eixos conceituais fundamentais:

O primeiro, proposto por Jenkins (2009), entende os fãs como “leitores poéticos”, capazes de apropriação e transformação dos textos midiáticos.

O segundo, desenvolvido por Fiske (2017), insere o fandom no campo das “culturas populares ativas”, que resistem à passividade do consumo ao transformar produtos da indústria em recursos para a produção simbólica cotidiana.

O terceiro, associado a Halbwachs (2013), articula essas práticas ao conceito de memória coletiva, entendida como um processo social de reinterpretação constante do passado, ativado por sujeitos em contextos específicos.

Esse arcabouço permite compreender os fandoms não apenas como manifestações de lealdade ou entusiasmo, mas como territórios de memória, negociação e poder simbólico. No caso da Marvel, trata-se de um fandom transnacional, que atravessa mídias, gerações e culturas. A circulação global dos filmes e produtos licenciados cria um senso de pertencimento compartilhado, mas as práticas locais — como memes, fanarts, campanhas de fãs, adaptações e comentários — expressam formas singulares de apropriação e reterritorialização cultural.

Nesta seção, portanto, tem-se como objetivo analisar o papel do fandom Marvel na formação de uma memória coletiva transmidiática em torno da figura de Stan Lee, bem como discutir as práticas e discursos dos fãs brasileiros com relação à globalização da marca.

Foram mobilizados os dados obtidos na pesquisa empírica, tanto quantitativos (*survey* com 1.050 respondentes) quanto qualitativos (extratos de mídias sociais e observações etnográficas digitais), com o intuito de mapear como as audiências interpretam, adaptam e reinscrevem o legado simbólico de Stan Lee no cenário digital.

Dividida em duas seções principais, esta seção começa com uma contextualização histórica dos fandoms, desde suas origens analógicas até a transformação provocada pela cultura da convergência digital. Em seguida, concentra-se nas manifestações do fandom brasileiro, identificando seus traços específicos e seu papel na reconstrução da memória de Stan Lee. O que está em questão não é apenas o comportamento de fãs, mas a compreensão do fandom como força cultural, interpretativa e afetiva, capaz de intervir nos significados atribuídos a um ícone midiático global.

2.2.1 A evolução dos fandoms: da margem ao centro cultural

A evolução dos fandoms, de círculos locais e isolados para comunidades globais interconectadas, reflete transformações profundas nos modos de consumo cultural, nas tecnologias de comunicação e nas formas de construção de identidade na sociedade contemporânea. O fandom da Marvel é um exemplo expressivo desse percurso, pois incorpora práticas multiplataforma, produção colaborativa de conteúdo e adaptações culturais situadas, que operam tanto na recepção quanto na criação simbólica.

O conceito de fandoms passou por um notável deslocamento histórico e teórico. Inicialmente visto como comportamento excêntrico ou marginal, hoje é reconhecido como um fenômeno estruturante da cultura midiática. Segundo Jenkins (2009), os fãs constroem “espaços de empoderamento ao reescreverem a cultura à sua imagem”, muitas vezes, por meio de subculturas que desafiam normas dominantes e promovem formas alternativas de identificação. Em sua concepção seminal, o autor afirma que os fandoms devem ser compreendidos como “comunidades de significado”, nas quais os sujeitos não apenas consomem, mas reinterpretam, expandem e disputam os sentidos dos textos midiáticos.

As origens dessas práticas remontam ao início do século XX, com o surgimento de comunidades organizadas em torno da literatura de ficção científica. O fanzine “*The Comet*”, publicado em 1930, é amplamente reconhecido como um dos primeiros veículos de produção amadora voltado à circulação entre fãs.

Nas décadas de 1960 e 1970, obras como *Star Trek* fomentaram a consolidação de redes mais amplas, que passaram a se encontrar em convenções, produzir *fan-art* e escrever *fan-fiction*⁵⁰. Revistas amadoras (zines)⁵¹ circularam ideias, narrativas alternativas e experimentações linguísticas que formaram a base da cultura participativa moderna.

O advento da internet, nas décadas de 1990 e 2000, transformou estruturalmente a experiência dos fandoms. Fóruns, grupos de e-mail, e posteriormente redes sociais como Tumblr, Reddit e X (antigo Twitter) permitiram que fãs se conectassem de forma síncrona, transnacional e contínua.

Hills (2002) propôs o conceito de *hyperdiegesis*⁵² para descrever o envolvimento intenso com universos narrativos extensíveis, nos quais os fãs participam ativamente na construção de camadas adicionais de sentido. A cultura *stan*⁵³, marcada por vínculos emocionais intensos com figuras públicas ou personagens, intensificou essa dinâmica, muitas vezes borrando os limites entre afeto, crítica e consumo.

Essa transformação tem implicações econômicas relevantes. De acordo com o relatório “A Era do Fandom – 2024”, da consultoria Monks⁵⁴, o mercado de produtos licenciados no Brasil já ultrapassa os 21,5 bilhões de reais, enquanto, globalmente, esse setor movimentava aproximadamente 300 bilhões de dólares (Monks, 2024). Tais cifras demonstram que os fandoms não apenas criam sentido, mas também movimentam cadeias complexas de valor simbólico e mercadológico.

Jenkins (2009) atualiza suas formulações anteriores ao propor o conceito de cultura participativa, na qual os fãs deixam de ser consumidores passivos e se tornam agentes criativos na construção de conteúdo e memória. “Os fãs transformam a experiência de consumo em um processo de produção cultural” (p. 17)⁵⁵, operando de maneira ativa na circulação de sentidos, no desenvolvimento de teorias, e até mesmo na pressão sobre os rumos narrativos das franquias.

⁵⁰ O termo “fan-fiction” refere-se a narrativas criadas por fãs com base em personagens e universos existentes. Tais produções frequentemente ampliam, modificam ou subvertem os enredos originais, sendo reconhecidas como expressão de autoria coletiva.

⁵¹ Zines são publicações independentes e amadoras, geralmente produzidas de forma artesanal e distribuídas em pequenos circuitos. Foram fundamentais para a consolidação de comunidades de fãs antes da internet.

⁵² Matt Hills é autor de *Fan Cultures* (2002), obra na qual propõe o conceito de “hyperdiegesis” para descrever universos narrativos expandidos que ultrapassam os textos originais, favorecendo envolvimento profundo por parte dos fãs.

⁵³ A cultura “stan” — termo derivado da canção “Stan”, de Eminem — designa práticas de fandom marcadas por devoção intensa, muitas vezes associadas a vínculos emocionais extremos com celebridades ou personagens fictícios. Tornou-se conceito recorrente na análise de dinâmicas de afeto e obsessão na cultura digital.

⁵⁴ A consultoria Monks é especializada em tendências de consumo e comportamento digital. O relatório *A Era do Fandom – 2024* analisa o impacto econômico dos fandoms na indústria do entretenimento e na circulação de produtos licenciados.

⁵⁵ Jenkins desenvolve o conceito de “cultura participativa”, destacando o papel dos fãs na produção e disseminação de conteúdos, especialmente em ambientes digitais.

No caso do Universo Cinematográfico Marvel, esse engajamento se manifesta em especulações compartilhadas, protestos por representatividade, mobilizações em redes sociais e produções derivadas que alimentam e desafiam a narrativa oficial.

Essa trajetória reflete uma mudança paradigmática mais ampla no ecossistema midiático: os fãs de hoje não apenas consomem, mas cocriam os universos que habitam. Como observa Fiske (2010, p. 23), “o fandom é uma forma de cultura popular que emerge do desejo de reapropriação cultural por parte dos grupos subalternos”⁵⁶ — ou seja, uma forma de insurgência simbólica que transforma os produtos da cultura dominante em plataformas de expressão coletiva.

Assim, entender o fandom contemporâneo exige mais do que mapear práticas ou traçar cronologias. É necessário compreendê-lo como um dispositivo cultural estruturante, que atua na formação da memória coletiva (Halbwachs, 2013), na performatividade identitária (Hills, 2002) e na modulação do entretenimento *mainstream*⁵⁷, como se verá nas seções seguintes. O fandom Marvel, nesse contexto, exemplifica as possibilidades e ambivalências dessa cultura participativa global: entre o engajamento afetivo e a crítica, entre a reprodução e a subversão, entre o tributo e a contestação simbólica.

2.2.2 Fandoms como espaços de mediação cultural e participação simbólica

Os fandoms contemporâneos se configuram como fenômenos socioculturais complexos que não podem ser reduzidos à simples admiração por produtos midiáticos ou celebridades. São, antes, modos específicos de pertencimento e negociação simbólica, nos quais os sujeitos articulam afetos, identidades e práticas criativas a partir da relação com objetos culturais compartilhados.

Jenkins (2009) explica que os fandoms operam como comunidades interpretativas,⁵⁸ estruturadas em torno de interações coletivas que reconfiguram as obras originais e instauram novos regimes de significado. Para muitos de seus participantes, esses espaços cumprem funções que extrapolam o entretenimento, oferecendo redes de apoio simbólico, validação subjetiva e socialização.

⁵⁶ Práticas de apropriação ativa, nas quais os significados são reconfigurados pelos públicos, desafiando o controle total das corporações sobre seus produtos.

⁵⁷ O termo “*mainstream*” refere-se ao conjunto de produtos, práticas e discursos que ocupam uma posição central e dominante na cultura midiática e no mercado de entretenimento. No contexto dos estudos culturais, designa aquilo que é amplamente difundido, legitimado institucionalmente e consumido em larga escala, muitas vezes em contraste com produções consideradas alternativas, marginais ou contra hegemônicas.

⁵⁸ O termo “comunidade interpretativa”, popularizado por Stanley Fish (1980) e retomado por Jenkins (2009), refere-se a grupos de leitores ou espectadores que compartilham formas de compreender, interpretar e ressignificar textos culturais com base em repertórios comuns.

No entanto, compreender os fandoms apenas como espaços acolhedores e criativos seria subestimar suas contradições estruturais e disputas internas. A cultura participativa, conforme desenvolvida por Jenkins (2009), emerge como uma forma de engajamento ativo dos públicos, mas esse engajamento é frequentemente canalizado por estruturas corporativas que instrumentalizam a participação como capital simbólico e mercadológico. O entusiasmo dos fãs se converte, assim, em valor de marca, e as fronteiras entre produção e consumo tornam-se cada vez mais borradas.

Segundo Fiske (2017), os fãs são “produtores semiotizados”⁵⁹ — ou seja, sujeitos que reapropriam os produtos da cultura dominante e os reinscrevem em práticas próprias de significação. Essa reapropriação se manifesta em fanfics, fanarts, edições de vídeo, memes, cosplay e outras formas de criação derivada, que não apenas enriquecem a experiência cultural, mas também funcionam como microações de curadoria coletiva e performance identitária.

Hills (2002), por sua vez, argumenta que o fandom é um espaço estratificado e performativo, no qual o grau de engajamento e reconhecimento simbólico varia conforme critérios internos de legitimidade e visibilidade — e, em muitos casos, marcado por tensões de gênero, raça e classe.

O impacto cultural e econômico dessas práticas tem sido mapeado por estudos de mercado. Segundo o relatório *A Era do Fandom* (Monks, 2024), o mercado de produtos licenciados movimenta cerca de 300 bilhões de dólares globalmente, com projeções de crescimento contínuo. No Brasil, a estimativa é de 21,5 bilhões de reais em movimentações relacionadas a consumo *fan-driven*. Tais números, embora expressivos, não esgotam a complexidade do fenômeno. Eles indicam que os fandoms não apenas consomem, mas também influenciam decisões editoriais, estratégias de marketing e até mesmo os rumos narrativos das grandes franquias — ainda que essa influência nem sempre se traduza em autonomia criativa.

A transformação da imagem do fã — de figura excêntrica e marginalizada para agente central da cultura pop — também evidencia a reorganização simbólica dos circuitos culturais. Como aponta Romano (2019)⁶⁰, a crescente visibilidade de eventos como a Comic-Con e a presença massiva de fandoms em redes sociais modificaram a percepção pública sobre a prática de ser fã, que antes era associada ao excesso ou ao desvio, e hoje é cada vez mais reconhecida

⁵⁹ O conceito de “produtores semiotizados” é desenvolvido por John Fiske em *Understanding Popular Culture* (2010). Para o autor, os fãs não apenas interpretam os textos culturais, mas os transformam em instrumentos de expressão pessoal e resistência simbólica.

⁶⁰ Em artigo para a *Vox*, Aja Romano (2019) discute a mudança de percepção pública sobre os fandoms na cultura pop, destacando a crescente legitimação social da figura do fã, bem como os desafios persistentes relacionados à diversidade e à inclusão.

como um “*hobby* legítimo” ou até mesmo como capital cultural valorizado. No entanto, isso não elimina os estigmas persistentes, especialmente em relação à participação de mulheres, fãs racializados ou LGBTQIA+, cujas práticas muitas vezes enfrentam invisibilização ou deslegitimação dentro dos próprios fandoms.

Outro aspecto central é a capacidade de adaptação e ressignificação cultural dos fandoms. Como observa Canclini (1995)⁶¹, os processos de “hibridização cultural” permitem que conteúdos midiáticos globais sejam apropriados localmente, gerando formas específicas de recepção, tradução simbólica e criação estética. Essa indigenização dos conteúdos globais é visível em memes, paródias e discursos que reinterpretem as narrativas segundo os códigos de cada comunidade, ampliando o alcance e o potencial crítico do fenômeno.

Na era digital, essas práticas são amplificadas pelas plataformas de redes sociais, formando comunidades transnacionais articuladas por interesses em comum. Jenkins, Ford e Green (2015)⁶² destacam que os fãs não apenas se conectam globalmente, mas também se mobilizam politicamente, articulando causas sociais, campanhas por representatividade e protestos contra decisões editoriais controversas. Hills (2002) complementa que os fandoms também funcionam como ambientes de experimentação subjetiva, nos quais os indivíduos ensaiam performances de si e desenvolvem habilidades criativas e sociais relevantes para sua trajetória pessoal.

Dessa forma, os fandoms devem ser compreendidos como estruturas de mediação simbólica, que operam entre o afeto e o mercado, entre o engajamento autêntico e a cooptação institucional, entre a criação e o consumo. Sua relevância contemporânea reside justamente nessa ambiguidade: ao mesmo tempo em que são agentes de transformação cultural, os fandoms também são moldados, disputados e, por vezes, instrumentalizados pelas engrenagens do capitalismo cultural.

2.2.3 Práticas globais do Marvel Fandom: memória, performance e convergência

A atuação do fandom Marvel em escala global constitui uma das manifestações mais visíveis e ambíguas da cultura participativa na contemporaneidade. Com a expansão do Universo Cinematográfico Marvel (MCU) e sua presença transnacional nas redes sociais, plataformas de *streaming* e grandes eventos de cultura pop, os fãs tornaram-se agentes centrais

⁶¹ Néstor García Canclini (1995), analisa os processos de hibridização cultural, nos quais elementos globais e locais se combinam de maneira desigual e estratégica nas práticas culturais contemporâneas.

⁶² Jenkins, Ford e Green (2013) argumentam que a cultura participativa digital amplia a agência dos públicos e permite mobilizações em torno de temas que extrapolam os produtos culturais de origem.

na circulação simbólica e na curadoria afetiva⁶³ da marca. Esse processo, entretanto, não pode ser compreendido apenas como celebração: trata-se de um campo de disputas por visibilidade, representação e poder simbólico.

Segundo Jenkins (2009), os fãs ocupam hoje uma posição paradoxal: são simultaneamente valorizados como "ativos" e “engajados”, e submetidos a estruturas de controle corporativo, que buscam capturar sua criatividade e canalizar sua participação para fins de fidelização. Essa tensão é visível nas práticas do fandom Marvel, que oscilam entre a colaboração com os conteúdos oficiais — por meio de campanhas, homenagens, especulações — e a resistência a determinadas escolhas editoriais, como ocorreu nos protestos contra a exclusão de personagens ou atores, ou nas reações divergentes à condução narrativa em *Avengers: Endgame*.

Um dos exemplos mais representativos dessa ambiguidade é a campanha #SaveDaredevil⁶⁴, liderada por fãs que reagiram à exclusão da série após o fim do contrato com a Netflix. Ao mobilizar redes sociais, abaixo-assinados e mídias especializadas, os fãs conseguiram pressionar a Disney para retomar o personagem e inscrever sua agência no processo de produção de conteúdo.

Como observa Hills (2002), o fandom não é apenas um espaço de afeto; é também um ambiente performativo, no qual os sujeitos disputam legitimidade, prestígio e visibilidade — inclusive diante da própria indústria que consome e contesta.

Essas práticas, por mais espontâneas que pareçam, são mediadas por algoritmos, plataformas e discursos corporativos. Jonathan Gray (2010)⁶⁵ argumenta que os fãs devem ser analisados não apenas a partir do texto original, mas também a partir dos “paratextos” — *trailers*, entrevistas, pôsteres, vídeos promocionais — que condicionam a experiência e a expectativa em torno das narrativas. No MCU, esses paratextos são cuidadosamente orquestrados para induzir especulações, criar tensão narrativa e gerar participação calculada, em uma espécie de economia da antecipação simbólica.

⁶³ O conceito de “curadoria afetiva” refere-se à prática pela qual comunidades de fãs selecionam, compartilham e preservam determinados elementos narrativos ou simbólicos que reforçam sua identidade coletiva e sua ligação com o conteúdo.

⁶⁴ A campanha #SaveDaredevil exemplifica a agência do fandom frente a decisões editoriais, sendo um caso recorrente em estudos de mídia participativa. A mobilização dos fãs influenciou diretamente a retomada do personagem pela Disney+.

⁶⁵ Gray (2010), define os “paratextos” como dispositivos periféricos que moldam a forma como os textos midiáticos são recebidos, interpretados e antecipados pelo público.

O fandom global da Marvel também atua como um operador de memória cultural⁶⁶, especialmente em relação à figura de Stan Lee. Suas aparições finais, homenagens póstumas, e a disseminação de frases ou imagens icônicas em redes sociais operam como formas de reencenação e fixação afetiva de seu legado. Como já exposto, essa memória é tanto espontânea quanto mediada: enquanto os fãs compartilham espontaneamente suas recordações e vínculos com a figura de Lee, a própria Disney-Marvel promove campanhas nostálgicas que reforçam sua imagem como símbolo máximo da “era de ouro” dos quadrinhos e do cinema de super-heróis.

Essa circulação global da memória, no entanto, não ocorre de forma homogênea. Como propõe Canclini (1995), os conteúdos midiáticos globais são frequentemente apropriados por culturas locais por meio de processos de hibridização e indigenização⁶⁷ simbólica. No caso do fandom Marvel, isso significa que personagens e narrativas são reinterpretados segundo as dinâmicas culturais de cada país — o que pode incluir memes com humor local, cosplay com adaptações regionais ou leituras políticas específicas. Em países como Índia, Coreia do Sul ou México, o fandom não apenas traduz a Marvel em sua língua, mas a recontextualiza, inscrevendo-a em tradições culturais próprias e, por vezes, em estratégias de resistência.

Por fim, é importante reconhecer que, embora o fandom global da Marvel atue como vetor de engajamento e visibilidade, ele também reproduz assimetrias e silenciamentos. A centralidade da produção estadunidense, o domínio do inglês como língua hegemônica das plataformas e a baixa representatividade de grupos minorizados em cargos criativos continuam sendo alvos de crítica e mobilização por parte de fãs. Como apontam Jenkins, Ford e Greencu (2015)⁶⁸, os fandoms contemporâneos operam em tensão entre participação e exclusão, sendo capazes de promover tanto inclusão quanto reforço de estruturas hegemônicas.

A compreensão das práticas globais do fandom Marvel, portanto, exige uma abordagem que vá além da celebração da criatividade dos fãs. É necessário situá-las como formas de mediação cultural, marcadas por negociações simbólicas, disputas narrativas e intervenções políticas — que tanto constroem quanto questionam os limites da cultura pop transnacional.

⁶⁶ A ideia de que o fandom atua como “operador de memória cultural” sugere que as comunidades de fãs além de consumirem conteúdos narrativos, os transformam em repertórios afetivos e históricos, funcionando como mediadores entre o passado (real ou ficcional) e a sua atualização simbólica. Essa atuação conecta-se aos estudos de Halbwachs sobre memória coletiva e a noção de curadoria simbólica, conforme debatida por Gondar (2015).

⁶⁷ A expressão “indigenização” refere-se ao processo pelo qual conteúdos culturais globais são reinterpretados, adaptados e reconfigurados segundo códigos, referências e valores locais. No contexto dos estudos de mídia, essa noção dialoga com os conceitos de “glocalização” e “hibridização cultural”, sendo amplamente discutida em autores como Canclini.

⁶⁸ Jenkins, Ford e Green (2013), destacam a ambivalência da cultura participativa digital, que pode tanto ampliar a agência dos públicos quanto reforçar exclusões estruturais, dependendo das condições de circulação e visibilidade.

2.2.4 Geografias do Fandom Marvel

A globalização do fandom da Marvel evidencia a amplitude com que suas narrativas circulam e são apropriadas nos mais diversos contextos culturais. Mais do que um fenômeno de consumo massivo, esse processo revela a capacidade das franquias de super-heróis de se tornarem dispositivos simbólicos negociáveis, adaptáveis às estéticas, valores e práticas locais.

Como propõe Jenkins (2009), trata-se da cultura de convergência, em que velhas e novas mídias colidem e os papéis de produtores e consumidores se interpenetram em circuitos de significação cada vez mais complexos.

Essa dinâmica é observável na forma como a Marvel vem incorporando elementos culturais locais em suas produções oficiais, em resposta direta ao engajamento criativo dos fãs. Um exemplo notável é o personagem Pavitr Prabhakar — o “*Homem-Aranha* indiano” — que representa a tentativa da marca de dialogar com sensibilidades regionais sem renunciar à lógica global da franquia (Figura 35). A presença do personagem no longa *Homem-Aranha: Através do Aranhaverso* (2023) simboliza esse movimento de retroalimentação entre fandom e indústria.

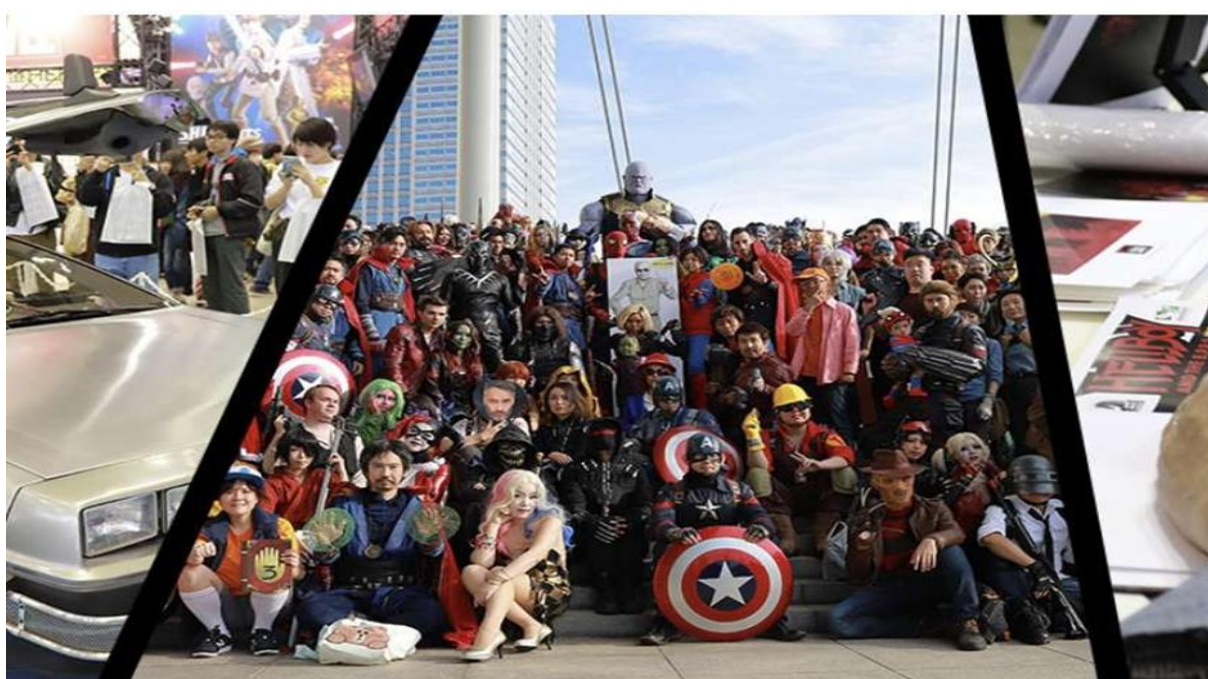
Figura 35 – Pavitr Prabhakar em *Homem-Aranha: Através do Aranhaverso*



Fonte: Estúdios Marvel, 2024.

No Japão, o fandom Marvel se entrelaça com a forte tradição local de cosplay e produção independente. Durante o Tokyo Comic Con (Figura 36), fãs apresentam trajes extremamente detalhados inspirados em personagens da Marvel, fundindo elementos da estética japonesa com o universo ocidental dos super-heróis. É comum a produção de *doujinshi*, publicações amadoras que recriam personagens da Marvel em estilos narrativos e visuais tipicamente ligados ao mangá japonês². Tais práticas não apenas demonstram o engajamento visual e performativo dos fãs, mas também a reinterpretação estética da marca em códigos culturais específicos.

Figura 36 – Tokyo Comic Com – 2024



Fonte: Tokyo Comic Com (2024).

Na Coreia do Sul, o fandom se manifesta fortemente em plataformas digitais como Instagram e Twitter, destacando a chamada “cultura de edição” — prática que consiste na criação de montagens audiovisuais e visuais, muitas vezes com alta sofisticação estética. Há também uma notável intersecção com o K-pop, visível em videoclipes e performances que incorporam temáticas de super-heróis e visuais inspirados na Marvel. Tais interações demonstram a contaminação simbólica entre culturas midiáticas regionais, mediadas pela lógica do *remix* e da performance.

Na Índia, além de Pavitr Prabhakar, os fãs produzem ilustrações e memes que inserem personagens da Marvel em ambientes, figurinos e dilemas morais tipicamente indianos. Essas produções revelam um processo ativo de indigenização simbólica, no qual elementos globais

são recontextualizados por meio da linguagem, estética e valores locais, tornando a franquia mais ressonante com o imaginário popular indiano.

Na Europa, o fandom se caracteriza pela inserção da Marvel em tradições visuais locais, como a *bande dessinée*⁶⁹ francesa ou o fumetto italiano. Produções de fanart e zines que mesclam os personagens da Marvel com traços e temas europeus se destacam em eventos como o MCM London Comic Con — que, por sua vez, se consolidou como um espaço de convergência para fãs de múltiplos países do continente (Figura 37).

Figura 37 – MCM London Comic Con



Fonte: London Comic Com (2024).

Na África, particularmente em países como Nigéria e África do Sul, o fandom articula-se também como plataforma de reivindicação identitária. Fanarts que reimaginam heróis da Marvel em contextos africanos ou campanhas por maior representatividade étnico-racial revelam o potencial crítico e político desses espaços participativos. Mais do que celebração da

⁶⁹ O termo *bande dessinée* (BD) refere-se às histórias em quadrinhos no contexto francófono, especialmente na França e Bélgica. Diferente dos comics norte-americanos e dos mangás japoneses, a BD se destaca pela diversidade de gêneros e pela valorização artística. Exemplos icônicos incluem Tintin e Asterix, que influenciaram a produção global de quadrinhos.

franquia, essas ações expõem as ausências e estereótipos ainda presentes nas grandes narrativas midiáticas.

No Oriente Médio, por sua vez, o fandom da Marvel adapta-se a normas culturais específicas. Competições de cosplay segregadas por gênero, realizadas em eventos como os dos Emirados Árabes Unidos, demonstram como as práticas de fãs são moldadas por códigos de conduta locais. Mesmo nesses contextos, no entanto, a adesão simbólica ao universo Marvel funciona como uma porta de entrada para a mediação cultural, possibilitando a identificação sem romper com valores tradicionais.

Vale destacar o surgimento de um novo perfil dentro dessas geografias afetivas: o *fantrepreneur*⁷⁰. Conceito proposto por Matt Hills (2002) para designar fãs que, impulsionados por sua expertise e paixão, transformam suas práticas culturais em empreendimentos criativos. Esses sujeitos exemplificam o entrecruzamento entre engajamento simbólico, capital cultural e empreendedorismo digital, expandindo as fronteiras do fandom para além da performance estética e da participação simbólica.

2.2.5 O fandom brasileiro da Marvel: afetos, apropriação e a reinvenção do legado

O fandom da Marvel no Brasil apresenta características distintivas que transcendem o mero consumo de produtos midiáticos. Ao longo da pesquisa — especialmente nas etapas de *social listening* e *survey* — foi possível observar como os fãs brasileiros não apenas acolheram o Universo Cinematográfico Marvel (MCU) com entusiasmo, mas o ressignificaram a partir de códigos culturais locais, afetos partilhados e práticas colaborativas de criação simbólica. Essa adaptação não ocorre de forma passiva: trata-se de um processo ativo de localização, no qual os fãs produzem sentidos que cruzam a linguagem do entretenimento com o imaginário nacional.

A presença expressiva do fandom brasileiro nas redes sociais — como X (antigo Twitter), Instagram, TikTok e Facebook — evidencia um tipo específico de engajamento performativo. São comuns os memes que inserem personagens como Thor ou Homem de Ferro em situações cotidianas brasileiras: tomando caipirinha, participando do Carnaval (Figura 38) ou se posicionando em relação a eventos políticos. Essa prática não apenas aproxima os ícones da Marvel da cultura nacional, mas reconfigura seu valor simbólico por meio da paródia, da crítica e do humor. Como observa Jenkins (2009, p. 37), os fandoms “não são apenas comunidades de consumo; são também comunidades de resistência”.

⁷⁰ O conceito de “fantrepreneur” foi proposto por Hills (2002) para descrever fãs que monetizam seu engajamento cultural, assumindo um papel híbrido entre consumidor, produtor e empreendedor criativo.

Figura 38 – Bloco do super-heróis em Olinda



Fonte: Agência Brasil (2015).

Essa reinvenção se estende para além do campo estético. Grupos de fãs organizam encontros presenciais, sessões de exibição, eventos de cosplay e campanhas por representatividade — muitas vezes combinando o universo Marvel com expressões típicas da cultura brasileira, como comidas regionais, gírias locais ou trilhas sonoras nacionais. A linguagem, aqui, é um vetor fundamental: a tradução e a dublagem dos filmes da Marvel se tornam objeto de debate, gerando piadas internas, memes virais e, por vezes, formas únicas de apropriação linguística.

Além da criatividade estética e linguística, o fandom brasileiro revela um traço marcante: o desejo por reconhecimento e visibilidade cultural. O engajamento com personagens e narrativas frequentemente vem acompanhado de reivindicações por maior representatividade latino-americana no MCU. *Fanarts* e campanhas imaginando heróis brasileiros ou reescrevendo personagens consagrados em contextos nacionais reforçam a ideia de que o fandom funciona como campo de intervenção simbólica e política, e não apenas de celebração.

Berger (1974) oferece uma chave interpretativa importante ao sugerir que mitos e rituais operam como dispositivos de coesão simbólica nas culturas contemporâneas. Nesse sentido, os personagens da Marvel são apropriados pelos fãs brasileiros tanto como entretenimento quanto instrumentos de expressão coletiva. As narrativas criadas por Stan Lee, ao serem retomadas, remixadas e reencenadas nas redes sociais, passam a integrar o repertório emocional de uma geração, funcionando como mitologias modernas que operam tanto no plano individual quanto coletivo.

A transição da centralidade dos personagens para a figura de Stan Lee também se revela significativa. Nas plataformas digitais, sua imagem é reinterpretada, homenageada, parodiada

e reaproveitada em diferentes formatos, como montagens, frases adaptadas, memes e fanarts. Lee torna-se, assim, uma persona simbólica da memória coletiva da Marvel, sendo ativado como signo de continuidade, autenticidade e carisma criativo. Como argumenta Halbwachs (2013), a memória coletiva não é um repositório fixo, mas um processo ativo de reconfiguração do passado no presente.

Esse legado simbólico é alimentado pelas próprias práticas digitais: os fãs não apenas relembram Stan Lee, mas reconstroem seu significado à luz dos valores, linguagens e plataformas contemporâneas. Seja na forma de homenagem reverente, de crítica à sua mitificação ou de reaproveitamento humorístico, o que se observa é a construção de uma figura midiática que transcende o biográfico, tornando-se parte do imaginário afetivo e comunicacional da cultura pop brasileira.

Dessa maneira, o fandom da Marvel no Brasil opera como um laboratório vivo de apropriação cultural, é nesse espaço que narrativa, afeto, política e memória se entrelaçam. A recepção de Stan Lee e do MCU, longe de ser homogênea ou previsível, revela-se como um campo de disputas e criação, no qual se ativam modos singulares de participação e resistência simbólica — confirmando a potência dos fandoms como espaços de construção cultural compartilhada e de reinvenção da memória na era digital.

Longe de configurar-se como um público homogêneo e passivo, os fãs revelam-se como atores simbólicos centrais na construção, manutenção e reinterpretação do legado de Stan Lee e da franquia Marvel, especialmente em ambientes digitais. A cultura participativa, nesse contexto, deixa de ser uma abstração conceitual para materializar-se em memes, fanarts, mobilizações sociais, traduções simbólicas e performances identitárias.

A discussão foi conduzida em três níveis analíticos. Primeiro, demonstrou-se como a cultura do fandom evoluiu globalmente em articulação com os processos de convergência midiática e reconfiguração dos papéis entre produtores e públicos. Em seguida, examinou-se a inserção do fandom da Marvel no *mainstream*, revelando suas ambivalências: ao mesmo tempo que é celebrado pela indústria, é também canalizado por estruturas que domesticam sua potência crítica. Posteriormente, a seção sobre as práticas globais mostrou como o fandom, ao circular internacionalmente, é constantemente localizado, ressignificado e hibridizado, em diálogo com culturas e sensibilidades específicas — configurando-se como um agente transnacional de memória, identidade e expressão.

Nesse conjunto, o fandom brasileiro da Marvel emerge como uma instância singular e reveladora. Suas práticas expressam uma combinação de irreverência, afeto, crítica e desejo de reconhecimento. A apropriação dos personagens e da imagem de Stan Lee revela-se como um

processo de mediação cultural ativo, em que memória afetiva, performance estética e crítica política se entrelaçam em redes de circulação simbólica. A figura de Lee, nesse contexto, não é apenas lembrada, ela é atualizada, traduzida e disputada, funcionando como um operador simbólico na construção de um legado transnacional.

Ao longo das análises, ficou evidente que os fandoms não operam apenas como agregados de consumidores, mas como comunidades produtivas de memória e significação cultural, dotadas de agência simbólica, poder de influência discursiva e vocação narrativa. Essa dimensão é aprofundada nesta tese, que explora, com base empírica, como a memória de Stan Lee é mobilizada, disputada e consolidada nos circuitos digitais brasileiros — revelando a continuidade do legado, bem como sua mutação frente às lógicas tecnológicas e culturais contemporâneas.

2.3 ECOS DIGITAIS E O SOCIAL LISTENING

O conceito de ecos digitais, central nesta investigação, capturou a ideia de que o legado de Stan Lee não se limitava a uma lembrança estática armazenada em arquivos ou memórias individuais. Pelo contrário, ele pulsava, ressoava e se reinventava continuamente em meio às dinâmicas fluidas do ambiente digital. Nas redes sociais, fóruns e memes — e até nos novos capítulos do Universo Cinematográfico Marvel (MCU) —, Lee transcendeu a figura histórica da indústria dos quadrinhos para se tornar uma presença viva, em constante diálogo com os valores e desafios do presente.

Sua imagem, suas ideias e suas criações habitavam o espaço digital como uma onda em movimento, moldada e amplificada por vozes diversas, cada uma adicionando camadas de significado que mantinham sua relevância intacta, mas renovada. Não se pode perder de vista que essa presença ativa não é apenas espontânea, mas também impulsionada por estratégias da Disney-Marvel, que utiliza o legado de Lee como instrumento de marketing e consolidação de sua narrativa transmídia.

Nesse cenário, desenvolveram-se análises sustentadas por uma triangulação metodológica, articulando três frentes empíricas: (1) a análise do acervo pessoal de Stan Lee; (2) o mapeamento de discursos e imagens nas mídias sociais por meio de ferramentas de *social listening*; e (3) os dados quantitativos e qualitativos obtidos em uma *survey* direcionada a fãs brasileiros. Tal recorte permitiu observar a reverberação de Lee no ambiente digital, bem como as formas como sua figura é continuamente reinterpretada em práticas cotidianas de fãs e plataformas.

Por trás de *hashtags* recorrentes, tópicos de discussão que conectam milhares de usuários e produções visuais que misturam humor, reverência e crítica, emergem padrões de interação que constroem um discurso coletivo sobre Stan Lee. Essas manifestações não se limitam a gestos de afeto: elas sustentam uma curadoria simbólica participativa, reafirmando Lee como pilar da memória cultural da Marvel. Trata-se de um processo contínuo de reconstrução de seu legado, marcado pelas características efêmeras e colaborativas do meio digital, frequentemente entrelaçado com a lógica algorítmica e com as estratégias corporativas de manutenção da marca.

Para compreender essas dinâmicas, a discussão nesta parte da tese é orientada por um conjunto de referenciais teóricos que buscam iluminar as interseções entre cultura digital, memória e participação. O conceito de memória coletiva, conforme formulado por Halbwachs (2013), serve como base para entender os processos de construção simbólica que ocorrem em rede. A partir da ideia de cultura participativa, Jenkins (2009) ajuda a pensar os fãs como sujeitos ativos na circulação e ressignificação de conteúdos midiáticos. Adicionalmente, autores como Christian Fuchs (2017), José van Dijck (2013), Manuel Castells (1999) e Pierre Lévy (1999) fornecem ferramentas conceituais para compreender as relações entre engajamento, plataformas, algoritmos e poder simbólico nas esferas digitais.

Dessa forma, esta etapa da pesquisa mapeia as práticas digitais em torno de Stan Lee e da Marvel e reflete criticamente sobre como essas práticas espelham transformações culturais mais amplas. Stan Lee, em sua eterna reinvenção digital, afirma-se como um ícone cuja relevância persiste, reconfigurada pelas dinâmicas afetivas, tecnológicas e institucionais que definem o presente. Entre o espontâneo e o calculado, o comunitário e o corporativo, o passado e a atualização constante, sua figura se consolida como símbolo de uma memória em circulação.

2.3.1 Recepção cultural e percepção dos fãs brasileiros nas mídias sociais

O estudo de recepção e *social listening* sobre a presença digital de Stan Lee no Brasil visa investigar como sua memória e legado são preservados, reinterpretados e celebrados nas redes sociais. Para isso, foram analisados 5.000 registros extraídos de uma base com 11.778 menções, abrangendo plataformas como YouTube, X (antigo Twitter) e TikTok, com o objetivo de identificar padrões de engajamento, sentimentos e dinâmicas de interação dos fãs brasileiros com o legado de Lee no cenário digital, compreendendo como os espaços *on-line* funcionam como esferas simbólicas de mediação da memória cultural.

Esse tipo de pesquisa está enraizado em abordagens da comunicação e da cultura participativa, conforme destacado por Jenkins (2009), que discute como as redes digitais

ampliaram o papel dos consumidores culturais, permitindo-lhes assumir funções criativas e curatoriais; e argumenta que a internet transformou os consumidores passivos em participantes ativos, que não apenas consomem, mas reconfiguram ativamente os discursos culturais dominantes. No caso específico do legado de Stan Lee, esse movimento dialoga diretamente com a ideia de cultura participativa: os fãs não são apenas receptores, mas coautores simbólicos da memória em circulação.

A opção pelo *social listening* como uma das frentes metodológicas da pesquisa buscou captar os sentidos espontâneos produzidos pelos usuários em ambientes digitais, preservando a espontaneidade das reações e o contexto de circulação dos conteúdos. Paralelamente à análise quantitativa — que considerou frequência, alcance e picos de menções —, desenvolveu-se também uma leitura qualitativa interpretativa, atenta às nuances afetivas, políticas e simbólicas que emergem nas interações dos fãs.

O conceito de memória coletiva, formulado por Halbwachs (2013), é central para essa abordagem, ao destacar que a memória é socialmente construída, compartilhada e negociada. Nas redes sociais, os fãs de Lee operam como agentes ativos na construção dessa memória coletiva, utilizando as plataformas como dispositivos de circulação e atualização simbólica. Assim, a recepção digital torna-se um ato performativo de memória, que além de recordar, (re)configura sentidos.

Em termos de plataformas, observou-se que cada ambiente digital molda diferentes formas de interação memorial com Stan Lee, influenciado por algoritmos, formatos, temporalidades e públicos distintos.

O YouTube destacou-se como uma plataforma de conteúdos nostálgicos e aprofundados, com vídeos longos, documentários e análises detalhadas sobre a vida e obra de Stan Lee. Esse ambiente funciona como ponto de encontro para uma audiência mais madura e engajada, que valoriza narrativas biográficas e homenagens detalhadas. Conforme Bourdieu (1992), a circulação de conteúdos nesse espaço também reflete disposições de classe e formas de capital cultural: a busca por conteúdos analíticos e memorialísticos é atravessada por regimes de legitimação simbólica, que hierarquizam o valor das narrativas de fãs.

O TikTok, por sua vez, atraiu um público mais jovem, com homenagens criativas em vídeos curtos. Esse espaço é marcado pela lógica da viralização e do remix, profundamente condicionada por algoritmos, como aponta Van Dijck (2013), ao discutir a lógica das plataformas que operam dentro de ecossistemas de atenção e personalização. As homenagens a Lee, nesse ambiente, tendem a condensar emoção, humor e estética visual em poucos segundos,

traduzindo seu legado para códigos próprios da juventude digital — e revelando um modo de recepção que é veloz, efêmero, mas simbolicamente potente.⁷¹

No X (antigo Twitter), predominou uma comunicação imediata, com discussões rápidas, frases de efeito e reações em tempo real. Para Castells (2000), esse tipo de rede opera sob a lógica da “autocomunicação de massas”, marcada por simultaneidade, fragmentação e viralização⁷². No caso de Stan Lee, o X tornou-se um espaço privilegiado para efemérides, como aniversários de nascimento e morte, estreias do MCU e debates sobre sua importância histórica. Mesmo que breve, esse tipo de recepção contribui para a construção de uma memória coletiva intensiva, conectada ao presente e às emoções compartilhadas do agora.

A diversidade de formas de recepção e apropriação observadas nas diferentes plataformas demonstra que o legado de Stan Lee não se mantém apenas por sua obra passada, mas por sua capacidade de ser ativado continuamente como signo cultural vivo. A seguir, apresentam-se os dados extraídos dessas plataformas, com suas implicações simbólicas, afetivas e discursivas no contexto digital brasileiro.

(I) Dados demográficos do público multiplataforma:

A análise demográfica do engajamento multiplataforma permite compreender como diferentes segmentos da sociedade brasileira se relacionam com o legado de Stan Lee em ambientes digitais.

A Tabela 2 apresenta os dados extraídos da amostra analisada via *social listening*.

Tabela 2 – Distribuição por faixa etária da amostra

Plataforma	% de menções	Faixa etária predominante	% faixa etária	Gênero (H-M)
YouTube	50,3%	25–44 anos	45%	60–40
Twitter	37,9%	18–34 anos	55%	55–45
TikTok	9,6%	<25 anos	70%	52–48

Fonte: elaborada pela autora

A predominância do YouTube, com 50,3% das menções, confirma seu papel como espaço de memória mais estável e aprofundada, atraindo uma audiência entre 25 e 44 anos. Trata-se de um ambiente em que a memória de Stan Lee é evocada por meio de vídeos longos, análises e documentários, o que se alinha ao conceito de memória coletiva de Halbwachs

⁷¹ Van Dijck (2022) discute como os algoritmos das plataformas digitais moldam como as memórias circulam, destacando que as infraestruturas digitais não são neutras, mas orientam o que é lembrado, visível ou viral.

⁷² Castells argumenta que as redes digitais formam novos espaços sociais, onde identidades são produzidas e disputadas. E define esse fenômeno como a autocomunicação de massas, base para a emergência de comunidades culturais globalizadas.

(2013): a construção social da memória se ancora em suportes que dão permanência aos relatos e reforçam referências simbólicas compartilhadas.

Em contraste, o TikTok, com 9,6% das menções, concentra um público predominantemente jovem (70% abaixo de 25 anos), cuja relação com o legado de Lee é marcada por homenagens rápidas, remixagens criativas e circulação visual. Essa lógica interativa e dinâmica está em sintonia com a noção de cultura de convergência⁷³ (Jenkins, 2009), na qual os usuários reapropriam conteúdos institucionais para moldá-los aos seus próprios repertórios, estilos e linguagens.

Já o X (antigo Twitter), com 37,9% das menções, destaca-se como espaço de circulação ágil de impressões e debates pontuais. A faixa etária predominante — entre 18 e 34 anos — reflete uma recepção marcada pela atualização em tempo real e pelo caráter efêmero das interações, conforme analisa Van Dijck (2013) ao discutir os formatos de comunicação mediados por algoritmos e orientados pela lógica da viralidade.

A distribuição de gênero nas plataformas revela nuances significativas. O YouTube ainda apresenta um predomínio masculino (60%), enquanto o TikTok aproxima-se da paridade (52% homens e 48% mulheres). Já no X, a proporção (55%-45%) sugere um equilíbrio relativo, embora ainda com leve predominância masculina. Esses dados podem ser interpretados à luz das reflexões de Bourdieu (1992) sobre o consumo cultural e sua relação com estruturas de gênero e capital simbólico, evidenciando que o tipo de plataforma e seu conteúdo também operam como marcadores de distinção social e cultural.

O componente geográfico da amostra indica que os maiores volumes de engajamento ocorrem nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Contudo, observou-se um crescimento expressivo do engajamento em áreas periféricas e cidades do interior, especialmente por meio do TikTok. Essa expansão pode ser entendida a partir do conceito de democratização digital proposto por Castells (2000), segundo o qual as tecnologias em rede possibilitam o acesso à produção e circulação de conteúdos mesmo em regiões tradicionalmente excluídas do circuito central da mídia.

Outro aspecto relevante refere-se ao nível de escolaridade dos usuários. A amostra sugere que públicos com maior escolarização tendem a engajar-se mais em plataformas como o YouTube e o X, onde prevalecem conteúdos analíticos, reflexivos e críticos. Já o TikTok apresenta um público com perfil educacional mais diversificado, que valoriza formatos

⁷³ Jenkins propôs o conceito de *cultura de convergência* para explicar a circulação participativa de conteúdos entre múltiplas mídias e plataformas, na qual os fãs reconfiguram e expandem os significados culturais de maneira ativa.

acessíveis e lúdicos. Esse recorte pode ser lido à luz da teoria da codificação e decodificação de Hall (2003), que indica que o modo de recepção do conteúdo midiático está condicionado por repertórios socioculturais, experiências e disposições individuais e coletivas.

Finalmente, a prática de engajamento multiplataforma também se destaca. O público frequentemente transita entre redes — por exemplo, consumindo vídeos curtos no TikTok, buscando aprofundamento no YouTube e debatendo no X. Esse comportamento confirma a perspectiva da convergência cultural (Jenkins, 2009), ao mostrar como diferentes plataformas coexistem e como funcionam em articulação, possibilitando camadas distintas de apropriação, ressignificação e compartilhamento simbólico do legado de Stan Lee.

(II) Padrões de engajamento por plataforma:

A análise do engajamento nas redes sociais em relação ao legado de Stan Lee revela padrões distintos de interação dos fãs brasileiros. A Tabela 3 apresenta o *ranking* das plataformas com base no número total de interações (reações + comentários):

Tabela 3 – *Ranking* das principais plataformas

Rede Social	Reações	Comentários	Total de Interações
YouTube	1.116.226	48.105	1.164.331
TikTok	621.441	8.353	629.794
Twitter (X)	50.898	699	51.597

Fonte: elaborada pela autora

O YouTube lidera com mais de 1,1 milhão de interações, configurando-se como o principal espaço para conteúdos de longa duração, como documentários e tributos. Essa plataforma atrai um público mais disposto à imersão crítica, refletindo o que Jenkins *et al.* (2015) identifica como propensão das mídias digitais a estimular o aprofundamento narrativo em ambientes de maior permanência.⁷⁴ Tais interações concentram-se em vídeos reflexivos sobre a trajetória de Stan Lee, análises sobre o MCU e comparações entre as fases da Marvel, antes e depois da morte do autor.

A plataforma, nesse sentido, funciona como arquivo coletivo e curadoria espontânea, em que o legado de Lee é debatido com reverência e com olhar crítico, especialmente no que diz respeito às transformações recentes na Marvel. Como observou Bourdieu (1992), plataformas como o YouTube constituem campos de distinção simbólica, nos quais o capital cultural do público influencia o tipo de engajamento: mais interpretativo, mais memorial, menos efêmero.

⁷⁴ Jenkins aponta que plataformas digitais como o YouTube favorecem formas narrativas mais longas e densas, permitindo à audiência maior imersão e aprofundamento nos universos simbólicos compartilhados

Já o TikTok apresentou mais de 620 mil reações, apesar de um número relativamente pequeno de comentários. Isso indica um padrão de engajamento reativo e visual, que se alinha à “cultura líquida” de Bauman (2001), na qual o consumo de mídia é moldado pela velocidade, fluidez e estética do efêmero⁷⁵. Os vídeos curtos, muitas vezes editados com trilhas sonoras nostálgicas, memes ou elementos de humor, promovem uma “nostalgia rápida” — facilmente compartilhável, mas sem o mesmo grau de elaboração simbólica encontrado no YouTube.

As práticas no TikTok não devem ser subestimadas: ainda que menos analíticas, contribuem para manter o nome de Stan Lee em circulação constante, sobretudo entre o público jovem. A força do algoritmo como mediador simbólico é central aqui: ele privilegia conteúdos com alto potencial de viralização, que ativam a memória afetiva com poucos segundos de imagens remixadas e trilhas emocionais. Como lembra Van Dijck (2013), a lógica algorítmica redefine não apenas o que circula, mas também como se constrói e performa a memória nas plataformas digitais.

No caso do X (antigo Twitter), com 37,9% das menções e mais de 50 mil reações, o padrão é outro: engajamento discursivo, embora breve. Os usuários recorrem a essa rede para comentar eventos, expressar opiniões, publicar memes e marcar efemérides ligadas a Stan Lee. As menções à nostalgia (45%) e análises (25%) indicam que, mesmo em uma rede voltada à instantaneidade, há espaço para evocações simbólicas e disputas de sentido. Castells (2000) já alertava para o poder das “autocomunicações de massas” como instâncias de produção coletiva de memória.⁷⁶

Os memes cumprem aqui um papel fundamental: condensam afetos, referências e ironias em formatos altamente dissemináveis. Segundo Bourdieu (1992), esses campos discursivos também são arenas simbólicas, nas quais os valores são negociados e as identidades performadas.⁷⁷ A presença de Stan Lee no X é, portanto, tanto uma homenagem quanto uma disputa: entre lembrança reverente e apropriação irônica, entre canonização e desconstrução.

Um dado relevante é a quase ausência do Facebook nas menções significativas ao legado de Stan Lee. Ainda que seja uma das maiores plataformas do mundo em número de usuários, ela não se destacou como espaço de memória ativa neste contexto. Isso pode ser interpretado à luz da migração das práticas de consumo cultural para plataformas mais visuais, performativas

⁷⁵ Bauman descreve a *modernidade líquida* como marcada por vínculos frágeis, consumo veloz e efemeridade das relações e experiências, características que se refletem no uso de mídias como o TikTok.

⁷⁶ Castells concebe as redes digitais como ambientes de comunicação autônoma e simultânea, onde os usuários produzem sentidos em tempo real e constroem narrativas coletivas de forma descentralizada.

⁷⁷ Bourdieu argumenta que os campos culturais são espaços de disputa simbólica, nos quais os agentes competem por reconhecimento, e onde interações aparentemente banais (como memes) carregam capital simbólico.

e interativas — como sugerem Jenkins (2009) e Castells (2000). O Facebook, voltado a redes de contatos pessoais e à comunicação mais privada, parece hoje ocupar um lugar periférico na produção simbólica da memória pop compartilhada.

(III) Tendências temporais na atividade do usuário:

A análise dos picos de horários de engajamento com conteúdos relacionados a Stan Lee nas plataformas de mídia social no Brasil revela padrões distintos que refletem tanto os hábitos culturais locais quanto as tendências globais do fandom da Marvel. Os horários de maior engajamento ocorrem entre 20h e 23h no horário de Brasília (BRT), coincidindo com o período de lazer, quando a maioria dos brasileiros já concluiu suas atividades diárias.

Durante esse período noturno, o engajamento com conteúdos relacionados a Stan Lee no YouTube apresenta um aumento de 73% nas visualizações, com destaque para vídeos longos como documentários e análises aprofundadas. Essa preferência por imersão crítica sugere que os fãs buscam, nesses horários, uma experiência mais reflexiva sobre o legado do autor, em sintonia com a ideia de memória coletiva (Halbwachs, 2013), que é constantemente renovada por práticas simbólicas cotidianas.⁷⁸

No X (antigo Twitter), os picos de engajamento distribuem-se em dois momentos: por volta das 13h (durante o intervalo do almoço) e às 21h. Enquanto o primeiro é voltado a reações rápidas e atualização de informações, o segundo é marcado por discussões mais elaboradas sobre o universo Marvel, teorias de fãs e tributos simbólicos.

O TikTok apresenta uma curva de engajamento mais diluída ao longo do dia, mas com aumento expressivo de 45% entre 21h e meia-noite. Seu formato, baseado em vídeos curtos, criativos e altamente algorítmicos, favorece o consumo durante breves intervalos, como pausas entre tarefas, o que resulta em um padrão de interação contínuo e fragmentado.

Destaca-se, nesse cenário, um fenômeno conhecido como “Efeito Marvel da Meia-Noite”⁷⁹, caracterizado por um pico de interações entre 23h30 e 00h30, especialmente na véspera de grandes lançamentos da Marvel. Trata-se de um padrão recorrente de comportamento de fãs que aguardam atualizações em tempo real, compartilhando conteúdos,

⁷⁸ O sociólogo francês Halbwachs introduziu o conceito de *memória coletiva* como um fenômeno social, que depende das estruturas grupais para se constituir, sendo constantemente reformulada pelas experiências compartilhadas e contextos históricos.

⁷⁹ Expressão cunhada nesta pesquisa para descrever o pico recorrente de atividade nas redes sociais entre 23h30 e 00h30 (horário de Brasília), observado na véspera de lançamentos de filmes, séries ou anúncios relevantes da Marvel. Durante esse intervalo, fãs brasileiros costumam permanecer conectados para comentar *trailers*, participar de estreias em tempo real e publicar tributos ou reações, especialmente ligados à figura de Stan Lee. O fenômeno associa hábitos noturnos do público nacional ao calendário de estreias da indústria do entretenimento norte-americana.

memes e tributos relacionados a Stan Lee. Esse comportamento reforça o papel das plataformas como espaços sincronizados de sociabilidade cultural, em que a memória se atualiza em tempo real.

Outro fenômeno identificado é a “pós-multiplexidade”⁸⁰, em que os usuários interagem com conteúdos relacionados a Stan Lee em diferentes plataformas em sequência. Um exemplo comum é o consumo de um vídeo no YouTube seguido por comentários no X. Esse deslocamento entre plataformas amplia o alcance da memória, criando uma experiência transmidiática e interconectada do legado de Lee.

Nos finais de semana, os padrões se alteram: os picos ocorrem mais tarde (entre 22h e 1h), período em que se intensificam práticas coletivas como maratonas virtuais e debates sobre as participações de Lee nas produções do MCU. Além disso, o impacto de lançamentos internacionais — muitas vezes programados para o horário nobre norte-americano — repercute quase imediatamente no Brasil, graças à simultaneidade promovida pelas redes.

As tendências de longo prazo também indicam um crescimento constante do engajamento com o legado de Stan Lee desde sua morte em 2018. Em vez de declinar, sua presença nas plataformas digitais se intensificou, sendo reinterpretada e apropriada por novas gerações. Essa dinâmica está intimamente ligada à teoria de memória coletiva (Halbwachs, 2013), entendida como processo social contínuo, adaptado à lógica das mídias digitais.

No TikTok, plataforma de engajamento mais recente, observa-se um crescimento acelerado. Como apontado por Van Dijck (2013), os algoritmos favorecem o consumo veloz e a viralização, permitindo que novas gerações interajam com a memória de Lee de forma espontânea, criativa e personalizada. Essa apropriação digital evidencia a plasticidade da memória cultural e sua adaptação a formatos e temporalidades não tradicionais.

Esses dados também dialogam com Castells (1999), que entende as redes digitais como espaços de formação de novas comunidades e identidades. O fortalecimento simbólico de Stan Lee nas redes sociais, sobretudo entre públicos jovens, assegura que seu legado seja constantemente atualizado, não como relíquia estática, mas como parte viva da cultura pop global. A dinâmica do engajamento temporal, portanto, revela como a memória de Lee opera em modo de rede, reativada a cada novo ciclo de conteúdo e compartilhamento.

⁸⁰ Termo adaptado nesta pesquisa para designar o comportamento do usuário digital que consome e interage com o mesmo conteúdo ou tema — neste caso, o legado de Stan Lee — de forma sequencial e articulada em múltiplas plataformas. Por exemplo, o espectador assiste a um documentário no YouTube, compartilha um meme no TikTok e publica uma opinião no X (antigo Twitter) sobre o mesmo evento. Esse efeito de circulação em cadeia reflete uma lógica de recepção fragmentada, porém integrada, típica das práticas contemporâneas de consumo cultural em rede.

(IV) Desempenho de conteúdo multiplataforma:

A análise do desempenho de conteúdo relacionado ao legado de Stan Lee em diferentes plataformas digitais revela padrões distintos de recepção, fortemente influenciados pela natureza dos formatos, pela temporalidade do consumo e pela lógica algorítmica de cada rede. O YouTube emerge como a principal plataforma em termos de engajamento total, especialmente por sua capacidade de acomodar conteúdos de longa duração, como documentários, entrevistas e compilações de participações especiais. Essa predominância está alinhada ao conceito de cultura da convergência proposto por Jenkins (2009)⁸¹, segundo o qual consumidores migrantes entre plataformas tornam-se também produtores, configurando ecossistemas onde memória e engajamento se articulam de forma ativa.

Vídeos com as aparições de Stan Lee nos filmes da Marvel apresentam médias superiores a 1,5 milhão de visualizações, e conteúdos que reúnem suas frases mais memoráveis alcançam tempo médio de exibição de 7,5 minutos — acima da média da própria plataforma. Esses dados sugerem que o YouTube se tornou um espaço privilegiado de memória audiovisual densa e participativa.

Como argumenta Castells (2000)⁸², as redes digitais, ao favorecerem o compartilhamento de narrativas simbólicas, se convertem em arenas de produção de identidades e comunidades. As interações com o conteúdo de Lee evidenciam esse processo, no qual os fãs constroem coletivamente uma memória afetiva e crítica sobre sua trajetória.

Já o X (antigo Twitter) se destaca por um engajamento mais imediato e episódico. Tweets com frases de efeito, imagens raras de bastidores e memes envolvendo o criador de heróis geram alto número de compartilhamentos e reações. Essa lógica de circulação veloz e efêmera se alinha à ideia de modernidade líquida, formulada por Bauman (2001), que descreve um mundo marcado por fluxos temporários e consumo simbólico fugaz. No contexto dessa plataforma, a memória de Stan Lee se manifesta como narrativa instantânea — ora celebrativa, ora crítica — articulada em tempo real com o calendário do MCU e a agenda de lançamentos da cultura pop.

O TikTok, por sua vez, tem demonstrado um papel significativo na reinvenção do legado de Lee entre públicos mais jovens. Vídeos de cosplay, edições humorísticas e conteúdos informativos sobre sua trajetória atingem altas taxas de visualização e conclusão. Por exemplo,

⁸¹ Jenkins argumenta que a convergência midiática não se refere apenas à sobreposição tecnológica, mas a processos culturais e sociais nos quais os consumidores participam ativamente da construção de significados em múltiplas plataformas.

⁸² Castells entende que as redes digitais possibilitam a construção de comunidades simbólicas e de identidades sociais, sobretudo por meio do engajamento com narrativas compartilhadas.

vídeos educativos sobre sua contribuição para os quadrinhos registram índice de retenção superior a 85%. Essa forma de engajamento é compatível com a análise de Marwick & Boyd (2011), que destacam como as plataformas digitais permitem que os usuários combinem criatividade e circulação de conteúdo em ciclos contínuos de visibilidade, remix e afeto⁸³.

Os dados também apontam que estratégias de conteúdo multiplataforma, que integram diferentes redes em torno do mesmo material, apresentam os melhores índices de desempenho geral. Conteúdos do YouTube reaproveitados em forma de clipes no TikTok, por exemplo, ampliam em até 30% o alcance total. Essa lógica está no cerne da convergência midiática, que, como reforça Jenkins (2009, p. 12), “não é apenas uma condição técnica, mas um processo cultural que envolve consumidores e produtores”. Trata-se de uma prática cada vez mais comum entre fãs e criadores de conteúdo, que utilizam as especificidades de cada plataforma para manter a memória de Lee em circulação.

Além dessas dinâmicas entre redes, outras plataformas também se destacam. No Instagram e Pinterest, infográficos, cronogramas e artes visuais relacionadas à trajetória de Lee têm desempenho notável — chegando a médias de 10 mil salvamentos por postagem. Esses formatos sintetizam dados e imagens em suportes facilmente compartilháveis, permitindo a apropriação visual da memória de Lee, tanto em registros comemorativos quanto em conteúdos pedagógicos.

Por fim, observa-se o crescimento da presença de Stan Lee em plataformas de transmissão ao vivo, como a Twitch⁸⁴, que registrou aumento de 50% na audiência de eventos dedicados ao autor em 2024. Esses espaços, voltados à interação em tempo real, fortalecem o caráter participativo da memória digital, consolidando o que Jenkins (2009) denominou participação ativa — uma lógica na qual os fãs deixam de ser espectadores passivos para se tornarem agentes simbólicos da curadoria, disseminação e atualização do legado cultural que consomem.

Esses dados confirmam que o legado de Stan Lee se mantém ativo e produtivo nas redes por meio de uma lógica multiplataforma, onde diferentes formatos, públicos e estilos de consumo se articulam. A performance digital do conteúdo relacionado ao autor reforça a hipótese desta tese: trata-se de uma memória midiática em circulação, continuamente atualizada

⁸³ Os autores exploram como plataformas sociais digitais moldam práticas de visibilidade, criatividade e participação, particularmente entre jovens usuários, com base na lógica de engajamento e circulação algorítmica.

⁸⁴ Plataforma de transmissão ao vivo (*live streaming*) fundada em 2011 e voltada inicialmente para o público gamer, a Twitch expandiu seu escopo nos últimos anos para incluir debates, entrevistas, exposições culturais e interações comunitárias em tempo real. Seu diferencial está na possibilidade de interação direta entre criadores de conteúdo e audiência, o que a torna especialmente relevante para práticas de fandom baseadas na participação e na construção coletiva de sentido.

por práticas de recepção, remix e curadoria coletiva. O sucesso de vídeos, transmissões, memes e infográficos mostra que, mais do que lembrado, Lee é performado, atualizado pelo algoritmo e reinventado por seus fãs, em uma dinâmica que entrelaça memória cultural e estratégias digitais de presença.

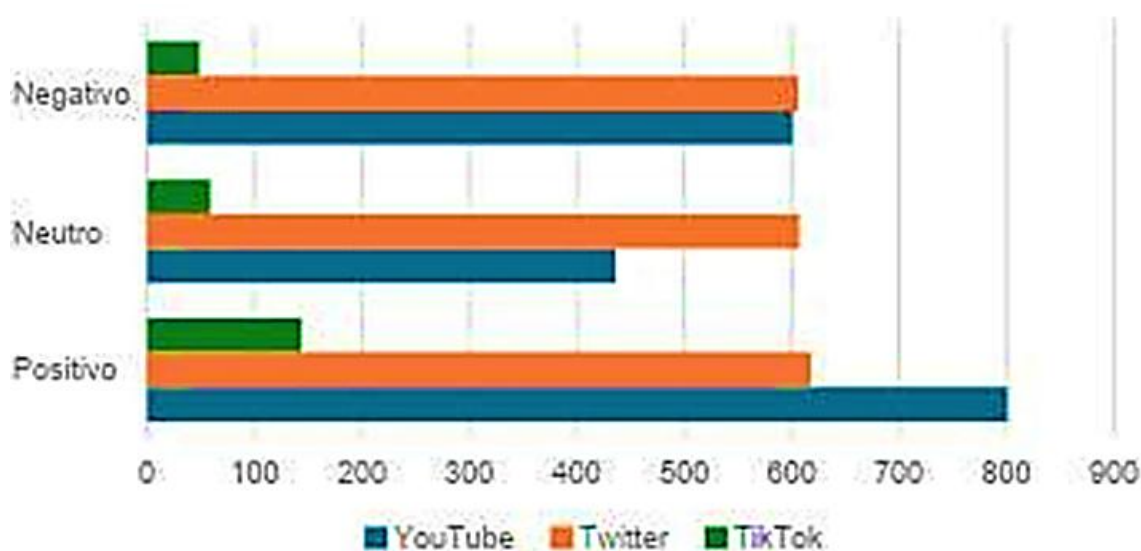
2.3.2 Análise de sentimento

A análise de sentimentos foi conduzida a partir da classificação de postagens em três categorias principais: positivas, neutras e negativas, com base no conteúdo textual associado a Stan Lee nas redes sociais. Essa categorização permitiu observar variações de afeto e engajamento conforme o perfil das plataformas.

O YouTube apresentou o maior volume de menções positivas (801), refletindo sua função como espaço para tributos e conteúdos aprofundados. O X mostrou distribuição mais equilibrada: 618 positivas, 607 neutras e 606 negativas, revelando sua ambivalência como arena de admiração e crítica. O TikTok destacou-se pela expressividade emocional visual, com predominância de reações positivas ligadas à criatividade e ao humor.

Em termos quantitativos, a análise concentrou-se nas plataformas com maior densidade de menções: YouTube (2.514, 50,3%), X (1.897, 37,9%) e TikTok (478, 9,6%). Plataformas com presença residual, como Facebook e Pinterest, foram descartadas da análise interpretativa.

Figura 39 – Análise de Sentimento por Mídia Social (menções)



Fonte: elaborada pela autora.

O sentimento geral predominante foi positivo (61,2%), com destaque para expressões de admiração, nostalgia e entusiasmo. No YouTube, vídeos de tributo e documentários promovem experiências de engajamento prolongado — o legado de Lee é celebrado com

reverência. Já no X, postagens com a hashtag #StanLeeForever reaparecem ciclicamente, sobretudo em datas comemorativas, evidenciando um ritual digital de luto e celebração compartilhada. O TikTok mostrou maior adesão a conteúdos criativos e formatos participativos, como cosplay, memes e homenagens visuais.

Essa diversidade de manifestações afetivas pode ser lida à luz do conceito de campo cultural de Bourdieu (1992). Segundo o autor, os agentes sociais disputam reconhecimento simbólico conforme o capital cultural e simbólico que mobilizam. No ambiente digital, o legado de Stan Lee se converte em capital simbólico circulante, acionado por meio de homenagens, reinterpretações e críticas, que atualizam sua figura em função dos valores da cultura pop contemporânea.

O Quadro 2 sintetiza as categorias predominantes de sentimento por plataforma, articulando dados quantitativos e análise qualitativa das formas de engajamento:

Quadro 2 – Comparativo entre Plataformas e Sentimentos de Fãs

Plataforma	Sentimento Principal	Categorias de Sentimento	Observações
YouTube	Positivo e Nostálgico	Tributos, Análises, Memórias afetivas	Engajamento reflexivo; vídeos longos promovem aprofundamento emocional e histórico.
TikTok	Positivo e Criativo	Homenagens inovadoras, Cosplay, Humor	Engajamento visual e imediato; alta viralização com conteúdos leves e remixados.
X (Twitter)	Misto (com tendência positiva)	Tributos, Teorias de fãs, Memes, Debates	Plataforma de reação rápida; mistura crítica e celebração com senso de comunidade.

Fonte: elaborado pela autora.

As diferenças entre as plataformas ilustram como a estrutura técnica de cada rede molda o tipo de sentimento que é incentivado e amplificado. No YouTube, o conteúdo mais elaborado permite a construção de uma memória emocional e reverente. No TikTok, há predominância do engajamento lúdico e visual, em sintonia com o que Bauman (2001) chamou de cultura da efemeridade: uma sensibilidade moldada por ciclos curtos de atenção e consumo simbólico volátil. Já no X, os sentimentos aparecem em chave dialógica: admiração, ironia e crítica coabitam, compondo uma memória coletiva instável, mas continuamente atualizada.

O conjunto dessas manifestações emocionais confirma que a memória de Stan Lee é performada, disputada e renegociada nas redes sociais. Ao expressar sentimentos, homenageiam o autor, inclusive reconstróem, com as ferramentas das plataformas, novas formas de pertencimento, apropriação simbólica e identidade cultural.

(I) Destaques positivos:

As redes sociais brasileiras foram palco de diversas manifestações positivas em homenagem a Stan Lee, refletindo o profundo impacto do criador na cultura pop nacional. Algumas das menções mais significativas incluem:

No YouTube, um vídeo intitulado “Stan Lee e o legado que nos deixou” alcançou mais de 3,8 milhões visualizações, com comentários emocionados como “Stan Lee não morreu, ele virou um personagem imortal em nossas memórias” e “Excelsior para sempre, Stan! Você mudou minha vida com suas histórias”. Este vídeo destacou-se por sua análise sobre a carreira de Lee e seu impacto na indústria dos quadrinhos e do cinema.

Figura 40 – Legado de Stan Lee– Vídeo no Youtube



Fonte: Youtube.

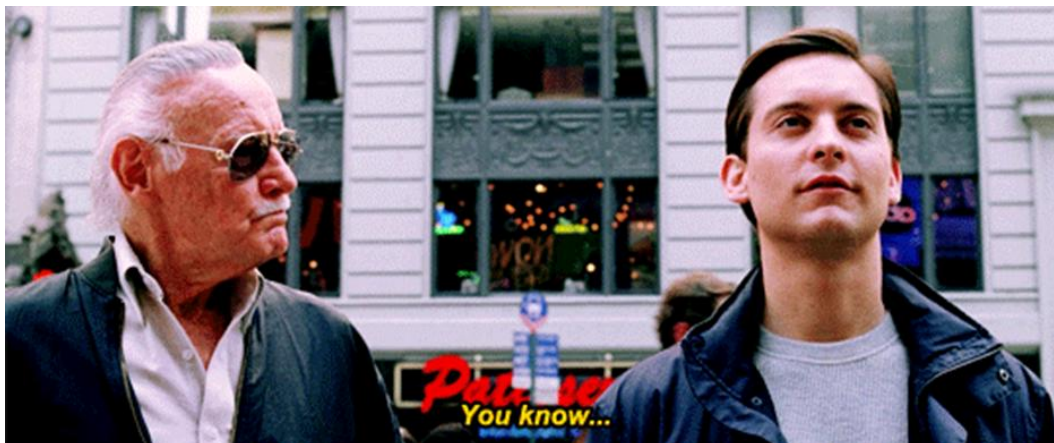
No TikTok, um desafio viral chamado #StanLeeChallenge ganhou destaque — fãs recriavam os famosos *cameos* de Stan Lee em filmes da Marvel. Um vídeo particularmente popular, com mais de 1 milhão de curtidas, mostrava um jovem fã caracterizado como diversos personagens da Marvel, terminando com uma imitação do próprio Stan Lee, acompanhado da legenda “Obrigado por nos ensinar que com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”.

Já no X (antigo Twitter), uma *thread* criada por um fã brasileiro reuniu algumas das citações mais inspiradoras de Stan Lee, acompanhadas de comentários pessoais. Um dos tweets mais replicados dizia: “O único conselho que posso dar é que você faça o que você ama. Faça o que você ama e você nunca terá que trabalhar um dia em sua vida.” A publicação recebeu mais de 50 mil *retweets* e estimulou debates sobre ética do trabalho, vocação e criatividade — temas caros à filosofia expressa por Lee em entrevistas e quadrinhos.

No Instagram, a homenagem visual também assume papel central. Uma das postagens mais envolventes foi realizada por um artista brasileiro que retratou Stan Lee cercado por suas criações mais emblemáticas. A ilustração, que recebeu mais de 100 mil curtidas, trazia a legenda: “Stan Lee nos ensinou que heróis podem ser imperfeitos, mas ainda assim inspiradores. Seu legado viverá para sempre em cada página virada e em cada sonho realizado.”

A imagem circulou amplamente entre perfis de artistas e comunidades de fãs, consolidando-se como um ícone afetivo da memória visual de Lee.

Figura 41 – Thread de Brasileiro no X



Fonte: X (antigoTwitter).

Essas manifestações exemplificam o que Jenkins (2009) define como cultura participativa: uma lógica na qual os fãs deixam de ser consumidores passivos e assumem o papel de coautores simbólicos, criando, remixando e redistribuindo sentidos culturais. Através de vídeos, memes, citações e imagens, os fãs brasileiros contribuem ativamente para a continuidade e reinvenção da figura de Stan Lee, situando-o no centro de uma narrativa coletiva digital. As redes sociais, nesse contexto, funcionam como espaços de produção cultural distribuída, onde a memória é simultaneamente afetiva, performada e politicamente construída, fora dos limites institucionais tradicionais e em diálogo constante com os valores do presente.

(II) Menções de destaque e disputas em rede:

As manifestações sobre Stan Lee nas redes sociais brasileiras, especialmente no X (antigo Twitter), revelam homenagens emocionadas e disputas de interpretação sobre seu legado. A análise dos posts mais engajados identificou diferentes camadas de recepção, desde a consagração simbólica até a crítica à forma como sua imagem é apropriada ou reinterpretada pela Marvel atual. Este mapeamento evidencia a multiplicidade da memória digital, articulada por afetos, embates e reconfigurações culturais contínuas.

II.a) Disputas sobre diversidade e representatividade:

Algumas postagens que obtiveram grande repercussão refletem tensões em torno da inclusão de personagens LGBTQ+ nas narrativas da Marvel. Uma delas, amplamente compartilhada, ironiza a criação de um herói bissexual com a frase: *“Stan Lee deve estar se revirando no túmulo”*. A crítica sugere que tais personagens contrariam os valores "originais"

do autor, ainda que outros usuários rapidamente tenham rebatido essa interpretação, destacando que Lee sempre foi defensor da inclusão e da igualdade.

Figura 42 – Repercussão crítica à diversidade nos quadrinhos



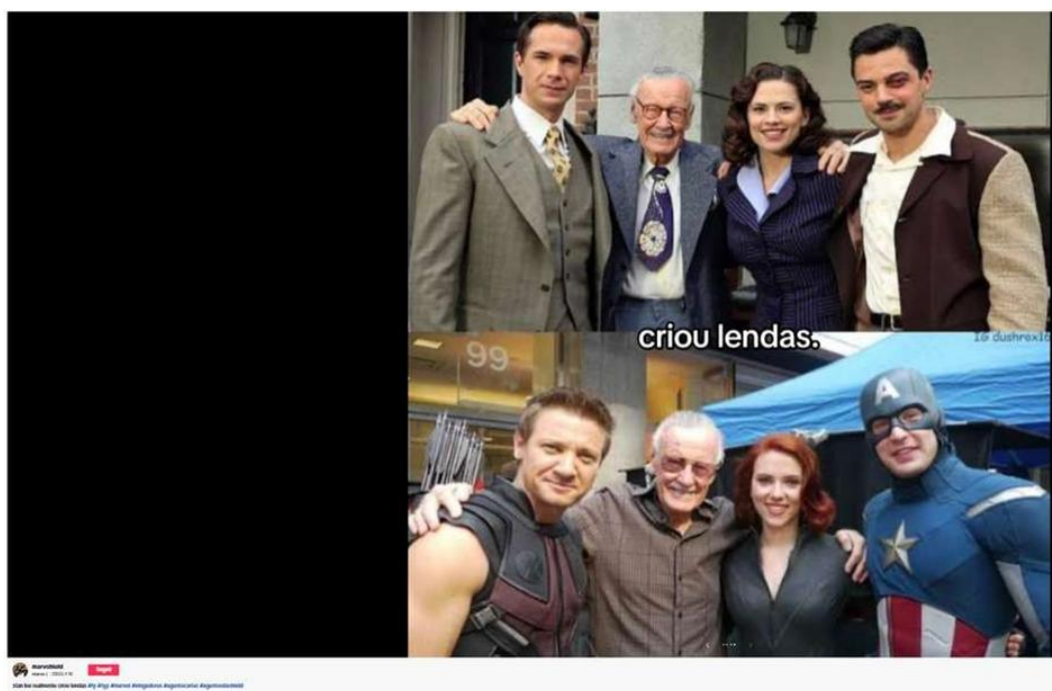
Fonte: X (antigoTwitter).

Esse tipo de postagem revela o conflito entre preservação do legado tradicional e reivindicação por renovação representativa, operando como espelho das disputas socioculturais contemporâneas. Conforme Jenkins (2009), os fandoms são espaços de consumo e de negociação cultural, onde a memória coletiva é constantemente desafiada por novas leituras e agendas.

II.b) Imagens de consagração e nostalgia transmídia

Outras postagens destacam o papel de Stan Lee como figura fundadora de um universo de heróis que transcendeu as páginas dos quadrinhos. Uma montagem que viralizou mostrava Lee ao lado dos elencos de *Capitão América: O Primeiro Vingador* (2011) e *Os Vingadores* (2012), com a legenda: “*Criou lendas*”. A imagem funciona como símbolo da migração bem-sucedida dos personagens para o cinema e reforça a permanência mítica do criador.

Figura 43 – Meme visual exaltando Stan Lee como criador de lendas



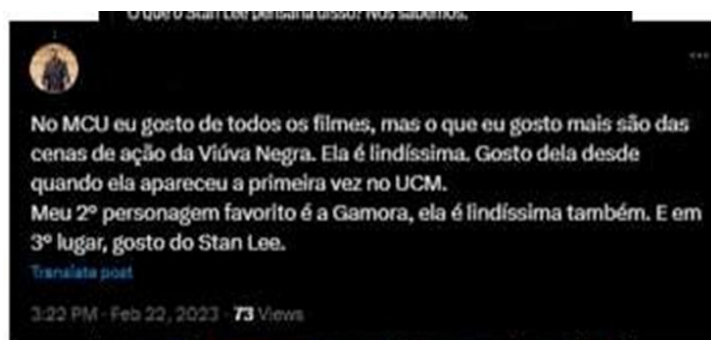
Fonte: X (antigo Twitter).

Essas imagens operam como ícones afetivos do fandom, reiterando o capital simbólico de Lee e sua vinculação a um *ethos* heroico que continua a ser celebrado e atualizado pelas audiências digitais.

II.c) Apreciações reflexivas e menções afetivas espontâneas:

Em outro post com alta repercussão, um fã brasileiro descreve sua experiência com o MCU, listando as personagens favoritas (Viúva Negra, Gamora) e finalizando com menção direta a Stan Lee como uma “figura essencial” da sua formação enquanto leitor (Figura 44). Essa associação entre personagens ficcionais e seu criador revela como Lee permanece enraizado no imaginário afetivo, sendo lembrado não apenas como autor, mas como parte da narrativa vivida pelos fãs.

Figura 44 – Comentário afetivo relacionando Stan Lee aos personagens do MCU



Fonte: X (antigo Twitter).

Segundo Halbwachs (2013), a memória coletiva se atualiza conforme novos contextos e experiências, e aqui, o legado de Lee é integrado à trajetória emocional de cada fã, mesclando consumo cultural e construção identitária.

II.d) Releituras críticas do legado: biografias e polêmicas

Outro exemplo relevante foi a divulgação, por um perfil de jornalismo cultural, da biografia de Stan Lee em formato HQ, lançada no Brasil. O post destacou, além de suas contribuições criativas, as polêmicas envolvidas em sua trajetória. A abordagem crítica despertou debates sobre a idealização do autor, atraindo mais de 5.000 visualizações e comentários sobre os múltiplos lados de sua figura pública.

Figura 45 – Divulgação de HQ biográfica sobre Stan Lee



Fonte: X (antigo Twitter).

Essa recepção revela a tendência crescente de se produzir um legado multifacetado, em que a memória não é tratada como estática, mas como narrativa em disputa — um fenômeno característico da “modernidade líquida” descrita por Bauman (2001), no qual os significados culturais são instáveis, reconfiguráveis e sujeitos à contestação.

II.e) Viralização póstuma e universalidade simbólica:

Por fim, destaca-se o *tweet* do próprio Stan Lee (Figura 46), resgatado por fãs e por veículos de mídia após sua morte. No vídeo, ele brinca sobre ter fãs em todos os planetas, exceto Marte e Júpiter, encerrando com seu tradicional bordão “Excelsior!”. A leveza do comentário foi celebrada como expressão da universalidade de sua figura, sendo visto por mais de 636 mil pessoas.

Figura 46 – Tweet memorial de Stan Lee viralizado após sua morte



Fonte: eBaum's World (2018)

Essa postagem viral sintetiza a permanência simbólica de Lee como ícone cultural global, ressoando com a ideia de memória midiaticizada que se reinventa nas práticas do fandom digital, tal como discutido por Castells (2000) e Jenkins (2009).

A análise dessas menções de destaque evidencia como a memória de Stan Lee é tensionada entre idealização, reinvenção e crítica. As redes sociais operam como arenas abertas, onde fãs constroem narrativas afetivas, mas também disputam sentidos em torno do legado do autor. Nesse processo, Lee torna-se mais do que um criador de personagens: converte-se em signo cultural, continuamente ressignificado pelas demandas contemporâneas de identidade, inclusão e pertencimento. Como mostra a confluência entre crítica e celebração, a recepção digital do legado de Lee não é homogênea, mas profundamente dialógica — ecoando tanto a nostalgia quanto o impulso transformador do fandom.

A análise da nuvem revela padrões claros que articulam tanto o legado histórico quanto as dinâmicas contemporâneas do universo Marvel. O termo central “Marvel” surge como eixo estruturante do campo discursivo, funcionando como marca, franquia e horizonte cultural. Palavras como “personagem”, “quadrinho”, “história” e “filme” indicam uma continuidade entre os suportes narrativos tradicionais e os formatos audiovisuais contemporâneos, sugerindo um consumo transmídia que atravessa gerações e plataformas.

Destacam-se, ainda, os nomes de criadores como “Stan Lee”, “Jack Kirby”, “Steve Ditko”, “John Romita” e “Larry Lieber”, sinalizando uma percepção coletiva de autoria compartilhada — fenômeno que remete ao conceito de *autoria colaborativa* e à “metodologia Marvel” discutida por Jenkins (2009). A recorrência dos termos “criador” e “editor” reforça a valorização simbólica dos bastidores da produção cultural, frequentemente ignorados em outras esferas da cultura pop.

A presença constante de personagens como “Spider-Man”, “X-Men”, “Iron Man”, “Hulk”, “Quarteto Fantástico” e “Capitão América” indica não apenas sua popularidade, mas sua função como figuras de memória (Assmann, 2011), capazes de condensar afetos, valores e identificações sociais duradouras. Nomes próprios como “Peter Parker” e “Mary Jane” sugerem uma intimidade narrativa cultivada ao longo das décadas, especialmente entre os fãs mais antigos, que mantêm vínculos afetivos com os arcos narrativos originais.

Termos como “TikTok”, “#fyp”, “viral” e “shorts” introduzem a dimensão contemporânea da cultura de fãs: o engajamento criativo em plataformas algorítmicas. A cultura participativa (Jenkins, 2009) é aqui redimensionada pela lógica da remediação, na qual conteúdos antigos são reinterpretados em formatos efêmeros e compartilháveis. Este deslocamento narrativo — dos quadrinhos para o vídeo curto — demonstra a capacidade adaptativa da memória de Stan Lee frente às novas formas de consumo e sociabilidade digital.

Palavras como “diversidade”, “representatividade”, “atual” e “clássico” indicam a coexistência de uma tradição reconfigurada com as demandas do presente, ecoando a teoria da tradição seletiva de Williams (1979), segundo a qual apenas certos elementos do passado são recuperados e ressignificados à luz das sensibilidades contemporâneas. A memória cultural de Stan Lee, assim, não é resgatada de forma neutra, mas passa por processos seletivos mediados por valores sociais, tensionando os limites entre reverência e atualização.

Finalmente, a presença dos termos “Disney” e “Star Wars” ao lado de “Marvel” sugere a consolidação de um ecossistema midiático corporativo, como discutido por Mosco (2005), em que grandes conglomerados controlam e articulam as principais franquias culturais globais. Essa convergência reforça a visibilidade do legado de Stan Lee e amplia seu alcance para novas

geografias, públicos e linguagens, estabelecendo uma memória globalizada, transnacional e mercadológica.

A nuvem de palavras, portanto, não apenas reflete o volume e a variedade de termos associados a Stan Lee, mas também explicita a complexidade simbólica de sua presença digital. Por meio dela, visualiza-se um campo de disputas, homenagens e atualizações, que transforma a memória do autor em um espaço de negociação cultural contínua, entre o passado mítico da Marvel e os fluxos velozes da cultura digital contemporânea.

2.3.3 Conteúdos virais de Stan Lee nas mídias sociais

A viralidade⁸⁶ de conteúdos relacionados a Stan Lee nas mídias sociais brasileiras manifesta-se como um fenômeno de natureza complexa, atravessando elementos emocionais, lógicas algorítmicas e estratégias de engajamento próprias de cada plataforma. A circulação intensa de homenagens, memes, vídeos e colagens simbólicas revela tanto a popularidade contínua do criador da Marvel quanto uma dinâmica de recepção que reconfigura constantemente sua presença cultural.

Gatilhos emocionais como nostalgia, reverência e admiração figuram entre os principais motores de compartilhamento. Vídeos com aparições de Lee nos filmes da Marvel, compilação de frases emblemáticas e discursos sobre inclusão frequentemente tornam-se virais, sobretudo no YouTube e no TikTok. A recorrência desses conteúdos sugere que o público os reconhece como legítimos vetores de memória afetiva e reconhecimento simbólico.

O papel dos algoritmos é determinante. No YouTube, vídeos com alta retenção e engajamento prolongado ganham destaque, beneficiando tributos mais elaborados e análises extensas. Já no TikTok, a lógica da viralização depende de vídeos curtos, que capturam rapidamente a atenção por meio de efeitos visuais, humor e música, com *hashtags* como #StanLeeForever atuando como âncoras de performance coletiva. No X (antigo Twitter), a viralidade é impulsionada pela concisão e instantaneidade: *threads* com fotos raras, frases memoráveis ou comentários espirituosos geram ondas de engajamento em tempo real, especialmente durante estreias ou datas comemorativas.

Essas dinâmicas podem ser analisadas à luz do modelo *Stepps* (Berger, 2013), que identifica seis fatores para o sucesso de conteúdos virais: *Social Currency*, *Triggers*, *Emotion*, *Publicity*, *Practical Value* e *Stories*. No caso de Stan Lee:

⁸⁶ O conceito de "viralidade" em redes sociais pode ser compreendido como o processo pelo qual conteúdos digitais se disseminam rapidamente entre usuários por meio de compartilhamentos sucessivos, impulsionados por algoritmos e gatilhos emocionais

- Social Currency aparece na legitimação dos fãs como portadores da “memória Marvel”.
- Triggers ativam recordações em datas marcantes.
- Emotion opera como motor primário da viralidade.
- Publicity está garantida pela própria exposição transnacional da Marvel.
- Practical Value emerge em vídeos educativos sobre a história dos quadrinhos.
- Stories se consolidam nas narrativas sobre a trajetória de Lee como criador, editor e figura pública.

Um exemplo expressivo desse tipo de engajamento foi o vídeo “A Message From Stan Lee”⁸⁷, publicado em maio de 2021 por ocasião do lançamento do filme *Eternos*. Nele, a voz do próprio Lee (em *off*) articula uma mensagem de inclusão e diversidade, declarando:

Essas histórias têm espaço para todos, independentemente de sua raça, gênero, religião ou cor de pele. As únicas coisas para as quais não temos espaço são o ódio, a intolerância e o preconceito [...] E você, você é parte do Universo Marvel.⁸⁸

Esse vídeo rapidamente ocupou o *trending topics* no Brasil e mundialmente, funcionando como uma reafirmação dos valores simbólicos atribuídos ao criador — e como um lembrete de seu papel central na construção da identidade ética e cultural da Marvel. A figura de Lee é reinscrita nesse contexto como símbolo de uma utopia de pertencimento e comunidade.

⁸⁷ A frase atribuída a Lee no vídeo “A Message From Stan Lee” foi originalmente roteirizada e editada postumamente em 2021, como parte de uma ação institucional da Marvel Studios para promover diversidade e inclusão no lançamento de *Eternos* (2021). Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=sjobevGAYHQ>

⁸⁸ “Olá, heróis, aqui é Stan Lee falando com vocês. Quero que saibam que a Marvel sempre foi e sempre será um reflexo do mundo bem do lado de fora da nossa janela. Esse mundo pode mudar e evoluir, mas uma coisa que nunca mudará é a maneira como contamos nossas histórias de heroísmo. Essas histórias têm espaço para todos, independentemente de sua raça, gênero, religião ou cor de pele. As únicas coisas para as quais não temos espaço são o ódio, a intolerância e o preconceito. Aquele homem ao seu lado, ele é seu irmão. Aquela mulher ali, ela é sua irmã. E aquele garoto passando ali... quem sabe, talvez ele tenha a força proporcional de uma aranha. Todos fazemos parte de uma grande família, a família humana, e todos nos unimos no corpo da Marvel. E você, você é parte dessa família, você é parte do Universo Marvel, que avança sempre para cima e além, rumo a uma glória maior. Em outras palavras, Excelsior!” (Lee, 2021)

Figura 48 – Repercussão de fã



Fonte: X (antigo Twitter).

Essa viralidade não é pontual, mas contínua, com exemplos como a republicação massiva de sua coluna Soapbox⁸⁹, de 1968, sobre racismo e intolerância. Com forte carga discursiva, a coluna afirmava: “O intolerante é um odiador irracional — alguém que odeia cegamente, fanaticamente, indiscriminadamente [...] Se o homem quiser ser digno de seu destino, devemos encher os corações com tolerância.”⁹⁰

⁸⁹ As colunas “Soapbox” foram publicadas por Stan Lee nas edições das revistas da Marvel a partir da década de 1960. Nelas, o autor comentava temas sociais, éticos e culturais, abordando tópicos como racismo, intolerância e cidadania.

⁹⁰ “Vamos direto ao ponto. A intolerância e o racismo estão entre os males sociais mais mortais que assolam o mundo hoje. Mas, diferentemente de uma equipe de supervilões fantasiados, eles não podem ser detidos com um soco no focinho ou um choque de uma arma de raios. A única maneira de destruí-los é expô-los — revelá-los como os males insidiosos que realmente são. O intolerante é um odiador irracional — alguém que odeia cegamente, fanaticamente, indiscriminadamente. Se sua obsessão são homens negros, ele odeia TODOS os homens negros. Se uma ruiva o ofendeu uma vez, ele odeia TODAS as ruivas. Se algum estrangeiro o venceu em um trabalho, ele está contra TODOS os estrangeiros. Ele odeia pessoas que nunca viu — pessoas que nunca conheceu — com igual intensidade — com igual veneno. Agora, não estamos tentando dizer que é irracional para um ser humano incomodar outro. Mas, embora qualquer um tenha o direito de não gostar de outro indivíduo, é totalmente irracional, patentemente insano condenar uma raça inteira — desprezar uma nação inteira — difamar uma religião inteira. Mais cedo ou mais tarde, devemos aprender a julgar uns aos outros por nossos próprios méritos. Mais cedo ou mais tarde, se o homem quiser ser digno de seu destino, devemos encher os corações com tolerância. Pois então, e somente então, seremos verdadeiramente dignos do conceito de que o homem foi criado à imagem de Deus — um Deus que nos chama a TODOS — Seus filhos.” (Stan Lee, 1968)

Repostagens dessa coluna no X após a morte de Lee geraram dezenas de milhares de visualizações, funcionando como um dispositivo de memória política que resgata a faceta combativa e humanista de sua trajetória. Essas práticas demonstram como o legado de Lee é constantemente apropriado, tensionado e atualizado.

I – Padrões longitudinais de comportamento do usuário:

A partir da morte de Stan Lee em novembro de 2018, observa-se uma série de picos sazonais e eventos que moldam o comportamento dos fãs brasileiros. Nas primeiras semanas, o conteúdo foi predominantemente memorial: homenagens emocionadas, citações e marcos de sua carreira. Ao longo dos anos seguintes, essas manifestações evoluíram. O YouTube manteve sua centralidade como plataforma de memória longa, enquanto o TikTok se destacou pelo crescimento exponencial de vídeos de fãs reinterpretando Lee de forma criativa — com um aumento de 250% ao ano desde 2020.

A estreia de títulos como *WandaVision* (2021) e *Homem-Aranha: Sem Volta para Casa* (2022) provocou novos picos de menções, revelando a interdependência entre o universo Marvel e a figura de seu criador. O aniversário de nascimento (28/12) e o de falecimento (12/11) consolidaram-se como datas de celebração ativa — não apenas tributos, mas também análises críticas e releituras artísticas.

A evolução do sentimento é notável: de um engajamento majoritariamente nostálgico e reverente, emergem postagens críticas sobre sua relação com coautores como Kirby e Ditko, sugerindo uma recepção mais madura. Essa virada aponta para a constituição de uma memória cultural crítica — em que Stan Lee é tanto venerado quanto debatido.

Essas tendências reforçam a ideia de que o legado digital de Lee é um campo em constante disputa e reinvenção. A cultura participativa se atualiza em formatos curtos, *hashtags*, fanarts e vídeos documentais, assegurando que o criador da Marvel permaneça, paradoxalmente, sempre presente — mesmo após sua morte.

2.3.4 Detalhamento das análises por tipo de plataforma

A seguir, apresenta-se uma análise comparativa entre as principais plataformas utilizadas para a circulação de conteúdos relacionados a Stan Lee no Brasil: YouTube, TikTok e X (antigo Twitter). Essa abordagem busca compreender como o legado de Lee é apropriado, ressignificado e disseminado em diferentes contextos digitais, considerando as especificidades técnicas, os formatos de engajamento e os perfis de usuários de cada rede.

Ao detalhar os tipos de conteúdo mais frequentes, os temas abordados e as formas de interação predominantes, esta seção contribui para uma leitura mais refinada da memória digital de Stan Lee, demonstrando como diferentes ecossistemas midiáticos constroem, reforçam e atualizam sua figura simbólica. Além disso, o recorte por plataforma permite evidenciar as dinâmicas particulares que sustentam o fenômeno da viralidade, a formação de comunidades de fãs e os modos como a nostalgia e a criatividade operam como operadores centrais da recepção cultural em rede.

(I) Análise do YouTube:

A nostalgia, elemento central nos conteúdos sobre Stan Lee, pode ser compreendida como um mecanismo de preservação cultural e construção de pertencimento, conforme discutido por Hirsch (1997). Ela evoca um sentimento de saudade e fortalece a conexão dos fãs com elementos simbólicos de relevância histórica, como o universo Marvel e suas figuras fundadoras. No YouTube, essa dimensão nostálgica é amplamente visível em vídeos tributo e análises detalhadas que resgatam a trajetória de Stan Lee. A plataforma se consolida como principal espaço para a celebração de seu legado no Brasil, com 1.164.331 interações registradas.

Figura 49 – Quantidade e discussões no YouTube



Fonte: elaborado pela autora.

Os tributos são o tipo de conteúdo dominante, expressando o respeito e a admiração dos fãs. Esses vídeos frequentemente compilam suas aparições cinematográficas, entrevistas e falas icônicas. Criadores brasileiros têm papel relevante nesse processo, traduzindo e legendando conteúdos raros, ampliando seu acesso e circulação. As análises aprofundadas sobre

personagens e enredos também têm destaque, revelando o interesse contínuo na complexidade do universo criado por Lee.

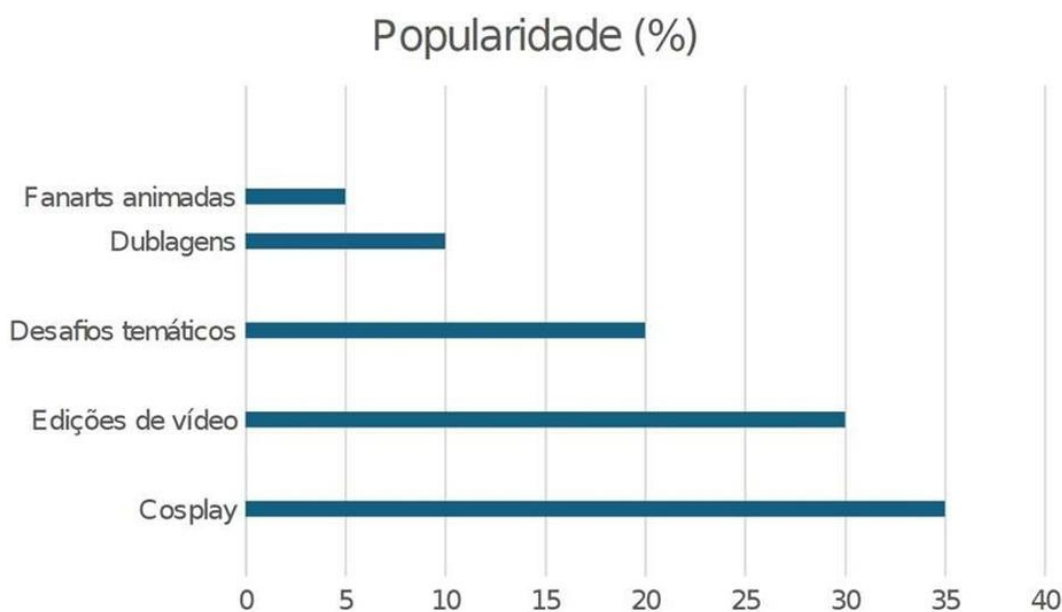
O conteúdo nostálgico atrai diferentes gerações: fãs antigos revisitam suas memórias afetivas e fãs mais jovens são introduzidos ao universo Marvel a partir dessas narrativas. Já os vídeos que tematizam o impacto cultural de Lee — embora menos frequentes — abordam como suas criações ressoam na cultura pop brasileira, seja por meio de adaptações, seja pelo fortalecimento de uma identidade geek nacional.

A arquitetura do YouTube, que privilegia vídeos longos e detalhados, permite maior profundidade interpretativa. Isso contrasta com a brevidade de plataformas como TikTok, sugerindo que o YouTube funciona como um verdadeiro repositório de memória digital, onde a afetividade se encontra com a reflexão crítica. Hirsch (1997) ressalta que a nostalgia cumpre uma função intergeracional, permitindo que figuras do passado permaneçam vivas por meio de sua reatualização simbólica. Nesse sentido, os conteúdos no YouTube não apenas preservam, mas renovam o legado de Stan Lee.

(II) Análise do TikTok:

Com 621.441 reações e 8.353 comentários, o TikTok evidencia um modelo de engajamento emocional e criativo baseado na brevidade e na estética visual. Seu funcionamento algorítmico estimula a viralização de homenagens curtas, muitas vezes humoradas ou afetivamente carregadas.

Figura 50 – Conteúdos populares sobre Stan Lee



Fonte: elaborado pela autora.

Os cosplays representam 35% das postagens analisadas, seguidos por edições de vídeo (30%) e desafios temáticos (20%). Dublagens e fanarts animadas, ainda que menos frequentes, apresentam alto índice de apreciação. Um fenômeno em destaque é o *Marvel Cosplay Challenge*, em que personagens são interpretados com toques de brasilidade. Esses conteúdos mostram como o TikTok oferece uma porta de entrada para novas gerações ao universo Marvel, convertendo o legado de Stan Lee em linguagem contemporânea.

Jenkins (2009) descreve esse processo como “cultura da convergência”, em que fãs deixam de ser apenas receptores e tornam-se produtores culturais. Essa participação ativa reforça o legado de Lee como um ícone histórico e como uma presença reconfigurada a cada interação.

III) Análise do X (ex-Twitter):

O X destaca-se por sua natureza ágil e interativa, que favorece a produção de *micro tributos* e discussões em tempo real. Com 50.898 reações e 699 comentários, a plataforma evidencia um equilíbrio entre expressão emocional e engajamento crítico.

Tabela 4 – Temas mais discutidos no X

Tema	Menções
Tributos	45
Nostalgia	30
Análises	25
Interações rápidas	20
Teorias de fãs	15

Fonte: elaborado pela autora.

Tributos e memórias são frequentemente articulados com imagens e citações inspiradoras. A nostalgia, como apontado por Hirsch (1997), aparece como eixo estruturante dessas manifestações, reforçando o elo emocional com o passado.

As análises mais concisas no X configuram uma memória crítica em processo, reavaliando o papel de Lee em relação a outros criadores e refletindo sobre seu impacto ético e simbólico. As teorias de fãs, por sua vez, demonstram uma reimaginação ativa do universo Marvel, com interpretações alternativas e articulações entre diferentes narrativas.

A presença de *hashtags* como #StanLeeForever ou #ExcelsiorBrasil indica a consolidação de uma gramática memorial digital. Halbwachs (2013) compreende a memória coletiva como produto da interação social, o que se torna evidente nas redes, onde se constroem lembranças públicas, comunitárias e colaborativas. O X, com sua natureza efêmera, revela-se como plataforma estratégica para a manutenção e reinvenção simbólica do legado de Lee.

2.3.5 Análise global do *social listening*

Esta seção consolida os principais achados da análise de *social listening* sobre a presença digital de Stan Lee nas redes sociais brasileiras, sintetizando as contribuições de cada plataforma e articulando os conceitos teóricos que sustentam a investigação. Partindo da perspectiva da memória coletiva (Halbwachs, 2013), da nostalgia como operador simbólico e da cultura de convergência (Jenkins, 2009), o objetivo foi compreender como o legado de Lee é mantido, reinterpretado e amplificado no ecossistema digital por meio das práticas dos fãs. A análise de sentimentos nas plataformas revelou que os fãs brasileiros, de forma predominante, compartilham sentimentos positivos, como admiração e nostalgia, que consolidam a memória afetiva e promovem uma conexão contínua com o legado de Lee.⁹¹

O YouTube, com sua capacidade de abrigar conteúdos mais longos e reflexivos, funciona como um verdadeiro repositório de memória coletiva. Tributos audiovisuais, documentários e análises críticas prolongam a presença simbólica de Stan Lee, favorecendo a imersão afetiva e intelectual. Já o TikTok, por sua estética rápida e viral, tornou-se o canal por excelência da reinvenção criativa, sobretudo entre o público jovem. Através de vídeos curtos, desafios e fanarts, novas gerações estabelecem vínculos com Lee, mesmo sem contato direto com sua obra original. O X (ex-Twitter), por sua vez, favorece a memória em tempo real: comentários breves, memes e reações instantâneas constroem uma memória coletiva efêmera, mas altamente compartilhável.

O estudo também identificou uma evolução no comportamento dos fãs ao longo do tempo, especialmente após a morte de Lee em 2018. Inicialmente marcado por homenagens emocionadas e tributos nostálgicos, o engajamento passou a incorporar debates críticos sobre seu papel histórico, suas parcerias (como com Kirby e Ditko) e sua relevância atual. Essa transição de uma memória celebratória para uma memória reflexiva é um sinal de amadurecimento das práticas do fandom e de sua capacidade de historicizar o legado de Lee, como propõe Halbwachs (2013) ao discutir a construção social da memória.

⁹¹ A distinção entre memória afetiva e memória coletiva pode ser compreendida pela articulação entre o nível subjetivo (emoções, lembranças pessoais) e o nível intersubjetivo/social da lembrança. Enquanto a memória afetiva diz respeito a vínculos emocionais individuais, a memória coletiva, como formulada por Halbwachs (2013), é construída socialmente por meio de práticas, discursos e instituições.

Adicionalmente, o conceito de “arquivos rebeldes”⁹² (em diálogo com a noção de “arquivo vivo” nas práticas culturais digitais) permite compreender como as práticas dos fãs constituem formas alternativas de arquivamento e preservação simbólica. Ao criar vídeos, memes, fanfics e posts comemorativos, os fãs brasileiros constroem repositórios afetivos que rivalizam com as versões institucionais da memória — como aquelas promovidas pela Disney e pela própria Marvel.

As análises longitudinais demonstraram que o legado de Lee não apenas permanece ativo, mas se adapta e se amplia por meio da lógica de participação digital. Eventos como o lançamento de séries e filmes do MCU provocam picos de engajamento, enquanto datas simbólicas (como aniversário de nascimento ou morte) reforçam o calendário afetivo dos fãs. Essa dinâmica demonstra como o consumo se transforma em produção de sentido, como destacam Jenkins (2009) e Castells (2000), revelando que o fandom contemporâneo opera em uma lógica de coprodução da memória cultural.

Por fim, o fandom brasileiro destaca-se como um operador simbólico central nesse processo. Sua atuação multifacetada — alternando entre celebração, crítica e reinvenção — evidencia o papel ativo dos fãs na sustentação de legados midiáticos. O conteúdo gerado por esses usuários além de homenagear Stan Lee, atualiza sua presença, assegurando sua relevância na cultura digital contemporânea.

Assim, a análise global do *social listening* demonstrou que o legado de Stan Lee é construído continuamente nas plataformas digitais por meio da ação colaborativa e afetiva dos fãs. O circuito entre plataformas, emoções e narrativas coletivas garante a permanência de sua figura como ícone da memória cultural pop. Esta etapa da pesquisa preparou o terreno para a análise do *survey* com fãs brasileiros, abordada na próxima seção, que complementa a abordagem digital com dados empíricos sobre a recepção e a percepção do público.

⁹² O conceito de “arquivos rebeldes” é derivado dos estudos de Derrida e Foucault sobre a preservação de conhecimento e a resistência às formas de poder instituídas. Nos estudos de memória cultural digital, “arquivos rebeldes” referem-se a coleções de informações, interpretações e produções criativas que são geradas de forma alternativa ou paralela às narrativas oficiais ou dominantes. Esses arquivos, criados muitas vezes por grupos marginalizados ou subculturas, resistem à imposição de uma narrativa única, oferecendo um espaço de contestação e reinterpretação. No contexto dos fandoms digitais, esses “arquivos” incluem fanfics, memes, vídeos e outras produções criativas que preservam e adaptam o legado de figuras como Stan Lee, mantendo-as vivas e relevantes em um contexto cultural contemporâneo.

2.4 ECOS DIGITAIS – ANÁLISES QUANTITATIVAS DA SURVEY

Quem são os fãs que se engajam com os produtos da Marvel e com a figura de Stan Lee? De que maneira essas interações transcendem o consumo passivo e passam a integrar uma prática ativa de rememoração, apropriação simbólica e reinvenção narrativa? Como o conteúdo absorvido nas mídias é ressignificado por esses indivíduos e recirculado no ambiente digital? Essas questões orientam esta seção, cuja proposta é analisar os dados obtidos a partir de um *survey*⁹³ aplicado a fãs brasileiros, buscando compreender os sentidos atribuídos ao legado de Stan Lee no contexto da cultura pop contemporânea.

Couldry (2015) contribui para essa reflexão ao destacar que práticas como o compartilhamento, a replicação e o arquivamento de conteúdos culturais não apenas produzem sociabilidade, mas também constroem repertórios comuns de memória. Entretanto, cabe indagar se tais práticas são realmente homogêneas ou se revelam tensões, ambivalências e reinterpretações que desafiam a suposta coesão do fandom. Assim, ao invés de presumir uma recepção uniforme, esta etapa da pesquisa se propõe a mapear como a memória coletiva em torno de Stan Lee é construída por sujeitos sociais localizados — com histórias, perfis e motivações distintas — dentro de um ecossistema midiático marcado por lógicas algorítmicas, convergência e performatividade identitária.

Como aponta Halbwachs (2013), a memória coletiva de um grupo não se sustenta apenas pela evocação individual, mas exige um alinhamento entre os sujeitos e um contexto de troca e reiteração simbólica. A lembrança, nesse sentido, não é um dado espontâneo, mas um processo social de reconstrução: ela depende de um espaço compartilhado de significações — como o proporcionado pelas plataformas digitais — para se estabelecer como memória válida e reconhecida pelo grupo.

O *survey* aplicado nesta pesquisa insere-se nessa perspectiva. Elaborado com base nos pressupostos da pesquisa exploratória e quantitativa, o questionário foi desenvolvido por meio da plataforma Microsoft Forms⁹⁴ e distribuído entre os meses de julho e agosto de 2023 em comunidades virtuais ativas do fandom brasileiro. Entre os canais de maior destaque para a coleta, estão:

⁹³ O termo “*survey*” refere-se a uma metodologia quantitativa baseada em questionários padronizados, com o objetivo de obter informações específicas a partir de uma amostra representativa.

⁹⁴ Plataforma gratuita da Microsoft para a criação e distribuição de formulários *on-line*, amplamente utilizada em pesquisas acadêmicas e institucionais.

- Marvel Brasil – comunidade ampla dedicada a notícias, debates e memes.
- Marvel 616⁹⁵ – espaço com foco analítico nas histórias em quadrinhos e nos filmes do MCU.
- Curiosidades Marvel Brasil – página de divulgação voltada ao entretenimento e cultura pop.

Ao todo, 1.052 respostas válidas foram coletadas, oferecendo um panorama diverso e expressivo da recepção brasileira de Stan Lee. A amostra contemplou diferentes faixas etárias, gêneros, níveis de escolaridade e regiões do país, permitindo traçar relações entre perfis socioculturais e formas específicas de engajamento com a Marvel e com a figura de seu cofundador mais célebre.

O questionário foi estruturado em quatro blocos temáticos:

- Bloco 1 (questões 2 a 6): perfil sociodemográfico dos participantes.
- Bloco 2 (questões 7, 10 e 11): percepção sobre a personalidade midiática de Stan Lee.
- Bloco 3 (questões 12 e 13): relação dos fãs com a Marvel e com o Universo Cinematográfico Marvel (MCU).
- Bloco 4 (questões 14 e 15): representações sobre o legado simbólico e afetivo de Stan Lee.

As questões 8 e 9, de caráter qualitativo, serão analisadas separadamente por meio de inferência textual e categorização temática. Ao longo desta seção, a análise se conduz em diálogo com os conceitos de memória coletiva (Halbwachs, 2013), cultura de convergência e participação (Jenkins, 2009), reconfiguração afetiva da mídia e as práticas contemporâneas de recepção digital (Couldry, 2015). Tais referenciais servem como suporte crítico para entender como o legado de Stan Lee não é apenas lembrado, mas reinterpretado, adaptado e performado pelos fãs brasileiros, em um processo contínuo de construção simbólica e reatualização cultural.

2.4.1 Análise sociodemográfica

A análise sociodemográfica dos participantes da *survey* permite contextualizar o perfil dos fãs brasileiros que se engajam com o legado de Stan Lee e a cultura da Marvel. Identificar suas localizações, identidades de gênero, faixas etárias e níveis educacionais contribui para compreender a diversidade (ou a limitação) da amostra, além de indicar como diferentes grupos

⁹⁵ A “Marvel 616” é uma página brasileira voltada para o público leitor de quadrinhos, nomeada em alusão ao “Universo 616”, designação oficial da linha narrativa principal dos quadrinhos Marvel.

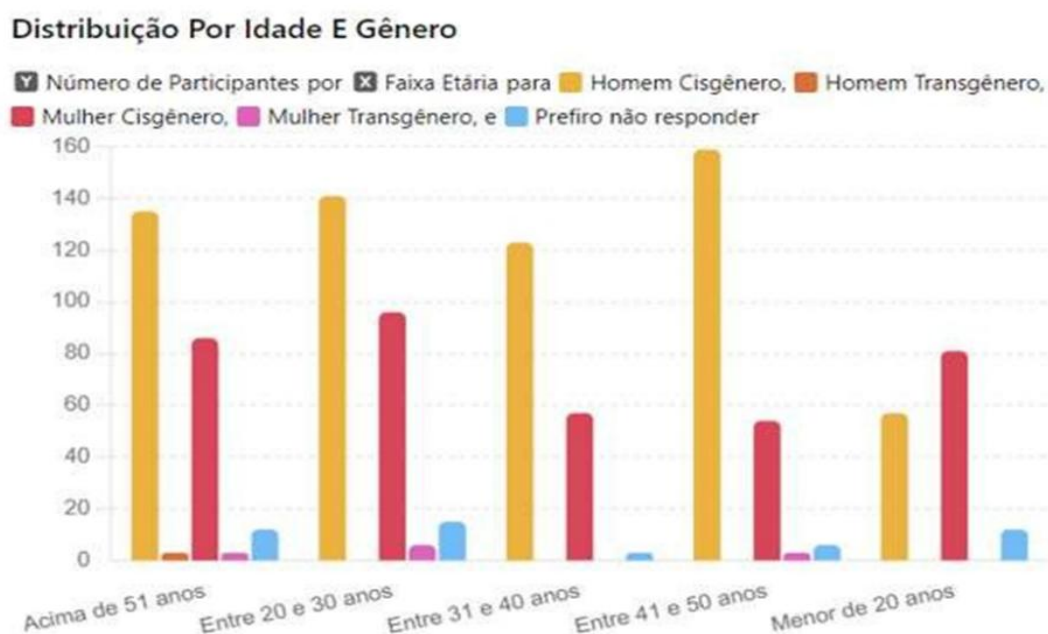
interagem com os produtos culturais analisados. Essa leitura inicial dos dados auxilia na formulação de hipóteses sobre os modos de recepção e circulação das narrativas ligadas ao universo Marvel e à memória de seu criador.

A pesquisa revela que a maioria dos respondentes está concentrada na região Sudeste do Brasil, representando 79,18% da amostra. Essa predominância reflete a densidade populacional e o destaque econômico da região. Outras regiões, como Sul (7,41%) e Nordeste (5,99%), têm participações mais modestas. Norte (1,43%) e Centro-Oeste (2,57%) apresentam menor representatividade, enquanto 3,42% dos respondentes residem fora do Brasil.

Em termos de gênero, a maioria dos participantes se identifica como homens cisgêneros (58,46%), seguidos por mulheres cisgêneras (35,55%). Outras identidades, como “Prefiro não responder” (4,56%), mulheres transgêneras (1,14%) e homens transgêneros (0,29%), aparecem em proporções menores, o que sugere uma amostra majoritariamente composta por identidades cisgêneras.

Quanto à faixa etária, a maior parte dos respondentes encontra-se entre 20 e 30 anos (24,52%), seguida por participantes com mais de 51 anos (22,72%). As faixas intermediárias de 31 a 40 anos (17,40%) e 41 a 50 anos (21,10%) mostram uma distribuição mais equilibrada, enquanto a faixa de menor de 20 anos representa 14,26% da amostra. A faixa etária acima de 51 anos é dominada por homens cisgêneros (135), seguidos por mulheres cisgêneras (86). Já na faixa de 20 a 30 anos, observa-se um equilíbrio maior, com 141 homens cisgêneros e 96 mulheres cisgêneras, como apontado no gráfico:

Figura 51 – Distribuição por idade e gênero



Fonte: elaborado pela autora.

Na região Sudeste, a predominância masculina é marcante, com 465 homens cisgêneros e 335 mulheres cisgêneras. Nas demais regiões, há menor diversidade, e as identidades transgêneras são praticamente ausentes. A maior parte dos participantes possui um nível educacional elevado, com destaque para a pós-graduação em nível de especialização, que corresponde a 31,94% da amostra. Seguem-se aqueles cursando graduação (23,67%) e os participantes com pós-graduação (13,40%).

Entre os jovens com menos de 20 anos, a maioria ainda está cursando o ensino médio ou graduação, com 57 estudantes de graduação e 90 respondentes no ensino fundamental. Isso sugere que esta faixa etária está em processo de formação educacional e início de suas interações com a cultura de Stan Lee e a Marvel.

Na faixa etária entre 20 e 30 anos, observa-se uma maior diversidade de níveis educacionais, com 147 respondentes cursando graduação e 69 já com especialização. Entre os respondentes com mais de 51 anos, nota-se uma concentração significativa de pós-graduados. Destacam-se 105 pessoas com especialização, 51 com mestrado e 50 com doutorado, demonstrando um perfil de maior qualificação acadêmica nesta faixa etária.

Esses padrões indicam que o fandom de Stan Lee e da Marvel atrai tanto indivíduos em formação quanto aqueles com maior qualificação, reforçando o papel das obras na interação crítica com a cultura pop. Esses dados reforçam a hipótese de que o engajamento com Stan Lee e a Marvel no Brasil não está restrito a um grupo etário ou educacional específico, mas atravessa diferentes gerações e perfis acadêmicos.

A predominância de homens cisgêneros e a concentração regional no Sudeste também indicam padrões de acesso e capital cultural que devem ser considerados nas análises posteriores. Como afirmam autores como Bourdieu (1992), o consumo cultural está relacionado às disposições *habitus*⁹⁶ e às estruturas sociais que influenciam preferências, interpretações e modos de participação no universo simbólico das mídias.

⁹⁶ *Habitus* é um conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu para descrever um sistema de disposições duráveis e incorporadas que orientam percepções, práticas e ações sociais. Trata-se de um conjunto de esquemas adquiridos ao longo da trajetória social dos indivíduos, que molda suas preferências culturais, gostos e modos de agir, mesmo sem consciência plena dessas influências. No contexto desta pesquisa, o *habitus* pode ser associado à forma como certos públicos, especialmente aqueles com maior capital cultural, se relacionam com o legado de Stan Lee, atribuindo a ele sentidos distintos conforme suas experiências de socialização e escolarização (Bourdieu, 1992).

2.4.2 Análise do Bloco 2 - personalidade midiática de Stan Lee

O segundo bloco da pesquisa propõe uma investigação mais aprofundada da figura de Stan Lee como persona midiática, ou seja, como uma construção simbólica que transcende o autor real para se configurar como um ícone cultural em circulação nas mídias e na memória coletiva. Com base nas questões 7, 10 e 11 do *survey*, esta seção explora os diferentes níveis de identificação dos fãs com Stan Lee e os meios por meio dos quais essa conexão se manifesta. A análise busca compreender como a performance midiática do autor, associada ao seu legado criativo, se inscreve nas práticas de consumo, engajamento e ressignificação operadas pelos fãs brasileiros.

A seguir, são analisadas as questões 7, 10 e 11 do questionário, que tratam das interações dos fãs com a personalidade midiática de Stan Lee e de como os participantes se conectam com sua figura nas plataformas digitais. Autores como Halbwachs, Jenkins e Hall são mobilizados ao longo da análise como sustentação teórica para a interpretação dos dados. No entanto, dada a complexidade dos conceitos operados, opta-se por reapresentá-los brevemente em alguns trechos. Tal estratégia visa reforçar o vínculo entre os dados empíricos e os referenciais teóricos, assegurando que o leitor compreenda como esses conceitos fundamentam a análise das práticas de recepção, engajamento e ressignificação dos fãs brasileiros.

As questões 8 e 9 são avaliadas separadamente, devido à aplicação de uma metodologia distinta para a análise dessas questões. Vale destacar que a questão 11 é subdividida em cinco subtópicos, os quais exploram diferentes aspectos do engajamento dos fãs com o legado de Stan Lee.

Em relação às interações dos fãs com as mídias associadas a Stan Lee, a análise das respostas revelou variações claras de comportamento. As questões 7 e 10 abordam a frequência de interação dos participantes com diferentes formas de conteúdo, como filmes, séries, mídias sociais, livros e HQs. A análise detalha como essas interações variam conforme a faixa etária, gênero e outras variáveis sociodemográficas, fornecendo um panorama abrangente de como os fãs consomem e se conectam com as obras de Stan Lee.

Na questão 11, que aborda as percepções dos fãs sobre a personalidade midiática de Stan Lee, a divisão em cinco subtópicos permitiu uma análise mais detalhada dos diferentes aspectos do legado do criador, considerando tanto a forma como ele é lembrado, quanto os impactos culturais e as representações das suas obras ao longo do tempo.

Questão 7. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 é “não sou fã” e 5 é “sou muito fã”, quanto você se considera fã de Stan Lee?

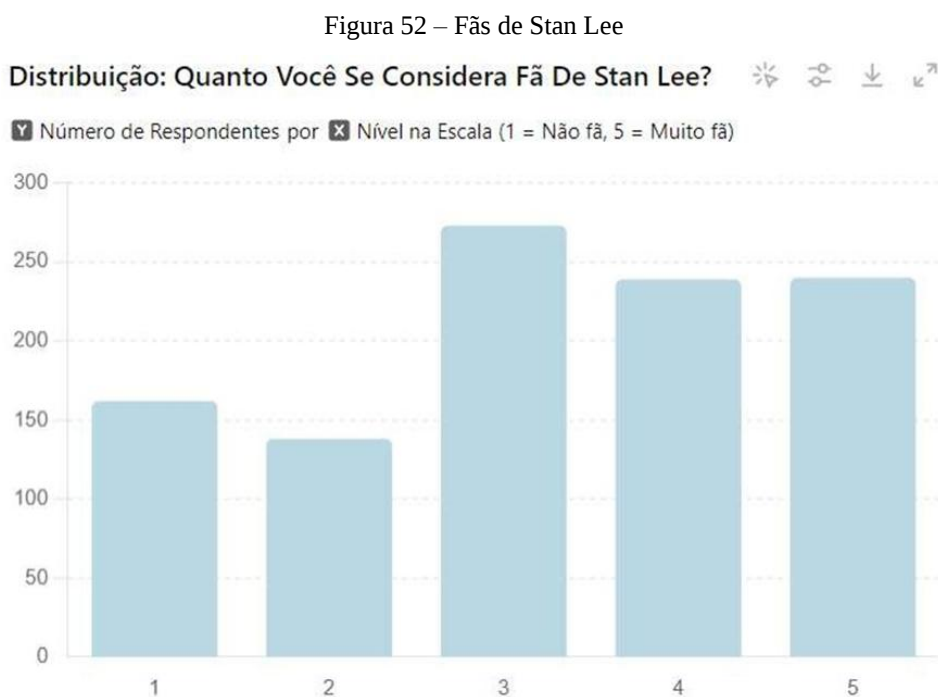
A análise dos dados sobre a identificação dos respondentes como fãs de Stan Lee revela uma distribuição variada. Cerca de 300 pessoas se classificaram nos níveis 1 e 2, indicando baixa identificação com a figura de Stan Lee. Esse grupo representa uma parte significativa da amostra, evidenciando que, para muitos, Stan Lee não ocupa uma posição central em suas preferências de cultura pop.

O nível 3, considerado neutro ou moderado, foi o mais frequente, com 273 respondentes. Esse resultado sugere que uma parcela considerável do público reconhece a importância de Stan Lee, mas não se identifica de forma intensa como fã. Esse comportamento pode refletir um apreço pela sua contribuição cultural, mas sem uma conexão pessoal mais profunda.

Nos níveis 4 e 5, que representam fãs entusiastas, foram registradas 239 e 240 pessoas, respectivamente. Esses números indicam que aproximadamente 50% dos respondentes consideram-se grandes fãs de Stan Lee, destacando a relevância de seu legado e o impacto contínuo de suas obras. Esse público provavelmente consome amplamente os produtos associados à sua figura, como quadrinhos, filmes e documentários.

Esses dados demonstram um equilíbrio entre os que possuem forte identificação com Stan Lee e aqueles que têm pouca ou moderada conexão com sua figura. Essa diversidade reflete a complexidade do fandom e a multiplicidade de perspectivas sobre sua contribuição à cultura pop.

O gráfico abaixo (Figura 52) mostra essa distribuição, destacando as proporções entre os diferentes níveis de identificação.



Fonte: elaborado pela autora.

A análise dos dados sobre a identificação dos respondentes como fãs de Stan Lee revela variações importantes com base em recortes por identificação e região.

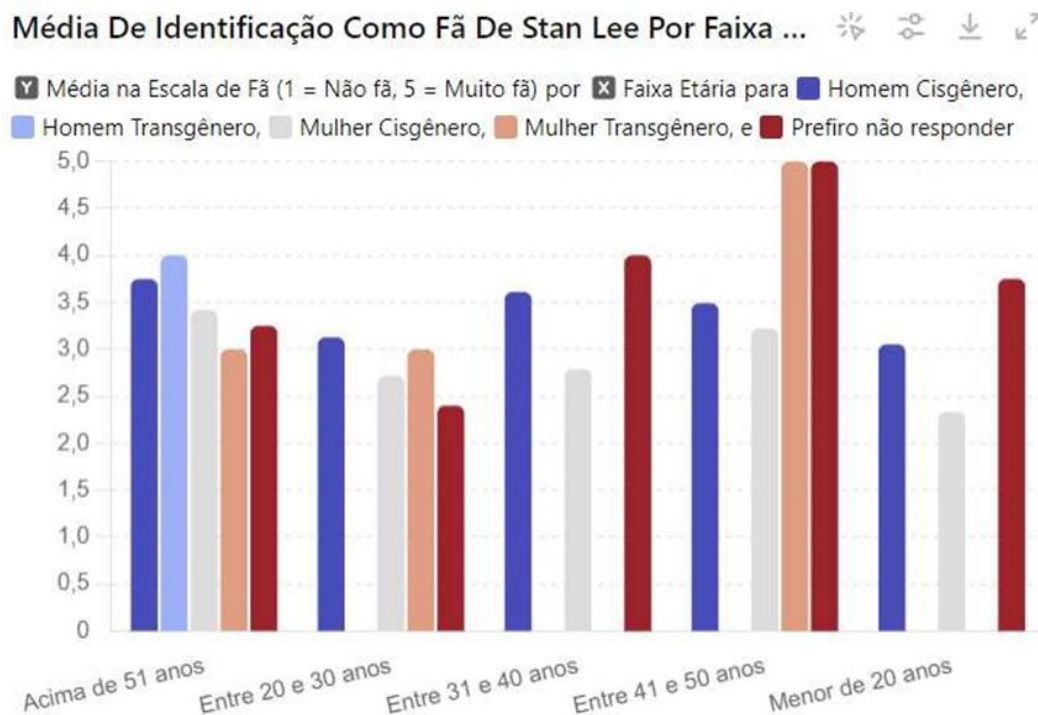
No recorte por identificação, entre os homens cisgêneros, a maior média de identificação foi registrada na faixa etária acima de 51 anos, com média de 3,75, indicando uma forte conexão com as obras clássicas de Stan Lee. As faixas intermediárias, entre 31 e 40 anos (média de 3,61) e 41 e 50 anos (média de 3,49), também apresentaram médias elevadas, enquanto os respondentes menores de 20 anos apresentaram uma média de 3,05, sugerindo um menor engajamento com o legado de Stan Lee. Esse comportamento pode refletir a relação do público mais jovem com a cultura pop de uma forma mais distante ou recente.

Entre as mulheres cisgêneras, a maior média de identificação foi observada na faixa entre 41 e 50 anos, com 3,22. Já as faixas etárias mais jovens, como menores de 20 anos (média de 2,33) e 20 a 30 anos (média de 2,72), apresentaram médias significativamente mais baixas. Esses resultados podem refletir uma relação mais tênue com Stan Lee, talvez relacionada à limitada representatividade feminina nas primeiras obras da Marvel.

Entre os homens transgêneros, a maior média foi registrada na faixa etária acima de 51 anos (média de 4,0), embora a ausência de dados para outras faixas etárias restrinja uma análise mais aprofundada. Mulheres transgêneras demonstraram a maior identificação na faixa etária de 41 a 50 anos, com média de 5,0; enquanto outras faixas, como acima de 51 anos e entre 20 e 30 anos, apresentaram médias mais moderadas (3,0). Isso sugere que a faixa etária entre 41 e 50 anos apresenta um maior vínculo com o legado de Lee, o que poderia refletir mudanças nas percepções sociais e de representação ao longo do tempo. Entre os respondentes que preferem não declarar o gênero, as faixas etárias de 31 a 40 anos (média de 4,0) e 41 a 50 anos (média de 5,0) demonstraram as médias mais altas.

Já a faixa etária de menores de 20 anos também apresentou um engajamento significativo, com média de 3,75, o que indica que, embora jovens, há um vínculo crescente com a figura de Stan Lee. Esses dados demonstram que a identificação com Stan Lee varia significativamente entre faixas etárias e gêneros, com os grupos mais velhos geralmente mostrando maior engajamento. A Figura 53 traz um gráfico que ilustra essa tendência, destacando os padrões observados entre os diferentes grupos.

Figura 53 – Faixa Etária/Gênero de Stan Lee

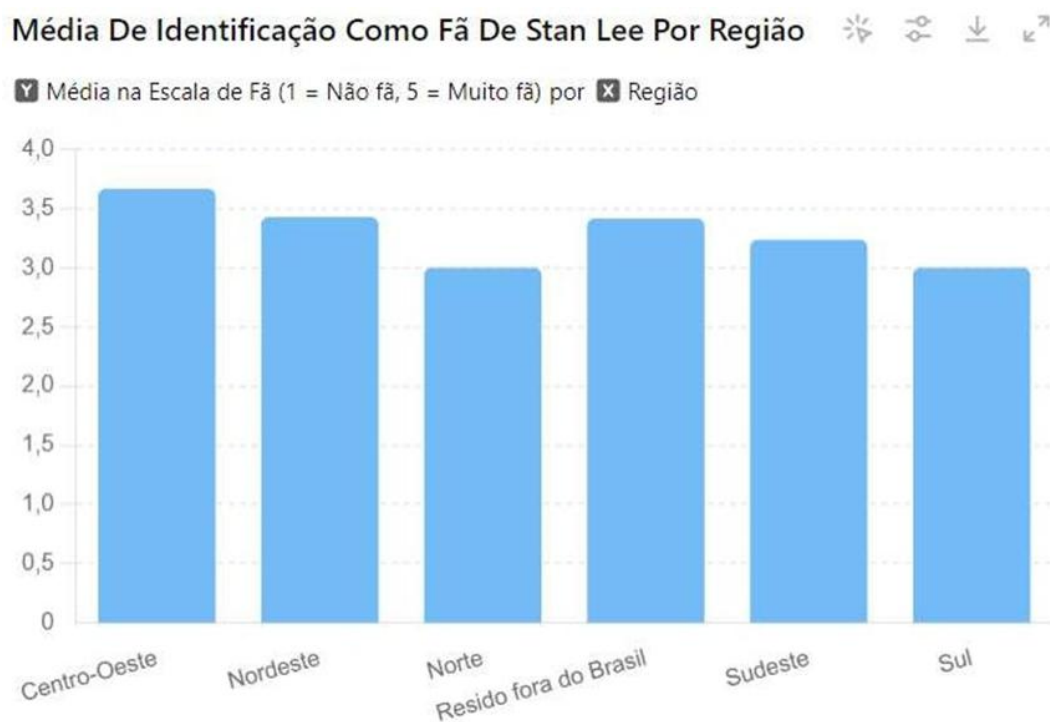


Fonte: elaborado pela autora.

No recorte por região, a análise revela variações significativas nos níveis de engajamento dos respondentes com o legado de Stan Lee. O Centro-Oeste destaca-se com a maior média de identificação (3,67), sugerindo um vínculo mais forte com o legado de Stan Lee. O Nordeste, com média de 3,43, também demonstrou um engajamento moderado, possivelmente impulsionado pelo acesso crescente a plataformas digitais e conteúdos culturais. Os respondentes fora do Brasil apresentaram uma média de 3,42, refletindo o impacto global de Stan Lee. O Sudeste, embora com o maior número de respondentes, teve uma média de identificação de 3,24, o que pode ser explicado pela diversidade cultural da região, e assim influenciar o nível de engajamento com o legado de Lee.

As regiões Norte e Sul apresentaram as menores médias, ambas com 3,00, sugerindo um menor vínculo com o legado de Stan Lee. Esse resultado pode ser atribuído a fatores como o acesso mais restrito a eventos culturais e a exposição limitada a conteúdos relacionados ao universo Marvel. Esses dados indicam que a relação com o legado de Stan Lee é influenciada por variáveis culturais e estruturais que impactam o engajamento nas diferentes regiões do Brasil e fora dele. O gráfico seguinte (Figura 54) ilustra essa distribuição regional, evidenciando as diferenças nos níveis de identificação com o legado de Stan Lee.

Figura 54 – Escala de fãs por região.



Fonte: elaborado pela autora.

Questão 10 - Como você costuma interagir com a personalidade midiática de Stan Lee?

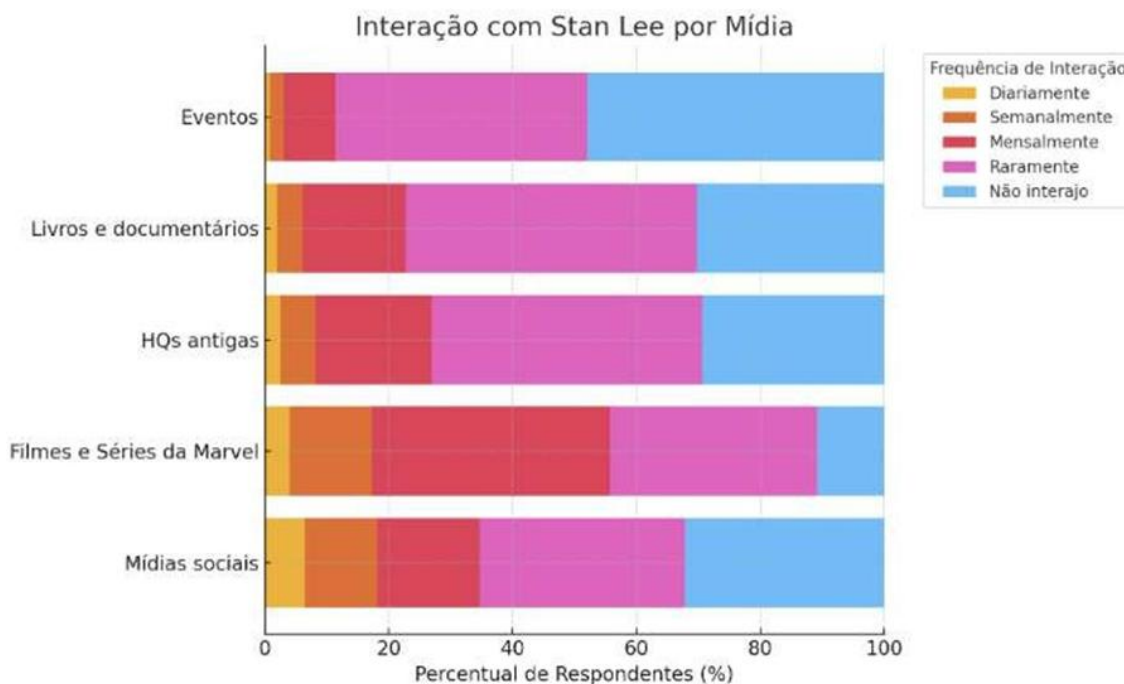
A análise da interação dos participantes com a personalidade midiática de Stan Lee revela diferentes padrões de engajamento entre as faixas etárias e os meios utilizados. Filmes e séries da Marvel se destacam como os canais de maior conexão, com 38,50% dos respondentes interagindo mensalmente. Apenas 10,84% afirmaram não usar esse meio, o que demonstra a popularidade e a relevância contínua da franquia Marvel nas plataformas audiovisuais. Isso também reflete o apelo mais amplo da mídia visual, que permite uma experiência imediata e imersiva.

Em contraste, HQs antigas (43,63% raramente) e livros/documentários (47,05% raramente) têm interações significativamente menos frequentes. Esses dados indicam que, apesar de sua importância histórica, as produções mais tradicionais, como as HQs de Stan Lee e publicações literárias, não geram tanto engajamento quanto os filmes e séries. Isso pode sugerir uma tendência do público atual a buscar formas de consumo mais rápidas e acessíveis, com maior apelo visual, como é o caso das adaptações cinematográficas e de séries.

As mídias sociais, que possuem uma interação diária de apenas 6,56%, demonstram um engajamento baixo entre os respondentes. Esse dado pode refletir que, apesar do alto volume de homenagens e interações nas redes sociais, a participação ativa em discussões diárias ou interações contínuas com a personalidade midiática de Lee, especificamente nessas plataformas, não é a principal forma de consumo para a maioria dos fãs.

O meio de eventos se destaca como o menos utilizado, com apenas 0,86% dos participantes interagindo diariamente (Figura 55). Isso pode refletir a dificuldade de acesso a eventos presenciais, a falta de disponibilidade de eventos relacionados à Marvel em algumas regiões ou uma menor atratividade de tais experiências em comparação com o consumo digital.

Figura 55 – Interação com Stan Lee por mídia



Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisar dados por faixa etária e as interações mensais com filmes e séries da Marvel (Figura 56) tem-se os seguintes dados:

Figura 56 – Interação com Stan Lee por mídia/filmes e séries da Marvel



Fonte: elaborado pela autora.

Para os participantes acima de 51 anos, 37,66% interagem mensalmente com filmes e séries, com 10,88% realizando interações semanais e 41,42% raramente se envolvendo com esse conteúdo. Isso pode sugerir que, enquanto muitos desse grupo se conectam de forma regular com as produções cinematográficas, outros têm uma relação mais esporádica com o conteúdo.

No grupo de 31 a 40 anos, mais de 52% interagem mensalmente com filmes e séries da Marvel, enquanto a grande maioria (95,08%) continua engajada, com apenas 4,92% afirmando não interagir com esse tipo de conteúdo. Esse grupo demonstra uma conexão significativa com

o legado de Lee através das produções da Marvel, refletindo um alto nível de engajamento com o universo Marvel.

Para os fãs entre 20 e 30 anos, a distribuição das interações é mais equilibrada, com 32,56% assistindo mensalmente e 16,28% semanalmente. No entanto, a proporção de 13,95% de fãs que não interagem é notável, o que pode indicar um grupo que ainda está se ajustando ao consumo das produções de Lee ou que prefere outros meios de mídia.

Entre os participantes de 41 a 50 anos, 35,14% interagem mensalmente, com uma proporção similar (35,14%) consumindo filmes e séries raramente. Isso pode indicar um consumo moderado, com uma base de fãs que pode se envolver com conteúdo de forma menos intensa ou regular.

Os participantes menores de 20 anos apresentam padrões de interação distintos, com 38% interagindo mensalmente e 32% raramente, enquanto 12% não interagem de forma alguma. Esse comportamento sugere que o grupo mais jovem ainda busca formas de consumir o conteúdo de Lee, embora, ao mesmo tempo, uma parte significativa não tenha envolvimento direto com as produções da Marvel.

Questão 11 - Acerca das afirmações a seguir, classifique-as conforme a escala a seguir:

- 1) As obras de Stan Lee têm sido adaptadas de forma eficaz para atrair e se conectar com as novas gerações.
- 2) A mídia representa adequadamente o legado de Stan Lee e sua importância para a cultura pop.
- 3) A memória de Stan Lee será preservada como uma parte essencial da história cultural global.
- 4) As obras de Stan Lee contribuíram significativamente para a promoção da diversidade e inclusão na cultura pop
- 5) Acredito que o trabalho de Stan Lee continuará a influenciar gerações futuras.

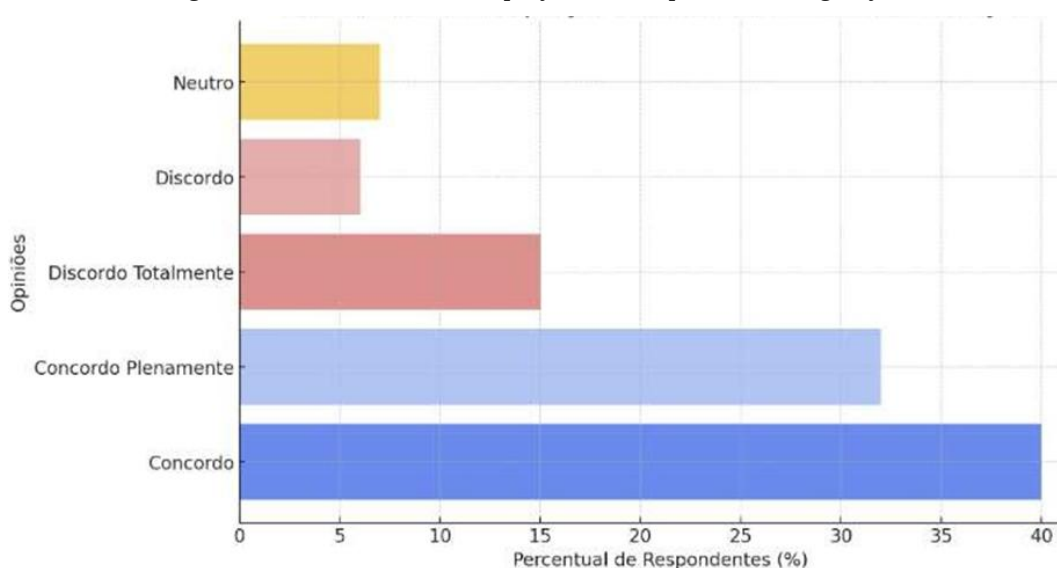
No detalhamento, analisa-se cada grupo de respostas individualmente, separando-as por afirmações. Sobre a primeira afirmação, as obras de Stan Lee têm sido adaptadas de forma eficaz para atrair e se conectar com as novas gerações, a análise da questão sobre a efetividade das adaptações de Stan Lee para novas gerações revela uma predominância de opiniões favoráveis, com mais de 40% dos respondentes concordando com a eficácia dessas adaptações.

A maioria dos participantes vê as adaptações como bem-sucedidas, especialmente no que se refere à Marvel Cinematic Universe (MCU), que desempenha um papel central na manutenção do legado de Lee nas novas gerações. Esse cenário é reforçado pelos 30% de

respondentes que afirmam concordar plenamente, sugerindo que as adaptações não só são eficazes, mas exemplares.

A crítica é moderada, com apenas 5% discordando totalmente, indicando que uma pequena parcela dos fãs considera que as adaptações falham em capturar a essência do trabalho original de Lee ou não têm um impacto positivo. Há também 10% de respostas que discordam, mas de maneira menos enfática, refletindo uma visão crítica, porém não radicalmente oposta. A pequena proporção de respostas neutras (cerca de 5%) sugere que alguns participantes não se envolvem de forma significativa com as adaptações ou não têm uma opinião formada.

Figura 57 – Efetividade das adaptações de Lee para as novas gerações



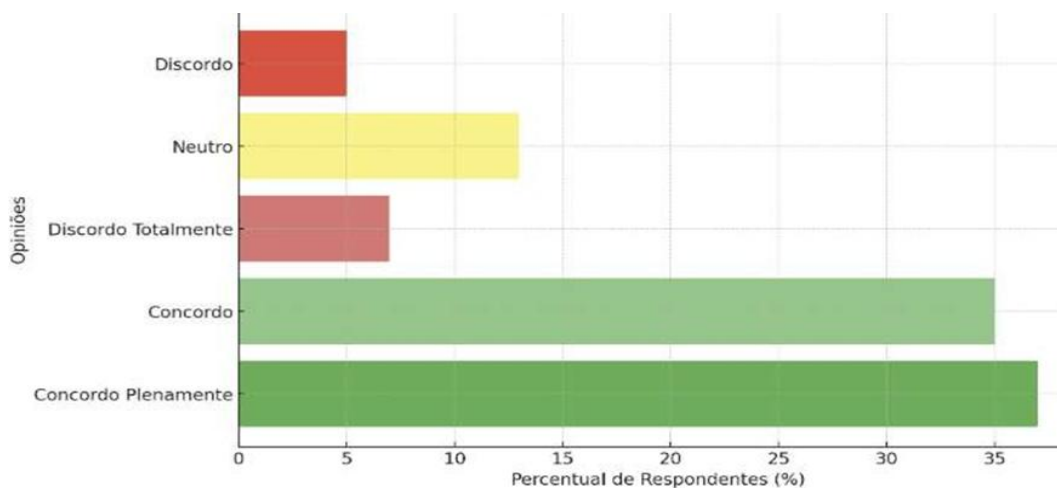
Fonte: elaborado pela autora.

Em termos qualitativos, as respostas indicam que as adaptações têm sido bem recebidas, especialmente entre os fãs mais jovens, que provavelmente veem o MCU como a porta de entrada para o universo de Stan Lee. No entanto, as críticas mais acentuadas apontam para uma perda de profundidade ou uma comercialização excessiva nas adaptações, aspectos que podem afastar os fãs mais antigos, que se conectam com o legado de Lee por meio dos quadrinhos.

Sobre a questão: “A mídia representa adequadamente o legado de Stan Lee e sua importância para a cultura pop” revela que mais de 70% dos respondentes concordam com a afirmação de que o legado de Lee continua relevante. Aproximadamente 37% concordam plenamente e 35% concordam, evidenciando um forte apreço pelo impacto de Lee no universo cultural moderno. A presença de opiniões neutras é moderada (13%), e uma pequena proporção de 7% discordam totalmente, com um número ainda menor (5%) discordando de forma geral. Essa distribuição sugere que a maioria dos participantes reconhece a importância contínua de

Stan Lee, mas existe uma menor parcela que expressa ceticismo ou falta de envolvimento com o legado do criador da Marvel (Figura 58).

Figura 58 – Relevância do Legado de SL na cultura Pop



Fonte: elaborado pela autora.

A análise qualitativa da questão sobre a relevância do legado de Stan Lee na cultura pop atual revela uma gama de respostas que ilustram como o legado de Lee é interpretado dentro de um contexto contemporâneo. Os participantes que concordaram plenamente com a relevância de Lee, frequentemente, destacam o impacto duradouro de suas criações, como os personagens icônicos da Marvel, que continuam a influenciar várias gerações, seja através dos quadrinhos, filmes, séries ou até novas mídias digitais. O legado de Lee é visto como algo universal, abordando temas como diversidade, moralidade e luta pela justiça, o que mantém seus personagens e histórias extremamente relevantes para o público atual.

No entanto, como Jenkins (2009) aponta, a convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e como os consumidores processam conteúdo. A convergência, entendida como um processo contínuo e não um ponto final, descreve como os fãs consomem as narrativas de Stan Lee e participam ativamente da adaptação, discussão e criação de novas representações. Isso reflete o movimento dinâmico entre os fãs e as indústrias de entretenimento, em que o legado de Lee não é apenas preservado, mas também reinterpretado e perpetuado nas novas plataformas culturais.

Aqueles que expressaram uma visão mais neutra ou discordante frequentemente indicaram que o distanciamento geracional pode impactar a percepção do legado de Lee. Alguns sugeriram que as novas gerações podem não entender ou sentir o impacto imediato do trabalho de Lee, dada a predominância de adaptações comerciais de seus personagens para diferentes mídias.

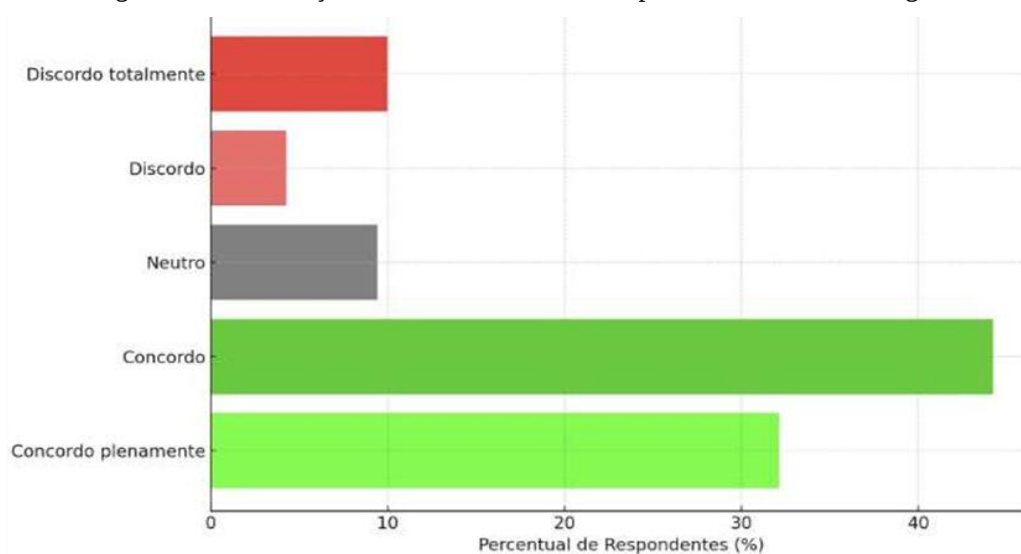
A constante transformação desses personagens, principalmente nos filmes e séries, pode diluir o valor percebido de sua criação original, levando a uma abordagem mais comercial do que criativa. Esse ponto de vista revela uma desconexão por parte de alguns fãs que não vivenciaram o auge da popularidade dos quadrinhos ou que se encontram mais alinhados com as novas tendências da cultura pop. Essas variações indicam que o legado de Stan Lee continua a ser reinterpretado por diferentes gerações de fãs, refletindo as dinâmicas de adaptação e evolução da cultura pop.

A contribuição de Lee, longe de ser estática, é continuamente moldada pelas novas formas de mídia e pelos fãs que interagem com elas.

Quando perguntados se a memória de Stan Lee será preservada como uma parte essencial da história cultural global, a análise das respostas sobre a preservação da memória de Stan Lee como parte essencial da história cultural global revela uma visão predominantemente positiva.

Aproximadamente 44,20% dos respondentes concordam com a afirmação, enquanto 32,13% concordam plenamente, totalizando 76,33% de opiniões favoráveis. Esses resultados refletem o amplo reconhecimento do impacto duradouro de Stan Lee na cultura global; 9,98% discordam totalmente e 4,28% discordam, representando 14,26% de respostas contrárias. Esse grupo pode refletir uma visão cética ou crítica sobre o alcance global da influência de Stan Lee. Além disso, 9,41% dos respondentes permaneceram neutros, indicando que uma parcela do público pode ainda não ter uma opinião definida sobre a relevância histórica de sua memória.

Figura 59 – Preservação da Memória de Lee como parte da história cultural global.



Fonte: elaborado pela autora.

Halbwachs (2013) discute a memória coletiva como um fenômeno que não depende apenas das lembranças individuais, mas da interação entre as memórias compartilhadas por um grupo. Ele afirma que “nada prova que todas as noções e imagens tomadas dos meios sociais de que fazemos parte, e que interferem na memória, não cubram, como uma tela de cinema, uma lembrança individual, mesmo no caso em que não a percebemos” (p. 37).

Ao analisar os dados sobre a preservação da memória de Stan Lee, observa-se que 76,33% dos respondentes demonstraram um reconhecimento substancial do impacto de Lee na história cultural, refletindo uma memória coletiva que transcende a experiência individual. Esse reconhecimento maciço do legado de Lee entre os fãs pode ser compreendido à luz da teoria de Halbwachs (2013), que sugere que as lembranças compartilhadas, como as que envolvem a figura de Stan Lee, são reforçadas e sustentadas por interações sociais contínuas.

Entretanto, os 14,26% de respostas contrárias à afirmação indicam que, embora a memória coletiva seja forte, ela não é homogênea. Alguns respondentes podem ter uma visão mais crítica ou distante da relevância histórica de Lee, refletindo a diversidade de opiniões que surgem dentro de uma mesma comunidade. Isso se alinha com a ideia de que, mesmo dentro de uma memória coletiva, as diferentes experiências individuais e percepções influenciam a maneira como a memória é construída e mantida ao longo do tempo.

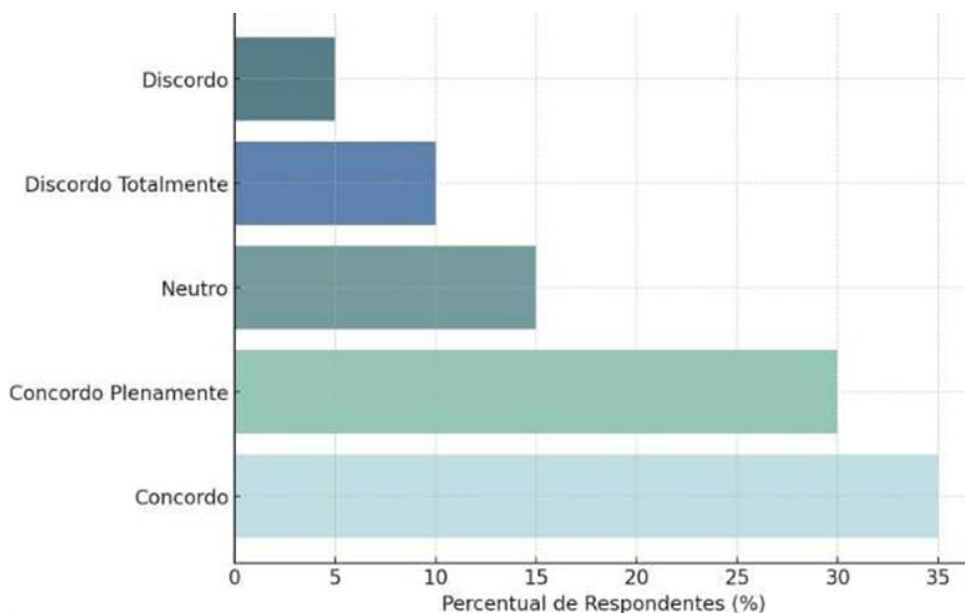
A parcela de 9,41% que permaneceu neutra reforça a ideia de que a memória coletiva nem sempre é clara ou uniforme, e que há um segmento do público que ainda não se posicionou completamente sobre a relevância histórica de Stan Lee. Isso está em consonância com a noção de que a memória coletiva está em constante negociação e evolução, sendo moldada por um processo dinâmico e contínuo de compartilhamento e ressignificação, como sugere Halbwachs (2013).

Sobre a afirmação: as obras de Stan Lee contribuíram significativamente para a promoção da diversidade e inclusão na cultura pop, os dados revelam que a grande maioria dos participantes tem uma opinião favorável em relação à contribuição de Stan Lee para a diversidade e inclusão na cultura pop.

Aproximadamente 35% dos respondentes concordam plenamente com essa afirmação, enquanto 30% concordam, totalizando 65% de opiniões favoráveis. Isso mostra uma percepção sólida e amplamente positiva sobre a contribuição de Stan Lee para esses temas, com grande parte do público reconhecendo sua influência. Em contrapartida, um número inferior de respondentes se posiciona de maneira contrária. Apenas 10% discordam totalmente e 5% discordam, somando 15% de respostas negativas. Isso pode indicar que uma minoria tem uma

visão cética ou diferente sobre o impacto de Stan Lee nesse aspecto da cultura pop, como se pode verificar no gráfico a seguir (Figura 60):

Figura 60 – Contribuição de Lee para diversidade e inclusão na cultura pop



Fonte: elaborado pela autora.

A análise qualitativa do gráfico revela que uma porcentagem significativa de respondentes se mantém neutra (aproximadamente 15%), o que pode indicar um espaço de reflexão, os participantes ainda não possuem uma opinião completamente formada sobre o papel de Stan Lee em relação à diversidade e inclusão. Essa neutralidade foi interpretada à luz dos estudos de Hall (2003), que discute como os indivíduos constroem significados culturais de maneira ativa, mas de acordo com seus próprios contextos e experiências sociais. E afirma que as audiências não são passivas, mas participam ativamente na interpretação e no consumo dos conteúdos culturais, o que implica que esses respondentes neutros podem estar ainda em processo de construção de uma opinião consolidada sobre o impacto de Stan Lee no universo pop, particularmente em relação às questões de diversidade.

Além disso, essa distribuição dos dados também sugere que, embora a contribuição de Stan Lee para a diversidade e inclusão na cultura pop seja amplamente reconhecida e valorizada, com uma maioria expressiva de respostas favoráveis, existe uma pequena fração de fãs que discordam ou permanecem indiferentes. Essa diversidade nas respostas reflete o fenômeno descrito por Hall (2003), que diferentes grupos sociais e indivíduos, baseados em suas experiências e posicionamentos, podem atribuir diferentes significados às mesmas questões culturais. Assim, a contribuição de Stan Lee é reconhecida por uma grande parte desses

indivíduos, mas o grau de envolvimento e percepção sobre seu impacto nas questões de diversidade varia conforme as diferentes experiências e pontos de vista dos fãs.

Sobre a afirmação: acredito que o trabalho de Stan Lee continuará a influenciar gerações futuras, a análise revela uma percepção amplamente positiva — 41,06% dos respondentes concordam com a afirmação, enquanto 40,11% concordam plenamente, totalizando 81,17% de opiniões favoráveis. Esses números destacam a crença majoritária de que o legado de Stan Lee continuará a impactar a cultura pop e a inspirar novos públicos; 8,27% discordam totalmente e 3,71% discordam, somando 11,98% de opiniões contrárias. Esse percentual pode refletir ceticismo sobre a relevância futura das suas obras em um cenário cultural em constante evolução. Além disso, 6,84% dos respondentes mantiveram-se neutros, indicando uma falta de opinião definida sobre o impacto futuro de Stan Lee.

Os dados indicam que Stan Lee é reconhecido como uma figura cultural de grande relevância, cuja memória continua sendo preservada e atualizada por múltiplas gerações de fãs brasileiros. Se, por um lado, sua influência é reafirmada nos produtos culturais da Marvel e nas interações afetivas dos fãs, por outro lado, observa-se também um movimento de crítica e ressignificação, típico de uma cultura participativa. A memória midiática de Lee, portanto, não é unívoca: ela é disputada, celebrada, reinterpretada e reencenada a partir de distintos horizontes geracionais, estéticos e políticos.

(I) Análise de questões qualitativas:

As questões 8 e 9 do *survey* aplicado nesta pesquisa foram concebidas com o objetivo de acessar dimensões subjetivas da memória coletiva e da construção simbólica do legado de Stan Lee entre os fãs brasileiros. Distintas das demais questões de natureza quantitativa, essas perguntas permitiram observar como os respondentes articulam representações culturais espontâneas, oferecendo percepções pessoais que ajudam a iluminar as relações afetivas, simbólicas e críticas que estabelecem com o criador da Marvel. Como destaca Nick Couldry (2015), o ato de compartilhar, arquivar e recontextualizar conteúdos culturais nas plataformas digitais é uma prática de mediação simbólica que permite a reconstrução de sentidos e memórias, produzindo aquilo que se pode chamar de uma gramática coletiva de significação.

A análise qualitativa da questão 8: “Como você descreveria Stan Lee em poucas palavras?” revelou um conjunto heterogêneo de respostas que, mesmo diante de sua aparente simplicidade, oferecem uma chave de leitura sobre o modo como a figura de Lee é representada no imaginário popular. De acordo com Halbwachs (2013), a memória coletiva não é uma reprodução exata do passado, mas uma reconstrução social das lembranças, organizada por

quadros sociais compartilhados. Nessa perspectiva, descrever Lee em poucas palavras é também ativar referências comuns, valores partilhados e repertórios simbólicos que circulam socialmente.

A questão 9, por sua vez, solicitava que os respondentes comparassem Stan Lee com outros criadores de quadrinhos ou de conteúdos culturais similares. Aqui, as respostas ofereceram elementos para compreender como a imagem de Lee se posiciona em relação a outras figuras da indústria cultural. Essa comparação opera como uma forma de ranqueamento simbólico, revelando o capital simbólico que Lee ainda ocupa, ou contestações a esse lugar, no campo da cultura pop, no sentido bourdieusiano do termo.

Segundo Bourdieu (1992), o capital simbólico é o reconhecimento legítimo, socialmente construído, de um agente ou obra, e sua circulação está diretamente ligada aos valores, gostos e disputas internas de um campo social.

As respostas analisadas foram agrupadas por categorias temáticas e submetidas a uma análise de sentimentos, possibilitando observar os tons afetivos predominantes. A maior parte dos termos recorrentes — como “gênio”, “criador”, “Marvel”, “super-heróis” e “inovador” — reforça uma representação positiva e reverencial de Stan Lee, com ênfase em sua genialidade criativa e influência duradoura. Contudo, surgem também vozes dissonantes, ainda que minoritárias, que apontam para a superexposição da figura de Lee em detrimento de outros cocriadores, como Jack Kirby e Steve Ditko, ou para críticas sobre apropriação e marketing em sua trajetória midiática. Essas respostas críticas refletem o que Hall (2003) chama de “polifonia das representações”, ou seja, a coexistência de múltiplas leituras e disputas simbólicas no campo cultural.

A combinação entre a análise semântica e a classificação por perfil sociodemográfico permitiu observar padrões significativos. Participantes mais jovens tendem a associar Stan Lee às mídias audiovisuais — em especial às participações nos filmes do MCU —, enquanto respondentes mais velhos evocam os quadrinhos e a memória afetiva ligada às leituras da juventude. Esses achados corroboram a tese de Halbwachs (2013) de que a memória coletiva é também geracional e mediada pelos dispositivos de comunicação disponíveis em cada época.

A convergência entre as práticas de consumo e produção de conteúdo, conforme discutido por Jenkins (2009), também se faz presente: fãs não apenas consomem, eles reelaboram e disputam significados. O universo simbólico de Stan Lee, longe de ser estático, é ressignificado pelas gerações e grupos de fãs, num processo contínuo de mediação, apropriação e transformação das imagens culturais.

Desta forma, essas análises qualitativas demonstram que a construção simbólica de Stan Lee não ocorre de maneira unívoca ou homogênea. O conjunto de respostas evidencia uma memória coletiva plural, em constante negociação, coexistindo reconhecimento, reverência, crítica e reinterpretação. Essas dinâmicas reforçam a importância de abordagens qualitativas em pesquisas que buscam compreender a complexidade das práticas de recepção e os modos de significação na cultura pop contemporânea.

(II) Análise de questões qualitativas:

As análises qualitativas das questões 8 e 9 oferecem uma visão mais detalhada sobre como os respondentes percebem Stan Lee e seu impacto na cultura pop.

A questão 8 investiga as associações espontâneas que surgem ao mencionar o nome de Stan Lee, revelando palavras e imagens que destacam sua influência como criador e a importância simbólica de seu legado. Já a questão 9 compara Stan Lee com outros criadores de quadrinhos e figuras do entretenimento, oferecendo uma perspectiva sobre como ele se posiciona no imaginário cultural e na história da indústria.

Essas análises complementam os dados quantitativos, ao explorar as dimensões subjetivas e interpretativas do legado de Stan Lee, proporcionando uma compreensão mais abrangente de sua relevância.

A análise das respostas à pergunta aberta — “Como você descreveria Stan Lee em poucas palavras?” — oferece um panorama revelador sobre o lugar simbólico que o autor ocupa no imaginário coletivo dos fãs brasileiros. As descrições expressas espontaneamente pelos respondentes delineiam tanto traços objetivos de sua trajetória quanto atributos afetivos e valorativos, revelando percepções que vão além da mera admiração.

A maior parte das respostas pode ser agrupada em quatro grandes categorias: (a) Visionário/Genialidade (21,10%), com ênfase em sua criatividade e capacidade de inovação narrativa; (b) Criador/Inventor (11,41%), que remete diretamente à sua atuação como fundador de parte significativa do universo Marvel; (c) Outros (59,51%), um campo amplo e heterogêneo com subcategorias que incluem conexão com a obra (26,84%) e atribuição de status (1,92%), além de uma multiplicidade de descrições não classificáveis diretamente; e (d) categorias dispersas com enfoque descritivo, biográfico ou emocional, indicando que muitos respondentes preferiram uma abordagem mais pessoal, sugerindo identificação subjetiva com o autor.

No campo lexical, destacam-se termos como “criador”, “gênio”, “criativo”, “Marvel”, “super-heróis”, “filmes”, “personagens” e “inovador”, todos associados à ideia de Stan Lee como força motriz da cultura pop contemporânea. Também emergem termos que denotam

criador é uma figura mediada por memes, filmes e reinterpretações digitais, mais do que pela leitura direta dos quadrinhos.

Do ponto de vista regional, as regiões Centro-Oeste e Sul apresentaram maior índice de reconhecimento da visão criativa de Stan Lee, com 33,33% e 34,62% das respostas na categoria Visionário/Genialidade, respectivamente. Essa distribuição pode estar relacionada a fatores de acesso à cultura nerd, à circulação das obras de Lee e à popularidade das produções da Marvel em determinados circuitos culturais.

Conforme argumenta Bourdieu (1992), o valor simbólico de uma figura como Stan Lee não se limita à sua produção artística direta, mas decorre do modo como sua imagem é mobilizada socialmente e convertida em capital simbólico em diferentes campos. Assim, a forma como os respondentes o descreve — com ênfase ora em sua genialidade, ora em sua função institucional — reflete diferentes disposições sociais, *habitus* e formas de aproximação com o universo da cultura pop.

Complementarmente, Hall (2003) reforça que as representações culturais não são estáticas, mas sim construções ideológicas em disputa. As descrições de Lee variam conforme a geração e o contexto cultural dos respondentes: os mais jovens, cuja experiência com o autor se dá majoritariamente via MCU e mídias digitais, tendem a apresentá-lo como uma referência icônica, mas distante; já os respondentes mais velhos, com vivências mais próximas do material impresso, expressam admiração mais afetiva e consolidada. Isso evidencia o caráter relacional e histórico das representações culturais.

Por fim, Halbwachs (2013) reforça que a memória coletiva é um processo dinâmico de reconstrução simbólica que depende da ancoragem social das lembranças. A variação de percepção entre os grupos analisados sugere que a imagem de Stan Lee está em constante ressignificação, conforme as experiências sociais e culturais que os sujeitos vivenciam. Mais do que uma unanimidade, Stan Lee permanece como um signo multifacetado, em disputa no interior da memória coletiva midiática.

A comparação entre Stan Lee e outros criadores de quadrinhos, realizada por meio da questão 9 do *survey*, permitiu identificar tanto a percepção de sua singularidade quanto os limites de sua consagração no campo cultural. A análise qualitativa das respostas revela uma tendência predominante a reconhecer Stan Lee como uma figura inigualável, cuja contribuição para o universo dos quadrinhos transcende o âmbito autoral e alcança um status simbólico.

As palavras mais recorrentes nas respostas — como “Stan” (395 vezes), “Lee” (292 vezes), “ele” (257 vezes), “mais” (195 vezes) e “não” (294 vezes) — indicam que boa parte dos participantes não vê Stan Lee como facilmente comparável a outros criadores. A expressão

recorrente “não tem comparação” sintetiza essa percepção de excepcionalidade, enquanto termos como “pioneiro”, “visionário” e “ícone” reforçam a ideia de que sua trajetória é vista como fundacional para a consolidação dos quadrinhos como linguagem artística e produto cultural de massa.

Contudo, também emergem críticas e tensões latentes em torno da figura de Lee. Um segmento relevante dos respondentes chama atenção para as disputas de autoria e para o apagamento de colaboradores como Jack Kirby e Steve Ditko. Essas menções sugerem que, embora reconhecido como uma personalidade midiática carismática e influente, Lee é também percebido como alguém que acumulou prestígio em detrimento de uma representação mais equitativa das colaborações criativas.

Essa ambivalência remete diretamente à discussão de Bourdieu (1992) sobre o campo artístico e os mecanismos de consagração simbólica. A visibilidade de Stan Lee, sustentada por seu capital midiático e sua performance pública, não pode ser dissociada das estratégias de legitimação que ele mobilizou ao longo de sua carreira. Nesse contexto, o “capital simbólico” de Lee é, ao mesmo tempo, reconhecido e tensionado, especialmente quando comparado ao de autores menos midiáticos, mas igualmente fundamentais para a construção do cânone da Marvel.

Dentre os nomes citados como pontos de comparação, destacam-se Jack Kirby, Steve Ditko, Alan Moore e até mesmo Maurício de Sousa. Kirby e Ditko são frequentemente mencionados como cocriadores subvalorizados, enquanto Moore aparece como um contraponto estético e ético, com uma obra marcada por experimentalismo e crítica à indústria. Já a menção a Maurício de Sousa reflete uma tentativa de aproximação cultural local, ressaltando o papel de figuras que atuam simultaneamente como criadores, empresários e ícones nacionais.

A recorrência da palavra “quadrinhos” (462 vezes) nas respostas reforça que os critérios de comparação entre Stan Lee e outros autores se concentram, majoritariamente, na dimensão artística e narrativa de suas obras, mais do que em questões institucionais ou mercadológicas. No entanto, a análise de sentimento associada a essa questão revela um equilíbrio: embora a maioria das respostas tenha um tom neutro (85%), aproximadamente 13% expressam um tom positivo e 2% um tom negativo. Essas nuances apontam para um campo de disputas simbólicas que ainda permanece aberto e em transformação.

A partir da perspectiva de Hall (2003), pode-se afirmar que as representações de Stan Lee não são estáticas, mas sujeitas a ressignificações conforme os contextos culturais e históricos. Nesse sentido, a forma como ele é posicionado pelos fãs em relação a outros autores

revela não apenas percepções sobre mérito e autoria, mas também os valores e as expectativas projetadas sobre a figura do criador no universo contemporâneo da cultura pop.

Essa multiplicidade de avaliações torna evidente que o legado de Stan Lee, embora amplamente celebrado, é também atravessado por disputas narrativas, que os fãs mobilizam para reafirmar ou problematizar os mecanismos de reconhecimento dentro do campo dos quadrinhos. Assim, esta seção reforça a importância de compreender a memória cultural de figuras como Stan Lee não como consenso, mas como processo — dinâmico, conflituoso e constantemente rearticulado.

As respostas abertas fornecidas pelos participantes da pesquisa revelam uma camada interpretativa fundamental para compreender como o legado de Stan Lee é vivido, reinterpretado e ressignificado pelo público. Distanciando-se de classificações rígidas ou polarizações simplistas, essa etapa qualitativa da análise permite acessar os sentidos subjetivos atribuídos à figura de Lee, evidenciando tanto afetos quanto tensões críticas.

Entre os comentários coletados, destacam-se sentimentos de admiração, reconhecimento e gratidão, frequentemente ancorados em experiências pessoais com os personagens e narrativas criadas por Lee. Um dos respondentes afirmou: “Para mim fica a impressão de que ele consegue criar universos e personagens com uma facilidade e profundidade impressionantes.” Tal declaração indica não apenas o reconhecimento da complexidade narrativa do autor, mas também a identificação emocional gerada a partir do consumo dessas histórias ao longo do tempo. Como observa Hills (2002), a cultura do fandom é marcada por vínculos emocionais duradouros, nos quais os fãs mobilizam elementos simbólicos para construir identidades e pertencimentos compartilhados.

Outro participante relatou: “Ele está em outro patamar pois o universo dele é algo vivo até hoje”. Essa percepção demonstra a vitalidade do legado de Lee, entendido não como estático, mas como uma obra em constante atualização. A noção de “universo vivo” remete à ideia de obra aberta, conforme proposto por Eco (1993), em que o texto é continuamente atualizado pelo leitor/espectador. As múltiplas camadas de sentidos atribuídas a Lee — ora como criador, ora como ícone midiático — reforçam essa lógica interpretativa dinâmica, na qual a recepção cultural não se limita à fruição passiva, mas envolve reelaboração ativa por parte do público.

As análises de sentimento realizadas com base nas respostas textuais evidenciam, majoritariamente, tons positivos, com expressões como “gênio”, “inspirador”, “criativo”, “visionário” e “eterno” sendo amplamente empregadas. Essas escolhas lexicais evidenciam a construção de um *ethos* admirado e reverenciado, mesmo quando mediado por narrativas

comerciais contemporâneas. Contudo, algumas respostas também trazem críticas, especialmente no que tange à superexposição da figura de Lee ou à centralização de sua autoria em detrimento de colaboradores como Jack Kirby e Steve Ditko. Essas observações reforçam que o processo de memória coletiva — conforme argumenta Halbwachs (2013) — não é homogêneo, mas sujeito a disputas simbólicas que reconfiguram constantemente o papel de determinados sujeitos históricos.

De modo geral, a recepção da figura de Stan Lee nas respostas abertas revela que, para muitos fãs brasileiros, seu legado transcende o domínio da autoria de quadrinhos e adentra o campo mais amplo da cultura popular global. Lee é lembrado não apenas por suas criações, mas também por sua capacidade de estabelecer pontes entre diferentes gerações, mídias e sensibilidades culturais. O conteúdo das respostas analisadas confirma a hipótese de que os fãs, além de consumirem as obras de Stan Lee, produzem sentidos e valores que mantêm sua memória ativa e culturalmente relevante.

A análise das respostas obtidas na segunda parte do questionário revelou a complexidade das formas pelas quais a figura de Stan Lee é percebida, representada e ressignificada pelos fãs brasileiros. O cruzamento entre dados quantitativos e qualitativos evidencia que Stan Lee ocupa um lugar ambíguo e multifacetado na cultura pop: simultaneamente ícone midiático, criador reverenciado e objeto de disputas simbólicas. Sua personalidade midiática, consolidada ao longo de décadas de atuação nos quadrinhos, no cinema e em aparições públicas, continua a inspirar admiração e engajamento, sobretudo por parte de públicos mais velhos que viveram diretamente os períodos clássicos da Marvel.

As gerações mais jovens demonstram uma percepção menos intensa ou mais mediada por suas participações nos filmes do MCU, o que reforça a importância da convergência midiática como espaço de atualização e continuidade do seu legado. Essa transição geracional, apontada por Jenkins (2009), evidencia como os fãs desempenham um papel ativo na recepção e na produção simbólica da memória cultural.

As análises qualitativas reforçam que a memória de Stan Lee é marcada por um capital simbólico (Bourdieu, 1992) em constante negociação. Termos como “gênio”, “visionário”, “criador”, mas também “polêmico” e “apropriador”, emergem como indícios de uma figura cujo impacto cultural é incontornável, ainda que permeado por tensões sobre autoria e reconhecimento. A diversidade de respostas também corrobora os pressupostos de Halbwachs (2013), ao mostrar que a memória coletiva é construída de modo social e relacional — a partir da interação entre grupos, referências históricas e experiências mediadas culturalmente.

A comparação com outros criadores e as análises de sentimentos evidenciam que Stan Lee permanece como um ponto de referência central no campo das narrativas heroicas contemporâneas, ainda que seus significados estejam sujeitos a reformulações constantes. A figura de Lee, portanto, não é apenas lembrada — ela é continuamente reinterpretada. E é justamente nesse movimento de reelaboração que se confirma a vitalidade de sua presença na cultura digital, nos discursos do fandom e nos processos coletivos de construção da memória pop.

2.4.3 Análise do bloco 3 - sobre a Marvel e a MCU

A presente seção examina o engajamento dos respondentes com a marca Marvel e suas produções audiovisuais, particularmente aquelas inseridas no MCU (Universo Cinematográfico Marvel). A partir da análise das respostas à questão 12 e da escala Likert aplicada na questão 13, busca-se compreender como os participantes avaliam a qualidade, os valores e as estratégias de representação da Marvel, bem como seu grau de identificação com a franquia. Em diálogo com as seções anteriores, esta parte permite contrastar a imagem institucional da Marvel com a figura de Stan Lee, identificando aproximações e distanciamentos nas formas como os fãs constroem sentido, pertencimento e crítica em relação à cultura midiática contemporânea. Ao final, propõe-se uma análise comparativa que evidencia as tensões e convergências entre o reconhecimento da Marvel como marca global e a memória afetiva associada ao seu cofundador.

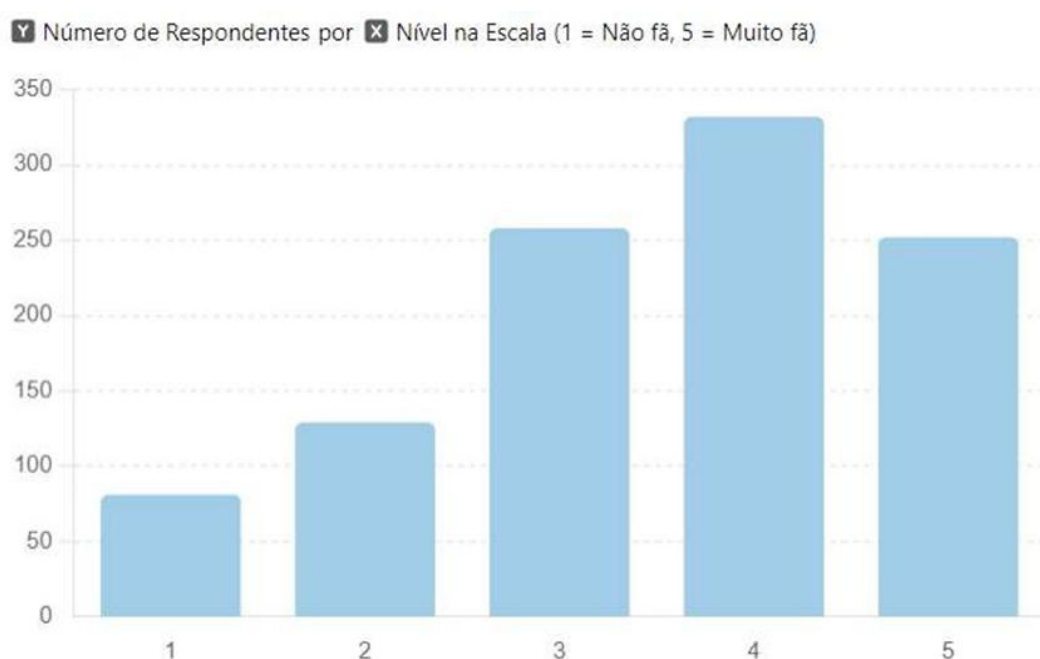
A análise da questão 12, “Em uma escala de 1 a 5, quanto você se considera fã da Marvel?”, revela uma distribuição diversificada entre os participantes. O maior grupo de respondentes se posicionou no nível 4 da escala, com 332 pessoas, indicando uma forte apreciação pela Marvel. Esses participantes provavelmente consomem amplamente os produtos e conteúdo da franquia, como filmes, séries e quadrinhos, mas sem se identificarem como fãs extremos. O segundo maior grupo, com 258 respondentes, está no nível 3, representando fãs moderados. Esse público parece manter uma relação equilibrada com a franquia, apreciando algumas de suas produções, mas sem um envolvimento profundo. Juntos, os níveis 3 e 4 dominam a distribuição, o que demonstra que a maioria dos participantes se considera de moderada a fortemente ligada à Marvel.

O nível 5, que representa os fãs mais engajados, reúne 252 respondentes. Esse número reforça o apelo contínuo da marca, com um grupo significativo de participantes que provavelmente consomem intensamente os produtos da franquia e possuem um alto grau de identificação com ela. Nos níveis inferiores, 81 pessoas se classificaram como não fãs (nível

1), e 129 como pouco fãs (nível 2). Esses grupos menores podem incluir indivíduos que não consomem ativamente os conteúdos da Marvel ou que preferem outras franquias de entretenimento.

Essa diversidade sugere que, embora a Marvel alcance um público amplo, nem todos os respondentes se identificam com a marca de forma intensa. O gráfico a seguir (Figura 62) reflete essas tendências, com picos claros nos níveis 3 e 4, o que evidencia a amplitude do fandom da Marvel, abrangendo desde apreciadores casuais até fãs dedicados, e destaca a presença de uma parcela do público que mantém uma relação mais distante com a franquia.

Figura 62 – Quanto você se considera fã da Marvel.



Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisar os dados, é possível observar que a faixa etária “Acima de 51 anos” apresenta um comportamento distinto, com um número considerável de respondentes posicionando-se no nível 4, indicando uma forte apreciação pela Marvel, mas sem chegar a um fanatismo extremo. É importante notar que esse grupo apresenta uma menor representatividade nos níveis mais baixos (1 e 2), sugerindo que os indivíduos dessa faixa etária têm uma relação mais moderada ou positiva com a franquia, porém sem uma grande intensidade de envolvimento.

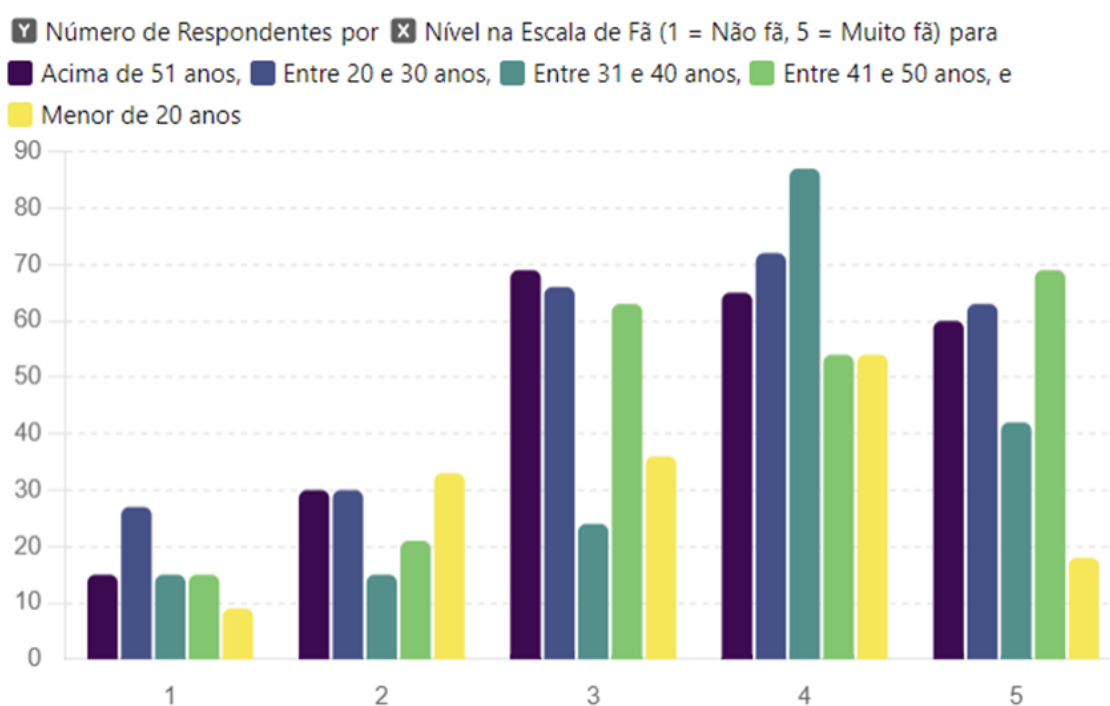
Os respondentes na faixa etária “Menor de 20 anos” apresentam um padrão diferenciado, com uma proporção maior nos níveis 1 e 2, indicativo de que esses jovens têm menos envolvimento com a Marvel ou preferem outras franquias. Ao mesmo tempo, observam-

se registros razoáveis nos níveis 3 e 4, sinalizando haver um pequeno número de jovens fãs moderados a engajados.

A faixa “Entre 20 e 30 anos” mostra-se com uma distribuição mais equilibrada, com uma inclinação para os níveis 4 e 5, refletindo um grande número de fãs engajados, seguidos de moderados. Já o grupo “Entre 31 e 40 anos” apresenta uma distribuição relativamente uniforme em toda a escala, com um pico de intensidade de fãs nos níveis 4 e 5.

Finalmente, a faixa “Entre 41 e 50 anos” tem uma distribuição similar à faixa etária de 31 a 40 anos, com a maioria se posicionando nos níveis 3 e 4, sugerindo uma relação equilibrada com a Marvel, entre o reconhecimento e a apreciação, mas sem um envolvimento extremo, como se observa no gráfico apresentado na Figura 63.

Figura 63 – Fãs da Marvel por faixa etária



Fonte: elaborado pela autora.

A análise da identificação com a Marvel por região revela diferenças significativas no nível de engajamento dos respondentes. O Centro-Oeste se destaca com a maior média de identificação, 4,0, indicando uma forte conexão com a franquia, possivelmente influenciada pelo crescente acesso a conteúdos culturais e eventos relacionados. O Sul ocupa o segundo lugar, com uma média de 3,62, evidenciando uma base de fãs consistente e engajada. Já o Sudeste, embora concentre o maior número de respondentes, apresenta uma média de 3,52, refletindo a diversidade cultural da região, com níveis de identificação variados.

Na região Nordeste, a média de 3,48 sugere um engajamento moderado, impulsionado pelo aumento no acesso a plataformas digitais, embora existam limitações em eventos e convenções locais. A região Norte apresenta a menor média, 2,6, indicando desafios estruturais, como o menor acesso a cinemas e eventos culturais, o que pode impactar o envolvimento com a franquia. Por fim, os residentes fora do Brasil têm uma média de 3,33, destacando a relevância global da Marvel, mesmo entre públicos expatriados.

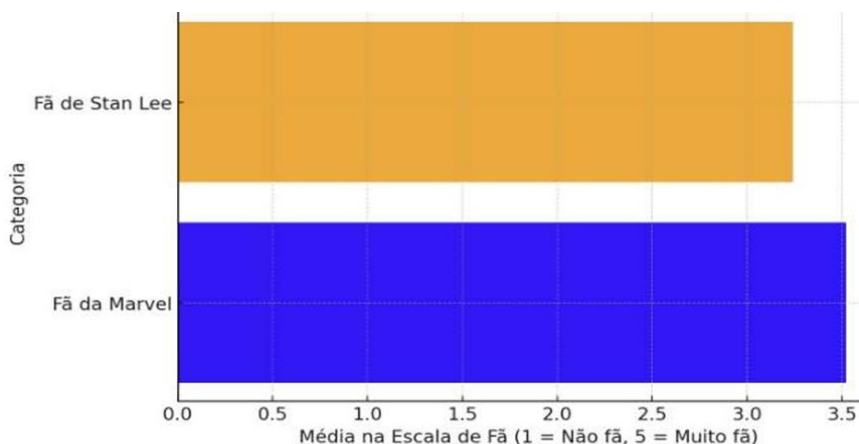
(I) Análise comparativa Marvel X Stan Lee:

A análise comparativa entre os níveis de identificação como fãs da Marvel e de Stan Lee revela diferenças importantes. A média de identificação como fã da Marvel é de 3,52, indicando um alto nível de engajamento geral com a franquia. Em contrapartida, a média de identificação como fã de Stan Lee é ligeiramente inferior, com 3,24, sugerindo que, embora Stan Lee seja amplamente reconhecido, seu legado não está tão diretamente vinculado ao fandom atual quanto o universo Marvel em si.

A correlação entre os dois grupos é de 0,71, indicando uma relação forte. Isso significa que, geralmente, quem se identifica como fã da Marvel também tende a reconhecer e apreciar Stan Lee, embora em um nível um pouco menor. Essa diferença pode ser explicada pelo fato de que a popularidade da Marvel hoje está fortemente associada às produções cinematográficas e televisivas modernas, que expandiram a base de fãs para além das contribuições diretas de Stan Lee.

A Figura 64 ilustra essas diferenças por meio de um gráfico evidenciando como o fandom da Marvel supera ligeiramente o fandom de Stan Lee em termos de média de identificação.

Figura 64 – Comparação das médias de identificação.



Fonte: elaborado pela autora

A análise dos dados apresenta uma clara diferença na identificação com Stan Lee e a Marvel entre os diferentes gêneros. Os homens cisgêneros lideram a identificação, com médias de 3,45 para Stan Lee e 3,61 para a Marvel. Esse padrão sugere um forte vínculo histórico com os quadrinhos e a cultura pop, com ênfase na criação de super-heróis por Stan Lee, que foi amplamente voltada para um público masculino. A maior média para a Marvel reflete também o crescimento da franquia, ampliando seu apelo e engajamento ao longo dos anos.

Já as mulheres cisgêneras demonstram uma identificação mais moderada com Stan Lee, com média de 2,88, contrastando com a média de 3,35 para a Marvel. Essa diferença pode estar relacionada à histórica falta de representatividade feminina nas obras iniciais de Lee. Embora a Marvel tenha avançado em direção a uma representação mais inclusiva, a percepção de um legado de super-heróis predominantemente masculinos pode afetar a identificação das mulheres com Stan Lee de forma mais direta.

Entre os grupos transgêneros, observa-se uma identificação mais alta, especialmente entre os homens transgêneros, com média de 4,0 tanto para Stan Lee quanto para a Marvel. Esse engajamento elevado pode ser atribuído à presença de temas como diversidade e inclusão, muito evidentes nas produções mais recentes, como as histórias da MCU especialmente na fase 4, que abordam questões de marginalização e identidade. As mulheres transgêneras também apresentam uma boa identificação, com 3,5 para Stan Lee e 4,0 para a Marvel, destacando o vínculo com os esforços inclusivos da marca.

Por fim, os respondentes que optaram por não se identificar com um gênero específico demonstraram uma identificação consistente, com médias de 3,38 para Stan Lee e 3,44 para a Marvel. Isso sugere uma relação equilibrada, porém não tão intensa quanto a observada nos grupos transgêneros.

A questão 13 possui 5 afirmações, o entrevistado deveria concordar ou discordar conforme a escala Likert de 5 pontos, a saber:

- i. A Marvel promove efetivamente a diversidade e inclusão em suas obras.
- ii. Eu me identifico com os valores e mensagens transmitidos pela Marvel.
- iii. Estou satisfeito com as adaptações cinematográficas e televisivas dos quadrinhos da Marvel.
- iv. Reconheço facilmente os personagens e histórias associados à Marvel.
- v. Considero os filmes, séries e quadrinhos da Marvel de alta qualidade após a morte de Stan Lee.

Sobre a primeira afirmação, A Marvel promove efetivamente a diversidade e inclusão em suas obras, a análise dos dados revela que, em relação à afirmação “A Marvel promove efetivamente a diversidade e inclusão em suas obras”, a maioria dos respondentes (44,2%) concorda com a afirmação, enquanto 18,9% concordam plenamente, evidenciando um reconhecimento considerável da Marvel como promotora desses valores. No entanto, 19,7% dos participantes mantiveram uma posição neutra, sugerindo que a promoção de diversidade e inclusão pela Marvel pode não ser vista como um fator de impacto significativo para todos os fãs. Um grupo menor, de 9%, discorda da afirmação, e 8,2% discordam totalmente, refletindo uma visão crítica sobre a efetividade da Marvel nesse aspecto.

Na análise qualitativa, os dados indicam que a Marvel é amplamente reconhecida pelo seu esforço em representar diferentes grupos e narrativas, especialmente com as produções mais recentes que abordam questões de gênero, etnia e diversidade. Porém, a presença de respostas neutras e discordantes pode indicar que, embora a Marvel tenha avançado, nem todos os fãs veem as ações da empresa como totalmente eficazes ou impactantes.

Para os críticos, a abordagem da Marvel pode não ser vista como genuína ou suficiente, possivelmente devido às limitações nas representações ou à percepção de que essas mudanças são impulsionadas por tendências de mercado mais do que por um compromisso real com inclusão. Dessa forma, a análise qualitativa sugere que a diversidade e a inclusão são temas discutidos dentro do fandom da Marvel, mas as respostas variam de acordo com as experiências pessoais e as expectativas dos fãs sobre como esses valores devem ser abordados nas produções culturais.

Sobre a segunda afirmação: Eu me identifico com os valores e mensagens transmitidos pela Marvel. A análise quantitativa dos dados sobre a identificação dos respondentes com os valores e mensagens transmitidos pela Marvel revela que 34,6% concordam com a afirmação de que se identificam com esses valores, enquanto 13% concordam plenamente. Isso indica que uma grande parte do público se sente alinhada com os princípios e mensagens presentes nas produções da Marvel.

No entanto, uma parcela significativa de 34,4% se manteve neutra, sugerindo que, embora a Marvel tenha um impacto considerável, nem todos os fãs se identificam completamente com suas propostas ideológicas; 12,7% dos participantes discordam da afirmação, e 5,4% discordam totalmente, indicando que há um segmento do público que não se sente representado ou que discorda das mensagens transmitidas pela franquia.

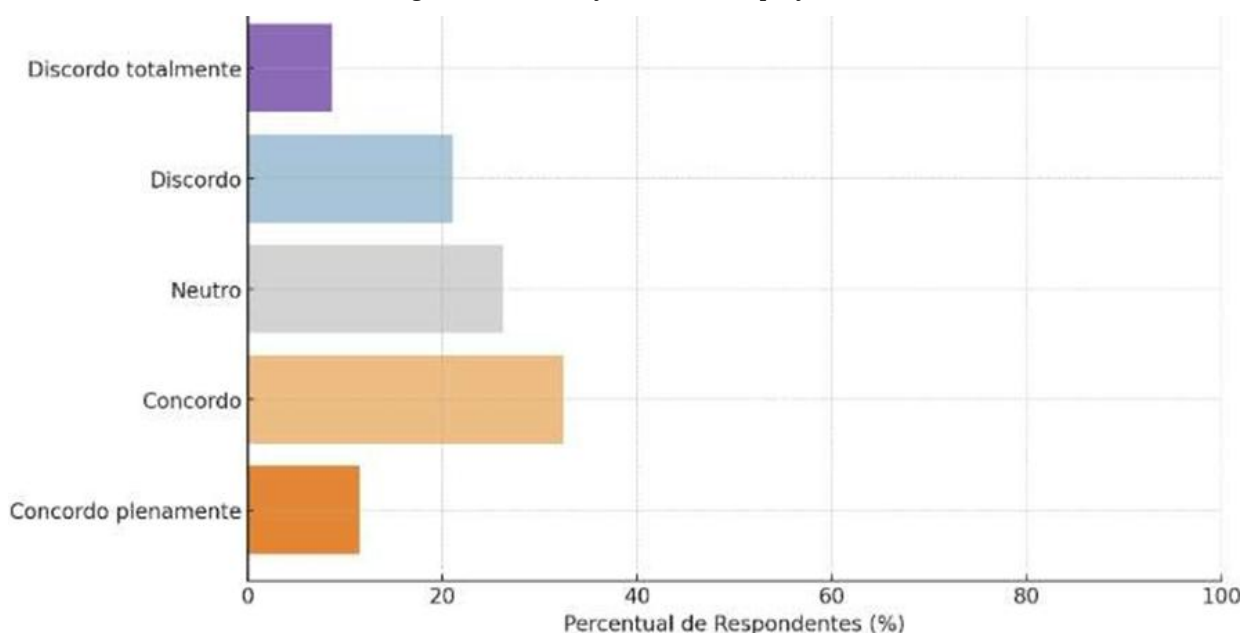
Em termos qualitativos, os dados sugerem que a Marvel transmite valores que são amplamente apreciados, especialmente entre os fãs que reconhecem sua capacidade de tratar temas como justiça, igualdade e superação. Porém, a presença de uma quantidade considerável de respostas neutras e discordantes também pode indicar uma percepção mista sobre a autenticidade ou profundidade desses valores. Alguns fãs podem questionar a forma como esses valores são abordados, possivelmente vendo-os como comerciais ou superficiais, em vez de genuínos e profundos.

Isso revela que, embora a Marvel seja uma marca que promove uma mensagem positiva em muitas de suas produções, a conexão com esses valores não é homogênea entre todos os membros do seu público. A análise qualitativa sugere que o apelo dos valores da Marvel varia dependendo das expectativas e experiências pessoais de cada fã, com alguns buscando uma identificação mais profunda e outros permanecendo céticos quanto à sinceridade dessas mensagens.

Sobre a terceira afirmação: “Estou satisfeito com as adaptações cinematográficas e televisivas dos quadrinhos da Marvel”. A análise quantitativa dos dados sobre a satisfação com as adaptações cinematográficas e televisivas da Marvel revela que 32,4% dos respondentes concordam com a afirmação, enquanto 11,5% concordam plenamente. Esses dados indicam que uma parte significativa dos fãs está satisfeita com as produções cinematográficas e televisivas da Marvel, mas uma proporção considerável ainda não considera essas adaptações de forma totalmente positiva.

No entanto, 26,2% dos participantes se mantiveram neutros, sugerindo haver uma parte do público que não tem uma opinião muito definida sobre a qualidade dessas adaptações; 21,1% discordam da afirmação e 8,7% discordam totalmente, o que pode indicar uma percepção crítica em relação a aspectos como a fidelidade às histórias originais, a qualidade das produções ou as escolhas criativas feitas para as adaptações, como se verifica no gráfico apresentado na Figura 65.

Figura 65 – Satisfação com as Adaptações



Fonte: elaborado pela autora.

Qualitativamente, esses resultados podem indicar uma divisão entre os fãs que valorizam mais as adaptações como uma expansão do universo Marvel, enquanto outros podem sentir que as versões cinematográficas ou televisivas não capturam a essência dos quadrinhos ou são insuficientes em termos de narrativa e profundidade.

A presença de uma quantidade significativa de respostas neutras e discordantes pode refletir uma insatisfação com as decisões de adaptação, como a simplificação de enredos, a escolha de personagens ou mudanças significativas nas histórias. Isso sugere que, embora as adaptações da Marvel tenham grande apelo, elas não são unanimemente aceitas, e existem críticas e expectativas variadas entre o público.

Bauman (2001) discute como a sociedade contemporânea está constantemente envolvida em fluxos rápidos de informações, experiências e consumos, levando a um fenômeno de “cansaço” devido à saturação de estímulos. No contexto da Marvel e das adaptações cinematográficas e televisivas, o “cansaço” pode surgir quando o público se sente saturado pela constante adaptação e repetição de temas, personagens e enredos. O autor ainda argumenta que, na modernidade líquida, as pessoas tendem a buscar estabilidade e consistência, mas a rapidez e a mudança constante geram insegurança e desengajamento.

No caso das adaptações da Marvel, as reações de discordância podem refletir uma saturação por parte do público, que sente a constante adaptação das histórias e personagens de Stan Lee como uma experiência que, apesar de inicialmente atraente, acaba se tornando

repetitiva e desgastante. Esse “cansaço” pode ser uma explicação para a porcentagem significativa de respostas que indicam insatisfação ou desinteresse por mais adaptações.

Sobre a quarta afirmação: “Reconheço facilmente os personagens e histórias associados à Marvel”, revela muita familiaridade com os elementos da franquia. A maioria dos respondentes (78,9%) concorda plenamente ou concorda com a afirmação, indicando uma forte identificação com os personagens e histórias da Marvel. Esse alto índice de concordância reflete a popularidade duradoura da marca e a facilidade com que os fãs se conectam aos aspectos centrais do universo Marvel.

Uma pequena porcentagem de respondentes se manteve neutra (13,8%), o que pode indicar que uma parte do público não se sente profundamente envolvida com a Marvel, mas ainda assim possui algum reconhecimento dos seus personagens e histórias. A porcentagem de discordância é mínima, com apenas 11,4% discordando total ou parcialmente. Esses dados sugerem que, embora a Marvel tenha uma base de fãs majoritariamente envolvida, ainda existem algumas opiniões divergentes, possivelmente relacionadas a mudanças nos enredos ou à forma como os personagens têm sido retratados em novas adaptações.

2.4.4 Análise do bloco 4 - sobre Stan Lee e o seu legado na Marvel

A seção a seguir propõe uma análise sobre como o legado de Stan Lee é percebido nas produções atuais da Marvel, tanto do ponto de vista simbólico quanto afetivo. Por meio das respostas à questão 14 do *survey*, investiga-se até que ponto os fãs reconhecem a presença das ideias, valores e estilo narrativo de Stan Lee no contexto contemporâneo da cultura pop. Através da articulação entre memória coletiva (Halbwachs, 2013), mediações culturais (Hall, 2003) e práticas de pertencimento dos fãs, esta seção busca compreender como a figura de Lee é mantida, reinterpretada ou mesmo contestada nas obras que compõem o Universo Marvel após sua morte. Mais do que confirmar fidelidades ou rupturas, o objetivo é observar os modos como essa memória simbólica se atualiza nas interações do público com as novas fases da franquia. Desta forma, a questão 14, é composta por 4 afirmações:

- i. O discurso e as ideias de Stan Lee tiveram/têm um impacto significativo na formação da identidade da Marvel.
- ii. O legado de Stan Lee ainda é evidente nas produções atuais da Marvel.
- iii. A Marvel mantém-se fiel aos ideais e visões originais de Stan Lee em suas produções atuais.
- iv. A contribuição de Stan Lee para a Marvel é amplamente reconhecida e valorizada pelos fãs e pela indústria.

A análise dos dados sobre a percepção dos respondentes em relação ao impacto das ideias e do discurso de Stan Lee revela uma forte opinião favorável sobre sua relevância. A maioria dos respondentes (aproximadamente 75%) concorda com a afirmação de que as ideias e o discurso de Stan Lee tiveram ou têm um impacto significativo, com 40% concordando plenamente e 35% concordando de forma geral. Essa resposta positiva reflete o reconhecimento do impacto cultural e social duradouro de Stan Lee e suas contribuições ao universo da Marvel.

Em contraste, apenas 10% dos participantes discordam de alguma forma dessa afirmação, com uma pequena parte (cerca de 4%) discordando totalmente. Isso sugere que, embora existam algumas discordâncias, elas são de uma magnitude menor em comparação com as opiniões favoráveis. A presença de 15% de respostas neutras indica que uma fração do público não tem uma opinião forte sobre o impacto das ideias de Lee, o que pode ser explicado por uma falta de engajamento profundo ou por uma percepção mais distante do impacto direto de seus discursos e ideais.

Neste caso, não se pode afirmar se os respondentes são, de fato, fãs ou não. A neutralidade ou a ausência de uma opinião forte pode derivar de diferentes fatores, como um envolvimento menos intenso com o universo de Stan Lee, um consumo ocasional de suas obras ou até mesmo uma perspectiva mais distante sobre sua influência cultural. Dessa forma, as respostas refletem percepções variadas sobre o impacto de suas ideias, mas não necessariamente indicam um pertencimento explícito à comunidade de fãs.

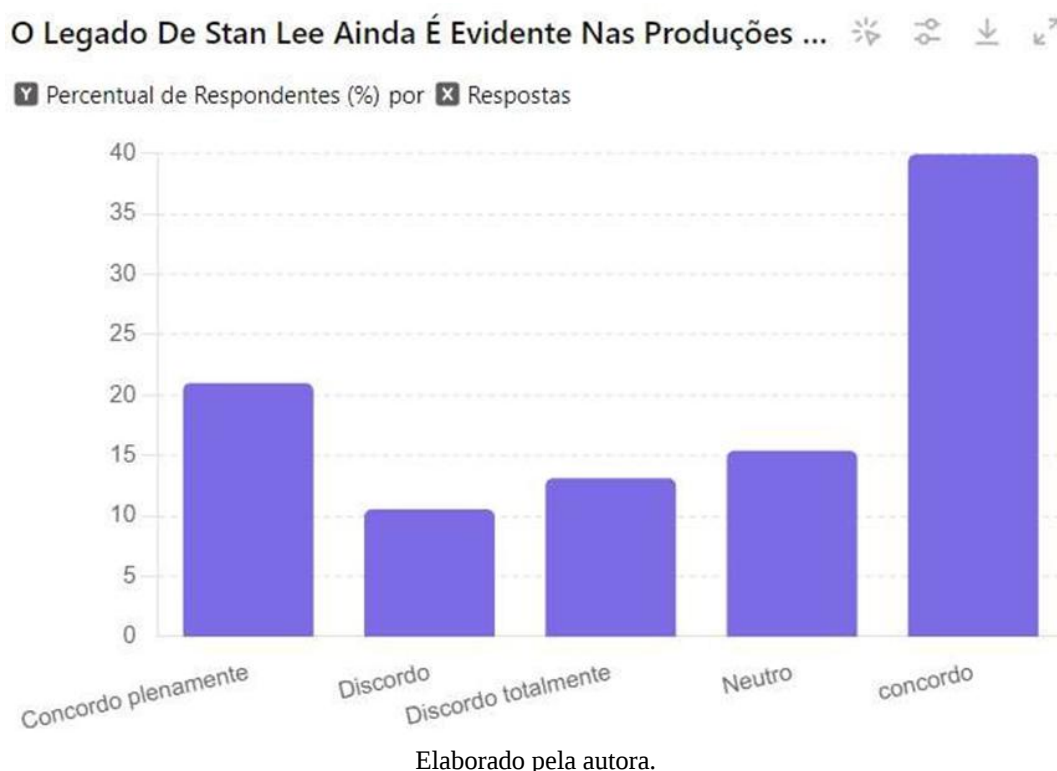
Em uma análise qualitativa, é possível perceber que a maior parte dos fãs ainda vê as contribuições de Stan Lee como altamente relevantes e influentes, especialmente no que diz respeito à diversidade, moralidade e temas universais abordados em seus quadrinhos e filmes. A presença de respostas neutras e discordantes pode ser uma indicação de que nem todos os respondentes estão igualmente imersos no universo Marvel ou no legado de Stan Lee, e que, para alguns, o impacto cultural pode não ser tão imediato ou evidente.

Na segunda afirmação: “O legado de Stan Lee ainda é evidente nas produções atuais da Marvel”, a análise dos dados revela uma forte percepção positiva sobre a continuidade do legado de Stan Lee nas produções atuais, com 41% dos respondentes concordando plenamente e 20% concordando de forma geral. Isso sugere que a maioria dos participantes reconhece de maneira significativa a presença do legado de Lee nas obras recentes da Marvel. Esse alto grau de concordância destaca a relevância contínua de seu trabalho, principalmente nas produções cinematográficas e televisivas, que estão diretamente conectadas ao universo Marvel.

Em contraste, 11% dos respondentes discordam totalmente da afirmação, enquanto 5% discordam de forma geral. Embora essas respostas representem uma fração menor da amostra,

elas indicam que existe um segmento do público que não percebe a presença do legado de Lee de forma clara ou não acredita que ele ainda tenha uma influência significativa nas produções atuais. A porcentagem de respondentes neutros (22%) também sugere que, embora muitos reconheçam o legado de Lee, uma parte considerável dos participantes pode ter uma visão ambígua ou não completamente formada sobre sua influência nas obras contemporâneas, como se verifica no gráfico representado pela Figura 66:

Figura 66 – A Marvel mantém-se fiel aos ideais e visões originais de Stan Lee.



Essa distribuição reforça a ideia de que, embora o legado de Lee seja amplamente reconhecido, sua presença nas produções atuais da Marvel pode ser mais ou menos evidente, dependendo da percepção de cada fã sobre a continuidade da visão original de Lee nas adaptações mais recentes.

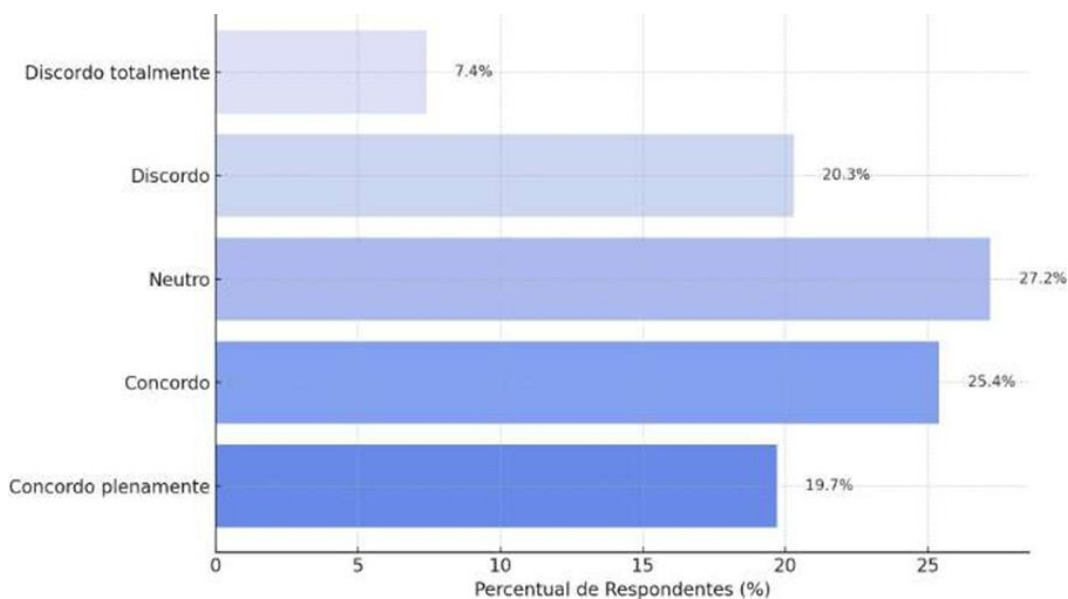
Como sugere Hall (2003), as representações não são apenas reflexos de realidades sociais, mas sim práticas que as mediam, transformam e reconstróem. As opiniões sobre o legado de Lee, seja na continuidade de suas ideias ou nas adaptações modernas, refletem esse processo de “negociação” cultural que envolve tanto a adaptação das suas narrativas aos tempos contemporâneos quanto a construção de significados coletivos dentro do fandom. Assim, os fãs não apenas consomem as narrativas, mas também as recriam e as inserem em contextos socioculturais que ressoam com suas próprias identidades, renovando o legado de Stan Lee e mantendo-o relevante em um mundo em constante mudança.

A afirmação de que “o sentido depende da relação entre as coisas no mundo — pessoas, objetos ou eventos — e do sistema conceitual, que pode funcionar como representação mental delas” pode ser utilizada para destacar como a memória coletiva de Stan Lee e suas obras não é apenas uma reconstrução passiva de suas criações, mas sim uma “representação mental” que é constantemente reconfigurada e reinterpretada pelos fãs e pela indústria cultural.

Na análise do legado de Stan Lee, isso pode ser entendido no sentido de que a percepção do público sobre suas obras e personagens evolui, dependendo das relações que os fãs e as produções contemporâneas estabelecem com essas criações. As representações de Lee não são fixas, mas sim parte de um processo contínuo de adaptação e ressignificação, conforme os contextos culturais e sociais mudam.

Sobre afirmação: A Marvel mantém-se fiel aos ideais e visões originais de Stan Lee em suas produções atuais, a análise revela uma distribuição equilibrada de respostas em relação à afirmação de que “A Marvel se mantém fiel aos ideais e visões originais de Stan Lee”. A maior parte dos respondentes, representando cerca de 25% da amostra, concorda com a afirmação, indicando que uma parte significativa do público acredita que a Marvel mantém, de fato, a fidelidade ao legado de Stan Lee. No entanto, a média de respostas neutras, que representa aproximadamente 27% dos respondentes, também é notável, sugerindo que uma parte considerável do público tem uma visão ambígua ou não tem uma opinião definitiva sobre a questão, como se observa no gráfico representado pela Figura 67:

Figura 67 – A Marvel mantém-se fiel aos ideais e visões originais de Stan Lee



Fonte: Elaborado pela autora.

As respostas discordantes, que somam cerca de 20% (com uma pequena porcentagem discordando totalmente), indicam que há uma parcela do público que considera que a Marvel não mantém a fidelidade aos princípios e visões originais de Stan Lee. Isso pode refletir a percepção de que, ao longo do tempo, a Marvel se afastou dos valores e estilos estabelecidos pelo criador, especialmente após as mudanças nas produções e nas direções criativas adotadas pelo estúdio. Esse equilíbrio entre a concordância, discordância e neutralidade sugere um debate dinâmico entre os fãs sobre o quanto a Marvel permanece fiel às ideias fundadoras de Stan Lee, com diferentes interpretações sobre a evolução do universo Marvel e sua adaptação para o contexto contemporâneo.

Sobre a questão 15: Você compraria algum item colecionável de Stan Lee, revela um forte vínculo emocional dos participantes com o legado de Stan Lee, evidenciado por 78,23% dos respondentes afirmando que comprariam itens colecionáveis relacionados a ele. Esse dado sugere que a memória de Stan Lee continua sendo altamente valorizada entre os fãs da Marvel e da cultura pop, com sua figura funcionando como um símbolo que transcende as produções de mídia para se tornar um objeto de desejo e pertencimento; 14,11% dos participantes indicaram que não comprariam itens colecionáveis, o que pode refletir uma menor conexão com o criador ou uma falta de interesse por memorabilia⁹⁷ física. Esse grupo pode ser constituído por fãs que se identificam com a Marvel e Stan Lee em um nível mais abstrato, mas que não sentem necessidade de possuir itens materiais relacionados a esse legado.

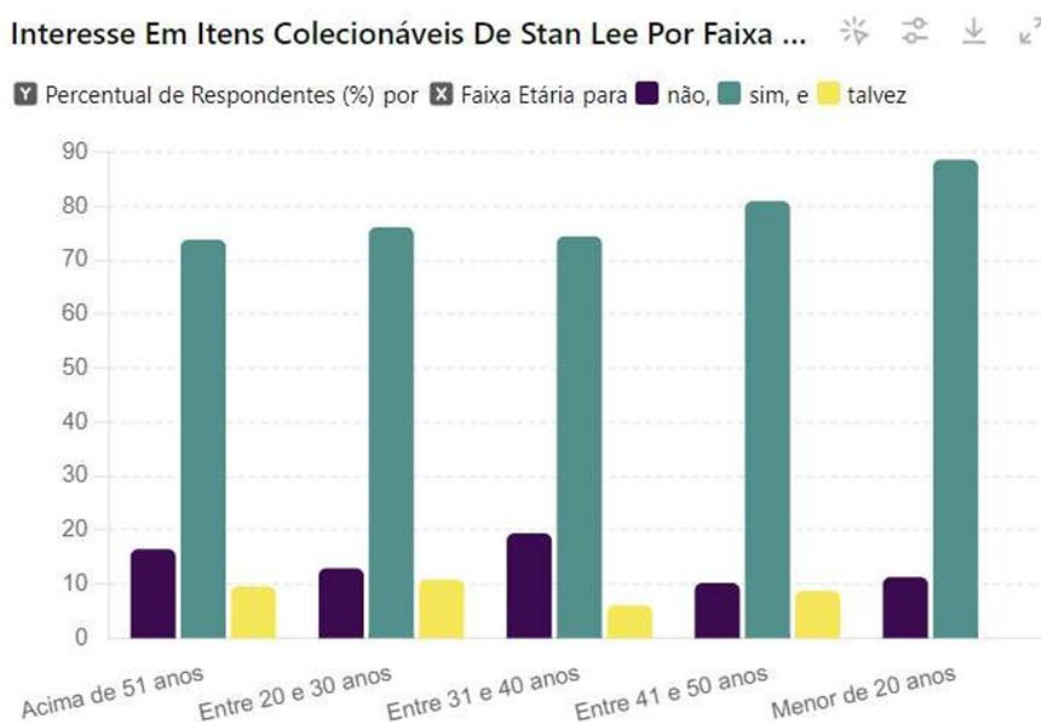
Além disso, 7,66% dos respondentes afirmaram que “talvez” comprariam, mostrando uma certa indecisão. Essa hesitação pode estar relacionada a vários fatores, como a disponibilidade de produtos, preços ou até mesmo o valor simbólico do item, o que implica que, embora reconheçam a importância de Stan Lee, sua motivação para adquirir itens colecionáveis pode não ser suficientemente forte.

Os dados indicam uma ampla disposição para a compra de itens colecionáveis de Stan Lee, com variações notáveis entre as faixas etárias. Entre os menores de 20 anos, 88,67% dos respondentes demonstraram interesse, sugerindo um alto apelo entre os jovens. No grupo de 20 a 30 anos, 76,15% afirmaram que comprariam, mas com uma presença significativa de hesitação (10,88% “talvez”). Já no grupo de 31 a 40 anos, 74,44% expressaram interesse, enquanto 19,44% rejeitaram a ideia, refletindo maior seletividade. O grupo de 41 a 50 anos

⁹⁷ A discussão sobre a memorabilia, que engloba o mercado e a indústria de produtos colecionáveis ligados a figuras culturais como Stan Lee, é um tópico relevante para a compreensão do impacto e da longevidade de um legado cultural. No entanto, por questões de foco e escopo da pesquisa, esta análise não será aprofundada na presente tese, que se concentra na interação dos fãs com o legado de Stan Lee em termos de memória coletiva e identidade cultural, em vez de aspectos comerciais e de consumo.

apresentou 80,98% de interesse, com um pequeno percentual (8,78%) de indecisos. Por fim, os respondentes acima de 51 anos mostraram o menor índice de interesse (73,85%), com 16,51% rejeitando a ideia e 9,63% ainda indecisos, como se verifica no gráfico a seguir (Figura 68):

Figura 68 – Intenção de compra item colecionável de Stan Lee



Fonte: elaborado pela autora.

A análise qualitativa dos dados, sugerem que o engajamento contínuo com o legado de Stan Lee, especialmente entre os mais jovens, que possuem uma conexão mais imediata e clara com o colecionismo. Essa forte adesão no grupo de menores de 20 anos pode ser atribuída ao apelo das produções recentes da Marvel, que continuam a expandir o universo criado por Lee.

A hesitação observada entre as faixas etárias mais velhas sugere que, enquanto o legado de Lee é reconhecido, a mudança nas prioridades de consumo e a menor conexão com o colecionismo físico influenciam negativamente o interesse em adquirir itens colecionáveis. Esses dados também indicam que, à medida que a idade aumenta, o foco do público pode se deslocar para formas menos tangíveis de engajamento com a cultura pop.

Mediante as análises realizadas torna-se evidente que o universo Marvel, mesmo após a morte de Stan Lee, permanece como um espaço fértil para o engajamento simbólico, emocional e cultural dos fãs brasileiros. A pesquisa revelou um padrão de identificação mais elevado com a marca Marvel do que com a figura de Stan Lee isoladamente, sugerindo que o fandom contemporâneo se constrói também pelas mediações atuais — especialmente as cinematográficas — e não apenas pela memória histórica de seu criador. Ainda assim, a forte

correlação entre essas duas identificações ($r=0,71$) evidencia que a figura de Lee continua sendo um referencial essencial, operando como elo entre o passado editorial da Marvel e seu presente audiovisual.

As análises demonstraram que a percepção da fidelidade da Marvel ao legado de Lee é marcada por ambivalências. Enquanto parte expressiva dos respondentes reconhece a presença de seus ideais nas obras contemporâneas, uma parcela significativa adota posturas mais críticas ou neutras, refletindo a reconfiguração das expectativas culturais do público, especialmente no que tange à diversidade e à representatividade. Essa tensão é fundamental para compreender como o legado de um criador é continuamente negociado dentro de um campo simbólico em disputa, em que tanto o reconhecimento quanto a revisão de sua figura coexistem.

A pluralidade de respostas sobre as adaptações da Marvel também evidencia a complexidade do consumo cultural em tempos de convergência. Há um entusiasmo evidente com a expansão do universo cinematográfico, mas também um "cansaço" interpretado à luz de Bauman (2001), que permite pensar o desgaste provocado pela saturação de conteúdos e pela lógica produtiva acelerada da indústria do entretenimento. A busca por estabilidade simbólica — ou por uma narrativa com densidade ética e estética — é um anseio que se torna visível nas respostas mais críticas ao ritmo das adaptações e ao distanciamento percebido em relação às visões fundadoras de Stan Lee.

O desejo de manter uma conexão afetiva com o criador, contudo, se confirma na expressiva disposição para adquirir produtos colecionáveis associados a ele, especialmente entre os mais jovens. Essa disposição materializa a memória afetiva de Stan Lee como um conteúdo simbólico, bem como um ativo mercadológico que continua sendo acionado e reatualizado pelas práticas do fandom. A materialidade da lembrança — no gesto de colecionar — revela uma apropriação ativa da figura de Lee, ressignificada à luz dos novos modos de consumo cultural.

Por fim, o conjunto das análises aponta para uma memória coletiva em constante negociação, atravessada por identificações geracionais, marcadores de gênero e territorialidades socioculturais distintas. Stan Lee, mais do que um autor ou uma marca, torna-se uma figura liminar: ao mesmo tempo símbolo de um legado e ponto de interrogação sobre o futuro da Marvel. A preservação de sua memória, portanto, não é tarefa passiva ou meramente comemorativa — ela exige crítica, revisão e engajamento. Como demonstrado ao longo deste capítulo, são os próprios fãs que, em sua diversidade, garantem essa vitalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão de uma tese não é apenas um fechamento, é também um gesto de síntese, de reflexão crítica e, acima de tudo, de honestidade intelectual. No caso deste trabalho, foi também um gesto de resistência. A jornada até aqui não foi simples: atravessou três orientações, mudanças estruturais na universidade, transformações na vida pessoal de sua autora, uma pandemia e o nascimento de uma nova vida. Foi preciso encontrar tempo, fôlego e sentido em meio a exigências acadêmicas, obrigações profissionais e demandas afetivas que se impuseram sem pedir licença.

Ao longo deste percurso, a convivência entre a fã e a pesquisadora não apenas foi inevitável, como se revelou produtiva. A fã trouxe paixão, escuta sensível e pertencimento ao objeto; a pesquisadora, por sua vez, ofereceu distanciamento, método e crítica. A tensão entre ambas espelha, em certo sentido, a própria dualidade das narrativas de Stan Lee, que ensinaram que o extraordinário só ganha sentido quando confrontado com a banalidade da vida comum.

A primeira conquista foi metodológica: a triangulação entre *survey*, análise documental e *social listening* permitiu um olhar multifacetado sobre o legado de Stan Lee, ancorado não somente em dados, mas também em experiências, afetos e disputas simbólicas.

Partindo da hipótese de que o legado de Stan Lee é continuamente reinterpretado pelo fandom brasileiro, sobretudo a partir de sua mediação midiática e das práticas colaborativas e afetivas dos fãs, por meio dessa pesquisa buscou-se compreender como essas reinterpretações atuam na construção simbólica de sua figura pública e no reforço (ou contestação) das memórias associadas a ele.

Essa hipótese se confirmou a partir de diferentes frentes. A análise demonstrou que a construção da figura pública de Stan Lee não foi espontânea. Trata-se de uma memória institucionalizada, corporativa, ancorada na lógica da mercantilização. A Marvel, especialmente sob o controle da Disney, produziu uma "memória oficial" sobre Stan Lee — homogênea, reverente e, muitas vezes, acrítica — que busca estabilizar um legado e neutralizar contradições. Como lembra Halbwachs (2013), a memória coletiva é sempre socialmente moldada, e sua permanência depende de mecanismos de reiteração e controle.

Por isso mesmo, foi essencial integrar à análise o conceito de memória contestada: aquilo que emerge nas frestas do discurso hegemônico, nos gestos de ressignificação que os fãs constroem em rede, nos memes, nos fanarts, nas críticas públicas, nos comentários irônicos ou emocionados. Os dados coletados evidenciam que o fandom brasileiro consome as narrativas legadas por Stan Lee, que ele as reinterpreta, tensiona e, muitas vezes, reescreve.

Essas reinterpretações, longe de serem desvios, são parte do próprio processo de atualização cultural. Como argumenta Assmann (2011), a memória cultural é dinâmica, ritualística e sempre em disputa. O fandom, nesse contexto, não é apenas objeto de estudo: é um ator político e simbólico, capaz de reivindicar outras versões, outros sentidos e outras histórias.

Também ficou evidente que a imagem de Stan Lee foi apropriada como *commodity*, transformada em produto licenciado, esvaziada de nuance em prol de um consumo global. A nostalgia, intensamente mobilizada pelo MCU, funciona como ferramenta de pertencimento e de controle emocional. Ao evocar a lembrança de um criador carismático, busca-se reforçar uma relação afetiva com a marca. Mas o excesso de idealização pode comprometer a pluralidade da memória e transformar o legado em fetiche.

Foi nos discursos dos fãs brasileiros que emergiram as camadas mais complexas, os questionamentos mais pungentes e os gestos de apropriação mais criativos. Eles não apenas preservam a memória de Lee, eles a atualizam com humor, crítica, afeto e ironia. A imagem do criador não é um monumento imutável, mas um palimpsesto, constantemente reescrito pelas comunidades que o celebram, o discutem e o reinventam.

Nesse processo, a fã e a pesquisadora coexistiram. A fã insistiu na paixão; a pesquisadora cobrou rigor. A fã reconheceu a beleza das histórias; a pesquisadora questionou seus bastidores. E, juntas, produziram este trabalho que não pretende resolver as ambiguidades, mas habitá-las. Por isso, não se trata de decidir qual das duas venceu. O que venceu foi o diálogo. O que se afirmou foi a possibilidade de pensar a cultura pop como campo legítimo de reflexão crítica, em que afeto e análise não são inimigos, mas aliados.

Este estudo deixa como legado a compreensão de que a memória cultural — especialmente em tempos de hiperconsumo — é campo de disputa. E que o fandom, mesmo quando marginalizado, é agente ativo dessa disputa, capaz de desafiar narrativas oficiais e preservar outras camadas de sentido.

Ainda assim, é necessário reconhecer os limites deste trabalho. A opção por investigar o fandom brasileiro, embora metodologicamente coerente com os objetivos da pesquisa, impõe um recorte cultural específico. As formas de recepção, apropriação e contestação do legado de Stan Lee em outros contextos nacionais permanecem como lacunas possíveis para estudos futuros. Além disso, a análise das estratégias corporativas da Disney/Marvel foi realizada a partir de fontes abertas — balanços, entrevistas e materiais promocionais — o que pode limitar a compreensão mais profunda de mecanismos internos de gestão da memória.

Outro ponto importante diz respeito à própria posição da autora enquanto fã-pesquisadora. Por mais que se tenha buscado o distanciamento analítico por meio da triangulação metodológica e do rigor teórico, não é possível dissociar por completo o olhar afetivo que permeia a relação com o objeto. Esse viés, no entanto, foi assumido como parte da proposta epistemológica do estudo, que compreende a memória como um campo disputado também pelas experiências subjetivas.

Em tempos de histórias cada vez mais pré-fabricadas, reafirmar a potência das reinterpretações coletivas é, talvez, o gesto mais radical.

Como diria Stan Lee: “Excelsior!” — porque toda boa história merece ser contada mais de uma vez.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AMARAL, Adriana; MONTEIRO, Camila. Esses roquero não curte: performance de gosto e fãs de música no Unidos Contra o Rock do Facebook. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 446–471, 2013. DOI: 10.15448/1980-3729.2013.2.15130. Disponível em: <https://pucrs.emnuvens.com.br/revistafamecos/article/view/15130>. Acesso em: 8 jan. 2025

AGÊNCIA BRASIL. **Bloco de super-heróis ocupa centro histórico de Olinda**. 2015. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-02/bloco-de-super-herois-ocupa-centro-historico-de-olinda>. Acesso em: 8 jan. 2025.

AMERICAN HERITAGE CENTER - UNIVERSITY OF WYOMING. **Stan Lee Papers**. Accession Number 08302. Laramie, Wyoming. Disponível em: <https://archiveswest.orbiscascade.org/ark:/80444/xv636387>. Acesso em: 8 jan. 2025.

ANDERSEN, J. **Stars and silhouettes: the history of the cameo role in Hollywood**. Detroit, Michigan: Wayne State University Press, 2020.

ASSMANN, Jan. **A memória cultural**: escrita, lembrança e identidade política nas primeiras civilizações. Petrópolis: Vozes, 2011.

ASSMANN, Aleida. **A memória cultural**: escrita, lembrança e política da memória. São Paulo: Unesp, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1980.

BEARD, Jim. **Caixa de sabão de Stan**: Elevando Excelsior. 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.marvel.com/articles/culture-lifestyle/stan-s-soapbox-elevating-excelsior>. Acesso em: 8 jan. 2025.

BERGER, Arthur Asa. **Media analysis techniques**. Beverly Hills: Sage Publications, 1974.

BERGER, Jonah. **Contagious: Why Things Catch On**. [s.l]: [s.n], 2013.

BORDWELL, David. **Sobre a história do estilo cinematográfico**. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, n. 4. v.1-2, 277-284, 1993.

BOSI, Ecléa. **Tempos vivos e tempos mortos**. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos CEBRAP**, 2013. 105-115.

BROOKER, Will. Hunting the dark knight: Twenty-first century Batman. **Bloomsbury Publishing**, 2012.

BUKATMAN, Scott. **The poetics of slumberland**: animated spirits and the animating spirit. Berkeley: University of California Press, 2011.

BURKE, Liam. **The Comic Book Film Adaptation**. Jackson: University Press of Mississippi, 2015.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1995.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVNA, Michael. The bizarre story of when Captain America battled Nixon. **The Washington Post**, 2016.

COMIC COM. Instagram. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/mcmcomiccon/>. Acesso em: 8 jan. 2025.

COULDRY, Nick. O Tempo e as Mídias Digitais: aprofundamento do tempo, déficits de tempo e configuração narrativa. **Parágrafo**, v. 3, n. 2, p. 63-74, 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

DOURADO, Flávia. **Memória cultural**: o vínculo entre passado, presente e futuro. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 23 maio 2013. Disponível em: <https://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>. Acesso em: 8 jan. 2025.

DUPONT, Nathalie. Hollywood adaptations of comic books in a post-9/11 context: the economic and cultural factors. **Transatlantic**, 2011. Disponível em: <http://transatlantica.revues.org/5419>. Acesso em: 17 nov. 2021.

EARL, Babbie. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: Federal University of Minas Gerais Press, 1999.

EBAUM'S WORLD. **Stan Lee's Twitter Feed Will Give You All The Feels**. 2018. Disponível em: <https://www.ebaumsworld.com/pictures/stan-lees-twitter-feed-will-give-you-all-the-feels/85669379/>. Acesso em: 8 jan 2025.

ECO, Umberto. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

EVERETT, Cristina. **All of Stan Lee's Marvel cameos**. Entertainment, 2018. Disponível em: <https://ew.com/movies/stan-lee-marvel-cameos-2/>. Acesso em: 8 jan. 2025.

FAUSTO NETO, Antônio (Ed.). **Práticas midiáticas e espaço público**. São Paulo: Edipucrs, 2001.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 2, p. 89–105, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194>. Acesso em: 27 dez. 2024.

FIGARO, R. **Pesquisa em comunicação e trabalho**: aproximações metodológicas. São Paulo: Plêiade, 2014.

FINGEROTH, Danny. **Stan Lee**: uma vida. [s.l.]: [s.n.], 2021.

FISKE, John. **Understanding popular culture**. 2.ed. London: Routledge, 2010.

FISKE, John. **Reading the popular**. Routledge, 2017.

FRANCHINI, Ademilson Souza; SEGANFREDO, Carmen Alenice Davi. **As 100 melhores histórias da mitologia**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2003.

FUCHS, Christian. **Social media**: a critical introduction. 2. ed. London: SAGE, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. In: **A representação do eu na vida cotidiana**. 2011. p. 231-231.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [s.l.], v. 7, n. 13, 2015.

GRAY, Jonathan. **Show sold separately**: promos, spoilers, and other media paratexts. New York: NYU Press, 2010.

GUILLAUME, Marc et al. **A política do património**. Porto: Campo das Letras, 2003.

GUSMÃO, Leticia. **Marvel**: dos quadrinhos à maior franquia da história dos cinemas. 17 maio 2023. Disponível em: <https://www.consultingclub.com.br/post/marvel-dos-quadrinhos-%C3%A0-maior-franquia-da-hist%C3%B3ria-dos-cinemas>. Acesso em: 8 jan. 2025.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HILLS, Matt. **Fan cultures**. London: Routledge, 2002.
- HIRSCH, Marianne. **Family frames: Photography, narrative, and postmemory**. Harvard University Press, 1997.
- HOWE, Sean. **Marvel Comics: a história secreta**. Barueri, SP: Novo Século, 2013.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: a presença do passado na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. São Paulo: Unesp, 2011.
- JAMESON, Fredric. **Cultura: o pós-modernismo e a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2015.
- JENSEN, K. B.; JANKOWSKI, N. W. Metodologias qualitativas de pesquisa em comunicação de massa. São Paulo: Loyola, 1993.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LA MARRE, Thomas; SMITH, Greg M.; ANDRAE, Thomas; BUKATMAN, Scott. Surveying the World of Contemporary Comics Scholarship: A Conversation. **Cinema Journal**, v. 50, n. 3, p. 135–147, Spring 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261944007_Surveying_the_World_of_Contemporary_Comics_Scholarship_A_Conversation. Acesso em: 14 nov. 2024.
- LEE, Stan; MAIR, George. **Excelsior! A incrível vida de Stan Lee**. São Paulo: Ediouro, 2002.
- LEE, Stan. **Stan's Soapbox: The Collection**. New York: Marvel Publishing, 2007.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, v. 22, n. 140, p. 1–55, 1932.
- LOPES, M. I. V. **Cultura midiática: censura, mercado e recepção**. São Paulo: Hacker, 1990.

LOPES, M. I. V. Metodologia e comunicação: análise qualitativa e pesquisa cultural. In: PRADO, E. P. do; LUCA, T. M. D. (org.). **Metodologia da pesquisa em comunicação: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2004. p. 177–200.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique et al. A propósito do ethos. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARVEL. **Stan Lee Presents: The Marvel Universe**. [S.l.]: Disney+, [s.d.].

MARVEL. **Capitão América em Quadrinhos Vol 1**. 1941. Disponível em: https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/Capit%C3%A3o_Am%C3%A9rica_em_Quadrinhos_Vol_1. Acesso em: 8 jan. 2025.

MARVEL. **Quarteto Fantástico Anual (1963) #3**. 1965. Disponível em: https://www.marvel.com/comics/issue/8707/fantastic_four_annual_1963_3. Acesso em: 8 jan. 2025.

MARVEL. **Stan Lee Encontra Dr. Doom 1 (2006) #1**. 2006. Disponível em: https://www.marvel.com/comics/issue/5223/stan_lee_meets_dr_doom_1_2006_1. Acesso em: 8 jan. 2025.

MARWICK, Alice; BOYD, Danah. To see and be seen: celebrity practice on Twitter. **Convergence**, London, v. 17, n. 2, p. 139–158, 2011.

MATHIJS, E. Cronenberg connected: cameo acting, cult stardom and supertexts. In: K. Egan and S. Thomas, eds. **Cult film stardom: offbeat attractions and processes of cultification**. London: Palgrave Macmillan, 2013. p. 144–162.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação: como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1974.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

MONKS. Relatório: **A Era do Fandom – 2024**. São Paulo: Monks Consultoria Estratégica, 2024.

MOSCO, Vincent. **The digital sublime: Myth, power, and cyberspace**. Mit Press, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**, n. 10, dez., São Paulo: CEDUC, 1993, p. 7-46.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **Memória, cultura e comunicação: perspectivas contemporâneas**. São Paulo: Pontes Editores, 2024.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **A memória na Mídia – a evolução dos memes de afeto**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. **Revista Brasileira de Bioética**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1-4, p. 106-109, 2014.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RIESMAN, Abraham. **Invencível: a ascensão e a queda de Stan Lee**. Traduzido por André Gordiro. São Paulo: Globo Livros, 2021.

ROMANO, Gustavo. Cultura de fãs e legitimidade: o fandom como capital simbólico na cultura pop. **Revista Contracampo**, v. 38, n. 2, 2019.

ROSZAK, Theodore. **The making of a counter culture: reflections on the technocratic society and its youthful opposition**. Berkeley: University of California Press, 1969.

SANTORO, Cláudia Pereira. Memória e mídia: um campo em construção. In: FAUSTO NETO, Antônio; SILVA, M. C. (org.). **Comunicação e memória cultural**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 79-98.

SCHWARTZENBERG, Edgar Morin de. **A fabricação do herói**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SILVA NETO, Gilberto da Costa. **Análise do discurso: memória e ethos midiático**. São Paulo: Contexto, 2022.

STAM, Robert. **Literature Through Film: Realism, Magic, and the Art of Adaptation**. Oxford: Blackwell, 2000.

THE WALT DISNEY COMPANY. **Fiscal Year 2024**. Disponível em: <https://thewaltdisneycompany.com/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

TOKYO COMIC CON. 2024. Disponível em: <https://tokyocomiccon.jp/en/whatscc>. Acesso em: 10 jan. 2025.

TUCKER, Reed. **Pancadaria: Por dentro do épico conflito Marvel vs. DC**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

UNIVERSO HQ (UHQ). **Venda de Quadrinhos da Marvel Comics (1964-1968)**. [s.d.]. Disponível em: <https://universohq.com>. Acesso em: 13 jan. 2025.

VAN DIJCK, Jose. **A Cultura da Conectividade: Uma História Crítica das Mídias Sociais**. Edição online. Nova Iorque, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/298428277_Jose_van_Dijck_Culture_of_Connectivity_A_Critical_History_of_Social_Media_Oxford_Oxford_University_Press_2013. Acesso em: 13 jan. 2025.

VAN DIJCK, José. Ver a floresta por suas árvores: visualizando plataformação e sua governança. **Matrizes**, v. 16, n. 2, p. 21-44, 2022.

WEINTRAUB, Steven. **Kevin Feige on 'Guardians 2', the Spider-Man Deal, and Avengers: Infinity War' and Beyond.** 12 maio 2017. Disponível em: <https://collider.com/kevin-feige-avengers-infinity-war-spider-man-interview/#guardians-of-the-galaxy-2>. Acesso em: 8 jan. 2025

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1979.

WOLK, Douglas. **A History of Stan Lee's Cameos in His Comics.** 13 nov. 2018. Disponível em: <https://slate.com/culture/2018/11/stan-lee-cameos-in-marvel-comics-history.html>. Acesso em: 8 jan. 2025.

WOLK, Douglas. **All of the Marvels:** a journey to the ends of the biggest story ever told. New York: Penguin Press, 2021.

WRIGHT, Bradford. **Comic book nation:** The transformation of youth culture in America. JHU Press, 2003.